



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CAROLINA SHIMOMURA SPINELLI

**AS METODOLOGIAS DE PESQUISA *COM CRIANÇA* NA
ESCOLA: O “OUVIR” COMO UMA TENDÊNCIA...**

FLORIANÓPOLIS
2012

CAROLINA SHIMOMURA SPINELLI

**AS METODOLOGIAS DE PESQUISA *COM CRIANÇA* NA
ESCOLA: O “OUVIR” COMO UMA TENDÊNCIA...**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.a Dr.a Jucirema Quinteiro

FLORIANÓPOLIS
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S757m Spinelli, Carolina Shimomura

As metodologias de pesquisa com criança na escola
[dissertação] : o "ouvir" como uma tendência / Carolina
Shimomura Spinelli ; orientadora, Jucirema Quinteiro. -
Florianópolis, SC, 2012.

196 p.: grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Educação infantil. 3. Escolas. 4.
Pesquisa - Metodologia - Crianças. I. Quinteiro, Jucirema.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

CAROLINA SHIMOMURA SPINELLI

AS METODOLOGIAS DE PESQUISA *COM CRIANÇA NA ESCOLA*: O “OUVIR” COMO UMA TENDÊNCIA...

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 07 de março de 2012.

Prof.a Célia Regina Vendramini, Dr.a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.a Jucirema Quinteiro, Dr.a
Orientadora
CED/UFSC

Prof.a Maria Carmen Silveira Barbosa, Dr.a
Examinadora
FACED/UFRGS

Prof.a Diana Carvalho de Carvalho, Dr.a
Examinadora
CED/UFSC

Prof.a Maria Isabel Batista Serrão, Dr.a
Suplente
CED/UFSC

AGRADECIMENTOS

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa

Neste momento de finalização de dois anos e meio de intenso e árduo trabalho, algumas considerações devem ser feitas para AGRADECER as contribuições, os esforços e os momentos de dedicação de importantes pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta história:

À Prof.a Dr.a Jucirema Quinteiro, pela importante contribuição na minha formação intelectual, acadêmica e humana e pela significativa socialização de seu aporte teórico e experiência de vida durante todo o mestrado, desde os momentos formais de orientação, aulas, palestras, grupo de estudos até os momentos informais de conversas, dentro e fora da Universidade.

Às Prof.as Dr.as Diana Carvalho de Carvalho, Maria Isabel Batista Serrão e Luciane Maria Schlindweindo, pelas sugestões e questionamentos que impulsionaram a continuidade desta pesquisa quando da realização do Exame de Qualificação.

Às Prof.as Dr.as Maria Carmen Barbosa, Diana Carvalho de Carvalho e Maria Isabel Batista Serrão, por gentilmente aceitarem participar desta banca.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola (GEPIEE), coordenado pela Prof.a Dr.a Jucirema Quinteiro, pelas discussões, debates, apresentações de estudiosos nacionais e internacionais, troca de informações, estudo e aprofundamento de conhecimentos sobre a relação entre criança, infância, escola, educação e sociedade ali vivenciados que contribuíram para o meu crescimento intelectual como pesquisadora.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, por todos os ensinamentos proporcionados.

À Berna, da BU, que com toda disposição, atenção e competência me ajudou a entender os aspectos técnicos para a realização do levantamento.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), especialmente aos meus colegas de linha – Marlise, João, Cristine, Teresa, Gisela, Joselma, Fábio e Juliana –, que compartilharam comigo as angústias, os desafios, o nervosismo, mas também as sugestões de bibliografias, os momentos de estudo, de descontração, de superação durante todo o mestrado, e aos amigos e às amigas que conheci ao longo do mestrado, especialmente Maria e Carlos.

Às ex-mestrandas Carla Cristiane Loureiro, Maria Raquel Barreto Pinto, Caroline Machado Costa, Gisele Day, Pricilla Cristine Trierweiller, Janaina Umbelino, Ana Paola Sganderla, Cecília Silva e Juliane Odinino, pelos momentos de orientação e pelo compartilhamento de informações, “dicas”, questionamentos e amizade.

Aos meus pais, Irene Kazue Shimomura e Pedro Spinelli Filho, pelos conselhos, apoio financeiro, incentivo, cobranças e toda a formação dada desde a minha infância.

Aos meus cinco irmãos (Maurício, Rafael, João, Davi e Vítor) e quatro irmãs (Luciana, Marina, Gabriela e Ana Luiza), que direta ou indiretamente me apoiaram e incentivaram a realização desta dissertação.

Às minhas melhores amigas Letícia, Raquel e Kekka, pelo carinho, força e compreensão.

Ao meu companheiro, Thiago, pela paciência, compreensão, carinho e ajuda nos momentos necessários.

À Capes, pela bolsa concedida durante um ano da minha pesquisa.

A todas as pessoas que com certeza deixei de mencionar, mas que de alguma forma contribuíram e contribuem para a minha formação profissional e pessoal.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as metodologias de pesquisa que vêm sendo utilizadas com a criança na escola com o intuito de compreender como essa emerge como *sujeito e objeto* na pesquisa educacional e quais são as contribuições dessa produção para a explicitação do fenômeno da infância na sociedade contemporânea. Assim, busca-se traçar um panorama da produção acadêmica, no período de 1987 a 2010, tendo como objetivo específico identificar e caracterizar as tendências teórico-metodológicas a partir de procedimentos, técnicas e estratégias metodológicas utilizados pelos pesquisadores para acessar, “ouvir”, registrar, selecionar e analisar as representações da criança na escola. O foco da análise centra-se na perspectiva histórica e cultural, que compreende a infância como condição social de ser criança e esta como sujeito humano de pouca idade cuja atividade principal é a brincadeira. A metodologia adotada pauta-se nos princípios e nas orientações presentes na definição de *monografia de base* de Saviani, a partir da realização de um amplo e rigoroso levantamento da produção acadêmica existente sobre as pesquisas *com* criança na escola, com destaque para a ANPEd e a Capes. Dentre os resultados obtidos nesta pesquisa destaca-se o aumento significativo da produção acadêmica nos últimos 10 anos e o “ouvir” a criança como uma forte tendência metodológica relacionada ao uso da etnografia, resultando em certa alteração do lugar que ocupa a infância e a criança na pesquisa educacional brasileira – de sujeito silenciado a criança passa à condição de testemunha da sua própria história.

Palavras-chave: educação; infância; escola; metodologia de pesquisa com criança.

ABSTRACT

This paper has as its objective the analysis of the research methodologies that have been utilized with the child in school, in the sense of understanding how the child arises as subject and object within educational research and what are the contributions of this production for the unraveling of the phenomenon of childhood in contemporary society. Thus, we seek out an overview of the academic production, in the period from 1980 to 2010, having as a specific object to identify and characterize the theoretical-methodological tendencies drawn from the techniques and methodological strategies used by researchers to access, hear, register, select and analyze the representations of the child in school. The focus of the analysis is centered around the historical and cultural perspective that views childhood as the social condition of being a child and views the child as a human subject of tender age whose main activity is child's play. The methodology used is based on the principles and orientations present in the definition of monografia de base by Saviani, from the carrying-out of a large and rigorous screening of the existing academic production about researches with children in school, with special attention to ANPEd and Capes. Among the results obtained in this research we can single out the amazing increase in the number of academic productions and 'listening' to the child as a strong methodological tendency related to the use of the ethnography creating a shift in the place occupied by childhood and the child within Brazilian educational research – from silenced subject the child is now witness to his (her) own history.

Keywords: education; childhood; school; research methodology with children.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Trabalhos e pôsteres selecionados que foram desenvolvidos <i>com</i> criança <i>na</i> escola, no período de 2000 a 2010, em valores absolutos	75
Gráfico 2 – Dissertações selecionadas sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância”, no período de 1987 a 2010, em valores absolutos	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos e pôsteres selecionados que realizaram a pesquisa <i>com</i> criança <i>na</i> escola, no período de 2000 a 2010	73
Quadro 2 – Trabalhos e pôsteres selecionados nas RAs da ANPED, no período de 2000 a 2010.....	78
Quadro 3 – Total de teses e dissertações sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância” (1987 a 2010).....	88
Quadro 4 – Teses e dissertações selecionadas sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância” (1987 a 2010).....	89
Quadro 5 – Dissertações selecionadas na Capes sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância”	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CED	Centro de Ciências da Educação
Comut	Comutação Bibliográfica
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF9Anos	Ensino Fundamental de Nove Anos
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEPIEE	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola
Grupec	Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias
GTs	Grupos de Trabalho
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NDI	Núcleo de Desenvolvimento Infantil
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PUC-Petrópolis	Pontifícia Universidade Católica de Petrópolis
PUC-São Paulo	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RAs	Reuniões Anuais
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFM	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRR	Universidade Federal de Roraima

UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	27
2 A INCORPORAÇÃO DA INFÂNCIA PELA PESQUISA EDUCACIONAL NO BRASIL: TENDÊNCIAS E DEBATES	35
2.1 A HISTÓRIA DA PESQUISA EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DO CAMPO EDUCAÇÃO E INFÂNCIA.....	35
2.2 ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA PELA UNESCO E INÍCIO DOS ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA.....	44
2.3 O DEBATE SOBRE A INFÂNCIA E A CRIANÇA NA PESQUISA EDUCACIONAL	49
2.4 O <i>BOOM</i> DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO BRASIL	55
2.4.1 A infância como construção social e a criança como sujeito da pesquisa: coletâneas e periódicos	58
2.4.2 O crescimento dos grupos de pesquisa sobre a infância e as metodologias utilizadas em debate.....	63
3 A CRIANÇA NA PESQUISA EDUCACIONAL: DA CONDIÇÃO DE “SILENCIADA” À “TESTEMUNHA DA HISTÓRIA”	69
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE AS PESQUISAS <i>COM CRIANÇA NA ESCOLA</i>	71
3.1.1 A ANPed como espaço privilegiado de divulgação e debates sobre a criança e a infância (2000-2010).....	71
3.1.2 A Capes como fonte sobre as pesquisas com criança na escola (1987-2010).....	84
4 AS METODOLOGIAS DE PESQUISA COM CRIANÇA NA ESCOLA: O “OUVIR” COMO UMA TENDÊNCIA TEÓRICO-METODOLÓGICA	115
4.1 “CONVERSAS COM CRIANÇAS” COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO UTILIZADO NA PESQUISA EDUCACIONAL.....	117
4.2 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E ÉTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇA NA ESCOLA	131
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICE A – LISTAGEM DAS COLETÂNEAS E DOS ARTIGOS .	169
APÊNDICE B – LISTAGEM DE TRABALHOS E PÔSTERES SELECIONADOS NAS REUNIÕES ANUAIS DA ANPed (2000-2010) .	177
APÊNDICE C – QUADRO DAS DISSERTAÇÕES SELECIONADAS PARA ANÁLISE	185
APÊNDICE D – PROTOCOLO DE ANÁLISE	191

1 INTRODUÇÃO

O tempo da pesquisa é diferente do tempo da política. Em política, tudo é para ontem. O conhecimento, porém, precisa não apenas ser de hoje, mas ter caráter prospectivo. Em pesquisa tudo é para amanhã. Não apenas por eventuais descomprometimentos com o mundo concreto e sua transformação, mas porque é preciso ócio e tempo para poder digerir adequadamente bibliografias e analisar dados concretos.

PAIVA et al., 1998.

Este trabalho tem como objetivo analisar as metodologias de pesquisa que vêm sendo utilizadas com a criança na escola com o intuito de compreender como esta emerge como *sujeito e objeto* na pesquisa educacional e quais são as contribuições dessa produção para a explicitação do fenômeno da infância como condição social de ser criança na sociedade contemporânea. Assim, busca-se traçar um panorama da produção acadêmica, no período de 1987 a 2010, tendo como objetivo específico identificar e caracterizar as tendências teórico-metodológicas a partir de procedimentos, técnicas e estratégias metodológicas utilizados pelos pesquisadores para acessar, “ouvir”, registrar, selecionar e analisar as representações da criança na escola.

Tais objetivos, certamente, não se restringem a interesses de um mestrado, mas se apresentam como uma necessidade epistemológica do campo Educação e Infância e, particularmente, tentam responder de algum modo às questões e inquietações presentes no debate do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola (GEPIEE),¹ do qual participei desde a entrada no mestrado.

¹ O GEPIEE foi criado em 2001 e busca articular as Ciências Sociais e Humanas na explicitação dos fenômenos vinculados às relações entre Infância, Educação e Escola, sendo integrado por pesquisadores e estudantes em diferentes áreas (CNPq). Tem como objetivos a defesa da infância na escola (entendida, tal como afirma Tragtenberg (1982), como organização social complexa; nesse sentido, contempla tanto a educação infantil como o ensino fundamental); a produção de conhecimento sobre as bases epistemológicas das relações entre Infância, Educação e Escola; as diferenças socioculturais e seus reflexos nos processos escolares; os processos de socialização da criança na escola; as relações entre ensino e

O início do curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no ano de 2003, mais a primeira experiência como professora de crianças em um Centro de Educação Infantil particular, ainda no segundo semestre do curso, me colocaram de frente com as inquietações e os desafios relacionados à educação, infância e formação docente. Afinal, quem é a criança? Qual o significado da infância? Qual o papel da escola na formação das novas gerações? Como planejar as atividades com essa finalidade? Como avaliar esse processo de ensino e aprendizagem? Como registrar a prática docente e refletir sobre ela?

Essas e outras questões evidenciam a ausência de estudos aprofundados sobre os conceitos de criança e infância na minha formação docente e escancaram as contradições mais marcantes da formação, a fragmentação da relação teoria e prática, na medida em que todas as discussões, estudos e debates no interior das disciplinas do curso de Pedagogia estavam distantes das necessidades e dos desafios do exercício docente junto às crianças. De acordo com Torriglia e Moraes (2003), o conhecimento docente deve ser produzido a partir da relação entre o campo disciplinar e o da didática, sem haver uma fragmentação. O professor precisa pensar a sua prática, de forma crítica e científica, ou seja, não pode se restringir à prática pela prática e a sua formação precisa oferecer esses dois campos.

Tentando minimizar tais fragilidades, busquei ir além da grade curricular do curso de Pedagogia cursando outras disciplinas: Antropologia da Educação, em que pude iniciar leituras sobre Bronislaw Malinowisk, Clifford Geertz, Claudia Fonseca, Angela Nunes; e História da Criança e da Família, oferecida pelo curso de História, em que pude ler textos de Philippe Ariès, Jurandir Freire Costa e Elisabeth Badinter, e compreender a infância como construção histórica e social relacionada às mudanças na estrutura familiar, segundo as aspirações e as expectativas sociais condicionadas à criança em diferentes momentos históricos.

No final da sexta fase, terceiro ano de curso, optei pela habilitação em Séries Iniciais, a partir da disciplina de Prática de Ensino III, quando tive meu primeiro contato com a realidade do ensino fundamental por meio do estágio numa escola estadual do Centro de Florianópolis, em uma turma de primeira série, com 25 crianças.

Essa experiência inicial com crianças matriculadas na 1ª série me colocou diante de outro desafio, a ausência da brincadeira no planejamento dos profissionais como uma importante e fundamental atividade para o desenvolvimento infantil que deve ser levada a sério na escola por contribuir significativamente com a formação e a aprendizagem da criança. Ao constatar a desvalorização do brincar nos anos iniciais, outras questões foram levantadas: Por que na educação infantil esse sujeito é tratado como criança e nos anos iniciais como aluno? Quais concepções de criança e infância estão aí imbricadas? O que o professor deve entender por desenvolvimento humano? Quais são as especificidades do ser criança? Nesse sentido, quais devem ser as competências do professor?

De acordo com o artigo II do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1995, considera-se “criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (p. 9). Ainda no artigo 15, inciso IV, o ECA garante o brincar, praticar esporte e divertir-se como um aspecto dentro do direito à liberdade, ou seja, a legislação brasileira garante o direito a uma infância prolongada até os 12 anos.

A criança brinca porque, segundo Lev Semenovitch Vygotsky (2009) em um dos mais recentes artigos traduzidos por Zoia Prestes, essa é a sua atividade principal. O brincar desenvolve as capacidades intelectuais superiores, entre elas a memória e a inteligência. Se o espaço escolar é realmente importante para as crianças, por que então não torná-lo instigante, menos doloroso e interessante para elas e os professores mediante propostas que envolvam a brincadeira nas quais a autonomia, a cooperação e a participação possam ser experimentadas?

Partindo do pressuposto de que a brincadeira é uma atividade necessária para o desenvolvimento da criança, é por meio das interações sociais com os adultos, os objetos e outras crianças que essa se socializa e se humaniza. O brincar assume uma função humanizadora, uma experiência cultural efetiva que não deve se restringir apenas aos anos da infância, mas durante todo o percurso de vida de qualquer ser humano, devendo ser garantido assim como o acesso e a permanência na escola.

Em suma, as experiências de estágio docente realizadas a partir do curso de Pedagogia, tanto no ensino fundamental como na educação infantil, explicitaram a precariedade de minha formação como professora. Essa influência da perspectiva do “aprender a aprender”, como bem demonstrou Arce (2009) em seus estudos, aponta para uma desqualificação e despolitização na formação dos professores, resultado

de um contexto social no qual o que predomina é uma perspectiva neoliberal que acaba priorizando uma formação na qual o professor reflete sua ação na prática pela prática e o conteúdo fica reduzido à informação, ao saber utilitário, retirando-se o conhecimento, pois se elimina a teoria e se simplifica a ação pedagógica somente ao fazer. Ao professor fica relegada a função de facilitador, aquele que não precisa ensinar, pois é a própria criança que vai determinar o que, como e quando aprender.

A segunda experiência profissional ocorreu em duas instituições de educação infantil localizadas no *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na primeira experiência numa turma do pré-escolar, com crianças entre cinco e sete anos, pude perceber de forma crítica que a minha formação não havia sido suficiente para constituir uma base de conhecimentos necessários para educar as crianças e garantir a sua formação intelectual, cultural e científica.

Já na segunda instituição, como professora de uma turma de bebês de zero a um ano e de uma turma de crianças de dois a três anos, tive a oportunidade de aprender como planejar, registrar e avaliar as crianças de maneira intencional, considerando o desenvolvimento e as características de cada criança e do grupo a partir do aprofundamento de alguns conceitos, através de discussões nos grupos de estudos, nas paradas pedagógicas e nas reuniões pedagógicas, dentro da perspectiva sócio-histórica, com os estudos de Vygotsky, Leontiev e Elkonin.

Ainda que existam direitos adquiridos legalmente para esses sujeitos de pouca idade, abarcados no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), na Declaração Universal dos Direitos da Criança, a realidade da nossa sociedade brasileira e capitalista demonstra que essas crianças são “sujeitos de direitos” apenas no papel, pois no dia a dia, principalmente dentro da escola, seus direitos estão sendo negados e negligenciados.

Essas e outras inquietações me levaram a participar do processo seletivo para o mestrado na UFSC. Optei pela escolha da linha de pesquisa Educação e Infância por essa apresentar um número significativo de pesquisas e estudos sobre a criança e a infância em diferentes contextos educativos. Como pré-projeto, apresentei o texto intitulado “Pensando a infância: as experiências da educação infantil nos relatos de crianças que estão iniciando o ensino fundamental”.

Na ocasião em que ingressei no GEPIEE, o grupo estava lendo e debatendo a *Pedagogia progressista*, de George Snyders. A partir desse autor, pude perceber a complexidade do conhecimento acerca da educação tradicional e da educação nova e suas possíveis contribuições

e influências na educação escolar e na formação dos professores, bem como sua importância social e histórica. É importante destacar que, durante todas as discussões, leituras e estudos, bem como ações desse grupo no que diz respeito à pesquisa, ao ensino e à extensão, alguns pressupostos foram considerados para pensar as relações entre as categorias criança, infância, escola e educação:

As relações entre Educação, Escola e infância têm suas origens na Modernidade; – A infância é a condição social do ser criança, portanto universal e plural; – A criança é um ser humano de pouca idade, capaz de se apropriar e produzir cultura em interação com outras crianças, adultos e com os artefatos humanos, materiais e simbólicos, sob determinadas condições histórico-sociais; – A escola é um lugar privilegiado da infância nos nossos tempos; – A participação constitui o ser humano e é uma condição para a criança se tornar um sujeito de direitos, assim, exige a socialização de informações e conhecimentos; – O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é uma exigência da universidade pública brasileira (GEPIEE, 2007).

Tais pressupostos, bem como as discussões no interior de algumas disciplinas e a participação em palestras e encontros contribuíram para o meu entendimento sobre o professor como um ser político que precisa pensar sobre sua prática, relacionando-a com as finalidades educativas e os conteúdos formativos; exigir melhores condições de trabalho e de qualidade, sem esquecer sua função social, que é lutar por uma sociedade mais democrática e justa, como bem afirmou Florestan Fernandes (1986, p. 31) no artigo *A formação política e o trabalho do professor*:

O professor precisa se colocar na situação de um cidadão de uma sociedade capitalista subdesenvolvida e com problemas especiais e, nesse quadro, reconhecer que tem um amplo conjunto de potencialidades, que só poderão ser dinamizadas se ele agir politicamente, se conjugar uma prática pedagógica eficiente a uma ação política da mesma qualidade.

Somente no segundo semestre do mestrado, ao cursar a disciplina Educação e Infância: Questões Teórico-metodológicas da Pesquisa/EI, ministrada pela professora Jucirema Quinteiro, é que o pré-projeto foi redimensionado no seu sentido inverso: em vez de buscar “ouvir” a criança na escola, a finalidade passou a ser analisar o conhecimento produzido sobre esse “ouvir”. Isso resultou no projeto atual: As metodologias de pesquisa *com* criança na escola: o “ouvir” como uma tendência.

Ao buscar compreender uma das dimensões que envolvem o ouvir a criança na pesquisa educacional, foi necessário reconhecer que esse ainda é um tema complexo. Afinal, quais sentidos e significados estão envolvidos nesse “ouvir”? Como ouvir a criança? Por que ouvir? Como apontou Quinteiro (2000, p. 8),

Entretanto, seguir tais orientações teórico-metodológicas, dando a voz ‘a essa pequena humanidade silenciosa, que gravita pensamente ao redor dos adultos’ e, colocá-la no centro das minhas análises, não se constitui tarefa fácil, por tratar-se de um campo de pesquisa em construção, sujeito ainda a muitos equívocos e ambigüidades, tanto no que tange a definição dos procedimentos da pesquisa, quanto à análise dos dados.

Diante das precariedades da formação recebida até aqui e do desafio em realizar uma pesquisa pautada em uma análise da produção acadêmica, em nível de mestrado, a respeito de um tema/problema tão complexo, outras inquietações se apresentaram, como, por exemplo, quais seriam os limites e as possibilidades para esse tipo de análise. Uma primeira atitude foi buscar compreender a definição de *Monografia de base*, proposta por Saviani (1991), como base para a iniciação da formação do pesquisador. Essa monografia orientou o desenvolvimento teórico e metodológico desta pesquisa, justamente, por ser a mais adequada para a realização do mestrado em dois anos:

Não obstante, a estratégia da produção sistemática de *monografias de base* em cada programa de pós-graduação seria uma forma simples e fecunda de assegurar, para a maioria dos alunos que ingressam no mestrado, a *iniciação de sua formação como pesquisadores* já que ofereceria alternativas precisas para a realização das

respectivas dissertações, poupando-lhes tempo e energia ao envolvê-lo de imediato num processo real de investigação (SAVIANI, 1991, p. 157, grifos nossos).

A segunda atitude foi ter claro que dentro das metodologias de pesquisa estão contidas diferentes concepções, especialmente de criança e infância. E, por fim, buscou-se responder às questões abaixo.

1. Quais metodologias e procedimentos metodológicos vêm sendo utilizados para “ouvir”, registrar, selecionar e analisar as representações da criança na escola?

2. Quais perspectivas teórico-metodológicas orientam as pesquisas com criança na escola e as pesquisas sobre infância na produção acadêmica?

A criança é um sujeito humano de pouca idade² que atua na sociedade como um sujeito concreto e, nesse sentido, vive sua condição social a partir de determinadas condições sócio-históricas que variam de acordo com o contexto em que está inserida. A criança é um ser em desenvolvimento que possui características e necessidades específicas, mas essas não estão restritas ao aspecto biológico, porque sofrem influências das determinações sociais e culturais. Segundo Miranda (2001, p. 128, grifos nossos),

Independente de sua origem social, a criança passa por um processo de maturação biológica, em que seu desenvolvimento depende da mediação do adulto. [...] Não existe, portanto, uma natureza infantil, mas uma condição de ser criança, socialmente determinada por fatores que vão do biológico ao social, produzindo uma realidade concreta. Assim, *a dependência da criança é um fato social e não um fato natural.*

Nesse sentido, considerar a criança como um sujeito social em desenvolvimento permite evidenciar o caráter participativo de sua ação como um membro da sociedade que pensa, sente, age, interpreta, problematiza e cria seus próprios objetivos e interesses dentro das condições sociais, culturais e históricas que a constituem.

² Expressão utilizada por Walter Benjamin em seu livro *Obras escolhidas* (1994, v. 1).

Do mesmo modo, a infância, dentro dessa perspectiva, é a condição histórica e cultural de ser criança. A infância, mais que estágio, é categoria da história, apresentando as seguintes especificidades inerentes ao desenvolvimento da criança, independente da idade e do local em que ela esteja inserida: a imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira. O que modifica são os espaços e as possibilidades de viver a infância de maneira digna e plena.

Na sociedade contemporânea a escola precisa tornar-se um “lugar privilegiado da infância”, buscando contribuir para a formação do sujeito, respeitando seus direitos e sua capacidade crítica para se constituir como autor da sua própria história.

Assim sendo, a escola como uma organização social complexa configura-se como um centro de produção e reprodução das relações de produção capitalista, abrangendo, portanto, todos os níveis e graus do sistema educativo, como a educação infantil e o ensino fundamental. Apesar de ser um sistema concreto de ação política que promove a submissão, a divisão do saber e a reprodução das relações sociais de produção, a escola tem seu caráter emancipador, na medida em que é constituída por sujeitos concretos que sofrem as influências das condições sociais, mas ao mesmo tempo têm capacidade para modificar e transformar a realidade.

A educação aqui é entendida como um projeto de formação humana, como forma de transmissão/apropriação da cultura, através da qual os seres humanos podem adquirir conhecimentos que lhes permitem ampliar a sua relação com os objetos, as pessoas e consigo mesmo e, com isso, o controle sobre o mundo natural e social. Assim, a educação possibilita a apropriação do resultado histórico da humanidade.

Para analisar as metodologias de pesquisa com criança na escola, buscou-se a definição de metodologia em Abbagnano (2007, p. 781), quando ele define que é uma “análise filosófica de tais procedimentos”. Os procedimentos em questão são aqueles utilizados pela pesquisa educacional para “ouvir” a criança na escola.

Nesse sentido, não são objetos da Metodologia os ‘métodos’ das ciências, ou seja, as classificações amplas e aproximativas (análise, síntese, indução, dedução, experimentação etc.), nas quais se inserem as *técnicas* da pesquisa científica, mas tão-somente essas técnicas, consideradas em suas estruturas específicas e nas condições que

possibilitam o seu uso. Tais técnicas compreendem, obviamente, qualquer procedimento lingüístico ou operacional, qualquer conceito e qualquer instrumento que uma ou mais disciplinas utilizem na aquisição e na verificação de seus resultados.

Portanto, explicitar o significado dessas categorias aponta para a construção social da infância como um novo paradigma, contrapondo-se a visão de criança como uma tábula rasa, como um sujeito passivo em quem os adultos imprimem a sua cultura. Os pesquisadores que se contrapõem a uma visão ocidental e adultocêntrica de criança defendem que a participação da criança está diretamente vinculada ao campo das relações sociais, pois é dentro dele que ela irá se constituir como sujeito. Nessa perspectiva, o processo educativo não se limitará aos aspectos psicológicos, porque a participação das crianças evidenciará também os aspectos sociais, econômicos, políticos e históricos.

Destaca-se ainda, como afirmou Lüdke e André (1986, p. 3), que a pesquisa como atividade humana e social envolve,

[...] inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Assim, a sua visão de mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Certamente dois anos não são suficientes para a realização de uma monografia de base, como propõe Saviani (1991, p. 164, grifos do

autor), porém essa parece a mais indicada para um campo em construção, como é o campo Educação e Infância:

Monografia, dizem os dicionários, é um '*estudo completo e detalhado que se propõe a esgotar um assunto preciso relativamente restrito*'. Monografia de base é, em consequência, um estudo do tipo indicado que organiza as informações disponíveis sobre determinado assunto, preparando o terreno para futuros estudos mais amplos e aprofundados.

Desse modo, esse mesmo autor alerta que tal monografia de base exige o desenvolvimento de uma reflexão profunda e radical, pautada em procedimentos rigorosos segundo um método determinado que possibilite a análise do problema a partir de uma perspectiva de conjunto e de contexto:

[...] A profundidade (radicalidade) é essencial à atitude filosófica do mesmo modo que a visão de conjunto. Ambas se relacionam dialeticamente por virtude da íntima conexão que mantém com o mesmo movimento metodológico, cujo rigor (criticidade) garante ao mesmo tempo a radicalidade, a universalidade e a unidade da reflexão filosófica (p. 25).

Tais orientações, somadas às fragilidades da formação intelectual dos pesquisadores no Brasil, representam alertas importantes para o desenvolvimento dessa formação e mostram que esta pesquisa não se constitui em tarefa fácil, muito pelo contrário, esta exigiu um processo intenso de estudos, debates e muitas idas e vindas às fontes para checar as categorias empíricas e os critérios de análise eleitos até chegar à explicitação do problema da pesquisa, o que contribuiu para o redimensionamento do projeto inicial. O que parecia simples inicialmente, mais tarde se tornou complexo e ao mesmo tempo desafiador, evidenciando também os limites desta investigação. Afinal, fica claro que realizar uma análise sobre qualquer produção acadêmica exige uma formação teórica também profunda sobre as relações existentes entre teoria/método e metodologia.

Retomando Saviani (1991, p. 165), a tarefa do mestrando ao escrever uma monografia de base é “[...] realizar um levantamento, o

mais completo possível, das informações disponíveis, organizá-las segundo critérios lógico-metodológicos adequados e redigir o texto correspondente que permitirá o acesso ágil ao assunto tratado”. Assim, esta pesquisa se caracterizou, especialmente, pelo levantamento e pela seleção da produção acadêmica referente às pesquisas realizadas com a criança na escola, em duas fontes principais: os trabalhos e pôsteres apresentados nos grupos de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e as teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Educação cadastradas na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Outras fontes nacionais também foram consultadas a fim de explicitar como ocorreu a incorporação da criança e da infância na pesquisa educacional, a saber: as principais coletâneas produzidas nos últimos 10 anos sobre a pesquisa com criança e o “ouvir” a criança na escola; os principais periódicos da Educação, entre os anos 1979 e 2010 (*Educação e Sociedade, Perspectiva, Cadernos de Pesquisa e Estudos Brasileiros de Educação*); e os anais do II Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (Grupec), realizado no Rio de Janeiro em 2010.³

A seleção dessas fontes foi realizada tendo em vista a relevância que possuem na área da Educação. O Banco de Teses e Dissertações da Capes constitui-se um dos meios mais relevantes de divulgação da produção científica, pois reúne desde a década de 1980 as teses e as dissertações de todos os programas de pós-graduação do Brasil. A escolha pelos anais referentes às Reuniões Anuais (RAs) da ANPEd se deve ao reconhecimento da relevância desse espaço no campo educacional, pautado por debates e embates de ideias que vêm influenciando sobremaneira a formação intelectual e de professores no país. Já as coletâneas e os periódicos (independentemente dos “critérios” da Capes) são fontes de divulgação de pesquisa por excelência que, por meio de capítulos e artigos, muitas vezes anunciam, indicam, provocam, tencionam discussões que ainda estão sendo desenvolvidas no interior das pesquisas de mestrado e doutorado.

Além disso, durante a pesquisa, os trabalhos apresentados no II Grupec foram incluídos na análise como uma fonte muito especial por apresentarem um número seletivo e significativo de trabalhos sobre

³ Infelizmente não foi possível acessar os anais do I Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (Grupec) durante a realização desta pesquisa.

algumas implicações teórico-metodológicas presentes na pesquisa *com* criança, além de evidenciarem o debate e as discussões presentes atualmente nos grupos de pesquisa sobre infância e criança no Brasil.

Tendo como base a perspectiva histórica e cultural, a partir das discussões apresentadas pelos autores Karel Kosik, Lev Semenovitch Vygotsky, Alexei Leontiev, Bernard Charlot, Miriam Limoeiro Cardoso, Dermeval Saviani, Maurício Tragtenberg, José de Souza Martins, Florestan Fernandes, Alda Judith Alves-Mazzotti, entre outros, foi possível perceber a complexidade do fenômeno aqui investigado e, principalmente, que a investigação exige uma conscientização sobre a produção do conhecimento científico como um processo coletivo, e não uma espécie de “narcisismo investigativo”, como denominou Alves-Mazzotti (2001, p. 42). Isso posto, este trabalho não pretende realizar uma análise de conteúdo sobre a produção aqui selecionada, mas sim traçar um panorama capaz de evidenciar as metodologias de pesquisa com criança na escola, orientado pelos princípios da *Monografia de base* proposta por Saviani de forma rigorosa, radical e de conjunto.

A seguir são apresentados os critérios que definiram o levantamento da produção em análise.

Nas RAs da ANPEd, foram selecionados 29 trabalhos e 9 pôsteres apresentados no período de 2000 a 2010, distribuídos nos 23 Grupos de Trabalho. A partir dessa seleção, foi possível caracterizar 10 anos de produção e perceber o crescimento e a ampliação desse debate: os períodos de maior e menor produção; as áreas das Ciências da Educação que priorizaram esse tipo de investigação; e as pesquisas que efetivamente “ouviram” a criança sobre sua infância na escola (como será verificado no Capítulo 3).

É importante destacar que o levantamento da produção no Banco de Teses e Dissertações da Capes realizou-se desde o início até o final desta pesquisa e não se constituiu em tarefa fácil! Uma das consequências dessa dificuldade foi a não inclusão de alguns importantes trabalhos na seleção final de textos para leitura na íntegra, já que esses foram identificados no levantamento somente no final desta pesquisa, por isso não se encontram no Protocolo de Análise (Apêndice D).

Foram realizadas muitas idas e vindas a essa fonte, como pode ser verificado no Capítulo 3, para experimentar o assunto mais afinado com os objetivos desta pesquisa e com os critérios de organização desse

banco.⁴ Nesse sentido, houve a necessidade de se conceber um tipo de filtro analítico representado pela expressão *sobre infância*, com objetivos não de analisar os conteúdos dos testemunhos das crianças, mas de selecionar os trabalhos que utilizam metodologias com a finalidade de compreender como esse ser humano de pouca idade representa seu próprio universo, pensa e concebe o mundo e, particularmente, a escola como organização social complexa que abarca tanto a educação infantil como o ensino fundamental.

Todo esse processo resultou em um único assunto: “pesquisa com criança na escola sobre infância”. Esse assunto, por sua vez, contemplou todas as teses e dissertações que já haviam sido selecionadas pelos outros assuntos, excluindo-se o nível profissionalizante. No total foram localizadas apenas 724 pesquisas defendidas em programas de pós-graduação em Educação. Dessas 724 pesquisas, foram selecionadas 134, sendo 35 teses e 99 dissertações que “ouviram” a criança na escola. É interessante observar que o assunto “ouvir criança na escola sobre infância” mostrou-se insuficiente para selecionar as pesquisas relacionadas ao tema desta dissertação.

Por fim, foram selecionadas 25 dissertações para leitura na íntegra e análise (Apêndice C), considerando os critérios de afinidade direta com os objetivos desta pesquisa, identificação em tempo hábil para acesso e leitura dos textos durante o processo de levantamento, bem como disponibilidade desses textos nos meios existentes. Para a leitura e a análise das 25 dissertações (Apêndice C), foi concebido e definido um Protocolo de Análise⁵ (Apêndice D) estruturado a partir dos seguintes critérios: Título/Autor/Orientador/Ano/Local/Palavras-chave/Formação do pesquisador; Estrutura do texto; Objetivos e questões da pesquisa; Sujeitos e espaço da pesquisa/Tempo utilizado; Procedimentos e metodologia da pesquisa; Categorias de análise; Referencial teórico utilizado; e Considerações finais (resultados obtidos).

Diante da seleção e da organização das informações nesse protocolo, a análise dessas dissertações, presente no Capítulo 4, ocorreu em dois blocos. No primeiro bloco temos as dissertações que, de algum modo, buscam exercitar o rigor e a qualidade teórica e metodológica

⁴ Apesar de as expressões “assunto” e “descriptor” parecerem sinônimos, optamos por utilizar a primeira para ser coerente com os critérios de busca do Banco de Teses e Dissertações da Capes.

⁵ O presente protocolo é uma metodologia utilizada pelo GEPIEE em suas pesquisas.

mediante a constituição das condições objetivas e materiais para “ouvir” a criança na escola, sobretudo com relação ao tempo, espaço, vínculo e acesso; e no segundo bloco temos as pesquisas que procuram dar voz e vez à criança sem problematizar a natureza histórica da mudança em torno da condição de sujeito silenciado à condição de testemunha da pesquisa. O Protocolo de Análise (Apêndice D) se constitui um banco de dados importante, principalmente, ao traçar o panorama da produção sobre as metodologias de pesquisa com criança na escola.

Finalmente, após uma breve contextualização da trajetória acadêmica e profissional vinculada ao tema inicial da pesquisa, bem como as influências e as discussões que levaram ao redimensionamento do projeto inicial do mestrado, a formulação do problema, os procedimentos e os critérios metodológicos para a realização do levantamento da produção e da análise das dissertações selecionadas, esta pesquisa apresenta-se estruturada em cinco partes:

No segundo capítulo, intitulado *A incorporação da infância pela pesquisa educacional no Brasil: tendências e debates*, são apresentadas as principais tendências que marcaram a constituição da pesquisa educacional e como a criança e a infância tornaram-se objetos de pesquisa ao longo desse processo. Nesse sentido, são destacados alguns aspectos históricos, políticos e sociais que contribuíram para evidenciar a produção brasileira sobre a infância, entre eles destacam-se a influência da legislação internacional e nacional voltada para os direitos das crianças e o surgimento, dentro desse contexto, de um novo campo de estudos na Europa que veio a influenciar consideravelmente a produção dentro do campo educacional no Brasil e que ficou conhecido como Sociologia da Infância.

No terceiro capítulo – *A criança na pesquisa educacional: da condição de “silenciada” à “testemunha da história”* –, é feita a análise da produção selecionada sobre as metodologias de pesquisa com criança na escola, a partir do levantamento realizado junto às duas principais fontes desta pesquisa: a ANPED (2000-2010) e o Banco de Teses e Dissertações da Capes (1987-2010). Essa análise evidencia certa mudança na posição ocupada pela criança na pesquisa educacional: de sujeito silenciado e minorizado, passa a ser valorizado como sujeito capaz de testemunhar sua própria história. Porém, tal constatação ainda é aparente devido à teorização insuficiente ou mesmo ausente, resultando na maioria das vezes em longas descrições desvinculadas das razões que constituíram a criança como um sujeito silenciado.

No quarto capítulo – *As metodologias de pesquisa com criança na escola: o “ouvir” como uma tendência teórico-metodológica* –,

desenvolve-se a análise da produção selecionada, destacando as implicações teóricas, metodológicas e éticas que envolvem os procedimentos, as técnicas e as estratégias utilizados para “ouvir”, registrar, selecionar e analisar o testemunho da criança na escola para evidenciar e problematizar a produção no campo Educação e Infância, tendo em vista as fragilidades históricas da construção da pesquisa em Educação no Brasil.

Por fim, procura-se, nas considerações finais, apresentar os dilemas e os desafios da pesquisa com criança na escola, problematizando o que vem sendo produzido sobre a criança e a infância, principalmente, nos últimos 10 anos com o advento do “ouvir” e de que maneira essa produção está contribuindo para a constituição do campo Educação e Infância.

2 A INCORPORAÇÃO DA INFÂNCIA PELA PESQUISA EDUCACIONAL NO BRASIL: TENDÊNCIAS E DEBATES

Este capítulo busca compreender como a infância foi incorporada pela pesquisa educacional, constituindo-se em um campo específico de estudos – Educação e Infância – cuja produção acadêmica cresceu, ampliou-se e diversificou-se, especialmente na última década, afirmando a relevância e a urgência de tais estudos. Esses estudos se caracterizam pelo desenvolvimento de pesquisas *com* criança como sujeito capaz de testemunhar sobre a sua história.

A partir de uma breve retrospectiva histórica sobre a pesquisa educacional no Brasil, buscou-se identificar as principais tendências teórico-metodológicas que influenciaram a produção sobre a criança e a infância, especialmente as mudanças em torno do modo de perceber e compreender esses fenômenos a partir do século XIX. Tais mudanças caracterizam-se, principalmente, a partir de 1979, quando a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) declarou esse como o Ano Internacional da Criança, diante das evidências de suas precárias condições de vida e de existência no mundo inteiro. Isso resultou na formulação dos direitos específicos da criança, dando visibilidade aos problemas e às questões referentes à situação da infância mundial como um problema do presente que precisamos conhecer se desejamos construir um mundo melhor.

2.1 A HISTÓRIA DA PESQUISA EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DO CAMPO EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

O artigo de Gouveia (1971) intitulado *A pesquisa em Educação no Brasil*, publicado na revista *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas, representa um marco nos estudos sobre a história da pesquisa educacional e ressalta a importância do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) como uma das primeiras instituições oficiais a consolidar esse campo, destacando três períodos que predominaram durante as décadas de 1940 a 1970. O primeiro período, escreve a autora,

Abrange toda a década de quarenta e grande parte da década subsequente, os estudos são, predominantemente, de *natureza psicopedagógica*. Os processos de ensino e os instrumentos de avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento psicológico constituem preocupação dominante. Assim realizaram – se naquela época estudos sobre a linguagem infantil, o vocabulário corrente na literatura periódica destinada a infância e a juventude, análise fatorial de habilidades verbais, padronização de testes para avaliação do nível mental, testes para estudos de certos aspectos dos vestibulares para as escolas superiores, e aplicação experimental de provas objetivas a candidatos a exames de madureza (p. 2-3, grifos nossos).

É interessante observar que a utilização de testes para avaliação e mensuração dos processos psicológicos envolvidos no ensino e na aprendizagem, especialmente o uso de medidas do rendimento escolar, foi desenvolvida pela psicometria, além de guias e manuais de orientação para os professores que priorizavam certa padronização do que deveria ser feito com os estudantes na prática pedagógica. Gouveia (1971) explica que o próprio Inep, na sua fundação, possuía um serviço de psicologia aplicada trabalhando com testes de inteligência, aptidões e escolaridade.

Nesse período, destaca-se a atuação de Lourenço Filho, que assumiu a direção do Inep, desde a sua fundação em 1938 até 1946, contribuindo de maneira significativa para a difusão de conhecimentos psicológicos no campo educacional. Segundo Sganderla (2007, p. 42), “Lourenço Filho foi um influente intelectual dentro do campo educacional, e o principal intérprete e produtor dos conhecimentos psicológicos no século XX”, principalmente pela publicação em 1930 de sua obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, bem como pela divulgação dos Testes ABC.

Estes testes visavam à classificação dos alunos que ingressavam na escola ou eram repetentes quanto a sua maturidade para a aprendizagem da leitura e escrita, propiciando um perfil individual e um perfil da classe. [...] Cabe afirmar que, para Lourenço Filho, os Testes ABC não tinham o intuito de classificar para impedir o ingresso das

crianças na escola ou excluí-las, mas, sim, de propiciar à educação um instrumento de medida da maturidade das crianças para aprendizagem da leitura e escrita que fosse capaz de selecionar/diagnosticar na própria instituição os alunos mais ou menos maduros para a alfabetização (p. 53-54).

Certamente, a psicologia do desenvolvimento destaca-se dentre as Ciências da Educação como uma área que constrói teorias e conceitos sobre os aspectos evolutivos da infância. Em *Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância*, Jobim e Souza (1996, p. 44) esclarece que a psicologia do desenvolvimento contribuiu para consolidar um conjunto de conhecimentos e regras que foram determinantes para construir uma visão específica de criança, o que influenciou, consideravelmente, também na definição da infância como uma etapa do desenvolvimento humano:

[...] de fato a psicologia do desenvolvimento habituou-se a pensar a criança na perspectiva de um organismo em formação, que se desenvolve por etapas, segundo uma dada cronologia, e que, além disso, fragmenta a criança em áreas ou setores de desenvolvimento (cognitivo, afetivo, social, motor, lingüístico...) de acordo com a ênfase dada a essas por cada teoria específica (p. 45).

Parece que tais ideias psicológicas encontraram no Brasil terreno fértil, principalmente a partir do movimento de renovação educacional que ocorreu entre os anos de 1920-1940, em que a formação de professores sofria a influência de um novo entendimento da educação, construída sobre a base científica a partir da Biologia, da Psicologia e das Ciências Sociais. Segundo Paiva et al. (1998), esse período também foi marcado pela “revolução educacional”, representado pela expansão das escolas públicas que resultou na massificação do ensino caracterizado por um processo de crescimento e ampliação físico, porém sem nenhuma preocupação por parte dos governantes em assegurar as devidas condições materiais, pedagógicas, estruturais, financeiras da escola.

Segundo Sampaio (2004, p. 144), as mudanças sociais advindas do processo de industrialização e urbanização da sociedade brasileira caracterizaram-se por um atendimento social básico que buscou consolidar uma sociedade urbana de massa, principalmente a partir da década de 1960.

A demanda popular por vagas no ensino fundamental e a das camadas médias por ensino superior associam-se à demanda crescente de outros benefícios sociais, simultâneas à instalação de novos hábitos de consumo e a transformação na organização da vida urbana como um todo. Assim, acompanhando a marcha de urbanização, essas questões vão tomando força, dos anos 60 aos 90, modificando os espaços, as atividades e as instituições. Cresceram as periferias urbanas, onde não se conseguiu atender satisfatoriamente a demanda, mesmo com incremento às construções escolares.

Nesse processo a psicologia do desenvolvimento contribuiu para definir um tipo de aluno de acordo com os níveis de aprendizagem e desenvolvimento e de currículo caracterizado por disciplinas separadas entre si, ordenação seriada, estanque e baseada em pré-requisitos, influenciando consideravelmente a formação de professores, a educação e a pesquisa educacional no Brasil.

Disciplinar a clientela e selecionar os mais aptos a serem ajustados ao papel de ‘alunos’ passaria, então, ao primeiro plano das preocupações da escola, constituindo o núcleo do trabalho viável, dadas as características do pessoal docente e da clientela. [...] Nesse quadro, a função da escola passa a ser a de acolher e acalmar a demanda, disciplinando o atendimento e afastando, mediante procedimentos seletivos, a maioria despreparada, que não acompanha o desenvolvimento do processo de ensino (SAMPAIO, 2004, p. 190).

Tais dados evidenciam a realidade da infância brasileira em um momento histórico caracterizado pelo movimento de renovação educacional e pela democratização do ensino que marcou a constituição da pesquisa educacional e ainda marca a realidade da educação pública

no Brasil, em pleno século XXI. Esses fatos históricos caracterizaram todos os três períodos da pesquisa educacional descritos por Gouveia (1971), pois constituíram a história da educação no Brasil entre a década de 1950 a 1990.

Diante das características que marcaram a pesquisa educacional nesse primeiro período (1940 a 1950), pode-se afirmar que a psicologia do desenvolvimento contribuiu de forma significativa para firmar uma imagem particular da criança como aluno, coincidindo com a forte influência dessa ciência no pensamento educacional, bem como com o crescimento físico das escolas e com a massificação do ensino propostos pelo modelo de sociedade capitalista influenciado, também, pelos princípios da sociologia positivista, como será verificado a seguir.

No segundo período, final da década de 1950 até o Golpe Militar de 1964, Gouveia (1971) esclarece que o foco da produção teórica desloca-se para a elaboração de uma política educacional para o país, tornando-se necessário investigar as condições culturais e escolares, bem como as tendências de desenvolvimento da sociedade a partir de suas regiões. Trata-se, justamente, de conhecer as dimensões e as demandas do país, pois o Estado estava preocupado em conhecer as populações regionais para implementar uma política de educação “para todos” e, com isso, requisitou pesquisas que buscassem identificar as características sociais dessas realidades. Para tanto, em 1956, foram criados os Centros Regionais de Pesquisa sobre Educação, Sociedade e Escola, distribuídos pelo território nacional:

[...] esses centros deveriam promover ‘pesquisas das condições culturais e escolares e das tendências de desenvolvimento de cada região e da sociedade como um todo, para o efeito de conseguir-se a elaboração gradual de uma política educacional para o país’. [...] A ênfase deslocava-se, assim, para estudos de *natureza sociológica*. Nesse período, que se prolongou até 1964, produziram-se, sob a responsabilidade de sociólogos e antropólogos, monografias, ‘surveys’ e tentativas de análise macroscópica em que o foco de atenção são as relações entre a escola, ou o sistema escolar, e certos aspectos da sociedade local, regional ou nacional (p. 3-4, grifos nossos).

Novamente a atuação do Inep, relacionado ao Plano Nacional de Educação para todos e à expansão das escolas como espaço de formação

das novas gerações, influenciou a constituição do campo educacional de pesquisas no Brasil. Vale destacar a importante atuação de Anísio Teixeira nesse período, pois, justamente, atuou como coordenador do Inep e implantou os Centros Regionais de Pesquisas no Brasil, contribuindo para o fortalecimento da pesquisa educacional no país. Segundo Saviani (2008, p. 286):

Enfeixando sob sua direção e liderança órgãos estratégicos de pesquisa, formação e disseminação educacional como o INEP, a CAPES e o CBPE/CRPEs, Anísio Teixeira se impôs como a figura central da educação brasileira na década de 1950.

Salienta-se que, nesse período, o Inep contribuiu para a crescente valorização das Ciências Sociais, refletindo sobre as tendências que predominaram na pesquisa educacional brasileira.

As pesquisas produzidas a partir de tais órgãos contribuíram para problematizar os fenômenos educacionais no país, pois tinham como objetivo central estudar a sociedade brasileira e diagnosticar suas necessidades diante da demanda pela educação escolarizada. Alguns intelectuais, tais como Maurício Tragtenberg, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Roger Bastide, Carlos Rodrigues Brandão, Miriam Limoeiro Cardoso, Darcy Ribeiro, representantes da sociologia e da antropologia, passaram a se preocupar com a demanda educacional e contribuíram para o crescimento dos Estudos Sociais no Brasil.

Como demonstrou Gouveia em outro artigo publicado em 1976 na mesma revista *Cadernos de Pesquisa*, intitulado *A pesquisa sobre Educação no Brasil: de 1970 para cá*, o foco dessas pesquisas era estudar as características individuais e sociais para entender como a criança como “aluno” aprende e se escolariza. Se antes a predominância na pesquisa eram os estudos psicopedagógicos sobre o processo de aprendizagem e escolarização, no final da década de 1960 e início da década de 1970, são estabelecidas relações com a realidade social mais ampla, indicando a influência da sociologia no interior da pesquisa educacional.

É interessante observar que somente no final da década de 1960, com o fechamento dos Centros Regionais de Pesquisa do Inep espalhados pelo território brasileiro, ocorre a implantação de programas sistemáticos de pós-graduação, mestrados e doutorados no país. Com a reabsorção de professores formados no exterior, foi possível constituir

uma base de produção e de formação de quadros nas universidades, o que acelerou o desenvolvimento da pesquisa.

Apesar do registro de algumas iniciativas nos anos de 1930 e da criação da CAPES – então Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior – e do CNPq na década de 1950, pode-se afirmar que as experiências de pós-graduação brasileiras foram efetivamente reconhecidas como um novo nível de ensino a partir de 1965, com a emissão do Parecer 977/65 pelo Conselho Federal de Educação (CFE) (HOSTINS, 2006, p. 134).

Durante o período militar, início da década de 1970 – caracterizado por Gouveia (1971) como terceiro período –, surgem os estudos de *natureza econômica* inspirados na Teoria do Capital Humano. Trabalhos sobre a educação como investimento, demanda profissional, formação de recursos humanos, técnicas programadas de ensino, relações entre mercado de trabalho e formação profissional são incentivados por certos organismos da administração federal e também por fontes externas de financiamento. Conforme apontou Hostins (2006, p. 134), “as pesquisas históricas evidenciam que foi o regime militar que, em aparente contradição, elegeu como prioridade a formação do pesquisador e docente no contexto universitário”.

Ainda segundo essa autora, o movimento de consolidação da pós-graduação e de reforma da educação superior brasileira foi caracterizado pela relação entre a forte presença americana e o interesse e apoio do regime militar, principalmente por meio da parceria estabelecida entre a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o Ministério da Educação do Brasil, como também pelo modelo organizacional baseado nas universidades de pesquisa norte-americanas.

Durante a reforma de 1968 houve a criação de departamentos acadêmicos, de institutos de pesquisa e de programas de pós-graduação nas principais universidades do país, como, por exemplo, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conforme Trindade (apud HOSTINS, 2006, p. 138),

A reforma de 1968 e os substanciais recursos oferecidos pelas agências de financiamento da

pós-graduação e da pesquisa (CAPES, CNPq e FINEP), dentro dos sucessivos Planos de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, profissionalizaram o sistema universitário, com a implantação dos regimes de tempo integral e de dedicação exclusiva e, sobretudo, implementaram uma consistente política de pós-graduação, com a avaliação pelos pares sob a coordenação da CAPES.

Com a influência dos Estados Unidos por meio da privatização de empresas e do repasse de recursos financeiros, a educação brasileira assume um papel importante na divulgação e no fortalecimento da concepção produtivista como forma de manter o crescimento econômico e ao mesmo tempo o controle sobre a população, como bem demonstrou Saviani (2008, p. 365): “Com a aprovação da Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, buscou-se estender essa tendência produtivista a todas as escolas do país, por meio da pedagogia tecnicista, convertida em pedagogia oficial”.

Nem mesmo as tendências críticas dos anos 1980 conseguiram retirar a influência dessa concepção, pois, como afirmou esse autor, “Já a partir da segunda metade dos anos 1970, adentrando pelos anos 1980, essa orientação esteve na mira das tendências críticas, mas manteve-se como referência da política educacional” (p. 365), justamente porque o contexto político e social, nesse período, se caracterizou, conforme Gatti (2007), por dois momentos: no primeiro pela vigência da censura em que temos a imposição de uma política econômica de acúmulo de capital para uma elite e a valorização de tecnologias de diferentes naturezas; e no segundo pelo surgimento de movimentos sociais diversos em que são criados espaços mais abertos para manifestações socioculturais e a crítica social.

A pesquisa educacional, em boa parte, vai estar integrada a essa crítica social, e, na década de 80 encontramos nas produções institucionais, especialmente nas dissertações de mestrado e teses de doutorado – as quais passam a ser grande fonte de produção da pesquisa educacional –, a hegemonia do tratamento das questões educacionais, com base em teorias de inspiração marxista (GATTI, 2007, p. 19).

Após esses três períodos, segundo Gatti (2005), o foco na pesquisa educacional se diversifica tanto com relação às temáticas quanto com relação às formas de abordagem, principalmente com o crescimento da formação de quadros no exterior, o que contribuiu para a expansão do ensino superior e da pesquisa em alguns cursos de mestrado e doutorado:

A formação de quadros no exterior também é grandemente expandida na segunda metade dos anos oitenta e inícios dos noventa. O retorno desses quadros traz para as universidades, no final da década de oitenta e durante a década de 90, contribuições que começam a produzir grandes diversificações nos trabalhos, tanto em relação às temáticas como às formas de abordagem (p. 260).

Todo esse movimento de fortalecimento da pesquisa educacional ganha respaldo e visibilidade nacional por meio das Conferências Brasileiras de Educação (CBE) nos anos 1980 e, posteriormente, nas Reuniões Anuais da ANPEd.⁶ Esta associação exerceu, e ainda exerce, um papel marcante como espaço privilegiado de debates e embates sobre questões fundamentais nesse campo, como podemos conferir mais adiante.

Conforme Gatti (2001, p. 69), durante a década de 1980 até meados dos anos 1990, as novas perspectivas na pesquisa educacional focaram-se em críticas relativas a questões de teoria e método, colocando em debate a questão da qualidade da produção em relação ao embasamento ou à elaboração teórica e utilização de procedimentos de coleta de dados e de análise:

Estudos apontam a dificuldade de se construir, na área, categorias teóricas mais consistentes, que não sejam a aplicação ingênua de categorias usadas em outras áreas de estudo, e que abarquem a complexidade das questões educacionais em seu instituído e contexto social.

⁶ A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) foi fundada em 1976 por alguns programas de pós-graduação em Educação. Caracteriza-se como uma sociedade civil sem fins lucrativos e tem como finalidade o desenvolvimento e a consolidação da pós-graduação e da pesquisa na área de Educação no Brasil.

Essa dificuldade em garantir uma consistência teórica e metodológica na pesquisa educacional resultou, de acordo com Gatti (2001), em certos sociologismos ou economismos, psicologismos ou psicopedagogismos, ou seja, uma produção que não se mostrou suficiente para explicitar a natureza própria dos fenômenos educacionais e para fazer o enfrentamento das questões de base que considere as concepções de Educação desenvolvidas nas práticas de pesquisa.

Resumindo, a história da pesquisa educacional no Brasil se caracteriza como diversificada e emblemática, pois, de acordo com o movimento histórico de sua produção, foi possível averiguar que essa sofreu (em períodos determinados) influências de diferentes tendências e de intensos debates epistemológicos, os quais contribuíram para caracterizar a produção científica educacional, mas, principalmente, determinaram a construção de uma imagem e de um conhecimento fragmentado e específico da criança e da infância.

Apesar da rápida expansão da pesquisa educacional, os estudos sobre a criança e a infância não lograram se constituir como foco principal da pesquisa educacional, pois ocorreu de forma esparsa e delimitada ao seu próprio tempo.

Nesse sentido, é possível afirmar que o movimento voltado para o estudo da criança e da infância quase não existiu até a década de 1970.⁷ Somente com a declaração pela Unesco do Ano Internacional da Criança, a infância ganhou visibilidade e destaque no debate internacional e nacional, principalmente com relação à precária condição de vida e de existência da criança. Nesse período alguns estudos foram escritos sobre a criança e a infância, com destaque para a chamada Sociologia da Infância europeia, porém ainda estamos distantes de conhecer a complexidade desse fenômeno.

2.2 ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA PELA UNESCO E INÍCIO DOS ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA

⁷ Com raras exceções dos trabalhos escritos por Florestan Fernandes em 1944, intitulado *As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis*. E, mais tarde, em 1993, da coletânea organizada por José de Souza Martins, *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. Vale destacar que a importância desse trabalho de Fernandes levou a ser reeditado pela revista *Pro-Posições*, em 2004.

Em 1979, quando a Unesco declarou esse como o Ano Internacional da Criança, análises e debates sobre a situação da criança na sociedade emergiram e cresceram no âmbito do contexto internacional. Esse fato contribuiu para dar visibilidade à precarização da infância e possibilitou um movimento crítico com relação à visão marginalizada e preconceituosa sobre a criança e os setores mais “pobres” da sociedade.

A partir desse movimento mundial, o debate político-educacional se intensificou e contribuiu, nas palavras de Kramer (1996, p. 17), para a “[...] consolidação de um firme marco teórico e de clara visão política em defesa de uma infância considerada na sua dimensão de cidadã de direitos”. Porém, mesmo com esse movimento, estudar a criança e a infância estava relacionado a uma visão adultocêntrica em que a criança e a infância apresentam-se como sinônimos. A condição social da criança como sujeito de direitos ainda está distante de ser uma realidade concreta na sociedade brasileira, principalmente devido ao aprofundamento das desigualdades sociais presentes na vida da maioria da população. De acordo com Quinteiro (2009, p. 32),

O ano de 1979 pode ser considerado um marco na produção educacional acerca da criança e da infância brasileira, subsumida a sociedade do adulto, orientada pelas rígidas regras do mercado capitalista, no qual a infância parece ser apenas mais uma de suas mercadorias.

A partir desse período, alguns textos importantes foram escritos e contribuíram para marcar a produção sobre os estudos da criança,⁸ mesmo que de forma isolada e pontual, como, por exemplo, a edição número 31 da revista *Cadernos de Pesquisa*, que já na apresentação feita por Fúlvia Rosemberg provoca a discussão sobre a situação da criança brasileira e reúne 13 artigos pautados por temas e problemas que buscam captar a infância e a criança. Entre eles, o estudo realizado por Copit e Patto intitulado *A criança – objeto na pesquisa psicológica* (1979), que buscou localizar e entender a condição que ocupa a criança dentro desse campo de pesquisa; e o inédito trabalho da arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima (1979), *A criança e a percepção do*

⁸ Verificar Apêndice A, no qual consta a lista das coletâneas e de artigos sobre o tema desta pesquisa.

espaço, que contestou a política de construção escolar padronizada ao pensar a infância dentro desse espaço. Nas palavras de Quinteiro (2009, p. 34), Mayumi de Souza Lima representa

[...] rara arquiteta da infância, que nos deixou como legado uma crítica e uma proposta revolucionária sobre os espaços destinados à infância, principalmente o escolar – caracterizado pelo envolvimento e participação efetiva das crianças.⁹

Mas, principalmente, destaca-se, ainda nessa edição, a realização, sob o último ano do período militar do general João Figueiredo, de uma mesa-redonda intitulada *Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeitos de pesquisa* (1979), que reuniu representantes de diversas áreas como a antropologia, a psicologia, a publicidade, a pediatria, a educação e a sociologia no intuito de responder a anseios, dúvidas e angústias dos pesquisadores que lidam com as crianças como sujeitos e objetos de suas pesquisas. Chamam atenção os procedimentos indicados já no final da década de 1970, ainda sob a Ditadura Militar, e os desafios levantados por essa mesa-redonda:

- 1) O que seria *abuso* na utilização da criança como sujeito de pesquisa. Formas e exemplos.
- 2) Considera-se que a legitimidade na utilização de pessoas em pesquisa provenha de “consentimento com conhecimento de causa” (consentimento consciente), ausência de coerção, e *informações razoáveis sobre os riscos e benefícios para o próprio sujeito*. Problemas:
 - a) Consentimento: quem dá, a criança, pais e/ou responsáveis? Convergência e divergência de interesse entre os implicados.
 - b) Ausência de coerção. Quando ocorre coerção sub-reptícia. Exemplo: situações de carência (econômica e outras); a desigualdade de poder adulto criança, o poder do adulto desempenhando certos papéis e ocupando determinadas posições (o médico, o professor, o psicólogo etc.).

⁹ Para conhecer este significativo trabalho com a criança e sobre a infância, ver *A criança e a percepção do espaço*, de Lima (1979).

- c) Informações razoáveis: situação experimental envolvendo “engano” ou omissões: possibilidades de compreensão por parte da criança.
- d) Riscos e benefícios: a descentração na delimitação do *risco* (exemplos: intervenção ao nível de valores; entrada na privacidade do sujeito); *benefícios*: conhecimento no transcorrer da pesquisa de necessidades do sujeito.
- e) Para o próprio sujeito: extensão para a comunidade, isto é, riscos e benefícios da pesquisa para além do sujeito (CUNHA et al., 1979, p. 18).

O debate apresentado parece ser um primeiro alerta sobre as questões éticas na utilização das crianças como sujeitos da pesquisa já na década de 1970, principalmente por questionar o modo como o conhecimento estava sendo produzido sobre a criança. Essas questões continuam presentes nas práticas, discussões e produções teóricas que pautam o contexto atual da pesquisa com criança e que precisam ser, ainda, mais bem caracterizadas e problematizadas no campo Educação e Infância e fora dele também.

Alguns importantes estudos se destacam na década de 1980, como, por exemplo, a pesquisa de Patto sobre o fracasso escolar; a publicação da coletânea *Psicologia do social: o homem em movimento*; e os primeiros estudos sobre Vygotsky no Brasil. Porém, segundo Quinteiro (2009, p. 20), somente a partir da década de 1990 é que

[...] a produção sobre o tema infância no campo da educação no Brasil, parece ter ampliado o seu campo de intervenção e, também, adquirido algum estatuto teórico-metodológico. Os estudos sobre a infância como questão pública e não apenas privada começam a pipocar na produção acadêmica brasileira.

Desse modo, em 1993, um importante trabalho, intitulado *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*, organizado pelo sociólogo José de Souza Martins reuniu sete estudos sobre a vida e a situação das crianças no território nacional. Segundo Martins (1993, p. 9, grifos nossos), “a ideia foi a de construir um painel abrangente que revelasse o *que é ser criança no mundo subdesenvolvido*, mesmo naqueles lugares idílicos, como a Amazônia ou o campo [...]”. Esse

apresenta significativas discussões sobre a criança como centro de análise na investigação sociológica. Entretanto, apesar da relevância desses estudos, a proposta da criança como testemunha da pesquisa não impactou a produção nesse período, nem sociológica, nem educacional. Somente 10 anos depois é que irá impactar, como será verificado a partir do panorama da produção sobre as pesquisas com criança na escola.

Em outro artigo sobre a situação da pesquisa educacional, Gatti (2005, p. 261) apresenta a tendência metodológica a partir dos anos 2000, caracterizada pela expansão da “chamada pesquisa qualitativa”, em alternativa aos modelos experimentais e quantitativos utilizados até então na pesquisa educacional:

As alternativas apresentadas pelas análises chamadas qualitativas compõem um universo heterogêneo de perspectivas, métodos e técnicas, que vão desde a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, antropológicos, etc.

É nesse contexto que a pesquisa no campo Educação e Infância, evidenciada a partir de 2000 aqui no Brasil, passa a se desenvolver *com* criança sob a influência da chamada Sociologia da Infância europeia, iniciando o registro do ponto de vista, da expressão e da representação da criança a partir da utilização de modelos qualitativos denominados de “tipo etnográfico”. Essa produção será evidenciada na discussão do Capítulo 3.

Segundo Gatti (2005, p. 262), ao priorizar a pesquisa qualitativa, a pesquisa educacional se deparou com problemas e questões relacionados ao rigor teórico e metodológico da investigação científica:

As abordagens qualitativas trazem um grau de exigência alto para o trato com a realidade e a sua reconstrução, justamente por postularem o envolvimento do pesquisador. O que se encontra em muitos trabalhos são observações casuísticas, sem parâmetros teóricos, a descrição do óbvio, a elaboração pobre de observações de campo conduzidas com precariedade, análises de conteúdo realizadas sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução do dado e de percepção crítica de vieses situacionais,

desconhecimento no trato da história e de estórias, precariedade na documentação e na análise documental.

Esse breve panorama sobre a história da pesquisa educacional no Brasil possibilita perceber que os estudos sobre a criança e a infância foram tímidos e pontuais durante quase seis décadas. Os estudos realizados nesse longo período foram marcados pela influência da psicologia e da sociologia, ambas focando os níveis de desenvolvimento: como problema de aprendizagem, rendimento escolar do estudante, processo de escolarização da criança como “aluno”, “criança pobre”, “vir a ser”, “menor”, “tábula rasa”, “aprendiz” etc.

De maneira geral, a infância era considerada como algo natural e inerente à criança, definida como um período “prazeroso”, “lúdico”, “distinto” do mundo adulto, independente das condições sociais e culturais das crianças. Assim, estudar a infância em sua dimensão histórica e cultural, entendida como a condição social de ser criança, ainda é um desafio para aqueles que buscam compreender esse fenômeno complexo e ao mesmo tempo singular.

Na discussão a seguir, verifica-se a mudança desse olhar sobre a criança a partir da construção e da definição social e política de seus direitos, principalmente por meio da Declaração Universal dos Direitos da Criança no contexto europeu, do Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil e do surgimento de um novo campo de estudos denominado Educação e Infância que coincide com a entrada da literatura sobre a Sociologia da Infância europeia. Essa mudança, entre outros aspectos, parece evidenciar a criança como sujeito e testemunha da pesquisa, o que irá contribuir significativamente para o crescimento e a ampliação da produção acadêmica não apenas sobre a criança, mas *com* a criança, elegendo e valorizando o seu testemunho.

2.3 O DEBATE SOBRE A INFÂNCIA E A CRIANÇA NA PESQUISA EDUCACIONAL

Os estudos sobre a infância, de modo geral, iniciam-se a partir do movimento internacional em prol dos direitos universais da criança. Esse passa a se desenvolver a partir de uma “nova” perspectiva em que a criança começa a ser considerada como sujeito da investigação,

exercitando os primeiros passos pela emancipação da condição de sujeito silenciado da e na história.

Houve um tempo em que as crianças eram consideradas “adultos em miniatura”, pois era quase impossível distinguir uma criança de um adulto. Ela era retratada como pequeno indivíduo que vestia as mesmas roupas que os adultos e só se diferenciava pela estatura. As crianças, em sua maioria, conviviam cotidianamente com os adultos, frequentando, inclusive, os bares. Não havia uma preocupação específica para essa faixa etária, nas palavras de Ariès (1981, p. 51, grifos nossos): “No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do séc. XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim *homens de tamanho reduzido*”.

Nessa época esses indivíduos não tinham nenhum valor social, pois eram os adultos que tinham o direito sobre suas vidas, determinando o que fazer e como se comportar. Foi necessário um longo tempo para o reconhecimento da criança como uma categoria social com direitos distintos, com singularidades específicas, chamando a atenção para a situação da infância.

Internacionalmente, em 1923, segundo Marcílio (1998), houve a elaboração da 1ª Declaração dos Direitos da Criança, também conhecida como Declaração de Genebra. Dentre os sete deveres da humanidade com as crianças, quatro itens merecem ser destacados como sendo fundamentais, apesar do caráter assistencialista presente voltado para uma minoria, de acordo com a autora:

1. A criança tem o direito de se desenvolver de maneira normal, material e espiritualmente;
2. A criança que tem fome deve ser alimentada; a criança doente deve ser tratada; a criança retardada deve ser encorajada; o órfão e o abandonado devem ser abrigados e protegidos;
3. A criança deve ser preparada para ganhar sua vida e deve ser protegida contra todo tipo de exploração;
4. A criança deve ser educada dentro do sentimento de que suas melhores qualidades devem ser postas a serviço de seus irmãos.

Porém, isso ainda não foi suficiente para concretizar uma condição de vida digna para as crianças. Somente após a Segunda Guerra Mundial, diante da imensa quantidade de crianças órfãs e abandonadas, foi fundado em 1946 um dos organismos de defesa dos

direitos da criança, o United Nations International Children's Emergency Fund (Unicef), que, no contexto capitalista, tem como objetivo principal socorrer as crianças dos países devastados pelas guerras, além de “tentar melhorar a vida das crianças e agir no sentido de lhes providenciar serviços de saúde, educação, nutrição e bem-estar” (SOARES, 1997, p. 79). Com a recuperação da Europa, o Unicef direcionou suas atenções para as crianças dos países pobres, buscando reverter recursos e serviços sociais para a melhoria da saúde e da nutrição das crianças e de suas famílias, com isso “pela primeira vez tinha-se o reconhecimento internacional de que as crianças necessitavam de atenção especial” (MARCÍLIO, 1998).

Foi somente após esse movimento que, em 1959, as Nações Unidas proclamaram a Declaração Universal dos Direitos da Criança no intuito de garantir a universalidade, a objetividade e a igualdade em todas as nações das questões relativas aos direitos da criança.

A criança passa a ser considerada, pela primeira vez na história, *prioridade absoluta e sujeito de Direito* [...]. A Declaração enfatiza a importância de se intensificar esforços nacionais para a promoção do respeito dos direitos da criança à sobrevivência, proteção, desenvolvimento e participação (MARCÍLIO, 1998, grifos no original).

Na década de 1980, realiza-se a Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos. E em 1989, essa mesma Conferência promove a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. A partir desse evento, os termos da Convenção tinham que ser ratificados em todos os países, que eram obrigados, por lei, a cumprir as obrigações com suas crianças. Os direitos assegurados pela Convenção representam uma nova dimensão dos direitos de participação das crianças. Como afirmou Alderson (2005, p. 422), se antes as crianças dependiam somente da proteção e do controle dos adultos, agora passam a ter possibilidades de autonomia para tomar parte em atividades e decisões que as afetam:

Todos os governos, exceto o dos Estados Unidos e o da Somália, ratificaram a Convenção, e comprometeram-se a torná-la conhecida ‘tanto para os adultos como para as crianças’, a ela conformar as leis e os serviços dos Estados, e a

relatar regularmente à ONU os progressos nestes pontos.

Marcílio (1998) destaca que o Brasil ratificou a Convenção em 1989, buscando uma ação integrada e integradora no âmbito das políticas sociais universais, adequando as leis nacionais, desenvolvendo programas dirigidos aos grupos vulneráveis e buscando uma ação concreta de políticas sociais. A seguir são destacados alguns dos direitos consagrados pela Convenção com o objetivo de ressaltar os direitos básicos de toda criança até os 18 anos de idade.

A Convenção define como criança qualquer pessoa com menos de 18 anos de idade (artigo 1), cujos ‘melhores interesses’ devem ser considerados em todas as situações (artigo 3). Protege os direitos da criança à sobrevivência e ao pleno desenvolvimento (artigo 6), e suas determinações envolvem o direito da criança ao melhor padrão de saúde possível (artigo 24), *de expressar seus pontos de vista (artigo 12) e de receber informações (artigo 13)* (MARCÍLIO, 1998, grifos nossos).

Porém, como afirma a autora, “[...] a ação codificadora do Brasil antecede a própria Convenção das Nações Unidas. Ela está positivada em nossa Carta Constitucional de 1988”. A Constituição Federal de 1988 já demonstrava preocupação e reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos. Em seu Art. 227, a Carta Magna afirma:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Finalmente, em 1990, o Brasil assina um documento com direitos infantis e juvenis específicos: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Marcílio (1998) define que esse documento legal, que contou com intensa participação da sociedade, representou uma verdadeira

revolução em termos de atitudes nacionais ante a criança e representa até hoje um desafio constante de efetivação prática na vida desse sujeito. Mas até que ponto podemos realmente afirmar que houve uma revolução em termos de atitudes nacionais ante a criança se ainda a infância não está garantida a todas as crianças?

O ECA considera criança a pessoa até os 12 anos de idade incompletos e adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade, sendo a família, a comunidade, a sociedade em geral e o poder público os responsáveis por assegurar a efetivação dos direitos das crianças, entre eles o direito à liberdade (Artigo 16), que compreende os seguintes aspectos:

I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II – opinião e expressão; III – crença e culto religioso; IV – brincar, praticar esportes e divertir-se; V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI – participar da vida política, na forma da lei; VII – buscar refúgio, auxílio e orientação (BRASIL, 2005, p. 15).

A garantia de prioridade para a criança e o adolescente apresentada na Constituição de 1988 é detalhada pelo ECA, em seu Art. 4, ao afirmar que a criança e o adolescente possuem: a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; b) precedência do atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; e d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Novamente, questiona-se: É essa a realidade das crianças brasileiras? Os índices de desenvolvimento humano, as notícias veiculadas pela mídia e o cotidiano de muitas famílias evidenciam que esses direitos ainda estão longe de serem efetivados, especialmente para as crianças que vivem em condições precárias de vida e são esquecidas pelo poder público.

Logo após esse longo processo de construção dos direitos específicos da criança, principalmente na Europa, inicia-se um novo movimento, agora no âmbito acadêmico, preocupado com a situação da infância atual que discute e problematiza tal fenômeno no âmbito da sociologia, uma outra forma de entender a criança não só como sujeito

de direitos, mas também como um sujeito capaz de testemunhar sobre a sua história. Esse parece ser um dos temas teórico e político privilegiados para um debate não apenas nesse âmbito, mas na pesquisa educacional mais ampla.

Alguns estudos nas diferentes Ciências da Educação (psicologia, filosofia, sociologia, antropologia, história, pedagogia) trouxeram importantes contribuições teóricas para compreender a criança e a infância.¹⁰ Entre eles, o estudo historiográfico de Philippe Ariès (1979) sobre a História da Infância, a partir das mudanças na estrutura social familiar burguesa, apresenta os elementos culturais e históricos que influenciaram a constituição de um sentimento específico por parte da família e da sociedade burguesa com relação à criança que ficou conhecido como “sentimento moderno de infância”, além de identificar como esse sentimento contribuiu para a valorização da escola como uma instituição social específica de educação da criança.

N’*A idéia de infância*, artigo presente no livro *A mistificação pedagógica* (1979), Bernard Charlot problematiza as contradições que contribuem para a definição da “natureza infantil”, afirmando que a criança ao mesmo tempo é e não é inocente e má; imperfeita e perfeita; dependente e independente; herdeira e inovadora. Já no artigo de Marília Gouvea de Miranda (1983), *O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança*, a autora questiona o processo de socialização da criança na escola, defendendo que esse deve considerar a infância como a condição social de ser criança. Desse modo, Miranda ressalta que “[...] a escola deverá, portanto, atuar crítica e reflexivamente na objetivação dos conteúdos, normas e valores internalizados na relação entre criança e escola” (MIRANDA, 2001, p. 134). No artigo *O significado da infância*, Arroyo (1996) problematiza a infância como uma concepção que irá variar de acordo com os aspectos sociais, culturais, ideológicos em determinado contexto histórico, ou seja, o autor afirma que a concepção sobre a infância está em permanente construção. E, por fim, o artigo *Infância e sociedade: o conceito de infância*, escrito por Sônia Kramer (1992), faz um exercício de conceitualização da infância a partir do processo histórico em que diferentes visões e conhecimentos foram construídos sobre a criança.

¹⁰ Ver *Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos*, de Quinteiro (2000), principalmente os Apêndices Listão – bibliografia sobre infância e educação e Bibliografia temática sobre infância e escola.

Esse movimento, de certa maneira, contribuiu significativamente para questionar e fortalecer a defesa da criança como sujeito de direito, ao propor a desnaturalização da criança e a crítica ao conceito clássico de socialização proposto por Durkheim, indicando elementos para pensar e considerar a criança como um “ator social” com direito a ter voz e vez. Como afirma Warde (2007) no começo dos anos 1980, sociólogos, psicólogos, geógrafos, antropólogos e historiadores britânicos, dentre os quais Alan Prout, Allison James, Chris Jenks, J. Qvortrup e J. Hockey, confluíram seus projetos em torno desse “novo” programa investigatório, concentrando seus esforços na elaboração de uma concepção social da infância. Esse programa direcionou a investigação educacional em torno do “ouvir” a criança na pesquisa e influenciou a construção de um “novo” campo de estudos no Brasil.

Entretanto, é importante destacar, segundo a autora, os limites e as fragilidades desse campo no que diz respeito à crítica genérica de perspectivas psicológicas e biológicas implicadas no intento de desembaraçar a criança dos aportes que a naturalizam:

Em um e outro caso, há de se ver a injustificada imputação à Psicologia ou à Biologia da responsabilidade pelas visões ‘naturalizadas’ da criança, dominantes ao longo do século XX e, no cerne, a apaixonada, porém, arriscadamente estéril, intenção de produzir uma abordagem histórica (social) esvaziada de qualquer dívida com a natureza (p. 23).

Essas questões serão aprofundadas na análise da produção acadêmica sobre as metodologias de pesquisa com criança na escola, presente no Capítulo 4 desta dissertação.

2.4 O *BOOM* DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO BRASIL

As discussões sobre a presença da infância no pensamento sociológico iniciaram-se em 1990, no Congresso Mundial de Sociologia, quando pela primeira vez os sociólogos se reuniram para debater sobre os processos de socialização da criança e as influências exercidas pelas instituições e pelos agentes sociais. A partir daí, ocorreu um *boom* na produção europeia sobre a Sociologia da Infância.

Somam-se a esse processo os dois artigos publicados na revista *Éducation Et Sociétés*, escritos por Régine Sirota e Cléopâtre Montandon, em 1998 e 1999.¹¹ No ano seguinte, esses artigos foram traduzidos e publicados no Brasil, na revista *Cadernos de Pesquisa*, repercutindo consideravelmente na produção acadêmica brasileira, especialmente a partir da primeira década deste século.

O artigo escrito por Sirota, intitulado *Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar*, faz uma releitura crítica do conceito de socialização e de suas definições funcionalistas, contribuindo para considerar a criança como um ator. E o artigo de autoria de Montandon (2001), *Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa*, apresenta um balanço dos trabalhos em língua inglesa, esclarecendo que, antes dos anos 1920 nos Estados Unidos, os sociólogos pouco se interessavam pelas questões que envolviam as crianças. Essas eram estudadas por filantropos, reformadores sociais, médicos e psicólogos, que focavam os problemas da infância relacionados com o trabalho infantil, as deficiências físicas e a delinquência juvenil. Somente na segunda metade do século XX alguns sociólogos de língua inglesa voltam-se para o estudo da infância. Segundo Montandon (2001, p. 19), “As crianças devem ser consideradas como atores em sentido pleno e não simplesmente como seres em devir, elas são ao mesmo tempo produto e produtores dos processos sociais”.

Os principais autores americanos, ingleses e franceses inseridos nesse movimento são Willian Corsaro, Alan Prout, Allison James, Chris Jenks, J. Hockey, Régine Siróta, Cléopâtre Montandon e Pia Christensen. Dentre esse grupo de autores, Willian Corsaro e J. Qvortrup parecem se destacar como os primeiros sociólogos a estudar as interações entre pares e analisar, através de observações e gravações em vídeo de situações de brincadeiras, “a cultura que as crianças desenvolvem”.

¹¹ No final de janeiro do ano 2000, realizou-se em Portugal um importante evento denominado Congresso Internacional: Os Mundos Sociais e Culturais da Infância, coordenado pelo professor Manuel José Sarmento, da UMinho. Alguns pesquisadores brasileiros estiveram presentes nesse evento, e em seguida o professor Sarmento foi convidado para proferir uma palestra na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em comemoração aos 25 anos do NDI. A partir desse evento, foi estabelecido um convênio de cooperação internacional entre a Universidade do Minho em Portugal e a UFSC, cujo projeto foi intitulado Criança: Educação, Culturas e Cidadania Activa (CECCA), contribuindo para um intercâmbio entre os pesquisadores dessas duas universidades e também para a divulgação em território brasileiro da literatura referente à chamada Sociologia da Infância.

Warde (2007, p. 29), ao citar James e Prout (1990), destaca que, para os intelectuais inscritos nesse movimento, era preciso eliminar os naturalismos dos aportes biológicos, psicológicos e sociológicos:

[...] em relação à Psicologia, concentram seus ataques à noção de ‘desenvolvimento’ – por não operar com os fatores históricos e sociais que afetam a criança, confinando-a à dimensão biológica e ao desenvolvimento individual; no que tange às Ciências Sociais, destacadamente, à Sociologia, investiram contra a noção de ‘socialização’ – porque encara a relação adulto-criança como equivalente à relação entre o ativo e o passivo, entre o que modela e o que é modelado.

Tais pressupostos defendidos por essa Sociologia da Infância, recentemente, estão sendo revistos e questionados pelos próprios autores, tais como Prout (2005), ao elaborarem uma revisão crítica dos *New Social Studies of Childhood*, afirmando que esses não podem negar o conhecimento acumulado historicamente sobre a infância pelas diferentes áreas do conhecimento.

Essa Sociologia da Infância, segundo seus autores, aponta para a construção social da infância como um novo paradigma, contrapondo-se a visão predominante de criança como “tábula rasa”, como um sujeito passivo em quem os adultos imprimem a sua cultura. Essas ideias influenciaram consideravelmente a produção das pesquisas com criança na escola, na medida em que questionam o lugar que a criança ocupa na pesquisa, afirmando que esse deve focá-la como um “ator social”, capaz de participar como sujeito da pesquisa, e não somente como objeto dessa. Assim, no âmbito da pesquisa educacional brasileira iniciou-se, a partir de 2000 aqui no Brasil, uma nova perspectiva que busca conhecer a criança a partir dela mesma, com propostas metodológicas em que o “ouvir”, o registrar, o entrevistar e o narrar tornaram-se procedimentos imprescindíveis.

Após esse primeiro contato, uma quantidade significativa de artigos, livros e coletâneas foram escritos sobre as perspectivas teóricas e metodológicas da pesquisa *com* criança, a partir, principalmente, do referencial teórico dessa Sociologia da Infância. Adiante se verificam, inicialmente, o crescimento da produção sobre as pesquisas com criança em importantes coletâneas e periódicos (Apêndice A), bem como a ampliação dos grupos de pesquisa sobre a infância e a criança no contexto nacional. E, posteriormente, nos Capítulos 3 e 4, observa-se o

início de uma nova tendência em torno do “ouvir” a criança na escola, evidenciada no levantamento da produção acadêmica, na ANPED e na Capes. Todos esses elementos contribuíram para a consolidação do campo Educação e Infância, com destaque para a influência teórica e metodológica da chamada Sociologia da Infância.

2.4.1 A infância como construção social e a criança como sujeito da pesquisa: coletâneas e periódicos

A coletânea de textos *Infância: fios e desafios da pesquisa*, organizada por Sônia Kramer e Maria Isabel Leite (1996), além de estar em sua nona edição, é uma das primeiras a apresentarem uma abordagem sobre a infância, considerando a criança em sua condição de sujeito histórico, produzida pela cultura e produtora de cultura. Essa coletânea reúne sete artigos que apresentam um debate referente aos elementos teóricos, a partir de Bakhtin, Benjamin e Vygotsky, e a realização da pesquisa *com* crianças para compreender a infância. Entre eles, destaca-se o artigo *Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin*, em que Kramer apresenta uma discussão conceitual sobre os diferentes referenciais teóricos que contribuíram para constituir o campo de estudos da infância, tais como Bernard Charlot, Philippe Ariès; Walter Benjamin, entre outros. No artigo *Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância*, citado anteriormente, Jobim e Souza (1996) faz esse mesmo exercício de reflexão teórica, a partir da psicologia, apontando de que maneira a psicologia do desenvolvimento legitimou a construção de teorias e conceitos sobre os aspectos evolutivos da infância e da adolescência. E ainda de que maneira essa área do conhecimento pode contribuir com novas possibilidades para compreender a criança e a infância. Já o artigo *O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo*, escrito por Leite, apresenta uma discussão metodológica em torno do “ouvir” a criança na pesquisa, levantando questões e reflexões sobre os desafios e as possibilidades em captar a visão da criança no interior da escola.

A coletânea *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*, organizada por Faria, Demartini e Prado em 2002, que está em sua terceira edição, reúne artigos que discutem

fundamentalmente as relações entre pesquisa e infância, destacando questões advindas da utilização das diferentes metodologias *com* criança e como esses aspectos colaboraram para constituir o campo Educação e Infância no Brasil, principalmente a partir da “emergência” da chamada Sociologia da Infância.

Na análise da produção selecionada a partir das 11 edições das Reuniões Anuais da ANPEd, essas duas coletâneas aparecem como referencial teórico mais utilizado para explicar o fenômeno da pesquisa *com* criança na escola e para dar subsídios metodológicos aos pesquisadores com relação ao “*ouvir*” a criança, demonstrando sua relevância para a construção teórica.

Além dessas coletâneas que marcaram a constituição do campo Educação e Infância, uma quantidade significativa de artigos sobre as questões teórico-metodológicas envolvidas na pesquisa *com* criança no campo educacional vem sendo publicada mais recentemente em importantes periódicos da Educação, como se pode verificar adiante.

Na revista *Cadernos de Pesquisa*, destacamos os artigos *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*, de Sônia Kramer (2002); *Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas*, de Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Müller (2005); e *Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea*, de Rita Marisa Ribes Pereira, Raquel Gonçalves Salgado e Solange Jobim e Souza (2009). Esses artigos trazem contribuições e reflexões sobre os aspectos investigativos da pesquisa com criança e “suas culturas”.

No artigo escrito por Sônia Kramer, são problematizadas as questões éticas envolvidas na autorização para o uso de imagens, nomes verdadeiros, falas, desenhos, e a relação dessa autorização como forma de reconhecimento da autoria dos sujeitos pesquisados. Esse artigo junto com o artigo *Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeitos de pesquisa* (1979), apresentado anteriormente, constituem raridades no debate sobre as questões éticas da pesquisa *com* crianças, ao questionarem até que ponto estamos respeitando a autoria dos sujeitos e ao mesmo tempo a ética na pesquisa com criança.

As autoras Delgado e Müller (2005) destacam a ausência de pesquisas no Brasil que consideram as “vozes das crianças por elas próprias” e, assim, refletem sobre a ausência da criança como sujeito da pesquisa, identificando a influência na ciência moderna do olhar e do poder dos adultos. Como possibilidade para modificar o predomínio adultocêntrico na pesquisa, as autoras apresentam a “etnografia das infâncias” como a forma pela qual o pesquisador poderá buscar a

compreensão das “culturas de pares” da criança. Desse modo, ao final do artigo, propõem a construção de outros modos de fazer pesquisa com a criança “que articulem ciência e estética, razão e emoção, fantasia e realidade” (p. 161-179).

Já as autoras Pereira, Salgado e Jobim e Souza (2009) apontam a contribuição da filosofia de Mikhail Bakhtin para ampliar o entendimento das concepções de infância presentes no contexto cultural mais amplo, a partir da participação da criança nas pesquisas e das relações que são estabelecidas entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. As autoras, nesse ínterim, defendem que “cabe ao pesquisador ampliar seus modos de ver e interpretar o que cada conjunto de narrativas revela sobre a relação do adulto com a criança no contexto onde se desenvolve a entrevista propriamente dita”.

Na revista *Educação e Sociedade*, destacamos os seguintes artigos: *Para uma sociologia da pequena infância*, escrito por Eric Plaisance (2004), que aborda a noção de socialização ao pensar a sociologia da pequena infância, apontando a aproximação da sociologia com a antropologia e a etnologia; e *Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência*, de Fernanda Müller (2006), que apresenta uma pesquisa realizada em uma turma de educação infantil, na cidade de São Leopoldo, na qual, através de um estudo de inspiração etnográfica, buscou captar as categorias *culturas infantis, trabalho e resistência* a partir das vozes das crianças, entendidas como manifestações que não se restringem aos relatos orais.

Ainda nessa revista foi possível localizar o importante Dossiê Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças (2005), que contemplou artigos sobre as questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças no campo da Sociologia da Infância, entre eles *As crianças como pesquisadores: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa*, de Priscilla Alderson; *Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como os compreender?*, de Patrick Rayou; *As práticas educativas parentais e a experiência das crianças*, de Cléopâtre Montandon; *Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida*, de Marianne Gullestad; *Entrada em campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*, de William A. Corsaro; e *Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância*, de Manuel Jacinto Sarmiento. Esses últimos dois artigos estavam presentes em mais da metade dos trabalhos e pôsteres selecionados nas Reuniões Anuais da ANPEd, como será identificado na discussão a seguir.

Na revista *Perspectiva* localizamos um artigo de Jucirema Quinteiro (2002), intitulado *Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate*, em que a autora procura demonstrar a evolução do objeto e do olhar sobre a Sociologia da Infância, as influências internacionais e nacionais que marcaram a produção brasileira sobre a infância nas Ciências Sociais. Esse artigo problematiza os hiatos presentes na produção sobre a infância como um campo de estudos em construção que necessita retomar e rever o conhecimento produzido até agora sobre a criança, seu modo de pensar, agir, sentir e estar no mundo.

Foi localizado, também nessa revista, o artigo *Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças*, escrito por Juliana Pereira da Silva, Silvia Néli Falcão Barbosa e Sônia Kramer (2005). Com base nas ideias de Walter Benjamin, as autoras procuram contribuir para a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa com criança, discutindo as relações entre infância, cultura e sociedade por meio dos estudos antropológicos e filosóficos. Em primeiro lugar, buscam situar o tema no contexto das Ciências Humanas e Sociais, apresentando a produção acadêmica brasileira recente e as diferentes perspectivas que envolvem a pesquisa com crianças para em seguida fazer uma interlocução com a antropologia, analisando dois aspectos fundamentais do trabalho de campo: a distância e a proximidade. Ainda, propõem algumas diretrizes metodológicas com base na obra de Bakhtin e Vygotsky.

Destaca-se, nesse periódico, o Dossiê Infância, Educação e Escola (2007). Esse dossiê reuniu oito artigos de importantes pesquisadores do Brasil, da França, da Suíça, de Portugal, da Argentina e da Espanha, que problematizam a relação infância, educação e escola em diferentes contextos, entre eles os artigos da pesquisadora Mirian Jorge Warde, intitulado *Repensando os Estudos Sociais de História da Infância no Brasil*, que tem como objetivo apresentar o desafio dentro dos Estudos Sociais e de História da Infância e propor um “alargamento dos horizontes conceituais e a superação de preconceitos que bloqueiam diálogos necessários com as Ciências Biológicas e Psicológicas” (p. 22).

Os artigos das autoras francesas Régine Sirota e Cléopâtre Montandon, respectivamente, *A indeterminação das fronteiras da idade e Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças*, apresentam discussões conceituais sobre os termos “socialização” e “autonomia”. Enquanto o primeiro problematiza aspectos relativos às mudanças conceituais com relação à construção do olhar sobre a criança desde a definição clássica de socialização até a

definição contemporânea, o segundo discute as condições e as experiências sociais que definem o conceito de autonomia, principalmente no meio familiar, escolar e social, apontando a partir da Sociologia da Infância as representações das crianças sobre o que para elas significa a autonomia e como fazem para alcançá-la.

O artigo de Maria Belloni (2007), *Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização*, questiona o conceito de socialização nas principais correntes da sociologia para compreender os últimos avanços da Sociologia da Infância, considerando como eixo teórico o papel desempenhado pelas diferentes mídias nesse processo de socialização.

E, no artigo *Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural*, Suely Amaral Mello (2007) traz elementos da teoria histórico-cultural para subsidiar uma análise das relações entre infância, educação e “escola da infância”. A pesquisadora faz uma crítica em relação às práticas educativas vigentes nos espaços de educação infantil no estado de São Paulo, que, por se sustentarem em concepções já superadas acerca da relação entre educação e desenvolvimento, acabam conduzindo a equívocos que empobrecem o desenvolvimento, na medida em que antecipam aprendizagens próprias da escola de ensino fundamental. Essa tendência de escolarização precoce e de abreviamento da infância acaba prejudicando o direito à infância na educação infantil.

Apesar de a *Revista Brasileira de Educação* ser uma publicação quadrimestral da ANPEd voltada à publicação de artigos acadêmico-científicos, visando fomentar e facilitar o intercâmbio acadêmico no âmbito nacional e internacional, a seleção de apenas um artigo relacionado à temática desta pesquisa demonstra que, mesmo a discussão sobre a pesquisa *com* criança estando presente nas apresentações dos trabalhos e dos pôsteres dentro dos GTs, essa temática ainda se encontra ausente nesse veículo de publicação.

Além de toda essa produção, entre 2008 e 2010 foram publicadas duas coletâneas de textos específicas sobre o “ouvir” a criança na pesquisa, respectivamente, *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas* (2008), organizada por Silvia Helena Vieira Cruz; e *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia* (2010), organizada por Marilene Proença Rebello de Souza. Essas coletâneas apresentam discussões relacionadas aos aspectos metodológicos e éticos da pesquisa *com* crianças, a partir de alguns exemplos de pesquisadores e pesquisadoras que buscaram estabelecer uma aproximação com o universo infantil através do

aperfeiçoamento de estratégias metodológicas para registrar o ponto de vista da criança, especialmente através da escuta sensível.

E, recentemente, em 2011, outras duas coletâneas sobre a Sociologia da Infância e a pesquisa com crianças foram publicadas: *Sociologia da Infância no Brasil*, organizada por Ana Lucia Goulart de Faria e Daniela Finco, que reúne artigos sobre o atual contexto da pesquisa com criança na educação infantil, a partir da influência e da contribuição da chamada Sociologia da Infância; e *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*, organizada por Altino José Martins Filho e Patrícia Dias Prado, que apresenta alguns elementos a respeito do desenvolvimento de pesquisas com criança na pesquisa educacional, na antropologia, na sociologia, no GT-07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos na ANPEd, bem como indica algumas questões sobre o uso de desenhos e de fotografias das crianças na pesquisa, gênero na educação infantil na perspectiva da criança, relações de idade e culturas infantis.

Diante dessa fulminante produção publicada recentemente nos principais periódicos e coletâneas relacionados à educação brasileira, verifica-se que a pesquisa *com* criança sob a influência da chamada Sociologia da Infância ganhou destaque nesta última década, a partir dos anos 2000, coincidindo com a construção do campo Educação e Infância. Os aspectos apresentados nessas coletâneas e artigos oferecem alguns elementos para analisar e problematizar o conhecimento produzido sobre a infância na escola e as perspectivas teórico-metodológicas utilizadas para captar as suas representações. Esses elementos influenciam a constituição do campo e devem ser considerados, pois demonstram que está ocorrendo uma discussão teórica e conceitual importante, porém rarefeita e a partir de uma perspectiva. Portanto, é preciso conhecer e analisar o que vem sendo produzido a partir das mudanças em torno do “ouvir” a criança na pesquisa educacional para que possamos compreender mais e melhor esse fenômeno e, assim, contribuir para a construção dos “faróis de análise” do campo Educação e Infância.

2.4.2 O crescimento dos grupos de pesquisa sobre a infância e as metodologias utilizadas em debate

O crescimento e a ampliação dos estudos sobre a criança e a infância não se restringem apenas à produção de artigos e coletâneas ou

à produção de dissertações e teses, mas também à organização de grupos de estudos e pesquisas que investigam a infância no Brasil. Isso fica evidente ao verificar o aumento de inscrições junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 1992 até 2010, somando um total de 165 grupos de pesquisa em Educação.

Esse crescimento e distribuição nas diferentes áreas do conhecimento refletiram na realização do II Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (Grupeci), ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de setembro de 2010, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Esse seminário representa outro marco na constituição do campo Educação e Infância, pois, além de reunir 43 grupos de pesquisa sobre criança e infância de diferentes áreas de estudo, como educação, antropologia, sociologia, psicologia e, também, história e geografia, escancarou a urgência da discussão sobre as metodologias de pesquisa *com* criança.

O Grupeci tem como objetivo central

promover e ampliar o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento que têm como temática os estudos da criança e suas infâncias. É um evento que se caracteriza pela interlocução entre grupos de pesquisa e pela apresentação de trabalhos de forma articulada no interior dos grupos.¹²

Assim, representa um importante espaço de discussão e socialização dos trabalhos e pesquisas desenvolvidos nas universidades e nos programas de pós-graduação do território nacional.

Ao participar do II Grupeci, foi possível identificar, dos 145 trabalhos apresentados dentro das seções temáticas constituídas de três a quatro grupos de pesquisa, 36 trabalhos com crianças e, dentro dessa quantidade, 12 pesquisas *com* criança na escola, os quais discutiam, principalmente, algumas questões teórico-metodológicas relacionadas às formas e aos meios para captar a voz, o ponto de vista da criança na pesquisa. Esses trabalhos, em geral, buscaram problematizar alguns aspectos necessários na pesquisa com criança, tais como ampliar o conceito de socialização; apresentar algumas contribuições da sociologia, da história, da filosofia e da psicologia no campo de produção teórica sobre a criança e a infância; mostrar a relação/postura

¹² Disponível em: <<http://www.gpime.pro.br/grupeci>>.

do pesquisador com os sujeitos da pesquisa; levantar os desafios e as possibilidades do retorno às crianças como etapa da pesquisa; e constatar a utilização da etnografia como a metodologia mais indicada na pesquisa com criança.

Além da presença dos grupos de pesquisa como referência da situação atual do debate sobre a importância da investigação com criança, esse encontro apresentou algumas questões metodológicas sobre o “ouvir” a criança na pesquisa, especialmente ao focar essa temática na conferência de abertura com as professoras Anete Abramowicz e Solange Jobim e Souza, *A pesquisa com crianças em infâncias: perspectivas metodológicas*.

A seguir são apresentados alguns desses trabalhos exibidos nas seções 5 e 9 do respectivo evento. Os dois trabalhos selecionados foram apresentados pelo grupo de pesquisa Infância, mídia, educação (UERJ) na seção 5, constituído, também, por três outros grupos, a saber: Educação, antropologia, cultura, infância (UFMG); Laboratório de estudos e pesquisa em antropologia da criança (Universidade Federal de São Carlos); e Núcleo infância, comunicação e arte (UFSC).

O primeiro trabalho, *Intimidade x estranhamento na pesquisa com crianças*, apresentado pela doutoranda Núbia de Oliveira Santos, busca problematizar a experiência de campo na pesquisa com criança, apresentando alguns desafios que circundam o trabalho do pesquisador na construção de um “estranhamento” e um “exercício de intimidade na relação sujeito/objeto”. Esses desafios, segundo a autora, envolvem as questões éticas na pesquisa com criança, pois atualmente existe uma “reflexão acerca do lugar ocupado pelo pesquisador, a sua posição de assimetria e as implicações desta no processo de pesquisa” (SANTOS, 2010).

Nesse sentido, propõe como questões a serem problematizadas na pesquisa com criança os seguintes aspectos metodológicos: *distanciamento x proximidade* e *intimidade x estranhamento*, considerando como uma das tarefas do pesquisador conhecer além da superfície imediata, bem como estabelecer familiaridade como forma de apreensão da realidade, permitindo conhecer em sua totalidade como ocorre a organização de determinado grupo. Esse trabalho indica alguns elementos metodológicos relacionados com a importância da postura e da aproximação do pesquisador com os sujeitos da investigação, entretanto outros aspectos teóricos, metodológicos e éticos envolvem essa relação, tais como o tempo para criar as condições objetivas e materiais da pesquisa, a maneira como o vínculo é estabelecido, os procedimentos utilizados para acessar os sujeitos da pesquisa, entre

outros. Esses serão aprofundados na discussão do Capítulo 4 desta dissertação.

A apresentação do segundo trabalho gerou um debate acerca dos desafios e das experiências realizados sobre o retorno dos resultados da pesquisa às crianças: Afinal, como incluí-las nesse processo? As pesquisadoras Nélia Mara R. Macedo e Renata L. B. Flores problematizaram os usos que fazemos do texto de pesquisa após a defesa diante da banca examinadora, afirmando que esse fica voltado a interlocutores adultos, mesmo quando tenha sido realizado com a participação da criança. Diante desse embate, apresentaram algumas reflexões a respeito das seguintes questões: “Por que não buscar interlocução com crianças quando as pesquisas são concluídas? O que as crianças têm a dizer sobre um trabalho realizado com elas e sobre elas, mas escrito e interpretado por um adulto?”.

Procurando meios de cumprir o compromisso ético no reencontro com as crianças, as pesquisadoras optaram por escrever um texto específico para as crianças, sem deixar de abordar questões importantes na pesquisa, como a contextualização do tema, a prática pedagógica do pesquisador, o porquê das opções metodológicas e os principais achados. Organizaram um encontro para compartilhar os achados da pesquisa em que o texto foi apresentado e as crianças puderam manifestar suas considerações e dúvidas. Destaca-se que essa proposta de retorno dos resultados da pesquisa demonstra alguns elementos para pensar a importância de tal procedimento no desenvolvimento de pesquisas com criança na escola, porém esse retorno nas Ciências Humanas e Sociais, em geral, é ainda um tema polêmico e complexo que precisa ser debatido e problematizado, justamente porque o retorno da pesquisa, de certa forma, não ocorre nem na investigação com adultos.

Da seção 9 participaram três grupos: Infância e saber docente, coordenado pela professora Ligia Maria Motta L. L. de Aquino; Núcleo de estudos e pesquisas sobre infância e educação infantil, coordenado por Mônica Correia Baptista; e Implicações pedagógicas da teoria histórico-cultural e grupo de estudos em educação infantil, coordenado por Suely Amaral Mello.

O trabalho intitulado *Currículo e práticas pedagógicas atuais no espaço da educação infantil: o processo de construção do sentido da escola para as crianças*, apresentado por este último grupo, tinha como objetivo principal “compreender qual o sentido que as crianças pequenas (4-6) atribuem à escola de educação infantil diante das diversas propostas pedagógicas oferecidas a elas”. Esse trabalho busca dar voz e

vez às crianças como fonte de conhecimento, como possibilidade de pensar e modificar as práticas pedagógicas presentes num “currículo sem intencionalidade”, entendendo que o papel da educação “deve ser o de oferecer às crianças e alunos em geral a apropriação da cultura, o processo de humanização, no qual todos pudessem construir e ressignificar as questões que emergem da sociedade”.

Em suma, esse Seminário parece alçar a discussão para um novo patamar ao tentar divulgar e socializar a produção acadêmica, especialmente ao pautar o tema das metodologias de pesquisa nesse campo. Esses trabalhos permitem verificar como os pesquisadores estão utilizando certos procedimentos, estratégias e ferramentas para compreender as representações das crianças e o lugar social que ela ocupa, ampliando o debate sobre os limites e as possibilidades da criança como sujeito na pesquisa educacional, bem como a reflexão sobre a infância na escola. Mas é importante destacar que ainda estamos distantes de conhecer a criança e a infância em toda a sua complexidade.

Finalmente, merece destaque a realização de outro evento, o Seminário Internacional Pesquisa e Infância: desafios que as crianças lançam à etnografia, realizado em novembro de 2011 na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, em Portugal.¹³ Esse seminário tem como proposta “i) perceber o lugar que as crianças e a infância ocupam nestes estudos e alguns dos paradoxos inerentes ao impacto e tensões que sofrem num espaço-tempo crescentemente globalizado; ii) partilhar e analisar reflexivamente a vivência de dificuldades no nosso próprio fazer etnográfico, em campos disciplinares e contextos de investigação diferentes”.¹⁴

Diante dos dados aqui apresentados é possível constatar o crescimento e a ampliação da produção, especialmente na Educação, e do debate sobre as pesquisas *com* criança na escola, o que corrobora com o movimento evidenciado a partir dos anos 2000 no Brasil de um novo campo de estudos em que a infância e a criança passam a ser o foco central da pesquisa educacional.

Esse *boom* foi especialmente demonstrado nas Reuniões Anuais da ANPEd e no levantamento da produção acadêmica na Capes. Na ANPEd, a partir da seleção dos trabalhos e pôsteres apresentados em 11 edições, foi possível verificar, entre outros aspectos, a presença

¹³ Este seminário ocorreu entre os dias 3 e 4 de novembro de 2011, em Portugal, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Porto.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/infancia/>>.

marcante do referencial teórico da chamada Sociologia da Infância, principalmente a partir de autores como Manuel Sarmento, Manuel Pinto e Willian Corsaro. E na Capes, por meio da seleção e da análise das dissertações de mestrado defendidas no período de 1987 a 2010 sobre a pesquisa *com* criança na escola, foi possível identificar os procedimentos, as técnicas e as estratégias em torno do “ouvir” a criança na escola, bem como as opções teóricas e metodológicas dos pesquisadores, indicando, novamente, a influência na maioria das dissertações de um único referencial teórico, como será apresentado nos capítulos a seguir.

3 A CRIANÇA NA PESQUISA EDUCACIONAL: DA CONDIÇÃO DE “SILENCIADA” À “TESTEMUNHA DA HISTÓRIA”

A análise da produção selecionada sobre as metodologias de pesquisa com criança na escola, a partir do levantamento realizado junto às duas principais fontes desta investigação – a ANPEd (2000-2010) e o Banco de Teses e Dissertações da Capes (1987-2010) –, evidencia certa mudança na posição ocupada pela criança na pesquisa educacional, de sujeito silenciado e minorizado, passa a ser valorizado como sujeito capaz de testemunhar sobre a sua própria história: o “ouvir” passa a ser a metodologia mais utilizada pelos pesquisadores, especialmente a partir do início do século XXI. Porém, tal constatação ainda é aparente devido não apenas a esse campo estar em construção, em que tais estudos costumam ser restritos à própria prática do pesquisador, ausentes de teorização, resultando em sua pulverização, mas, principalmente, porque não se problematizam as razões históricas que silenciaram essa parcela importante da humanidade e se elege a criança como testemunha do seu tempo de modo pragmático e superficial. Certamente, tais características não se limitam ao campo Educação e Infância, mas estão relacionadas às fragilidades históricas da pesquisa educacional brasileira amplamente divulgadas (ALVES-MAZZOTTI, 2001; ANDRÉ, 2001; CUNHA, 1991; GATTI, 2007; GOUVEIA, 1971; MELLO, 1983; WARDE, 1997).

Como foi verificado na história da pesquisa educacional, os estudos por um longo período objetivaram conhecer aspectos específicos do processo de ensino, aprendizagem, desenvolvimento e comportamento da criança, a partir de uma perspectiva que a colocava como sujeito passivo, dependente, inocente, um vir a ser, incompleto. Após as mudanças na legislação e na organização social com relação à presença da criança tanto no âmbito da família como no âmbito das instituições sociais, o conhecimento produzido sobre a infância no Brasil adquire um novo patamar ao focar o testemunho da criança na investigação. Em 1979, um grupo de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento realizaram pela primeira vez um debate sobre as implicações éticas na utilização de crianças nas pesquisas, problematizando a validade do conhecimento produzido e as consequências da perspectiva que considera a criança como sujeito da pesquisa, indicando já naquele período os limites e os desafios desse tipo de investigação na contemporaneidade.

Esse é um dos muitos debates que constituem a pesquisa educacional, como demonstrado por Gouveia (1971, 1976), Gatti (1992, 2001, 2005, 2007), André (2001), Lüdke e André (1986), na medida em que esse campo apresenta fragilidades históricas quanto às questões de teoria, método e metodologia. Essas devem ser consideradas, principalmente, quando no início do século XXI ocorre um aumento significativo de coletâneas, artigos, debates sobre as pesquisas com criança, o que repercute consideravelmente na produção acadêmica, ao indicar “novas” metodologias de pesquisa utilizadas pelos pesquisadores para “ouvir” a criança na escola e evidenciar a construção de um “novo” campo de estudos, Educação e Infância, a partir de 2000, sob a influência da chamada Sociologia da Infância europeia e americana.

Certamente, houve um redirecionamento do foco nas investigações sobre a criança, o que implicou, segundo Quintero (2009), a utilização de diferentes procedimentos metodológicos e de discussões presentes nas Ciências Humanas, principalmente no âmbito da sociologia sobre a aceitação do testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Como verificado no Capítulo 2, as primeiras discussões em torno da aceitação do testemunho infantil, das metodologias e dos procedimentos a serem utilizados na pesquisa com criança indicam que os pesquisadores estão buscando elementos para qualificar essa produção. Porém, segundo Gatti (2007), Alves-Mazzotti (2001), Warde (2007), André (2001), entre outros, ainda é preciso buscar rigor e relevância na construção do conhecimento na pesquisa educacional, pois essa deve ser, como apontou Alves-Mazzotti (2001), uma meta política.

Diante dessas constatações, o presente panorama se caracteriza como os primeiros “passos”, “tateios”, “ensaios” sobre os estudos *com* criança na escola, na medida em que, ao elegermos como objeto de análise as metodologias, as estratégias, as técnicas, os procedimentos utilizados nessa produção, buscamos problematizar as implicações teóricas, metodológicas e éticas em torno do “ouvir” a criança, indicando elementos que possam contribuir para a construção dos “faróis de análise” no campo Educação e Infância. Esses aspectos serão aprofundados no Capítulo 4 desta dissertação, intitulado *As metodologias de pesquisa com criança na escola, o “ouvir” como uma tendência teórico-metodológica*.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE AS PESQUISAS *COM CRIANÇA NA ESCOLA*

Com o objetivo de traçar um panorama da produção e analisar as metodologias de pesquisa utilizadas *com* criança na escola, elegemos duas fontes primárias para realizar o levantamento: as Reuniões Anuais da ANPEd, por essas serem um importante meio de debate e embate a partir da apresentação de trabalhos e pôsteres de pesquisas em andamento e/ou finalizadas; e o banco de Teses e Dissertações da Capes, por esse conter, desde 1987, as dissertações e as teses defendidas nos programas de pós-graduação existentes no território nacional, representando, dessa maneira, uma importante fonte de produção e divulgação do conhecimento científico.

Assim, para tentar identificar essa produção nesses bancos de dados que apresentam uma configuração específica de coleta, especialmente a Capes, foi necessário percorrer um caminho metodológico caracterizado também por tateios, escolhas e usos de diferentes estratégias e procedimentos metodológicos. Nesse sentido, reconhecemos o caráter de provisoriedade dos resultados desta pesquisa.

3.1.1 A ANPEd como espaço privilegiado de divulgação e debates sobre a criança e a infância (2000-2010)

Como identificou Gatti (2007, p. 20), a ANPEd desde o final da década de 1970 exerce “papel marcado pela integração e intercâmbio de pesquisadores e na disseminação da pesquisa educacional e questões a ela ligadas”. A autora ainda afirma que a ANPEd “[...] sinaliza bem a expansão da pesquisa educacional nas instituições de ensino superior ou em centros independentes, públicos ou privados”. Devido à relevância científica das Reuniões Anuais da ANPEd, essas foram consideradas fundamentais e elementares para a análise do levantamento da produção sobre a pesquisa *com* criança na escola.

Foram selecionados 38 textos (Apêndice B), sendo 29 trabalhos e 9 pôsteres, resultados de pesquisas de mestrado e doutorado de programas de pós-graduação das universidades brasileiras, com exceção de um trabalho apresentado por pesquisadoras brasileiras em universidade no exterior. Essa seleção ocorreu a partir da identificação

no título dos trabalhos e dos pôsteres de que “ouviram” a criança na escola.

Assim, a coleta nas Reuniões Anuais da ANPEd, como demonstrado no Quadro 1, reuniu 38 trabalhos e pôsteres, representando apenas 0,8% da quantidade total dos 4.232 trabalhos e pôsteres apresentados em uma década. Foram 29 trabalhos e 9 pôsteres selecionados por terem realizado a pesquisa *com* criança na escola, por meio do registro de suas “falas” e “vozes”, como denominam os pesquisadores.

RAs da ANPEd (2000-2010)			
Edição/Ano	Total de trabalhos apresentados no ano	TRABALHOS SELECIONADOS	PÔSTERES SELECIONADOS
23ª RA ANPEd (2000)	296	1	0
24ª RA ANPEd (2001)	356	1	1
25ª RA ANPEd (2002)	270	1	1
26ª RA ANPEd (2003)	337	2	1
27ª RA ANPEd (2004)	373	1	2
28ª RA ANPEd (2005)	560	2	1
29ª RA ANPEd (2006)	412	3	0
30ª RA ANPEd (2007)	453	1	2
31ª RA ANPEd (2008)	409	4	0
32ª RA ANPEd (2009)	370	7	1
33ª RA ANPEd (2010)	396	6	0
TOTAL	4.232	29	9

Quadro 1 – Trabalhos e pôsteres selecionados que realizaram a pesquisa *com criança na escola*, no período de 2000 a 2010

Esse dado, por um lado, reafirma que ainda é pequena a produção *com* criança na escola nesse espaço de divulgação e debate sobre a pesquisa educacional. Tal constatação corrobora com a análise de Ezir Mafra Batista em sua dissertação de mestrado – *Criança, infância e escola: uma análise da produção discente no Brasil (1994 a 2004)* – sobre os sujeitos que são acessados no processo de pesquisa:

[...] constatamos em nossa amostra que os sujeitos que possuem o direito à palavra neste âmbito científico são os adultos, 50%, semelhante às práticas da sociedade em que vivemos, onde o direito à participação, de ser consultado e ouvido, quando respeitado, é dirigido àqueles considerados ‘competentes’. Somente 8% ‘potencialmente’ acessam crianças e adolescentes. Sendo que os demais 42% não acessam os atores sociais, tendo como foco de suas pesquisas outras dimensões (BATISTA, 2007, p. 227).

Por outro lado, a leitura de tais trabalhos e pôsteres expressa a emergência de um novo campo em construção – Educação e Infância –, influenciado fundamentalmente pela abordagem da chamada Sociologia da Infância. Esses, ao considerarem a criança como sujeito de sua pesquisa *na* creche, *na* pré-escola e *nos* anos iniciais, buscam utilizar distintas metodologias para registrar o ponto de vista, a representação das crianças, as vozes, as expressões etc.

Para melhor visualizar a construção do campo Educação e Infância, apresentamos abaixo o movimento desses debates e embates.

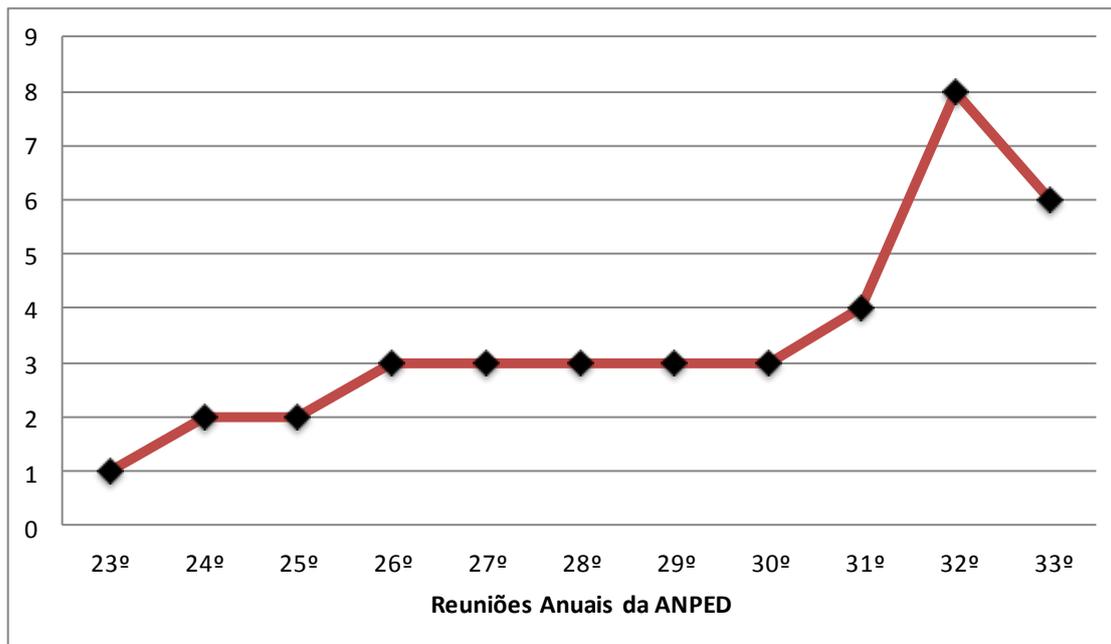


Gráfico 1 – Trabalhos e pôsteres selecionados que foram desenvolvidos *com* criança *na* escola, no período de 2000 a 2010, em valores absolutos

Observando o Gráfico 1, é possível visualizar que, em termos absolutos, a produção com criança na escola apresenta um crescimento gradativo, porém, entre os anos 2008 e 2010, observamos um aumento significativo na produção. Esse crescimento da produção, a partir da 25ª edição da ANPEd em 2002, parece estar relacionado ao *boom* da chamada Sociologia da Infância, principalmente a partir de 2000, quando houve também um crescimento de coletâneas e artigos abordando especificamente as pesquisas com criança (como evidenciado no Capítulo 2).

No quadro a seguir verificamos a quantidade de trabalhos e pôsteres selecionados e distribuídos ao longo de 10 anos, a partir dos 23 grupos de trabalhos (GTs) da ANPEd.

Edições	RAs da ANPEd (2000-2010)											TOTAL
	23 ^a	24 ^a	25 ^a	26 ^a	27 ^a	28 ^a	29 ^a	30 ^a	31 ^a	32 ^a	33 ^a	
GTs												
Educação e Arte	X ¹⁵	X	X	X	X	X	X	X	-	02	-	02
História da Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Movimentos Sociais	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01
Didática	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Estado e Política Ed.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Educação Popular	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
Ed. de Crianças de 0 a 6 anos	-	02	01	01	03	01	02	03	03	05	04	25
Form. de Professores	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Trabalho e Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alfabetização, Leitura e Escrita	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
Pol. de Ed. Superior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Currículo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

¹⁵ O símbolo representado pela letra X corresponde à identificação de que ainda não existia produção nesse campo. Já o símbolo representado pelo traço “-” corresponde à identificação de que existia produção nesse campo, mas que não estava relacionada à nossa seleção. Nos próximos quadros será utilizada essa conceituação.

	RAs da ANPEd (2000-2010)											
Ed. Fundamental	-	-	-	01	-	01	-	-	01	-	02	05
Sociologia da Ed.	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
Educação Especial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ed. e Comunicação	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
Filosofia da Ed.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ed. de Pessoas Jovens e Adultas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ed. Matemática	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Psicologia da Ed.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Ed. e Relações Étnico-raciais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ed. Ambiental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gênero, Sex. e Ed.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	01	02	02	03	03	03	03	03	04	08	06	38

Quadro 2 – Trabalhos e pôsteres selecionados nas RAs da ANPEd, no período de 2000 a 2010

Conforme demonstra o Quadro 2, o primeiro dado que salta à vista é o de que, dos 23 grupos de trabalho, apenas 9 abordam o tema em questão ao longo de 10 anos, tendo a maior concentração no GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, com 25 trabalhos e pôsteres, e em segundo lugar, mas não menos importante (já que a infância ainda é uma ideia restrita à educação infantil), o GT 13 – Educação Fundamental, com 5 trabalhos. Esses dados reafirmam a primazia da educação infantil nesse campo de estudos, porém o número de trabalhos identificados no GT 13 parece apontar que os pesquisadores estão iniciando as investigações sobre o fenômeno da infância nos anos iniciais do ensino fundamental, ao contrário de outras importantes áreas como a história, a didática, a filosofia, a formação de professores, que não apresentaram nenhum trabalho ou pôster sobre esse assunto, indicando que essas áreas ainda não reconhecem a criança como um sujeito capaz de testemunhar etc.

Quanto à amplitude territorial, dos 38 trabalhos e pôsteres selecionados, 19 referem-se às universidades da região Sul (somando 50% do total), com destaque para a UFSC; 11 da região Sudeste (somando 29% do total), com destaque para a UFF e a UFSCar; 7 da região Nordeste (somando 18% do total), com destaque para a UFC e UECE; e 1 da região Centro-Oeste (somando 3% do total). É interessante destacar que, dos 38 trabalhos e pôsteres selecionados na região Sul, 13 (7 trabalhos e 6 pôsteres) foram exclusivamente de pesquisadores da UFSC, que os apresentaram, em sua maioria, dentro dos GTs 07 e 13. Esse dado parece indicar que esta Universidade é uma das principais representantes do debate sobre a pesquisa *com* criança na escola, especialmente na educação infantil.

Quanto ao referencial teórico dos 29 trabalhos e 9 pôsteres, 19 (somando 50% do total) utilizaram como referência artigos presentes no livro *As crianças: contextos e identidades*, que foi organizado por Pinto e Sarmento (1997); 15 (somando 39% do total) utilizaram o artigo de Manuel Sarmento (2005), publicado no periódico *Educação e Sociedade*, intitulado *Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância*; e 10 (somando 26% do total) usaram o artigo de Corsaro (2005), que também foi publicado pela Fundação Carlos Chagas, que ainda veiculou os artigos de Montandon (2001) e os de Sirota (2001). Esse dado evidencia a divulgação do referencial teórico da Sociologia da Infância, principalmente por meio dos estudos de Manuel José Sarmento, Manuel Pinto e Willian Corsaro, e também indica uma característica específica da construção do campo Educação e Infância a partir da Sociologia da Infância, de base fenomenológica.

Outras referências presentes nas coletâneas e nos periódicos citados anteriormente foram as de Kramer e Leite (1996), Sirota (2001), Montandon (2001), Kramer (2002), Faria, Demartini e Prado (2005), Quinteiro (2005), Müller e Delgado (2005) e Rocha (1999).

Vale observar e esclarecer que, dos 38 trabalhos e pôsteres selecionados, 10 não realizaram a pesquisa *com* criança na escola, mas sim discutiram a respeito das questões e das implicações teórico-metodológicas da pesquisa com criança, tais como a utilização da videogravação e da fotografia como registro, a devolutiva como procedimento, a participação da criança na pesquisa, a importância da etnografia, o movimento investigativo em torno da criança, a construção do campo Educação e Infância, e um balanço da produção sobre a pesquisa *com* criança no GT 07 no período entre 1999 e 2009. Os outros 19 trabalhos e 9 pôsteres desenvolveram pesquisas *com* criança na escola de educação infantil e ensino fundamental, ouvindo o seu ponto de vista sobre as seguintes temáticas: escola (6), brincar (4), criança e infância (3), cotidiano/rotina (3), resistência (3), participação (2), espaço/tempo (2), infância e filosofia (2), manifestações infantis (1), cultura midiática (1) e autoridade (1).

Esses, ainda, utilizam as seguintes metodologias para registrar e investigar as representações da criança na escola, de acordo com a definição dos próprios pesquisadores: orientação/caráter/cunho/inspiração etnográfica (8), estudo de caso etnográfico ou estudo de tipo etnográfico (3), pesquisa com o cotidiano (4), estudo de caso (2), pesquisa experimental (2), pesquisa qualitativa (1), entrevista com criança (1), pesquisa de campo (1), prática clínica psicológica (1), não tendo cinco trabalhos deixado claro qual a metodologia utilizada, apenas citado alguns procedimentos metodológicos. Apesar da diversidade metodológica utilizada pelos pesquisadores, nem sempre com critérios bem definidos, 11 trabalhos e pôsteres utilizam a etnografia como a metodologia mais adequada para “ouvir” a criança na escola, evidenciando o predomínio dessa opção metodológica na constituição do campo Educação e Infância.

Enquanto a principal metodologia utilizada foi a etnografia, os procedimentos variaram entre diferentes formas e estratégias para registrar as representações da criança na escola, tais como nota/caderno/diário de campo/de bordo (18), observação participante (15), entrevistas (11), registros fotográficos (9), videogravações (6), desenhos (6), audiogravações (5), conversas informais (4), contação de história (2), interações a partir de produções culturais (2), carta etnográfica (1) e artefato (1). Essa variedade metodológica demonstra o

quanto ainda é recente e desafiador realizar uma pesquisa *com* criança, buscando compreender o que é ser criança a partir do seu ponto de vista. Os desafios teóricos e metodológicos e as implicações éticas perpassam toda a produção *com* criança, evidenciando os limites e as possibilidades desse campo que se encontra em construção.

Cabe destacar que, dos 25 trabalhos e pôsteres selecionados no GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, 5 trabalhos focaram a discussão sobre as questões e as implicações teórico-metodológicas da pesquisa com criança, 15 trabalhos e 5 pôsteres foram relatos de pesquisas que buscaram “ouvir” a criança na educação infantil e na pré-escola.

Um dado chamou a atenção, dos 25 trabalhos e pôsteres apresentados na ANPEd em 10 anos nesse GT, a UFSC se destacou com 5 trabalhos e 2 pôsteres apresentados por pesquisadores e pesquisadoras do grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (Nupein). Esse grupo tem contribuído para as discussões e a defesa de uma *Pedagogia da Infância*, representada pelas discussões e pelas publicações de Rocha (1999), bem como vem desenvolvendo pesquisas *com* criança na escola de educação infantil, a partir do ponto de vista da criança. Esse GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos da ANPEd se constitui como um importante meio de divulgação dessa produção.

Na 33^a edição em 2010, um importante trabalho foi localizado e merece destaque, pois apresentou uma análise da produção do GT 07 no período entre 1999 a 2009, indicando elementos que convergem com os dados apresentados nesta pesquisa. Martins Filho (2010, grifos nossos) destacou que o seu trabalho objetivou

[...] investigar as pesquisas que se dedicaram a observar, analisar e compreender *jeitos de ser criança*, tendo em vista traçar, mapear e examinar os procedimentos teórico-metodológicos utilizados, bem como as concepções de criança e infância subjacentes às escolhas metodológicas dos pesquisadores.

Um dos resultados da pesquisa destacados pelo autor relaciona-se com o que já foi dito anteriormente sobre o importante papel que a Sociologia da Infância exerceu sobre esse campo de estudos que privilegia a criança como sujeito da investigação, já que em sua pesquisa, dos 25 trabalhos selecionados, 21, ou seja, 47% do total,

utilizaram esse referencial. Martins Filho destacou também o estudo de caso como a abordagem qualitativa e interpretativa mais utilizada, a partir de procedimentos diversos, tais como o registro etnográfico e fotográfico, a filmagem em vídeo, a observação participante e os desenhos das crianças.

Retomando a descrição do Quadro 2, dos 4 trabalhos e 1 pôster apresentados no GT 13 – Educação Fundamental, 1 trabalho e 1 pôster ressaltaram a importância do brincar a partir da fala da criança; 2 trabalhos focaram a importância da filosofia e o olhar da criança sobre a escola, sobre a infância a partir de suas narrativas; e, por fim, 1 trabalho focou a participação da criança na escola como um desafio nas séries iniciais. Esses chamam a atenção, pois, apesar de as pesquisas *com* criança buscarem compreender como esse ser humano de pouca idade representa seu próprio universo, pensa e concebe o mundo e, particularmente, a escola, a quantidade de pesquisas que “ouviram” a criança sobre sua infância dentro da escola de ensino fundamental ainda é rarefeita, confirmando as nossas hipóteses de que a infância ainda se encontra restrita à educação infantil.

Ressalta-se ainda que, na 23^a edição da ANPED no ano 2000, um trabalho foi selecionado por buscar “dar voz a crianças, em entrevistas estruturadas e semi-estruturadas” na escola de ensino fundamental dentro do GT 06 – Educação Popular. Esse trabalho parece representar um marco dentro desse grupo bibliográfico, pois focou a categoria infância e sua relação com a escolaridade na “voz de três meninas de bairro popular de cidade do interior paulista”, antecedendo sobremaneira as discussões sobre a criança como “ator social” e sujeito da pesquisa no Brasil, a partir do referencial teórico da chamada Sociologia da Infância. O referencial teórico se constituiu, basicamente, a partir da história, com o estudo de Ariès (1981); da antropologia, com as discussões sobre a etnografia por meio das pesquisas realizadas por Fonseca (1989, 1999), Souza e Kramer (1994), Mello (1998), Gusmão (1997); e da pedagogia, com o estudo de Perrenoud (1995). Esse trabalho chama a atenção, na medida em que ouviu a criança da 2^a série do ensino fundamental e, de certa forma, ousou utilizar a entrevista estruturada e semiestruturada em um tempo e espaço que ainda carecem saber muito sobre tal procedimento.

Apesar da recente criação do GT 24 – Educação e Arte, apenas na 31^a edição em 2008, foram localizados dois significativos trabalhos, um sobre as questões metodológicas envolvidas no uso da imagem na pesquisa *com* criança e outro sobre uma pesquisa realizada *com* criança

na educação infantil, a partir de sua produção e apropriação artístico-cultural.

Destaca-se que, nos GTs Sociologia e Psicologia da Educação, os dois trabalhos selecionados abordaram questões teóricas relativas à Sociologia da Infância. Enquanto na sociologia o debate focou a emergência da Sociologia da Infância dentro da constituição do campo Educação e Infância no Brasil, na psicologia a pesquisa desenvolvida com crianças entre 5 e 12 anos utilizou especificamente o referencial da Sociologia da Infância para entender os conceitos aí imbricados e especialmente o das culturas da infância. É possível evidenciar, a partir desses dados, que a produção *com* criança na escola já inicia seus primeiros passos, mas ainda não constitui o foco de interesse e investigação dos pesquisadores dentro da sociologia e da psicologia. Esse fato demonstra como as discussões teóricas evidenciadas pelo movimento da chamada Sociologia da Infância ainda estão restritas à área da Educação.

Um dado chamou a atenção quanto às adjetivações usadas para definir a metodologia das pesquisas: pesquisa com crianças; experiência, narrativas, perspectivas, ponto de vista, ótica, visão, sentidos e significações das crianças, o que dizem, falam, sentem; com olhos de criança; vozes; “ouvir” crianças. Essas adjetivações definem a produção em torno do “ouvir” a criança na escola e representam a nova tendência na pesquisa educacional que considera a criança como um sujeito capaz de testemunhar sobre o seu tempo. Porém, as adjetivações que têm sofrido certos procedimentos, técnicas e estratégias de pesquisa no campo Educação e Infância indicam algumas fragilidades teórico-metodológicas desse campo, como poderá ser verificado na discussão do Capítulo 4.

Dessa forma, como podemos averiguar no mapeamento dos trabalhos e dos pôsteres apresentados nas 11 edições das RAs da ANPEd, a produção *com* criança na escola ganhou espaço no desenvolvimento e na consolidação da pós-graduação e da pesquisa no campo educacional, principalmente a partir de 2008, em sua 31ª edição, quando o número de trabalhos e pôsteres teve um aumento gradativo e significativo, especialmente a partir do GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, principal representante dos estudos sobre a infância na escola de educação infantil na ANPEd, demonstrando a incorporação da perspectiva da criança como “ator social” e sujeito da pesquisa. Mas, principalmente, indicou a mudança em torno da condição da criança na pesquisa educacional, de sujeito silenciado à condição de testemunha da história.

A seguir, verificam-se os dados identificados no levantamento da produção acadêmica na Capes, a partir da amostra de teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2010 e da seleção das dissertações que realizaram a pesquisa *com* criança na escola sobre infância nos diversos programas de pós-graduação em Educação espalhados pelo Brasil. Esses trabalhos contribuem para caracterizar a constituição do campo Educação e Infância.

3.1.2 A Capes como fonte sobre as pesquisas com criança na escola (1987-2010)

O Banco de Teses e Dissertações da Capes se constituiu como fonte privilegiada desta pesquisa, por esse contemplar uma quantidade significativa de pesquisas que foram realizadas com criança na escola e que têm como foco o “ouvir” a criança sobre o seu modo de ser e pensar, principalmente nas últimas duas décadas. O levantamento da produção com a criança na escola sobre infância nesse banco de dados evidenciou que, a partir do ano 2000, a produção cresceu, ampliou-se e diversificou-se tematicamente, contribuindo para dar visibilidade para a criança e a infância na pesquisa educacional.

Com o objetivo de caracterizar e traçar um panorama dessa produção, exclusivamente, nos programas de pós-graduação em Educação no Brasil, realizamos ao longo da pesquisa diversos ensaios de buscas nesse banco, o que exigiu um longo período de aproximação a partir da utilização de diferentes assuntos. Dessa maneira, ao optar por “narrativas infantis”, “testemunho oral”, “ouvir criança na escola sobre infância”, “metodologia de pesquisa com criança na escola sobre infância” e “pesquisa com criança na escola sobre infância”, buscou-se localizar uma quantidade significativa de teses e dissertações que contemplassem o tema desta pesquisa em seu título, palavras-chave ou resumo.

Ao utilizar o assunto “narrativas infantis”, localizou-se um total de 260 pesquisas (56 teses e 204 dissertações). Desse total foi possível identificar 5 teses e 10 dissertações desenvolvidas *com* criança na

escola,¹⁶ com destaque para as dissertações de Lima (2000), *As narrativas de crianças em interação na pré-escola: um estudo sobre seus conhecimentos*; Santos (2007), *Respeito, sou criança: as narrativas infantis sobre o mundo de gente grande*; Horn (2008), *Tudo na escola tem asas... Até a gente: os saberes das crianças no contexto escolar da educação infantil*; Salomão (2008), *A gente tem que falar para crescer: possibilidades e desafios do trabalho pedagógico mediante a escuta das narrativas infantis*; Neto (2008), *Alfabetização cotidiana: lendo o espaço, descobrindo o mundo e escrevendo a palavravmundo nas séries iniciais*; e Freire (2010), *O jeito de ser menina e menino no cotidiano da educação infantil*.¹⁷

Já com o assunto “testemunho oral” localizou-se um total de 95 trabalhos, 20 teses e 75 dissertações, porém nenhum trabalho pôde ser selecionado com o tema desta pesquisa. Evidenciando que o testemunho oral ainda não se constitui como um procedimento de registro possível de ser utilizado na pesquisa *com* criança na escola, em alguns exemplos a criança foi considerada como “aluno”, por meio da avaliação fonética, linguística, fonoaudiológica, porque, como identificado no Capítulo 2, ainda é recente o interesse por parte dos pesquisadores em acessar e “ouvir” a criança sobre o seu modo de ser e estar no mundo. De acordo com Batista (2007, p. 228),

De modo geral as pesquisas que acessam crianças e adolescentes fundamentalmente procuram-nas pela função que exercem no interior da instituição escolar: o papel de alunos/alunas. [...] É comum nessa amostra a preponderância da busca pelos aspectos cognitivos sobre outros saberes e informações que esses sujeitos têm a declarar, buscando identificar indicativos metodológicos para se elaborar a melhor forma de organizar o ensino.

¹⁶ Três dissertações identificadas a partir das “narrativas infantis” foram selecionadas para análise a partir do assunto “Metodologias de pesquisa com criança na escola sobre infância”, a saber: Gomes (2005), Machado (2007) e Souza (2009).

¹⁷ Estas dissertações não foram localizadas quando realizamos a seleção a partir dos assuntos “Pesquisa *com* criança na escola sobre infância” e “Ouvir crianças na escola sobre infância”, indicando os limites desse banco de dados, e também da escolha das palavras-chave, do título e da formulação do resumo pelos pesquisadores e pelas pesquisadoras que não contemplaram tais categorias.

Muitas dissertações e teses também foram desenvolvidas na área de história, porém por meio do testemunho oral de mulheres, homens, velhos, professores e historiadores sugerindo que muitos pesquisadores parecem ainda não reconhecer a criança como sujeito capaz de testemunhar sobre seu tempo e sua própria história. Quinteiro (2000, p. 36), ao corroborar com as afirmações de Ulivieri (1986), destaca que

[...] a falta de uma história da infância e seu registro historiográfico tardio, son un indicio, “de La incapacidad por parte del adulto de ver al niño em su perspectiva histórica’. [...] cabe decir que, al no existir el niño com todas sus características infantiles, tampoco existia su historia”.

Como as primeiras buscas não foram suficientes para visualizar o panorama da produção em torno do tema desta pesquisa, houve a necessidade de utilizarmos os seguintes assuntos: “metodologia de pesquisa com criança na escola sobre infância”, “ouvir crianças na escola sobre infância” e “pesquisa com criança na escola sobre infância”. Novamente, é importante destacar que o termo “sobre infância” foi utilizado como um filtro analítico no intuito de refinar e qualificar o levantamento e, assim, localizar um número representativo de teses e dissertações relacionadas ao tema desta pesquisa.

Com o assunto “metodologia de pesquisa com criança na escola sobre infância”, chegou-se a um resultado de 46 teses e 172 dissertações (218). Desses trabalhos, após a leitura dos resumos, selecionamos um total de 9 teses e 29 dissertações defendidas entre 1987 e 2010 que realmente “ouviram” a criança na escola.

Com o assunto “ouvir criança na escola sobre infância”, localizaram-se 9 teses e 26 dissertações (35). Dessa quantidade, 3 teses (somando 6% do total de 46 teses) e 9 dissertações (somando 5% do total de 172 dissertações) “ouviram” a criança na escola. Porém, das 9 dissertações selecionadas, 6 já estavam presentes no levantamento com o assunto “metodologia de pesquisa com criança na escola sobre infância” (COSTA, 2000; GOULART, 2010; MACHADO, 2007; SCHENEIDER, 2004; SILVA, 2008; WOLFF, 2006).

Ao identificarmos durante a realização do levantamento a ausência de importantes pesquisadores que investigam sobre a criança e a infância, houve a necessidade de realizarmos outra busca na Capes, agora com o assunto “pesquisa com criança na escola sobre infância”.

Desse modo, após cercar todas as possibilidades em acessar a produção sobre o tema desta pesquisa, chegou-se ao assunto que contemplou de forma adequada as teses e as dissertações desenvolvidas com criança na escola a partir do registro de suas representações, escutando o que elas tinham a dizer sobre o seu modo de ser na escola. Esse tema, inclusive, contemplou todas as teses e dissertações que foram selecionadas com os outros dois assuntos. Assim, a partir do assunto “pesquisa com criança na escola sobre infância”, foi possível obter o real panorama da produção.

Com esse assunto, chegou-se ao resultado de 724 pesquisas (140 teses e 584 dissertações) e, após a leitura dos resumos, foi possível selecionar 35 teses (somando 25% do total de 140 teses) e 99 dissertações (somando 17% do total de 584 dissertações) que “ouviram” a criança na escola. Todas essas informações e dados encontram-se organizados em três quadros e um gráfico. O Quadro 3 contém a quantidade total de teses e dissertações localizadas no período de 1987 a 2010; no Quadro 4 são identificadas as teses e as dissertações selecionadas; e o Quadro 5 reúne as 99 dissertações selecionadas a partir dos seguintes dados: Título da pesquisa; Autor(a); Orientador(a); Ano (da defesa) e Local (Programa de Pós-Graduação em Educação). Já o Gráfico 2 reúne as dissertações selecionadas em valores absolutos.

Ao utilizar o assunto “pesquisa com criança na escola sobre infância”, buscou-se, justamente, dar visibilidade às principais tendências metodológicas presentes na produção acadêmica representada, principalmente pelas dissertações de mestrado,¹⁸ e também identificar como a infância vem sendo evidenciada na fala da criança dentro da escola.

Desse modo, no Quadro 3 a seguir tem-se a quantidade de teses e dissertações distribuídas entre os anos 1987 e 2010, ou seja, duas décadas de produção sobre a criança e a infância no Brasil.

Período (década)	1987	1990	2000	
Tipo de produção	a	a	a	Subtotal
	1989	1999	2010	
Teses – Banco de teses	1	9	130	140

¹⁸ A análise desenvolvida focou as dissertações de mestrado, pois não é possível em dois anos de mestrado analisar as teses de doutorado que são desenvolvidas em quatro anos de estudos.

Capes				
Dissertações – Banco de Teses Capes	0	37	547	584
TOTAL	1	46	677	724

Quadro 3 – Total de teses e dissertações sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância” (1987 a 2010)

Como se pode observar no quadro acima, das 724 teses e dissertações, apenas uma tese foi defendida em 1989, na área da psicologia clínica, demonstrando que a produção *com* criança na escola *sobre infância* ainda não era o foco de investigação. Já no período entre 1990 a 1999, foram localizadas 9 teses (somando 1% do total de 724) e 37 dissertações (somando 5% do total de 724). Essas focaram temáticas relacionadas com a criança e o adolescente em condição de rua, como objeto de guarda, abandonada, e focaram também os saberes docentes. Nesse período a produção sobre a infância na escola ainda não era considerada pela pesquisa educacional, como verificado nas discussões do Capítulo 2. Porém, a partir do período entre 2000 e 2010, os dados evidenciam um aumento significativo da produção, com 130 teses (somando 18% do total de 724) e 547 dissertações (somando 75% do total de 724), corroborando com a constituição do campo Educação e Infância.

Dessa quantidade, 35 teses e 99 dissertações foram selecionadas, pois elegeram a criança como sujeito capaz de testemunhar no âmbito da pesquisa educacional, sendo 35 teses (somando 26% do total de 134) concluídas entre 2000 a 2010, 3 dissertações (somando 2% do total de 134) defendidas na década de 1990 e 131 na primeira década do século XXI. Adiante se destacam as 134 teses e dissertações selecionadas a partir de programas de pós-graduação em Educação que realizaram a pesquisa *com* criança na escola ouvindo o seu ponto de vista.

Período (década)	1987	1990	2000	
Tipo de produção	a	a	a	Subtotal
	1989	1999	2010	
Teses – Banco de teses Capes	0	0	35	35
Dissertações – Banco de	0	3	96	99

Teses Capes				
TOTAL	0	3	131	134

Quadro 4 – Teses e dissertações selecionadas sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância” (1987 a 2010)

Das 134 teses e dissertações, apenas 3 dissertações foram defendidas na década de 1990 e 131 (35 teses e 96 dissertações) entre os anos 2000 e 2010, evidenciando o crescimento da produção *com* criança na escola, a partir do registro de sua representação, nesse período. Esse dado corrobora com a afirmação feita por Batista (2007, p. 50) a respeito da produção sobre infância no período entre 1994 e 2004, quando afirma que, “[...] no que tange aos trabalhos que tomam a infância como tema, é perceptível seu inicial destaque na década de 1990 e considerável crescimento, quantitativo e qualitativo, nos anos iniciais de 2000”.

A seguir, no Gráfico 2, destacam-se as 99 dissertações selecionadas em termos absolutos.

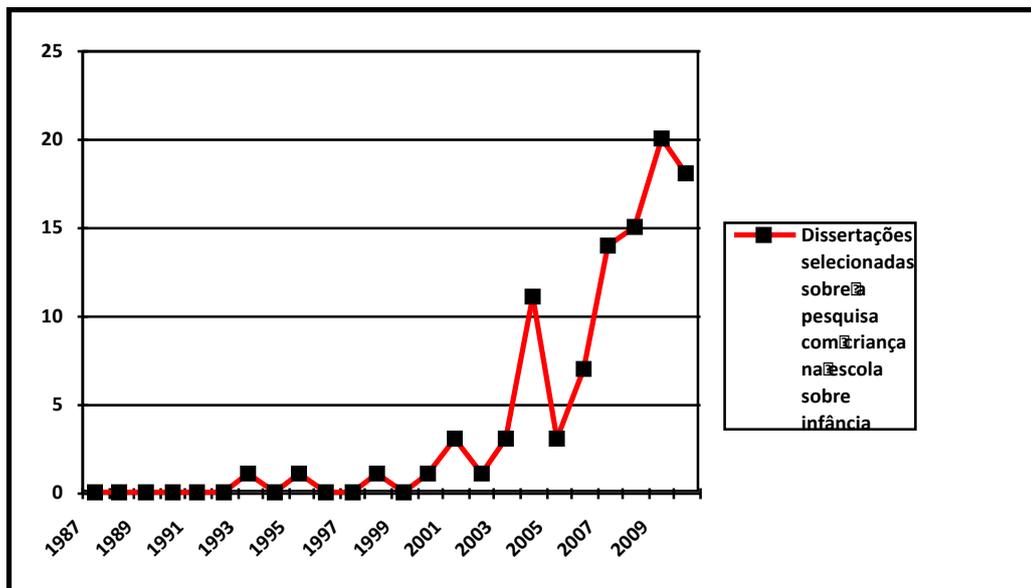


Gráfico 2 – Dissertações selecionadas sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância”, no período de 1987 a 2010, em valores absolutos

Como se pode verificar, a produção com a criança na escola a partir de seu ponto de vista inexistiu na década de 1980, sendo na década de 1990 selecionadas apenas três dissertações. Os dados evidenciam que houve um *boom* na produção, principalmente a partir de 2006, coincidindo com os dados da ANPEd.

Os 99 resumos das dissertações continham em seus títulos, resumos e/ou palavras-chave a pesquisa *com* criança na escola *sobre infância* e foram lidos no intuito de destacar algumas características gerais que apontam indícios sobre o campo de pesquisa Educação e Infância. Essas características serão apresentadas após o Quadro 5, que contém as dissertações selecionadas. É importante esclarecer, antes da apresentação desse quadro, algumas dificuldades encontradas durante o levantamento e a seleção desses trabalhos, as quais são descritas na sequência.

1. Dificuldade em acessar teses e dissertações específicas da Educação, já que a base de dados da Capes não oferece a opção de filtro com relação à área de conhecimento sobre a qual se deseja pesquisar, apresentando pesquisas de diversas áreas.

2. Devido à formulação (pelos autores) do título, das palavras-chave e do resumo, alguns trabalhos não foram identificados no levantamento a partir dos assuntos utilizados. São exemplos de pesquisas que ficaram fora dessa seleção a de Angela Maria Scalabrin Coutinho (2002) e a de Elaine de Paula (2007), entre outras.

3. Dificuldade em acessar o texto na íntegra, por exemplo, a dissertação da pesquisadora Moyara Rosa Machado, defendida no ano de 2007 no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, e a dissertação da pesquisadora Márcia Tereza Fonseca Almeida, defendida em 2010 no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia, não foram localizadas, pois não estavam disponibilizadas na internet e nem cadastradas na Comutação Bibliográfica (Comut). Como já mencionamos anteriormente, essa seria uma obrigatoriedade.

4. Ao utilizarmos na seleção das teses e das dissertações os dois assuntos “pesquisa com criança na escola sobre infância” e “ouvindo crianças na escola sobre infância”, no critério de busca do banco da Capes “expressão exata” nenhuma tese ou dissertação foi localizada.

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
1. O conceito de criança na pré-escola: gênero, poder e subjetividade	Denise da Silva Maia	Eizirik Marisa Faermann	1993	UFRGS
2. A polifonia de Bakhtin nas vozes infantis – o reatar dos laços	Maria Angelica Pampolha Algebaile	Sônia Kramer	1995	UERJ
3. Criança e pintura: ação e paixão do conhecer na educação infantil	Sandra Regina Simonis Richter	Analice Dutra Pillar	1998	UFRGS
4. Eu também quero falar: um estudo sobre infância, violência e educação	Marcia Rosa da Costa	Nilton Bueno Fischer	2000	UFRGS
5. Infância e imagem nas transformações contemporâneas da subjetividade – o que a escola tem a ver com isso?	Luciene Poiares de Avelar Alberoni	Luis Antônio dos Santos Baptista	2001	UFF
6. Infância (des)velada: um estudo sobre o processo de construção de identidades de afrodescendentes	Andréa Borges de Medeiros	Roberto Alves Monteiro	2001	UFJF
7. Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no interior da creche	Alessandra Mara Rotta de Oliveira	Ana Beatriz Cerisara	2001	UFSC
8. Revisitando o lúdico no saber popular: as brincadeiras infantis populares na escola pública	João Joaquim Soares	Janine Marta Coelho Rodrigues	2002	UEPB
9. O lugar de meninas e meninos do ensino fundamental da rede municipal do Recife	Waldenice Maria de Mendonça Pereira	Maria Luiza Neto Siqueira	2003	UFPE

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
no contexto da sala de aula				
10. Adaptação da criança à forma escolar: elementos para uma reflexão	Fernanda Germani de Oliveira	Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt	2003	UFPR
11. A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança	Maria Raquel Barreto Pinto	Jucirema Quintero	2003	UFSC
12. Nas tramas do cotidiano: adultos e crianças construindo a educação infantil	Silvia Néli Falcão Barbosa	Sônia Kramer	2004	PUC-RIO
13. Corpos dóceis?, docilmente produzidos. Ninguém duvida do poder da escola. Mas como negar a subjetividade infantil?	Cássia Virgínia Moreira de Alcântara	Wilma Porto de Prior	2004	UFS
14. As dimensões política e pedagógica da participação da criança na escola: um estudo de tipo etnográfico	Karine Maria Antunes	Jucirema Quintero	2004	UFSC
15. O valor simbólico da escola e trabalho: representações sociais de crianças trabalhadoras das camadas populares de Teresina – Piauí	Eduardo Aguiar Bezerra	Luis Carlos Sales	2004	UFPI
16. Consciência e atividade: um estudo sobre (e para) a infância	Gisele Toassa	Suely Amaral Mello	2004	UNESP
17. O brincar na infância: um estudo em instituição especial para deficientes mentais	Gláucia Uliana Pinto	Maria Cecília Rafael de Góes	2004	UNIMEP
18. A atividade na educação infantil: um	Ilona Patrícia Freire	Ana Beatriz	2004	UFSC

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
estudo a partir de um CEI público municipal	Rech	Cerisara		
19. Crianças de classes populares e suas representações sobre infância, família, escola e raça/etnia	Cláudia Machado	Nara Maria Guazzelli Bernardes	2004	PUC-RS
20. Brincar é um modo de dizer: um estudo de caso em uma escola pública	Maria Luisa Schneider	Diana Carvalho de Carvalho	2004	UFSC
21. Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da educação infantil	Bianca Salazar Guizzo	Jane Felipe de Souza	2004	UFRGS
22. Brinquedos e brincadeiras no recreio escolar: significados e possibilidades	Marta Lúcia Mendes	Anita Cristina Azevedo Resende	2004	UFG
23. Dos “segredos sagrados”: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil	Judite Guerra	Jane Felipe de Souza	2005	UFRGS
24. Infância, práticas culturais e consumo: um olhar sobre crianças e adultos, numa escola pública	Núbia de Oliveira Santos	Sônia Kramer	2005	PUC-RIO
25. Narrativas infantis: contribuição para a autoria da criança	Heloise Soares Gomes	Tizuko Morchida Kishimoto	2005	USP
26. A infância do movimento em movimento: linguagem e identidade sem	Marinete Souza Marques Martins	Gerda Margit Schutz Foerste	2006	UFES

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
terrinha				
27. Diálogos na educação infantil: concepções de infância	Nathalye Nallon Machado Ribeiro	Léa Stahlschmidt Pinto Silva	2006	UFJF
28. Como é ser menino ou menina na escola: um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar	Carlos Castilho Wolff	Diana Carvalho de Carvalho	2006	UFSC
29. O telefone celular e algumas repercussões nos modos de vida da infância e na vida escolar	Lilian Ivana Born	Marisa Cristina Vorraber Costa	2006	ULBRA
30. O brincar, a criança e a escola – tramas de um caminho	Zilá Gomes de Moraes Flores	Claudia Luiza Caimi Noeli Valentina Weschenfelder	2006	UNIJUÍ
31. Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?	Alexandre Toaldo Bello	Jane Felipe de Souza	2006	UFRGS
32. O direito de brincar: construindo a autoria do pensar	Ana Teresa Gavião Almeida Marques da Silva	Marieta Lucia Machado Nicolau	2006	USP
33. Inclusão na educação infantil: as crianças nos (des)encontros com seus pares	Ana Maira Zortea	Maria Carmen Silveira Barbosa	2007	UFRGS
34. Identidade étnico-racial em contexto lúdico: um jogo de cartas marcadas?	Marcele Arruda Cabral Costa	Maria de Fatima Vasconcelos da Costa	2007	UFC

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
35. A constituição do eu entre crianças na educação infantil: diferentes modos de ser menina e de ser menino	Zínia Fraga Intra	Ivone Martins de Oliveira	2007	UFES
36. Saberes e fazeres das crianças: manifestações das culturas infantis em situações dirigidas pela professora	Carla Andréa Lima da Silva	Patrícia Corsino	2007	UFRJ
37. O cravo e a rosa: identidades generificadas na educação infantil	Jussara Pietczak Appelt	Noeli Valentina Weschenfelder	2007	UNIJUÍ
38. As crianças e o exercício das práticas de autoridade	Flávia Miller Maethe Motta	Sônia Kramer	2007	PUC-RIO
39. O que as crianças falam sobre o museu	Célia Lúcia Baptista Flores	Jucirema Quinteiro	2007	UFSC
40. A globalização e a infância: reflexões nas falas das crianças	Marcia Rejane Scherer	Noeli Valentina Weschenfelder	2007	UNIJUÍ
41. Convivendo com o cotidiano de uma escola de educação infantil: o brincar e o educar na sua dimensão pedagógica	Raquel Pigatto Trevisan	Noeli Valentina Weschenfelder	2007	UNIJUÍ
42. A participação infantil nos processos de gestão na escola da primeira infância	Clarice Verissimo Isaia	Maria Carmen Barbosa	2007	UFRGS
43. "Eu começava a olhar uma coisa que me interessava e já tinha que olhar outra": refletindo sobre a relação dialógica entre o museu de arte e a criança	Adriana Aparecida Ganzer	Maria Isabel Ferraz Pereira Leite	2007	UNESC

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
44. O faz-de-conta como atividade promotora de desenvolvimento infantil e algumas contribuições acerca de suas implicações para o aprender a ler e escrever	Nara Soares Couto	Suely Amaral Mello	2007	UNESP
45. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: o que dizem as crianças	Moyara Rosa Machado	Vania Carvalho de Araújo	2007	UFES
46. Crianças e escola em três atos: um estudo sobre infância, cidadania e autoria nas séries iniciais do ensino fundamental	Flávia Lopes Lobão	Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho	2007	UNIRIO
47. A infância nas tramas do poder: um estudo das relações entre as crianças na escola	Gabriela Silveira Meireles	Anderson Ferrari	2008	UFJF
48. A televisão no universo escolar da educação infantil	Izabelle Lima Marino	Eliane Medeiros Borges	2008	UFJF
49. Da educação infantil ao ensino fundamental: com a palavra a criança: um estudo sobre a perspectiva infantil no início do percurso escolar	Teresa Cristina Fernandes Teixeira	Silvia de Mattos Gasparian Colello	2008	USP
50. O que é ser criança e viver a infância na escola: uma análise da transição da educação infantil para o ensino fundamental numa escola municipal de	Arleandra Cristina Talin do Amaral	Paulo Vinícius Baptista da Silva	2008	UFPR

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
Curitiba				
51. Entre a educação infantil e o ensino fundamental: uma análise das vivências espaço-temporais das infâncias	Lenir Luft Schmitz	Noeli Valentina Weschenfelder	2008	UNIJUÍ
52. Olhares de “crianças” sobre gênero, sexualidade e infância	Geisa Orlandini Cabicieira	Maria de Fátima Salum Moreira	2008	UNESP
53. Criança na vida/aluno na escola: “uma análise sobre as possibilidades e os limites da escola como um lugar da infância”	Maria das Dores Santos Silva	Vania Carvalho de Araújo	2008	UFES
54. A brincadeira na instituição de educação infantil em tempo integral: o que dizem as crianças?	Viviam Carvalho de Araújo	Léa Stahlschmidt Pinto Silva	2008	UFJF
55. Infância e música: mediações constitutivas da relação da criança com os produtos culturais massivos	Petronília Pereira dos Santos	Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald	2008	UERJ
56. “Oi, meu nome é Jefferson e sou uma criança”: ser criança sob o olhar das crianças	Juliana da Silva Uggioni	Gladir da Silva Cabral	2008	UNESC
57. A participação das crianças na produção de <i>websites</i> nas escolas públicas municipais de Florianópolis	Rosane Maria Kreuch	Gilka Elvira Ponzi Girardello	2008	UFSC
58. O que as crianças cantam na escola?	Nélia Mara Rezende	Rita Marisa Ribes Pereira	2008	UERJ

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
Um estudo sobre infância, música e cultura de massa	Macedo			
59. Representações infantis sobre desenhos animados televisivos: um estudo com crianças entre 4-5 anos	Fernanda Mendes Cabral A. Coelho	Adelaide Alves Dias	2008	UFPB
60. O que as crianças falam e quando elas se calam: o preconceito e a discriminação étnico-racial no espaço escolar	Marluce Leila Simões Lopes	Vania Carvalho de Araújo	2008	UFES
61. O espaço e o lugar de educação infantil da rede pública de Petrópolis pelo olhar das crianças	Paola Garcia	Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino	2008	UCP
62. A educação infantil na perspectiva da criança de contexto rural: questões para pensar a política de educação do campo em Juiz de Fora	Denise Rangel Miranda	Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino	2009	PUC-Petrópolis
63. Estereótipos étnicos nas representações sociais de crianças escolarizadas em São Luís do Maranhão	Karla Cristina Silva Sousa	João de Deus Vieira Barros	2009	UFMA
64. Na primeira série aos seis anos: as experiências das crianças/alunas e da professora/pesquisadora no ambiente escolar	Juliana Wild do Vale Matsuzaki	Maria Machado Malta Campos	2009	PUC-SP
65. A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta	Eliza Reverso Vieira	Suely Amaral Mello	2009	UNESP

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
à luz da Teoria Histórico-Cultural				
66. Quais os espaços imaginativos presentes nas aulas de Artes?: um estudo de caso com alunos da terceira série da E. E. B. Professora Maria Garcia Pessi	Maria Helena Perico da Silva	Celdon Fritzen Maria Isabel Ferraz Pereira Leite	2009	UNESC
67. A infância nas linhas entrecruzadas do conceito de tempo	Maria José Duarte Catão	Ângela Maria Dias Fernandes	2009	UFPB
68. O que pensa a criança pequena sobre a escola infantil	Andréia Dutra Escarião	Adelaide Alves Dias	2009	UFPB
69. Conversando com crianças na educação infantil: suas percepções sobre as interações e situações vividas no espaço escolar	Fernanda Omelczuk Walter	Eliana Bhering	2009	UFRJ
70. As marcas da cultura nos desenhos das crianças	Margarete Sacht Góes	César Pereira Cola	2009	UFES
71. Não tem parquinho, mas eu adoro brincar aqui. O uso do espaço escolar pelas crianças em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora	Franciana Caon Amorim	Mary Rangel	2009	UFF
72. As culturas infantis no espaço e tempo do recreio: constituindo singularidade sobre a criança	Ana Paula Vieira e Souza	Laura Maria Silva Araújo Alves	2009	UFPA
73. Escola de educação infantil em tempo	Zaine Simas Mattos	Ligia Maria Motta Lima Leão de	2009	PUC-

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
integral da rede pública municipal de Juiz de Fora: a perspectiva da infância		Aquino		Petrópolis
74. Os sujeitos da infância e seus discursos pesquisando com crianças	Karla Righetto Ramirez de Souza	Carmen Lucia Vidal Perez	2009	UFF
75. 'É muito difícil você ver uma carroça no centro da cidade': crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo	Carla Cristiane Nunes	Vicente Paulo dos Santos Pinto	2009	UFJF
76. A relação televisão/criança/consumo na construção de identidades	Patrícia Aparecida Martins Monteiro	Eliane Medeiros Borges	2009	UFJF
77. Se essa escola fosse minha...: a organização da educação infantil e o grupo de crianças em contexto escolar	Renata Proveti Wefford Almeida	Carlos Antonio Giovinazzo Júnior	2009	PUC-SP
78. O encontro entre crianças e seus pares na escola: entre visibilidades e possibilidades	Mayanna Auxiliadora Martins	Elaine Medeiros Borges	2009	UFJF
79. A mediação e o processo de constituição da subjetividade em crianças com necessidades educacionais especiais no contexto da educação infantil	Marcela Gama da Silva	Sonia Lopes Victor	2009	UFES
80. Muito além do jardim da infância: infância, mídia e consumo	Sirlei Rigodanzo Koslowski	Noeli Valentina Weschenfelder	2009	UNIJUÍ

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
81. A criança negra no cotidiano escolar	Sara Moitinho da Silva	Vera Maria Ferrão Candau	2009	PUC-RIO
82. “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”: trilhas de uma infância entre a escola e o lixo	Simone de Oliveira da Silva Santos	Armando Martins de Barros Lea Pinheiro Paixão	2010	UFF
83. Com olhares e palavras de criança: o que elas pensam e falam sobre as questões sócio-ambientais	Caroline da Silva Ança	Susana Inês Molon	2010	FURG
84. Significados e sentidos da educação ambiental para as crianças da educação infantil	Daniele Barros Jardim	Susana Inês Molon	2010	FURG
85. Educação e Infância: a voz das crianças	Mariléia Mendes Goulart	Clóvis Nicanor Kassick	2010	UNISUL
86. A invenção das brincadeiras: um estudo sobre a produção das culturas infantis nos recreios de escolas em Curitiba	Nélio Eduardo Spréa	Marynelma Camargo Garanhani	2010	UFPR
87. Crianças e suas geografias: processos de interação no meio técnico-científico-informacional	Bruno Muniz Figueiredo Costa	Jader Janer Moreira Lopes	2010	UFF
88. Interação social entre pares: a importância do brincar para a inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down	Camila Siqueira Cronember Freitas	Ana Valéria Marques Fortes Lustosa	2010	UFPI

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
89. Representação social de alunos de 3º e 4º ano do ensino fundamental sobre violência no espaço escolar em Blumenau	Claudia Maria Souza Mesquita	Neide de Melo Aguiar e Silva	2010	FURB
90. Educação escolar para crianças: o que dizem sujeitos deste direito?	Cristine Tinôco da Cunha Lima Rosado	Maria Estela Costa Holanda Campelo	2010	UFRN
91. Culturas infantis: crianças brincando na rua e em uma pré-escola na cidade da Praia (Cabo Verde)	Dijanira Noemy Vieira Lopes dos Santos	Ana Lúcia Goulart de Faria	2010	UNICAMP
92. Entre a escola e a religião: desafios para as crianças de candomblé em Juazeiro do Norte	Kassia Mota de Sousa	Joselina da Silva	2010	UFC
93. Bruxas, bruxos, fadas, princesas, príncipes e outros bichos esquisitos... As apropriações infantis do belo e do feio nas mediações culturais	Luciane Abreu	Susana Rangel Vieira da Cunha	2010	UFRGS
94. Vai sentar, parece que tem um bicho 'forgulha' no corpo!: o "lugar" das crianças no processo inicial da escolarização no ensino fundamental	Marcia Agostinho da Silva	João Josué da Silva Filho	2010	UFSC
95. O brincar em casa e na escola: um estudo sob a perspectiva de crianças de uma pré-escola pública	Márcia Tereza Fonseca Almeida	Liana Gonçalves Pontes Sodré	2010	UNEB
96. Relações e concepções de crianças	Maria Leonor Pio	Sônia Kramer	2010	PUC-RIO

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
com/sobre a natureza: um estudo em uma escola municipal	Borges de Toledo			
97. Olhares de crianças sobre o espaço escolar e os processos educativos	Maria Zoleide Back	Giani Rabelo	2010	UNESC
98. Infância e figuras de autoridade	Mariane Inês Ohlweiler	Rosa Maria Bueno Fischer	2010	UFRGS
99. O uso do computador na educação infantil	Rosane Maria Muñoz	Vania Carvalho de Araújo	2010	UFES

Quadro 5 – Dissertações selecionadas na Capes sobre a “pesquisa com criança na escola sobre infância”

Um dado que salta à vista no Quadro 5 é o número significativo de dissertações que estão ouvindo a criança na escola. Esse dado evidencia que os pesquisadores parecem reconhecer esse sujeito humano de pouca idade como alguém que é capaz de testemunhar sobre o seu tempo e a sua história e indicam, de certa maneira, que houve uma mudança com relação à condição da criança na pesquisa educacional. É preciso reconhecer que os pesquisadores estão buscando conhecer a infância, ao testarem e utilizarem metodologias diversificadas para registrar de alguma forma o que é ser criança na escola e na sociedade. Além do mais, a variedade temática e a identificação de importantes pesquisadores do campo Educação e Infância indicam a qualidade e o avanço das pesquisas com criança na escola.

Um aspecto interessante percebido ao observar o Quadro 5 é o de que as 99 dissertações selecionadas para análise junto ao Banco de Teses da Capes (1987-2010) encontram-se visivelmente concentradas na segunda metade da 1ª década do século XXI (2004-2010), demonstrando claramente uma das tendências no campo Educação e Infância representada pelo “ouvir” a criança. Das 99 dissertações, 88 concentram-se nesse período, sendo as 11 restantes distribuídas de modo disperso entre os anos 1993 e 2003. Esse dado evidencia que, desde a criação dos programas de pós-graduação em Educação no Brasil, a visibilidade das pesquisas que “ouviram” a criança na escola é recente.

Das 99 dissertações, 19 foram defendidas no Rio de Janeiro, com destaque para a UERJ e a UFF; 21 mediante programas de pós-graduação em Educação localizados no Rio Grande do Sul, com destaque para a UFRGS e a UNIJUÍ; 14 em Santa Catarina, com destaque para a UFSC; 11 em São Paulo, com destaque para a USP e a UNESP; 8 no Espírito Santo, com destaque para a UFES; 8 em Minas Gerais, com destaque para a UFJF; 4 na Paraíba, com destaque para a UFPB; 3 no Paraná, com destaque para a UFPR; 2 no Piauí, com destaque para a UFPI; 2 no Ceará, com destaque para a UFC; 1 na Bahia; 1 em Sergipe; 1 em Goiás; 1 em Pernambuco; 1 no Maranhão; 1 no Pará; e 1 no Rio Grande do Norte.

Verifica-se, a partir dos dados acima, que a produção mantém-se concentrada nas regiões Sudeste e Sul, porém chama a atenção o fato de outras regiões já estarem desenvolvendo pesquisas com criança na escola, demonstrando que a distribuição da produção acadêmica ampliou e aos poucos vem modificando a tradição da construção dos programas de pós-graduação no Brasil. Segundo Fávero (1993, p. 31), essa tradição pode ser explicada pela criação, na década de 1970, dos primeiros programas de mestrado e doutorado nos principais centros

urbanos do país, tais como São Paulo, Curitiba, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, e pela concentração da produção científica nas universidades das regiões Sudeste e Sul:

[...] A maioria dos mestrados e a quase totalidade dos doutorados estão situados nas regiões Sul e principalmente Sudeste [...]. A criação dos primeiros mestrados em Educação ocorreu na segunda metade dos anos 60 [...]. A grande expansão ocorreu na década de 70, acompanhando o movimento de todas as áreas: 65% dos cursos começaram nesse decênio. A criação dos doutorados começou mais tarde, datando o primeiro de 1976, sua expansão foi lenta: a maior pressão passou a ocorrer ao final da década de 80. Embora boa percentagem dos cursos tenha mais de dez anos, os programas são relativamente novos – como de resto toda a pós-graduação brasileira.

Das 99 dissertações, 51 que foram desenvolvidas na educação infantil, porém com crianças maiores de três anos, indicam a possível carência de estudos sobre as crianças menores de três anos. Será que para registrar o ponto de vista infantil é preciso que a criança saiba se expressar oralmente?

Dessa quantidade, 43 pesquisas *com* criança foram realizadas no ensino fundamental e 5 foram desenvolvidas com crianças da educação infantil e do 1º ano do ensino fundamental, com foco na articulação entre esses dois níveis e espaços, buscando compreender a situação da criança de seis anos no ensino fundamental de nove anos (EF9Anos).

Tais dados, ao mesmo tempo que evidenciam o crescimento da pesquisa *com* criança, apontam para os desafios e as implicações teóricas, metodológicas e éticas envolvidas na realização da pesquisa *com* crianças pequenas que se encontram em uma fase específica de desenvolvimento, exigindo do pesquisador um conhecimento necessário sobre as reais necessidades e especificidades da criança nesse momento de sua vida.

Ao identificar as orientações das dissertações, verificou-se a atuação particular de alguns pesquisadores interessados no estudo sobre a criança e a infância na escola, entre eles Noeli Valentina Weschenfelder (6), Jane Felipe de Souza (3), Maria Isabel Leite (2), Diana de Carvalho (2), Ana Beatriz Cerisara (2), Léa Stahlschmidt Pinto

Silva (2), Eliane Medeiros Borges (3) e Susana Inês Molon (2). Entre as pesquisadoras que vêm publicando e organizando coletâneas e artigos sobre as metodologias de pesquisa com criança, contribuindo para o debate teórico e conceitual do campo, podemos citar Sônia Kramer (5), Vania Carvalho de Araújo (4), Jucirema Quinteiro (3), Suely Mello (3), Ligia Maria M. L. L. de Aquino (3) e Maria Carmen Barbosa (2), que desenvolveram investigações em torno do “ouvir” a criança na escola a partir dos anos 2000, com exceção de Sônia Kramer, que em 1995 orientou a dissertação de Algebaile (1995) com foco na análise das *vozes infantis* a partir do conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin.

Um dos elementos que contribuíram para explicitar a constituição do campo Educação e Infância refere-se às categorias utilizadas pelos pesquisadores e pelas pesquisadoras nos títulos das dissertações relacionadas ao “ouvir” a criança como um sujeito capaz de falar, pensar, expressar, opinar e participar. Categorias¹⁹ como *voz, olhar, fala, ponto de vista, percepções, representações infantis, culturas infantis, manifestações, narrativas infantis, perspectiva, experiência, percepções, o que pensam/dizem as crianças, olhares e palavras de criança, e conversando com crianças* tornaram-se frequentes nas pesquisas desenvolvidas, principalmente, a partir de 2004, sendo a expressão *culturas infantis*, específica da chamada Sociologia da Infância, identificada nos anos 2007, 2009 e 2010. Essas categorias apontam que o interesse em investigar e conhecer a condição de ser criança na escola é um movimento recente e, ao mesmo tempo, confirmam a tendência em torno do “ouvir” a criança na pesquisa como uma das principais contribuições para modificar a condição da criança: de silenciada à testemunha da história. Entretanto, indicar que a criança passou de uma condição para outra exige recuperar a historicidade desse fenômeno, entendendo a infância em toda a sua complexidade, como apontou Roger Bastide no prefácio do livro escrito por Florestan Fernandes em 1979. É preciso reconhecer que

[...] há entre o mundo dos adultos e o das crianças, como que um mar tenebroso, impedindo a comunicação. Que somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras? Elas nos cercam, chocam contra nós; respondem às nossas perguntas, num tom de condescendência,

¹⁹ As expressões dos próprios pesquisadores e pesquisadoras serão identificadas em itálico.

quando fingimos interessar-nos por suas atividades; mas sente-se, perfeitamente, que, para elas, somos como os móveis da casa, parte do cosmos exterior, não pertencemos a seu mundo, que tem seus prazeres e seus sofrimentos. E, nós, os adultos, vivemos também dentro de nossas próprias fronteiras, olhamos as crianças brincar, repreendemo-las quando fazem muito barulho, ou, se deixamos cair sobre seus divertimentos um olhar amigo, não é para eles que olhamos, mas, através deles, para as imagens nostálgicas de nossa infância desaparecida (BASTIDE apud FERNANDES, 2004, p. 229).

Com relação às temáticas, foi possível verificar que a criança e a infância vêm sendo investigadas a partir de diferentes focos, a saber: criança (57), infância (31), educação (23), escola (31), educação (23), arte/mídia (20), brincar/brincadeira (14), gênero/raça (13), lugar/espço (12), autoria/autoridade (5), subjetividade (4), culturas infantis (4), poder (3), ensino fundamental de 9 anos (3), relação adulto/criança (2), educação ambiental (3), inclusão (4), violência (2) e participação (2). Essa diversidade temática demonstra que a produção vem buscando contemplar as especificidades do ser criança na escola, desde o que gostam e o que não gostam de fazer, as brincadeiras preferidas, os espaços mais frequentados, como é ser menino e menina, como estabelecem as amizades etc.

É importante destacar que as pesquisas que “ouviram” a criança sobre aspectos da educação ambiental e da inclusão iniciaram-se a partir de 2009, demonstrando uma das tendências no campo Educação e Infância caracterizada pela especificidade e pela diversidade temática. De acordo com Alves-Mazzotti (2001, p. 40), existem cinco deficiências que demarcam tanto o processo de produção de pesquisas como os seus produtos, influenciando consideravelmente a qualidade da pesquisa educacional brasileira, são eles:

[...] (a) pobreza teórico-metodológica na abordagem dos temas, com um grande número de estudos puramente descritivos e/ou ‘exploratórios’; (b) pulverização e irrelevância dos temas escolhidos; (c) adoção acrítica de modismos na seleção de quadros teórico-metodológicos; (d) preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados; e (e)

divulgação restrita dos resultados e pouco impacto sobre as práticas.

Esses devem ser debatidos e pensados na medida em que o campo Educação e Infância encontra-se em construção. É importante destacar que pesquisar a infância a partir do olhar e da fala da criança na escola ainda é um desafio para a pesquisa educacional e, nesse sentido, não pode ser banalizada, justamente porque conhecer essa *pequena humanidade silenciada* exige rigor, cuidado metodológico e estudo teórico.

O chamado referencial teórico-metodológico evidenciou os seguintes autores: na história, Philippe Ariès (1981) e Moysés Kuhlmann Junior (1998); na filosofia, Walter Benjamin (1984, 2002), Mikhail Bakhtin (2003) e Michel Foucault (1975); na antropologia, Clifford Geertz (1989); na psicologia, Lev Semenovitch Vygotsky (1994, 1998, 2000, 2008), Alexei Nikolaevich Leontiev (1998), Daniel Borisovich Elkonin (1988), Henri Wallon (1975) e Jean Piaget (1968, 1970, 1973); na sociologia brasileira, Sônia Kramer (2002, 2003), Jucirema Quinteiro (2000, 2002), Zeila de Brito Fabri Demartini e Patrícia Dias Prado (2002); e na pedagogia, Sônia Kramer e Maria Isabel Leite (1996), Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Müller (2005, 2006), Ana Beatriz Cerisara (2004), Eloísa Rocha (2004), Bernard Charlot (1979) e Paulo Freire (1993). Para justificar a metodologia baseada nos estudos etnográficos, foram utilizadas as referências de Marli André (1995), Lüdke e André (1986), entre outras.

Porém, o que predominou foi o referencial teórico da chamada Sociologia da Infância europeia, caracterizado por 42 dissertações que citaram William Corsaro (1997, 2005), Cléopâtre Montandon (2001), Régine Sirota (2001) e Natália Fernandes Soares (1997), e os portugueses Manuel Pinto (1999), Manuel Sarmiento (2000) e Pinto e Sarmiento (1997). Dessa quantidade, alguns pesquisadores, além da Sociologia da Infância, buscaram outras abordagens, a partir da chamada perspectiva histórico-cultural, principalmente no que diz respeito ao pensamento dos psicólogos russos Vygotsky, Leontiev e Elkonin. Outras duas dissertações focaram abordagens específicas: uma analisou os discursos infantis por meio da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e outra as narrativas infantis a partir da psicologia de Jerome Bruner.

Destaca-se, ainda, a ênfase na discussão teórica de conceitos específicos da chamada Sociologia da Infância, tais como “culturas da infância”, “ator social”, “reflexões nas falas” e “interação entre pares”.

Essa discussão acompanha o movimento da Sociologia da Infância, que parece estar sendo reconhecido como área de conhecimento e campo de pesquisa, como foi indicado por Nascimento (2011, p. 37) em recente estudo sobre a análise da produção de grupos de pesquisa que trabalham, especificamente, com o campo da Sociologia da Infância:

Culturas infantis, cultura de pares, cultura da infância, estrutura geracional, categoria geracional, geração, reprodução interpretativa, sujeito de direitos, ator social, agente social, agência... Pouco a pouco essas palavras estão sendo incorporadas a relatos de pesquisa, a textos apresentados e/ou publicados, ao discurso de pesquisadores, pesquisadoras e estudantes, sobretudo na área da educação da infância. Parece ser uma indicação de que o campo da sociologia da infância está se fazendo ouvir como área de conhecimento e campo de pesquisa.

Voltando à análise do Quadro 5, um dado chama a atenção: enquanto na região Sudeste predominou a pesquisa *com* criança em espaços da educação infantil (29 dissertações), na região Sul, das 38 dissertações selecionadas, 21 foram desenvolvidas nos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente nos três primeiros anos. Esse resultado indica que a região Sul vem estudando e conhecendo as características, as peculiaridades e os modos de ser da criança que está no aluno, principalmente a infância nos anos iniciais do ensino fundamental.

Com relação à opção metodológica, verificou-se que, das 99 dissertações, 46 utilizaram estratégias e ferramentas relativas à etnografia de tipo/caráter/cunho etnográfico, fazendo uso, em sua maioria, de seus principais procedimentos, como observação participante, diário de campo, entrevistas, gravações de áudio e imagem. Isso evidencia, segundo André (1986), uma tendência presente na pesquisa educacional desde a década de 1970, quando os pesquisadores da área da Educação começaram a fazer uso das técnicas etnográficas que por muito tempo eram utilizadas exclusivamente pelos antropólogos e pelos sociólogos. E 55 fazem referência a diferentes usos de procedimentos da pesquisa-ação, do método clínico, dos espaços de narrativa e do estudo do cotidiano; e outras ainda tentam combinar aspectos das observações em campo com registros das chamadas “vozes

infantis”, não deixando clara nos resumos a opção metodológica utilizada.

Vale ressaltar a indicação pelos autores do uso de entrevistas com crianças matriculadas em pré-escolas e nos anos iniciais do ensino fundamental, sem descreverem exatamente o modo como pensaram e utilizaram essa ferramenta com esse sujeito de pouca idade. O problema aqui é que a entrevista apresenta-se como uma das ferramentas mais utilizadas, porém sem as devidas explicitações das adequações realizadas para a criança.

Essa diversidade de estratégias, procedimentos e ferramentas sugere que os pesquisadores vêm exercitando “conversas com crianças” como a metodologia mais utilizada para acessar e registrar o testemunho da criança na pesquisa educacional, indicando, ao mesmo tempo, alguns elementos para pensar o porquê, para que, a partir de onde e como “ouvir” a criança.

Vale observar que poucas dissertações fizeram referência aos dois primeiros estudos sociológicos desenvolvidos com a participação da criança no Brasil, a saber, o trabalho de Florestan Fernandes – *As “trocinhas” do Bom Retiro*, em 1940 – e a coletânea de textos organizada por José de Souza Martins – *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*, em 1994. Segundo Quinteiro (2000), esses representam os estudos pioneiros no campo da sociologia e discutem relevantes questões teóricas, metodológicas e éticas da pesquisa *com* criança, contribuindo de maneira significativa para pensar sobre a complexidade da criança como sujeito da pesquisa educacional.

Uma questão que já foi constatada por Batista (2006, p. 56) refere-se à falta de rigor por parte dos pesquisadores na elaboração dos resumos, principalmente com relação à definição e à identificação do problema de pesquisa, bem como dos referenciais teórico-metodológicos utilizados. Além disso, segundo a autora, “[...] com grande frequência o termo infância aparece como sinônimo de criança, refletindo a imprecisão do que seja a condição da criança com o ser/sujeito criança”. Esse equívoco influencia consideravelmente a análise conceitual e a interpretação dos dados, principalmente no que se refere à explicitação do fenômeno investigado. Nas palavras de Alves-Mazzotti (2001, p. 43),

Entretanto, apesar da aparente valorização da teoria, o que temos visto é que muitas pesquisas sob a alegação de ‘dar voz’ aos sujeitos ou de valorizar as práticas, limitam-se a reproduzir falas

e falas dos sujeitos, sem qualquer tentativa de identificar regularidades, relações e categorias e/ou se servir de um instrumental analítico capaz de organizar e dar sentido aos dados. A crescente valorização da prática e da subjetividade parece estar levando a uma tendência à reificação da prática e do sujeito, em prejuízo da construção de conhecimentos relevantes e do diálogo com os autores que já se ocuparam do tema.

Com base nos resumos, há indicadores de que o fator que promoveu as pesquisas em torno do “ouvir” a criança na escola foi o interesse em compreender a criança a partir dela mesma, valorizando sua fala, experiência, ponto de vista. Desse modo, os pesquisadores e as pesquisadoras, ao optarem pela pesquisa com criança, defendem a criança como *sujeito/ator social, protagonista e produtor de cultura* que deve ser ouvido e considerado na pesquisa educacional como um sujeito capaz de falar sobre o mundo que o cerca. Como foi evidenciado por Batista (2006, p. 69) e na discussão do segundo capítulo desta dissertação, a chamada Sociologia da Infância europeia exerceu um papel determinante na definição da criança como ator social, protagonista da história. Nas palavras da autora, “Estas indicações de criança como ator social parecem remetê-la a um lugar de representação no jogo social [...]”.

Enfim, os pesquisadores e as pesquisadoras, ao privilegiarem a criança como sujeito de suas investigações e evidenciarem as preocupações e os cuidados que devem ser considerados no momento em que o objeto da pesquisa é um sujeito que “fala”, apresentaram diferentes possibilidades metodológicas, o que de certo modo representa o atual contexto da produção sobre infância no Brasil.

Os dados aqui demonstrados confirmam que a produção em torno do “ouvir” a criança na escola no campo Educação e Infância nos últimos 10 anos

- cresceu com relação ao interesse em conhecer a criança a partir dela mesma;
- ampliou no que diz respeito às áreas de conhecimento que vêm investigando a infância; e
- diversificou-se quanto às temáticas privilegiadas pelos pesquisadores.

Como afirmou Martins (1993), os pesquisadores, em suas respectivas áreas, devem voltar sua atenção para essa “pequena humanidade silenciosa”, colocando-a como centro de suas análises, para assim compreender e conhecer o que é ser criança diante das condições reais de vida e de existência. Justamente, esse parece ser um dos desafios desse campo, o de reconhecer que as crianças são sujeitos do processo histórico.

Afinal, 10 anos depois, o que mudou? A produção cresceu muito, tanto em qualidade como em quantidade, inclusive outras áreas estão ouvindo a criança. Porém, questiona-se: Quais conteúdos vêm sendo acumulados a respeito desse conhecimento específico? Quais sentidos estão imbricados na afirmação da criança como sujeito silenciado na história? O que sabemos e conhecemos sobre a criança brasileira?

Ao verificar as dificuldades, os desafios e as possibilidades dessa produção, buscamos orientações metodológicas eficientes para registrar a totalidade do fenômeno e construir outro olhar sobre a infância. Principalmente, porque acreditamos que refletir e problematizar as implicações envolvidas na pesquisa *com* criança na escola pode contribuir para o avanço dos estudos e, ao mesmo tempo, possibilitar um conhecimento sobre a infância como construção cultural, pois, como alertou Quinteiro (2000, p. 22),

Os saberes constituídos *sobre* a infância que estão ao nosso alcance até o momento nos permitem conhecer mais sobre as condições sociais das crianças brasileiras, sobre sua história e sua condição de *criança sem infância* e pouco sobre a infância como construção cultural, sobre seus próprios saberes, suas possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas.

É justamente a partir desse questionamento que o próximo capítulo busca analisar como a produção acadêmica vem investigando as representações da criança dentro da escola desde o referencial teórico, as metodologias e os procedimentos utilizados até a postura ética do pesquisador diante das crianças, mas, principalmente, refletir de que maneira essa produção vem contribuindo para pensar a infância na sociedade contemporânea para questionar: Qual é a importância de “ouvir” o que a criança tem a dizer? O que caracteriza o “ouvir” a criança na escola? Quais perspectivas teórico-metodológicas orientam as

análises dessas pesquisas? Quais questões éticas envolvem a pesquisa com criança na escola?

4 AS METODOLOGIAS DE PESQUISA COM CRIANÇA NA ESCOLA: O “OUVIR” COMO UMA TENDÊNCIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Não podemos abrir mão do compromisso com a produção de conhecimentos confiáveis, pois só assim estaremos contribuindo, tanto para desenvolver o instrumental teórico no campo da educação como para favorecer tomadas de decisão mais eficazes, substituindo as improvisações e os modismos que têm guiado as ações em nossa área. Nesse sentido, a busca da relevância e do rigor nas pesquisas é também uma meta política.

ALVES-MAZZOTTI, 2001, p. 49.

Ciente do acúmulo de estudos e discussões sobre a qualidade da pesquisa em Educação no Brasil e de que as críticas e os alertas advindos desses não têm refletido suficientemente na produção acadêmica, já que as fragilidades teórico-metodológicas, reiteradamente apontadas pelos pesquisadores, persistem, a análise sobre as metodologias de pesquisa com criança na escola, problema aqui investigado, por um lado, indica certa alteração no lugar que ocupa a criança e a infância nesse espaço e, por outro, demonstra que, apesar dos esforços que vêm sendo empreendidos pelos pesquisadores brasileiros para explicar o fenômeno da infância na sociedade atual, esses apresentam-se caracterizados por estudos ainda descritivos, marcados por adoção acrítica de modismos na seleção de quadros teórico-metodológicos.

Esse “novo olhar” sobre a infância parece estar “colado” a interesses, desejos e práticas dos pesquisadores em conhecer “profundamente os modos de expressividade da criança dentro do contexto escolar”. O interesse em “ouvir” a criança na pesquisa educacional, nos contextos tanto da educação infantil como nos dos anos iniciais, como sujeito capaz de testemunhar sobre si e o seu próprio tempo é recente e cresceu significativamente nos últimos 10 anos. Essa constatação nos leva a questionar quais sentidos estão sendo atribuídos ao processo de produção do conhecimento e quais contribuições

apresentam para explicitar o fenômeno da infância, especialmente quanto as suas dimensões histórica, filosófica e ideológica? Independente da qualidade dessa produção, tais pesquisas vêm demonstrando a capacidade humana da criança em participar e tomar decisões sobre assuntos do seu interesse e também o quanto estamos no início do conhecimento sobre esse universo.

A diversidade de ferramentas e estratégias, muitas vezes denominadas de etnografia e seus adjetivos, utilizadas para “ouvir” e registrar apresenta-se expressa por *fala, voz, o que dizem/pensam, escuta sensível, narrativas infantis, ponto de vista, olhares, discurso/perspectiva/experiências das crianças, universo infantil, com a palavra a criança, a lógica da criança* etc. Essas ferramentas e estratégias indicam que os pesquisadores vêm exercitando e experimentando um conjunto de procedimentos aqui denominados de “conversas com crianças” para garantir desde o acesso e a construção de vínculos até sua escuta.

O resultado da leitura realizada na íntegra sobre as 25 dissertações selecionadas (Apêndice C) a partir de uma amostra significativa de 99 dissertações que efetivamente “ouviram” a criança na escola encontra-se no Protocolo de Análise (Apêndice D) e também no Quadro 5. É importante destacar que a seleção dessas 25 dissertações (Apêndice C) ocorreu ao longo da pesquisa e não se constituiu em tarefa fácil, justamente por ter sido desenvolvida concomitantemente ao processo de apropriação do problema da pesquisa e de idas e vindas ao levantamento da produção acadêmica, conforme os critérios de afinidade direta com os objetivos desta pesquisa, identificação em tempo hábil para acesso e leitura dos textos, bem como disponibilidade desses textos nos meios existentes.

Essas caracterizam-se por elegerem a criança como sujeito da pesquisa, e, a partir daí, os pesquisadores esforçam-se para provocar a escuta, criando e inventando modos e jeitos para a observação, os registros, a coleta de dados, a seleção, a análise por meio de relações, interações, narrativas, experiências, manifestações, representações, expressões, olhares, perspectivas, percepções, ações, vivências, interpretações, sentidos, dizeres sobre aspectos e saberes que definem a criança e caracterizam a infância na escola. Com base nas informações contidas no Protocolo, a análise foi organizada em dois blocos: um refere-se àquelas pesquisas que, do meu ponto de vista, se preocuparam com as características gerais do próprio campo EI, demonstrando rigor, cuidados teórico, metodológico e ético. E o outro bloco está representado por aquelas que demonstram interesses e desejos, porém

sem atenção às bases epistemológicas. O intuito de tal análise foi tentar garantir um panorama sobre essa parte da produção acadêmica, esforçando-se ao máximo para não persistir nas deficiências apontadas por Alves-Mazzotti (2001) e citadas anteriormente.

4.1 “CONVERSAS COM CRIANÇAS” COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO UTILIZADO NA PESQUISA EDUCACIONAL

Entender o fenômeno da infância em toda a sua complexidade exige a superação daquilo que constitui a ‘atmosfera comum’ da vida humana, o ‘ambiente cotidiano’, o ‘mundo da pseudoconcreticidade’, o que a princípio é aparente, mas que expressa e contém ao mesmo tempo a essência do fenômeno. Karel Kosik (1976, p. 16), ao definir o conceito de pseudoconcreticidade, afirma que, para se alcançar a concreticidade das ‘coisas’, é preciso distinguir, através do pensamento dialético, entre a representação e o conceito da ‘coisa’. Conforme o autor, captar o fenômeno de determinada ‘coisa’ significa

[...] indagar e descrever como a coisa se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível. No mundo da pseudoconcreticidade o aspecto fenomênico da coisa, em que a coisa se manifesta e se esconde, é considerado como a essência mesma, e a diferença entre o fenômeno e a essência desaparece. [...] A realidade é a unidade do fenômeno e da essência. Por isso a essência pode ser tão irreal quanto fenômeno, e o fenômeno tanto quanto a essência, no caso em que se apresentem isolados e, em tal isolamento, sejam considerados como a única ou ‘autêntica’ realidade.

Nesse sentido, a análise aqui desenvolvida buscou identificar e caracterizar, por um lado, as dissertações que buscam exercitar o rigor mediante a construção das condições objetivas e materiais para ‘ouvir’ a criança no âmbito da pesquisa, indagando sobre as dimensões histórica, filosófica e ideológica da condição de silenciada, e que reconhecem as

dificuldades e os limites para essa transição; e, por outro lado, as dissertações que parecem “ouvir” a criança na pesquisa sem problematizar a natureza do sujeito silenciado, sem discutir a complexidade desse fenômeno, ou seja, a criança passa de sujeito silenciado para testemunha da história de modo imediato (segundo desejos e interesses do pesquisador).

Logo, ao identificar e caracterizar essa produção, pretende-se, justamente, indicar elementos para pensar o planejamento da pesquisa de modo a considerar o tempo e o espaço como aspectos, metodológicos e éticos, mas principalmente formativos, para respeitar a criança como sujeito capaz, testemunha da história. E, também, como apontado por Gatti (2007, p. 52), com relação à pesquisa em Educação,

O campo é ainda rarefeito de pesquisadores experientes, especialmente em alguns setores. Imitar este ou aquele modelo não é suficiente. Corre-se o risco de fazer-se caricaturas. Há que se debruçar sobre as questões de base, há que se manter a capacidade de questionamento viva e atuante, há que se ter solidez teórica e dúvida metódica, há que se temer dogmas e verdades fáceis e antecipadas.

Essa busca por consistência explicativa esteve presente em algumas pesquisas caracterizadas no primeiro bloco, quando essas indicam certo rigor teórico e metodológico ao “ouvirem” a criança na escola. Essas, ao descreverem o processo de desenvolvimento da investigação, problematizando as dificuldades e as possibilidades da pesquisa com criança na escola, demonstram preocupação e cuidado ao apresentar a opção metodológica, o aporte teórico, os procedimentos da pesquisa, bem como os cuidados éticos da pesquisa com criança, tais como o tempo necessário para criar um vínculo com as crianças, o cuidado na realização dos procedimentos metodológicos, a preocupação com o uso da entrevista com as crianças, o respeito ao tempo necessário para informar com clareza e objetividade as intenções da pesquisa junto aos sujeitos investigados, o retorno da pesquisa, o aprofundamento teórico para analisar o material da pesquisa, entre outros aspectos.

Um dos aspectos considerados pelos pesquisadores para construir as condições objetivas e materiais da pesquisa refere-se ao tempo compreendido por eles como forma de exercitar o respeito pelas crianças. Esse exercício se caracterizou pela permanência de um ano ou dois anos

completos do mestrado na escola interagindo com adultos e crianças; organizando junto com as crianças os momentos de “conversa”, desde a escolha do espaço mais adequado; a seleção das crianças a serem entrevistadas; o horário ideal até o que deveria ser perguntado; e a opção em não utilizar o nome verdadeiro das crianças nem da escola-campo para preservar os sujeitos e o trabalho dessa unidade escolar.

É importante destacar que, durante a realização da pesquisa, os pesquisadores consideraram necessário apresentar os desafios e as questões metodológicas e éticas, as quais, ao mesmo tempo, são pensadas e redimensionadas de acordo com as necessidades surgidas ao longo da pesquisa. Como pôde ser verificado numa das pesquisas, desde o início da dissertação a pesquisadora buscou estabelecer uma aproximação com a instituição, primeiro conversando e apresentando o projeto para a diretora da escola e depois desenvolvendo a pesquisa de campo num período de um ano. Além disso, esteve presente em todas as salas de 1^a e 4^a séries do turno vespertino para explicar os objetivos da pesquisa, procurando expor de forma didática como aconteceria a participação das crianças; e, ao iniciar cada momento de entrevistas, procurou explicar novamente os objetivos da pesquisa, como aconteceriam as entrevistas e o motivo do uso do gravador.

Essas preocupações quanto à transparência dos objetivos da pesquisa junto à criança e quanto aos procedimentos necessários para considerar a criança como sujeito central e coparticipante da pesquisa sugerem que reconhecer o testemunho da criança envolve considerar sua capacidade em compreender e entender a realidade, bem como a possibilidade de construir o conhecimento não apenas sobre ela, mas junto com ela.

Quanto aos aspectos relacionados às responsabilidades dos pesquisadores nessas dissertações, eles consideraram metodologicamente apropriado o encaminhamento de, após registrar os fatos e os dados, com o mínimo de distorções possíveis e com o máximo de detalhamento, apresentá-los aos envolvidos para que fizessem a sua apreciação. Esses exemplos demonstram a relação de transparência dos dados e a disponibilidade do pesquisador em discutir com os sujeitos envolvidos as formas de acessar e operacionalizar as ações para se alcançarem os objetivos da pesquisa, contando com o envolvimento da criança durante todo o processo investigativo. Apesar do desafio, os pesquisadores indicam que estão experimentando e ousando realizar o retorno da pesquisa aos sujeitos investigados. Esse, porém, ainda é um desafio, em geral, presente nas Ciências Humanas. Outras pesquisas destacam os desafios e os limites da ética na pesquisa *com* criança,

principalmente com relação à identificação dos sujeitos da pesquisa, e questionam: “uma questão técnica ou ética?”.

Muitas dessas pesquisas apontam a importância em contextualizar a história e o contexto do espaço e dos sujeitos envolvidos na pesquisa no intuito de identificar as marcas próprias da realidade em que a escola está inserida, e afirmam que somente “ouvir” o que a criança tem a dizer não será suficiente, pois, ao investigar a infância, o pesquisador precisa conhecer a história e a condição social da criança. E, principalmente, quando se pretende investigar a infância e sua relação com a escola pública, é preciso identificar os elementos constitutivos da história da educação, da infância, da pedagogia e da escola, de modo que possa considerar tanto a infância como a escola, no seu sentido amplo, como construção histórica.

Como bem assinala Florestan Fernandes (1957), o cientista não explica a realidade a partir dela mesma, apenas com a observação dos fatos e fenômenos. “A realidade não é susceptível de apreensão imediata”. O movimento necessário para descrever e explicar de modo científico a realidade exige do investigador a obtenção e a seleção das instâncias empíricas que reproduzem tais fatos e fenômenos para coligi-las em “totalidades coerentes” (ANTUNES, 2004, p. 75).

Por fim, os aspectos teóricos, metodológicos e éticos identificados nesse primeiro bloco apontam que os pesquisadores estão buscando “ouvir” a criança de forma a construir as condições objetivas e materiais para acessar, criar um vínculo e respeitar esse sujeito humano de pouca idade que recentemente está sendo reconhecido como capaz de testemunhar sobre o seu tempo e a sua história. Porém, é importante destacar que “ouvir” a criança na pesquisa, além de exigir rigor, cuidados éticos e certas habilidades investigativas do pesquisador, também exige um estudo histórico sobre os fenômenos criança e infância, esses desafios teóricos e metodológicos ultrapassam o campo Educação e Infância, pois são fragilidades históricas da construção da pesquisa educacional.

Desse modo, como esse ainda é um campo de estudos em construção, algumas dificuldades e limites com relação às escolhas e às opções teóricas e metodológicas dos pesquisadores estiveram presentes em algumas dissertações que foram agrupadas no segundo bloco. Essas indicam que, ao oportunizar a fala e a expressão da criança como fonte

privilegiada da pesquisa, se buscou dar visibilidade a esse sujeito para então reconhecer o seu lugar na sociedade. Em algumas dissertações, fica claro que o pesquisador está mais interessado em oportunizar espaços de expressão das crianças do que analisar os conteúdos dessa fala. A diversidade metodológica somada à fragilidade teórica sugere que o pesquisador parece ainda não estar convencido da capacidade da criança em dialogar, discutir, concordar, discordar, criticar, compreender etc.

Quanto à importância do “ouvir” a criança na pesquisa, os pesquisadores, em sua maioria, apontam que é preciso conhecer “as culturas da infância”, “suas diversas infâncias”, “as expressividades da criança”, “o que tem a dizer sobre suas infâncias, sua cultura, sua escola, seus valores, seu cotidiano”, “o que elas dizem, expressam, reconhecer o seu lugar na sociedade” etc. Desse modo, a criança é vista como um “sujeito sociocultural, criadora e protagonista de sua própria história”, “sujeito de ideias, experiências, saberes, fazeres e vozes, sempre válidos como fonte confiável de dados”, “sujeitos históricos que produzem cultura e são nela produzidos, ou seja, atores sociais que participam ativamente do processo cultural, sendo capazes de observar, analisar, expressar, interpretar, decidir”, “cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura e são por ela produzidas”, “atores sociais competentes, capazes de negociar, compartilhar, reproduzir e criar cultura na convivência com os adultos e seus pares”. Por sua vez, a infância, ou como em muitos exemplos, as infâncias, é considerada “como uma categoria social”, “construção social, concebida de diferentes modos e singularidades”.

Ao defenderem esses pressupostos com relação à criança e à infância, fundamentam, em sua maioria, a partir do referencial da chamada Sociologia da Infância, principalmente quando definem o conceito de “cultura da infância” de modo amplo e vasto, “a capacidade das crianças em construir sistematizadamente modos de significação do mundo e ação intencional, distintos dos adultos”, segundo Sarmiento (2002, 2003).

As estratégias criadas pelas crianças no contexto escolar, sejam verbais ou não verbais, destacadas nas dissertações também foram uma forma de evidenciar a cultura própria produzida pela criança. Ressaltam, principalmente, a necessidade de buscar escutar as crianças, saber o que elas têm a dizer sobre “suas infâncias”, sua cultura, escola, valores, cotidiano, dando crédito a essas vozes. Inclusive, alguns pesquisadores afirmam que, muito mais do que conceituar o que foi visto, ouvido e vivido, importou compreender os porquês do cotidiano infantil, em

detrimento de tentar “encaixar os acontecimentos da pesquisa em categorias”. As finalidades das “conversas com crianças”, indicadas a partir dos próprios pesquisadores, no caso dessas pesquisas, ressaltam que é preciso

- conhecer mais e melhor a criança, a infância e as culturas da infância;

- buscar valorizar o universo infantil como objeto de pesquisa por si mesmo;

- conhecer as crianças e como essas percebem o mundo ao seu redor;

- criticar a perspectiva adultocêntrica que predomina na pesquisa e na sociedade em geral para tentar compreender a realidade a partir do olhar da criança;

- compreender a lógica das crianças, o que pensam, o que gostam e o que mudariam na escola;

- reconhecer as crianças como informantes legítimos, privilegiados, um sujeito social atuante;

- aprofundar os estudos sobre a criança pequena e o que essa pensa sobre a escola infantil; e

- compreender qual o olhar que a criança tem dela mesma.

Apesar do número crescente de pesquisas que utilizam as falas, a participação das crianças e suas representações, é preciso se preocupar, como já afirmou Quinteiro (2001, p. 21), com uma questão importante dentro da pesquisa com criança: “[...] pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a ‘fala’ apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores”.

Mais do que isso, o sentido e o significado de tais falas sequer são analisados na perspectiva de socialização da criança na escola e na sociedade. De acordo com Miranda (2001, p. 125),

O processo de socialização na escola tem merecido dos pedagogos e psicólogos variados estudos explicativos e normativos. Contudo, os diferentes enfoques teóricos e metodológicos são construídos tomando por base determinadas concepções raramente questionadas ou redefinidas: a idéia de infância, a finalidade da escola, as relações entre criança, escola e sociedade e o próprio processo de socialização. A

ausência de análise crítica destas questões confere a esta abordagem uma visão abstrata de criança e escola.

Para além das implicações teóricas e metodológicas expressas na ausência de análise crítica das questões que imprimem a essa abordagem uma visão abstrata de criança e escola, vale indagar sobre o registro das falas das crianças: O que fazer com tais registros? No caso dessas dissertações, verificou-se que o foco maior foi a descrição da situação vivenciada pela criança, sem, no entanto, apresentar o ponto de vista da criança, os sentidos e os significados sobre a sua infância na escola. Segundo Rockwell (1986), a observação etnográfica deve ser exercitada para garantir a visualização significativa de “detalhes”, “indícios” e “pistas” para desenvolver a interpretação. Desse modo, o processo analítico coloca o pesquisador num trabalho contínuo de relacionamento entre os conceitos teóricos e os fenômenos observáveis.

Esta forma de análise permite a flexibilidade necessária para descobrir que formas particulares assume o processo que se estuda, a fim de interpretar-se seu *sentido específico* em determinado contexto. Ao construir o conteúdo concreto de conceitos abstratos (como o de autoritarismo), integra-se o *significado* que assumem determinados elementos do contexto ou da interação (uma repreensão, uma porta fechada, o silêncio, etc.) para os sujeitos observados (ROCKWELL, 1986, p. 51, grifos nossos).

Entretanto, a análise realizada mostra que a maior parte das dissertações desse bloco focou a interpretação dos dados, fundamentalmente através do olhar do pesquisador. Desde a decisão em “ouvir” até o registro e a análise dos conteúdos da fala, parece que o pesquisador está mais preocupado com o registro desses conteúdos do que em como fazer e para qual finalidade. Assim, a análise parece não apontar elementos para evidenciar a complexidade e contradição do fenômeno observado e as influências e condições do contexto mais amplo, no intuito de propor e sugerir alternativas ou um pensamento crítico a respeito do como e por que foi registrado o ponto de vista das crianças. Com relação à observação, é importante destacar, de acordo com André (1986, p. 25), que, “Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de

tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”.

Para que a observação possa ser controlada e sistemática, além dos aspectos apontados por André (1986), é preciso tempo para acessar e coletar os dados, mas principalmente para criar o vínculo com a criança e estabelecer confiança entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Entretanto, verificou-se nas pesquisas desse segundo bloco que o tempo da pesquisa parece não ser um procedimento que irá influenciar de maneira significativa o processo de investigação.

Outro dado também chama a atenção quanto a esse aspecto, pois, como opção metodológica, a maioria dessas pesquisas aponta as técnicas e os procedimentos da etnografia como a forma mais adequada e ideal para captar o ponto de vista da criança, fazendo uso, especialmente, da observação participante e do registro sistemático em diário de campo/bordo. Essas dissertações caracterizam a crescente produção evidenciada, principalmente, a partir da década de 1990 sobre as pesquisas que buscam procedimentos, técnicas e estratégias metodológicas para “ouvir” e analisar as representações da criança. Porém, como ressaltou André (1986, p. 14) citando Spradley (1979), com relação à utilização dos termos e das técnicas da etnografia na pesquisa educacional,

[...] deve ser feita de forma cuidadosa, já que no processo de transplante para a área de educação eles sofreram uma série de adaptações, afastando-se mais ou menos do seu sentido original. Assim, por exemplo, denominar de etnográfica uma pesquisa apenas porque utiliza a observação participante nem sempre será apropriado, já que a etnografia tem um sentido próprio: é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo.

Além desses aspectos, para captar essa variedade de jeitos e modos de ser criança na escola, os pesquisadores fizeram uso de diversos procedimentos em torno de “conversas com criança”: observação participante; entrevista; registro fotográfico, filmico, escrito; desenho; contação de história; e música. Porém, essa diversidade metodológica indica que o pesquisador parece ainda não estar convencido da capacidade da criança, pois demonstra certa visão de criança, contraditoriamente, incapaz, já que em muitos exemplos se

esforça tanto para provocar a escuta que se esquece de analisar, contextualizar, problematizar as condições sociais e históricas que constituem a fala da criança.

Os dados acima se constituem numa das implicações identificadas na produção com criança na escola, pois, ao considerarmos os dois anos do mestrado para a realização da dissertação, o tempo institucional da pesquisa se torna insuficiente para o uso dos procedimentos da etnografia, que é caracterizada, principalmente, por estudos de caráter longitudinais. Justamente, será que algumas horas de convívio com a criança durante os seis meses ou um ano de pesquisa de campo são suficientes para acessar e conhecer a criança e a infância na escola, transformando sua condição histórica e cultural de “sujeito silenciado” à “testemunha da história”?

Além do mais, a pesquisa com criança demanda mais tempo e necessita de vínculos consistentes, de uma longa imersão na realidade, de uma descrição fiel e competente da situação estudada etc. E, principalmente, há uma exigência em respeitar critérios éticos relacionados ao consentimento da criança em participar da pesquisa, ao esclarecimento quanto ao problema e aos rumos da pesquisa, ao envolvimento da criança nos procedimentos da pesquisa, ao que será feito com o conhecimento produzido sobre a criança, à preservação ou não da identidade dos sujeitos e ao registro e uso de fotografias e filmagens dos sujeitos etc.

De acordo com André (1986, p. 14) ao citar Wolcott, “O trabalho de campo deve durar pelo menos um ano escolar. [...] Wolcot discute a necessidade de uma longa e intensa imersão na realidade para entender as regras, os costumes e as convenções que governam a vida do grupo estudado”. No caso dessas dissertações, o tempo da pesquisa variou entre semanas e meses, porém não foi identificada uma preocupação por parte dos pesquisadores em explicitar a quantidade de dias, as horas em que permaneceram na escola junto com as crianças, evidenciando um fato a ser questionado: Se as pesquisas estão utilizando os principais procedimentos da etnografia, será que o tempo de permanência do pesquisador no campo observado está sendo suficiente para entender a complexidade dos sujeitos e do contexto pesquisado?

É evidente que um longo período de permanência em campo, como em geral ocorre nos estudos antropológicos e sociológicos, que se estendem por anos a fio, aumenta a possibilidade de inferências, interpretações e conclusões acuradas,

pois há tempo para corrigir falsas interpretações, rever o rumo das inferências e reorientar os focos de atenção. A regra geral de bom senso parece ser esta: quanto maior o período de estada no campo, maior a probabilidade de resultados acurados, o que consubstanciará a validade das informações (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 51).

Mas todas essas orientações vão de encontro ao tempo exigido e necessário da pesquisa institucional.

Diante dos desafios presentes na utilização das técnicas da etnografia, entendemos que dois anos de pesquisa é insuficiente para estudar e explicitar a realidade do fenômeno de forma complexa, em sua totalidade. A pesquisa precisa ser longitudinal, de profundidade no campo, para criar um vínculo consistente que permita a confiança mútua entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Mas, principalmente, a investigação etnográfica precisa desenvolver um processo de conhecimento da realidade concreta através da elaboração conceitual e da precisão da relação entre os conceitos gerais e os fenômenos observáveis, exigindo, assim, um estudo dialético entre os dados empíricos e o processo de construção teórica (ROCKWELL, 1986).

Frases como “deixar as crianças soltas, livres para imaginar e se expressar” precisam ser questionadas, pois toda pesquisa precisa ter questões, objetivos, não podemos correr o risco de cair no espontâneo e no pragmático somente, deixando de considerar todas as questões que envolvem o objeto de estudo. A pesquisa com criança não pode estar restrita ao “ouvir” o que a criança tem a dizer como sujeito da investigação, pois é preciso ir além das aparências, além dos fatos para entender o fenômeno analisado. E, mais, é preciso dialogar, problematizar, indagar a criança sobre a sua condição no mundo e na escola.

De fato, ‘dar voz’ aos sujeitos que foram de alguma forma excluídos do cenário é de pouca valia se não especulamos sobre como e por que essas vozes foram antes silenciadas. [...] A compreensão das subjetividades e das práticas requer que se busque relacioná-las às condições sociais em que foram produzidas, procurando ir além da mera descrição, contribuindo para o debate mais amplo e para a produção de

conhecimentos que possam ser apropriados por outrem (ALVES-MAZZOTTI, 2001, p. 44).

Os pesquisadores acabam subestimando ou minimizando a capacidade de compreensão das crianças, principalmente quando limitam a explicação e o detalhamento das questões, dos objetivos e do processo de desenvolvimento da pesquisa, ou quando deixam a criança decidir sobre os rumos da pesquisa. Por um lado, temos um sujeito que participa sabendo como e por que deve participar e, por outro, temos um sujeito que participa como informante ou fornecedor de dados (CARDOSO, 1979), sem entender a importância ou o motivo de tal participação.

Portanto, a pesquisa com criança não deve se caracterizar como “mera descrição” empírica, pois deve abordar os problemas teóricos em torno das relações entre a sociedade, o Estado, a criança, a infância, a escola, na medida em que deve refletir e problematizar as condições sociais da realidade histórica da criança.

Além dessas implicações, foi possível averiguar que em boa parte das pesquisas desse segundo bloco as representações das crianças estão sendo analisadas superficialmente, pois os trabalhos, em sua maioria, separam o capítulo teórico do capítulo específico das falas da criança. A utilização da fala infantil fica solta no texto, às vezes como mera ilustração do fato observado, sem relacionar com as condições sociais do espaço e dos sujeitos pesquisados e sem identificar os fatores que influenciaram tal fala. De acordo com Ezpeleta e Rockwel (1986, p. 17),

Um trabalho permanente de análise de registros, de ida e vinda entre os dados de campo e o esforço compreensivo, sustenta o avanço progressivo na superação dos sentidos ‘evidentes’ das situações. Quando o ‘não-significativo’ se transforma em indício, em pista possível daquilo que buscamos, os registros começam a documentar, com maior precisão, a aparente dispersão da vida escolar. [...] E, então, continua a busca reiterada de redes e recorrências, o confronto de versões alternativas, a explicação de eventos que, mesmo quando esporádicos, revelam forças e conflitos pouco visíveis em sua rotina diária. Todo esse processo amplia nossa capacidade de ver e prever o que ocorre na escola.

Em outros exemplos, a pesquisa ficou restrita à descrição da prática docente com as crianças, pois nesses casos os pesquisadores eram professores dos sujeitos investigados. Nesses exemplos específicos, as dificuldades metodológicas encontradas durante a realização da pesquisa foram acentuadas, principalmente aquelas relacionadas com o tipo de vínculo criado com as crianças, a imagem como professora e não como pesquisadora, a relação de autoridade, a vinculação do trabalho com o processo da pesquisa etc.

Essa evidência reflete uma das tendências presentes, também, em muitos trabalhos no campo educacional que se caracterizam pelo imediatismo quanto à escolha dos problemas de pesquisa e que, em sua maioria, demonstram maior preocupação com a aplicabilidade direta e imediata das conclusões. Corroborando com Gatti (2001, p. 70, grifos nossos),

O sentido pragmático de um imediatismo específico observável nos estudos feitos na área educacional reflete-se na escolha e na forma de tratamento dos problemas. Esses problemas, oriundos de práticas profissionais, são tratados, em geral, nos limites de um recorte acadêmico em seus alcances. Além disso, a relação pesquisa-ação-mudança parece ser encarada de maneira um tanto simplista.

Por fim, identificar e caracterizar algumas possíveis fragilidades dessa produção nos remete às discussões realizadas por Gatti (2007, p. 51) sobre as questões de método nas pesquisas em Educação:

O que, do que digo ser fruto da pesquisa, é fala minha, o que e como estou falando no lugar dos meus sujeitos, o que meus interlocutores na investigação *de fato* falam? Nada disso se analisa, contentando-se com a afirmação de que nada é neutro, o que pode nos levar a admitir que tudo na pesquisa é opinião do próprio pesquisador e não fruto de uma depuração séria à luz de uma dada perspectiva, de uma teorização, ou dos confrontos de valores pesquisador-pesquisador. Diz-se que o pesquisado diz, mas muitas vezes 'diz' como quer o pesquisador. Assume-se a não neutralidade, mas não se aprende a trabalhar com a não-neutralidade

na direção de consensos sustentáveis teórica e metodologicamente.

Essas questões não podem ser minimizadas, pois realmente compreender e analisar a fala dos sujeitos da pesquisa envolve rigor teórico e metodológico. Esse é um dos desafios das Ciências Humanas com relação à realização de pesquisas qualitativas. Segundo Gatti (2007, p. 52),

Enveredar por novos caminhos que se considera mais ajustados às necessidades da compreensão um pouco mais rigorosa do real, ou seja, compreensão que vá um pouco além do senso comum, não quer dizer apenas utilizar outros tipos de instrumentos, mas sim transformar atitudes e perspectivas cognoscíveis, sem abandonar o eixo da consistência explicativa. Isso tem a ver com os métodos de trabalho empregados.

Ao privilegiar, de alguma maneira, o registro do testemunho da criança, a pesquisa educacional precisou apreender e adaptar os procedimentos, as técnicas e as ferramentas para acessar o ponto de vista infantil, como, por exemplo, a realização de entrevistas, o estudo de caso, a etnografia, evidenciando novas questões e desafios metodológicos: Como coletar os relatos infantis? Como tratar esse material para a análise? Como possibilitar a expressão da criança?

Essas questões implicam inevitavelmente outro aspecto importante na pesquisa com criança: a ética. Ao considerar os relatos/testemunhos/depoimentos orais dos sujeitos investigados, o comportamento, o grau de relacionamento, respeito e intimidade, o vínculo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa precisam ser levados em consideração, pois influenciam diretamente a disponibilidade e a vontade da criança em querer falar e expressar o seu ponto de vista.

Os pesquisadores devem se responsabilizar pelos dados coletados, esclarecendo os objetivos, os procedimentos da pesquisa e os motivos envolvidos na participação da criança, ou seja, todo o processo investigativo precisa ser muito claro e coerente, pois todos os sujeitos têm o direito de compreender a importância e o significado de seu envolvimento na pesquisa. Logo, os participantes precisam autorizar a veiculação e o tratamento dos dados recolhidos durante a investigação, desde as transcrições das entrevistas, as fotografias tiradas e outros

materiais que possam constituir o corpo do trabalho (desenhos, textos escritos etc.).

Portanto, o panorama da produção sobre as metodologias de pesquisa com criança na escola indicou, por um lado, que a pesquisa em torno do registro da voz da criança ampliou-se e diversificou-se e, por outro, que alguns pesquisadores estão tentando encontrar a forma mais adequada e coerente de “ouvir” a criança na escola. Porém, principalmente, do ponto de vista metodológico, como apontado por Pinto (2003, p. 71), a pesquisa com criança ainda enfrenta os mesmos desafios que marcam a construção da pesquisa em Educação:

Do ponto de vista metodológico sobre a infância, nas Ciências Humanas e Sociais, os recursos a serem utilizados para ouvir as crianças e registrar suas falas ainda se apresentam indefinidos. Mesmo que o método etnográfico seja apontado como o recurso mais adequado, tal estudo ainda carece de um conjunto integrado de métodos e técnicas que possa subsidiar as pesquisas que envolvem a infância e a criança no campo da educação.

E, sobretudo, temos que ter clareza, como afirmou Gatti (2007, p. 51), de que

Sáimos de uma forma de coleta de dados para outra e não percebemos que os problemas de fundo são os mesmos e que qualitativo, em pesquisa, não é dispensa de rigor e consistência, nem sinônimo de literatura ou poesia. A constatação desses problemas nesse tipo de trabalho mostra mais uma vez que as questões de método e de teoria não foram de fato ainda suficientemente aprofundadas.

Esse parece ser o principal desafio da pesquisa em Educação e do campo Educação e Infância. Desse modo, na discussão a seguir, busca-se problematizar essas implicações teóricas, metodológicas e éticas envolvidas na realização de pesquisas com criança na escola no intuito de refletir sobre algumas questões de base, identificadas acima, e contribuir para a qualidade e a validade da pesquisa educacional.

4.2 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E ÉTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇA NA ESCOLA

A pesquisa educacional como atividade humana e social não pode restringir-se a interesses imediatos e pessoais ligados somente à prática ou a um caso particular, deve estar comprometida com a realidade histórica e deve servir, também, como um instrumento importante para que os pesquisadores reflitam sobre o contexto no qual se encontram e contribuam para a produção do conhecimento sobre a criança concreta e a infância como condição e não um *vir a ser*.

Nas Ciências Humanas ainda hoje é polêmico reconhecer a criança como sujeito da pesquisa e objeto da investigação científica, sem desconsiderar os aspectos e as características individuais e sem abandonar a busca pela concreticidade e totalidade do conhecimento. Mas os pesquisadores afirmam e reafirmam que as crianças são “atores sociais” competentes, porém o que realmente define essa afirmação? Será que podemos afirmar que as crianças são “atores sociais”? Será que a pura expressão das crianças as torna ator social?

Alves-Mazzotti (2001, p. 41) ressalta que a pobreza teórico-metodológica identificada nas pesquisas em Educação, em geral, refere-se especialmente à pulverização e à irrelevância dos problemas investigados, bem como à adesão aos modismos e à preocupação pela aplicabilidade imediata dos resultados. Escreve a autora:

[...] o desconhecimento das discussões teórico-metodológicas travadas na área leva muitos pesquisadores iniciantes, principalmente os alunos de mestrado, a permanecerem ‘colados’ em sua própria prática, dela derivando o seu problema de pesquisa e a ela buscando retornar com aplicações imediatas dos resultados obtidos. O fato de que esses estudos costumam ser restritos a uma situação muito específica e de que a teorização se encontra ausente ou é insuficiente para que possa ser aplicada ao estudo de situações semelhantes resulta na pulverização e na irrelevância desses estudos.

Tais aspectos, de certa maneira, foram identificados na discussão anterior sobre as metodologias utilizadas com criança na escola, na

medida em que um número significativo de pesquisas ficaram restritas a pensar e solucionar interesses individuais de uma realidade muito específica, inclusive tiveram exemplos de pesquisadores que realizaram a pesquisa em seu ambiente de trabalho, refletindo sobre aspectos cotidianos sem apresentar as implicações de tais relações.

Nesse sentido, o pesquisador, antes de tudo, deve perceber que a atividade de pesquisa exige habilidades e conhecimentos específicos. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 2), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

Justamente, ao buscar elementos que possam colaborar para alcançar tal objetivo, primeiramente se deve recuperar as contribuições das Ciências da Educação, reconhecendo o conhecimento acumulado por elas sobre a criança e a infância, para assim, quem sabe, contribuir para a construção dos “faróis de análise” necessários para a produção no campo Educação e Infância.

Como comentado anteriormente, uma das primeiras contribuições da sociologia brasileira em reconhecer a criança como agente de socialização importante na sociedade, mesmo antes da chamada Sociologia da Infância, foi o trabalho de Florestan Fernandes, intitulado *As “trocinhas” do Bom Retiro*, realizado na década de 1940. Esse trabalho marcou o estudo sobre a infância fora da escola ao trazer elementos constitutivos da vida de um grupo de crianças, residentes nos bairros operários de São Paulo, que depois do período da escola permaneciam nas ruas da cidade para brincar. O pesquisador procurou no convívio com as crianças identificar as especificidades e as características de suas relações durante as brincadeiras e a utilização de brinquedos. Nas palavras de Quinteiro (2002, p. 150),

Entendendo a criança como participante ativo da vida social, o jovem Florestan observa, registra e analisa o modo como se realiza o processo de socialização das crianças, como constroem seus espaços de sociabilidades, quais as características destas práticas sociais, afinal, como se constituem as culturas infantis.

Esse trabalho oferece extenso material etnográfico e de análise, constituindo-se em uma importante referência para pensar a pesquisa com criança, principalmente sobre temas relacionados com o modo

como o pesquisador deve eleger e focalizar a criança na sua investigação. Além disso, apresenta significativas contribuições ao estabelecer relações entre o folclore e a “cultura infantil”. Segundo Florestan Fernandes (2004, p. 245),

[...] Cultura infantil, significa, aqui, aproximadamente o mesmo que folclore infantil. A diferença entre ‘folclore infantil’ e ‘cultura infantil’ é pouco sensível. [...] A expressão ‘cultura infantil’ é mais adequada, na medida em que traduz melhor o caráter da subcultura que nos preocupa no momento. Ela é mais inclusiva que ‘folclore infantil’ e traz consigo a conotação específica, concernente ao segmento da cultura total partilhado, de modo exclusivo, pelas crianças que constituem os grupos infantis que acabamos de descrever.

Esse autor indica outro significado para “cultura infantil” diferente das “culturas da infância”, identificadas em algumas dissertações, pois, ao relacionar com o folclore infantil, ele esclarece que a “cultura infantil” não pode ser vista de modo isolado, na medida em que é apenas um segmento da cultura mais ampla construída historicamente a partir da relação do homem com a natureza. Esse entendimento de cultura humana permite problematizar a definição de criança que produz cultura como no mínimo redundante.

Em 1993, após mais de uma década do trabalho de Florestan Fernandes, outro importante sociólogo desafia a tendência até então presente na produção nas Ciências Sociais de interessar-se, apenas, por informantes que exercem papel central nos acontecimentos e que têm certo domínio das situações. De acordo com José de Souza Martins (1993, p. 53-54),

O pesquisador quase sempre pressupõe e descarta, no grupo que estuda, uma parcela de seres humanos silenciosos, os que não falam [...] as mulheres, as crianças, os velhos, os agregados da casa, os dependentes, os que vivem de favor. Ou os mudos da história, os que não deixam textos escritos, documentos.

Martins, ao realizar entrevistas gravadas com as crianças, filhas e filhos de colonos do Mato Grosso e de posseiros do Maranhão, mostra que existe outra forma de compreender a realidade a partir da fala e da visão desses “sujeitos pequenos em estatura”, mas grandes na possibilidade de revelar informações e conhecimentos a respeito do que é ser criança na sociedade.

Em seu texto *Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida* (1993), o autor deixa claro a sua intenção em dar a palavra às crianças. Assim, ao estimular e orientar os pesquisadores em seus estudos com crianças, mostra o quanto aprendeu através da escuta do que as crianças sentem e pensam sobre a vida nas remotas regiões das frentes de ocupação da Amazônia. Uma das constatações a que esse autor chegou relaciona-se com o tempo da infância vivenciado por essas crianças. Para elas, esse tempo reduziu-se aos momentos de intervalo entre o trabalho e a escola, restringindo, assim, o direito a uma infância como um período peculiar da vida, de fantasia, brincadeiras, brinquedos e jogos, de desenvolvimento humano.

Essa realidade, evidenciada nas falas das crianças na década de 1990, nos remete à presença de questões atuais que ainda não foram “solucionadas”, principalmente com relação às condições de vida da criança em nossa sociedade e à falta de trabalhos que realmente discutam e apresentem elementos para superar tal problema como fenômeno sociológico.

Uma das ciências que mais estudaram e conheceram a criança foi sem dúvida a psicologia, especialmente quando elege o tema do desenvolvimento humano e toma a criança como ponto de partida de suas investigações, contribuindo, dessa maneira, para construir um conhecimento das particularidades e das especificidades do desenvolvimento da criança. Se em princípio, segundo Plaisance e Vergnaud (2004, p. 63), a psicologia da educação foi marcada fortemente pela presença dos testes psicológicos, que, entre outros aspectos, buscavam “medir as aptidões das crianças, seus conhecimentos, seu desenvolvimento, seu temperamento”, sua grande contribuição voltou-se para a construção de conhecimentos específicos sobre a criança e sua interação com o meio social.

Piaget pode ser considerado um dos pioneiros dentro dessa perspectiva, pois, ao construir sua teoria, contribuiu para dar visibilidade à criança. Mas, sem dúvida, uma das principais contribuições da psicologia em entender a complexidade do desenvolvimento da criança foram os estudos desenvolvidos por Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) e sua equipe. Pois, precisamente, ao superar o pensamento de

Piaget, trouxeram novos e significativos elementos para entender o desenvolvimento infantil como um movimento dialético e complexo, ressaltando o papel da linguagem, da escola e do adulto mais experiente para a transmissão dos conhecimentos, e a função primordial que a brincadeira exerce no desenvolvimento psicológico infantil como atividade principal e condição humana.

Os estudos de Vygotsky e de sua equipe contribuíram significativamente para compreender as características específicas do desenvolvimento infantil. Segundo Leontiev (1998), existem estágios de desenvolvimento no ser humano que são caracterizados por uma relação determinante, uma atividade principal, que desempenha a função central na forma de relacionamento do ser com o contexto social no qual está inserido. Nesse sentido, de acordo com o autor (1998, p. 63),

Ao estudar o desenvolvimento da psique infantil, nós devemos por isso, começar analisando o desenvolvimento da atividade da criança, como ela é construída nas condições concretas de vida. Só com este modo de estudo pode-se elucidar o papel tanto das condições externas de sua vida, como das potencialidades que ela possui. Só com esse modo de estudo, baseado na análise do conteúdo da própria atividade infantil em desenvolvimento, é que podemos compreender de forma adequada o papel condutor da educação e da criação, operando precisamente em sua atividade e em sua atitude diante da realidade, e determinando, portanto sua psique e sua consciência.

Jobim e Souza (1996, p. 47) afirma que é necessário “redefinir a questão da temporalidade humana” e “resgatar no homem contemporâneo o seu caráter de sujeito social, histórico e cultural”. E, ainda, acrescenta que, para se construírem outros paradigmas teóricos e uma metodologia que permita considerar o sujeito em sua inteireza social, é preciso restaurar o lugar social da linguagem na constituição do homem e das “teorias que falam a respeito deste sujeito que fala”. Portanto, é importante resgatar o sentido complexo da linguagem como produção humana, bem como as possibilidades lúdicas que ela oferece como elemento constitutivo do desenvolvimento integral da criança.

A criança tem necessidade de brincar com a realidade e construir um universo particular, dando outra significação para o mundo ao seu

redor, criando outros sentidos aos objetos que possuem significados fixados pela cultura humana acumulada e ampliando o sentido único das coisas, bem como denunciando o novo no contexto sempre igual. Para a criança, a verdade da realidade está em constante construção, ou seja, ao conhecer o mundo, esse sujeito humano de pouca idade aprende os múltiplos sentidos que a realidade física e social pode adquirir e se apropria deles de diferentes maneiras. A brincadeira é um desejo, algumas vezes irrealizável, que pode ser realizado porque a brincadeira não é regida apenas pelo prazer. Nem tudo de que a criança tem necessidade pode ser realizado, pois a vontade na brincadeira enfrenta um processo de negação, desafios e, principalmente, limites, tanto sociais como orgânicos.²⁰

É o controle imediato de um desejo que nega a necessidade imediata de satisfazer a sua vontade de brincar. As regras não são apenas regras morais, mas estão relacionadas com os comportamentos exigidos pela sociedade para brincar de determinada brincadeira. Os impedimentos físicos e morais influenciam o desenvolvimento do autocontrole na criança, e esse, do ponto de vista sociológico, inclui ‘afetos generalizados’ que são estabelecidos ao longo das relações sociais vivenciadas pela criança e que, ao mesmo tempo, seguem as regras instituídas socialmente. É todo esse complexo e constante processo de formação humana que promove o desenvolvimento psicológico da criança (VYGOTSKY, 2004).

Segundo Vygotsky (2004, p. 52), ao imaginar, a criança manifesta sua emancipação em relação às restrições situacionais e expressa uma realidade possível. Dessa maneira, “a imaginação da criança trabalha subvertendo a ordem estabelecida, pois, impulsionada pelo desejo, ela está sempre pronta para mostrar uma outra possibilidade de apreensão das coisas do mundo e da vida”.

Na brincadeira, a criança também segue as regras e se relaciona de forma fictícia com a realidade. Através dessa relação é possível perceber a consciência que a criança possui das regras e dos valores de convívio com a realidade, pois, além da conformação e da reprodução das regras, ocorre também a reelaboração criativa das regras que

²⁰ É importante citar que o estudo sobre o desenvolvimento da criança na psicologia histórico-cultural pode ser aprofundado na disciplina *Atividade da criança na perspectiva histórico-cultural*, oferecida no último semestre do mestrado em 2011 e ministrada pela professora Maria Isabel Serrão.

constroem novas possibilidades de interpretação e representação do real, num movimento dialético constante.

Ao pensarmos a infância e a criança dentro dessa perspectiva, estamos oportunizando outra forma de ver, entender e praticar a participação desses sujeitos na sociedade, o que irá influenciar também a maneira como compreendemos e incentivamos as ações e a fala da criança dentro das instituições de ensino, tanto infantil como dos anos iniciais do ensino fundamental.

Assim, discutir e analisar o desenvolvimento integral da criança, tendo a linguagem e a brincadeira como parâmetros fundamentais, é propor outra forma de compreender a criança e a infância em toda a sua singularidade e complexidade.

Portanto, a teoria desenvolvida pelos psicólogos russos possibilita perceber, segundo Mello (2007, p. 88) ao citar Leontiev (1978),

[...] que cada criança aprende a ser um ser humano. O que a natureza lhe provê no nascimento é condição necessária, mas não basta para mover seu desenvolvimento. É preciso se apropriar da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade. [...] Esse processo – denominado processo de humanização – é, portanto, um processo de educação.

E, ao mesmo tempo, é também um processo de socialização.

As contribuições dos primeiros estudos sociológicos sobre a infância e com a criança no contexto brasileiro, juntamente com as bases do estudo psicológico do desenvolvimento da criança, precisam ser consideradas na produção dentro do campo Educação e Infância, principalmente porque na pesquisa *com* criança a relação entre sujeito e objeto do conhecimento envolve um sujeito que fala, porém se encontra calado. Essa relação é marcada diretamente pelos aspectos objetivos e subjetivos do objeto investigado, isto é, exige a análise dos sentidos e dos significados aí imbricados.

Essa “fala” histórica e cultural envolve sentidos e significados construídos pelos seres humanos durante sua evolução e na interação com os objetos e os sujeitos ao seu redor. Nas palavras de Kramer (1997, p. 20),

[...] as epistemologias tradicionais dicotomizam a relação sujeito-objeto. Contrapõem indivíduo e

sociedade, consciência e ação, teoria e prática, etc. Romper com tal dualismo das tradições empiristas e idealistas significa fundar uma epistemologia para a qual a tensão entre o sujeito epistêmico e o objeto não é factual mais sim construída, em que o sujeito não observa, mas se interroga.

Essa discussão entre objetividade e neutralidade, entre sujeito e objeto, perpassa não só a produção no campo Educação e Infância, mas também a produção do conhecimento nas Ciências Humanas em geral. O *boom* das pesquisas que utilizam metodologias para “ouvir” a criança na escola, evidenciado no levantamento, indica que precisamos continuar debatendo e analisando o conhecimento que vem sendo produzido sobre a criança e a infância.

Prout (2005), em seu livro *The Future of Childhood*, após 15 anos de produção dentro da Sociologia da Infância na Europa, aponta uma crítica aos estudos elaborados por esse campo, ressaltando as dicotomias presentes na produção do movimento da chamada Sociologia da Infância, principalmente com relação à separação entre os aspectos sociais em detrimento dos aspectos psicológicos. Esse reducionismo destacado por Prout representa uma tendência nos estudos sobre infância que separa o social do biológico ao apresentar uma explicação dos aspectos da infância a partir de termos de um único princípio: o social.

A Sociologia da Infância, ao criticar o conceito clássico de socialização, desenvolvido principalmente por Durkheim (1922-1950), deixou de reconhecer outras obras sociológicas clássicas que, também, estudaram esse conceito. Em certa medida, esse novo campo de estudos negou o conhecimento teórico acumulado sobre o conceito de socialização ao repensar e até propor mudanças de nomenclatura na defesa pelo papel ativo da criança como “ator social” (GRIGOROWITSCHS, 2008).

As fragilidades da produção mostram que os desafios conceituais e analíticos evidenciados relacionam-se com ‘polarizações’, tais como estrutura *versus* sujeito, indivíduo *versus* sociedade, psicológico *versus* histórico/sociológico, as quais não estão restritas ao estudo da infância, mas precisam ser problematizadas e superadas, tal como destacou Warde (2007, p. 22-23):

Atravessando essa produção, verificam-se intenções, tácitas ou assumidas, de pensar a criança – ou o jovem – do ponto de vista histórico-cultural ou histórico-social – como

‘construção social’. Ainda que a ideia de ‘construção social’ não seja densamente estabelecida e operada – no caso, não importa se de modo tácito ou explícito –, patenteia-se, na literatura examinada, o intento de tirar de cena a ‘criança’ empírica para deixar entrar a ‘infância’. Firma-se, assim, a correspondência – almejada, porém, pouco fundamentada – entre a ‘criança’ como sujeito naturalizado pela Psicologia, pelas Ciências Biológicas e suas correspondentes tecnologias, e a ‘infância’ como sujeito historicamente construído.

Corroborando com Jobim e Souza (1996), é preciso buscar a contraposição dessa visão fragmentada da criança que a separa do lugar social como membro de uma classe situada histórica, social e culturalmente. Resgatar o lugar social da criança, dessa maneira, envolve desconstruir a nossa relação com a infância marcada por uma concepção adultocêntrica através do verdadeiro diálogo com a criança como um sujeito histórico. E, principalmente, considerar, como afirmou Miranda (2001), a relação de dependência da criança como um fato social, e não um fato natural.

Desse modo, ao problematizar a criança como sujeito e testemunha da pesquisa, busca-se definir “sujeito” não como um sujeito meramente biológico, psicológico ou social, mas sim como um ‘sujeito cognoscível’, um ‘sujeito concreto’ que, através das relações sociais, conforma seu mundo particular, não como indivíduo, mas como um sujeito histórico que se desenvolve através das relações sociais estabelecidas com o meio e os sujeitos ao seu redor (EZPELETA; ROCKWELL, 1986).

Além dessas questões epistemológicas que envolvem a produção dentro do campo Educação e Infância aqui no Brasil, de acordo com Gatti (2001), há ainda certa “apropriação simplificada” na pesquisa educacional de alguns modelos de investigação de outros países, principalmente Estados Unidos, Inglaterra e França, evidenciando uma tendência a certos “modismos periódicos”.

Nesse sentido, o desafio que se coloca diante da construção desse novo campo de estudos não pode ser banalizado, já que somente “ouvir” o que a criança tem a dizer não é suficiente, é preciso ir além das aparências do fenômeno e propiciar um conhecimento que consiga abordar a totalidade da realidade.

Conseqüentemente, os pesquisadores, ao defenderem a criança como sujeito “capaz”, “interlocutor legítimo”, como forma de criticar a visão tradicional das ciências que apenas consideravam a visão e a opinião dos adultos para falar sobre a infância, precisam conhecer o desenvolvimento da criança como base principal para acessar, registrar e analisar o testemunho da criança na pesquisa, bem como considerar que a criança é um sujeito social e histórico e, nesse sentido, vivencia um processo de socialização. Desse modo, segundo Cardoso (1979, p. 24), vale a pena questionar

[...] se o universo simbólico e os valores infantis têm, do mesmo modo ou mesmo grau, uma existência em si e por si e que podem ser integralmente respeitados, na medida em que o processo de socialização é inevitável e desemboca na reprodução, por parte da criança, de uma grande parcela de valores e representações do mundo adulto.

É importante destacar que a criança até pouco tempo atrás era vista como um ser incapaz, com pouca habilidade cognitiva nas Ciências da Educação. Desse modo, as pesquisas desenvolvidas *com* criança na escola nesta última década, ao enfatizarem-na como “sujeito social atuante” que deve ter “vez e voz”, precisam reconhecer todos os aspectos externos e internos que influenciam o seu desenvolvimento, principalmente a sua personalidade, pois, de acordo com Martins (2006, p. 29), a personalidade é

[...] uma formação integral de tipo especial produzida nas relações sociais que a pessoa estabelece ao longo de sua história, sendo um produto relativamente avançado do desenvolvimento histórico-social e ontogenético do homem. Portanto, a personalidade vai-se estruturando na unidade e luta dos contrários eu/outro, indivíduo/sociedade, o que nos permite afirmar que a personalidade de cada indivíduo não é produzida por ele isoladamente, mas sim resultado da atividade social, e em certo sentido não depende da vontade do indivíduo isoladamente, mas da trama de relações sociais nas quais encontra-se inserido.

Justamente, a pesquisa parte de uma ou várias questões que estão interligadas com o ponto de vista histórico-político e com o compromisso intelectual do pesquisador; nesse sentido, a necessidade da construção teórica deve partir de uma construção consciente, com finalidades, objetivos e um método. Esses não podem estar desvinculados dos fatores do contexto histórico e social (EZPELETA, 1986, p. 87).

Os pesquisadores, ao afirmarem que o conhecimento foi construído a partir das crianças, parecem não problematizar essa produção, pois escutar o que as crianças têm a dizer e a expressar não é suficiente para garantir a produção do conhecimento a partir delas. Na maioria das pesquisas, o que se verificou foi a fala da criança pela fala. Em alguns exemplos o que se verificou foi a carência de habilidades para realizar a pesquisa, indicando a inexperiência ou a falta de preparo do pesquisador. Segundo Gatti (2007, p. 63), para se terem as condições das ações investigativas é preciso, por exemplo,

[...] definir como e onde se vai lançar as iscas, as redes, as armadilhas para poder-se capturar aquilo em que se está interessado. Que perguntas fazer, como fazê-las, que palavras usar, como tratar o silêncio, como manter o diálogo em clima aberto? Cada palavra de uma entrevista tem que ser ponderada. Uma entrevista rica é aquela em que o pesquisador consegue um diálogo real como entrevistado, em que não predominam as respostas-chavões, que nada acrescentam.

Aqui é importante novamente destacar que talvez o tempo do mestrado não seja suficiente para formar todas as habilidades e condições para desenvolver uma investigação que exige cuidado, rigor, preparo e experiência mais qualificada do pesquisador.

Acrescentamos ainda que a preparação rigorosa não deve ser só do pesquisador, mas também deve existir uma preocupação em propiciar uma preparação aos sujeitos pesquisados para que eles tenham elementos para compreender o processo de pesquisa e sua importância:

A preocupação com a compreensão da criança acerca do que tratava a pesquisa em desenvolvimento, da qual ela participaria, esteve presente todo o tempo. [...] Essa observação é importante, pois havia a preocupação de que as

crianças entendessem que se tratava de uma pesquisa acadêmica, que seus testemunhos e relatos seriam utilizados fora da Escola, e que deveriam participar conscientes disso. Também era importante que não tratassem o tema como mais um “trabalho de aula” (ANTUNES, 2004, p. 90).

Apesar da crítica à visão adultocêntrica sobre a criança como um sujeito incapaz, inferior ou um *vir a ser*, foi evidenciado durante a realização da pesquisa com relação à postura de alguns pesquisadores que esses não privilegiavam a participação das crianças de modo efetivo com o intuito de explicar de forma exaustiva as finalidades e os objetivos da pesquisa. Em alguns exemplos, quem apresentou a pesquisa foi a professora da turma investigada, em outros os pesquisadores conversavam somente no primeiro contato com as crianças, deixando de esclarecer possíveis dúvidas ao longo da pesquisa. Por fim, a não explicitação dos objetivos e das finalidades da pesquisa em alguns casos foi uma opção metodológica do pesquisador. Lüdke e André (1986, p. 50) alertam:

O uso das abordagens qualitativas na pesquisa suscita primeiramente uma série de questões éticas decorrentes da interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados. [...] O que tem sido proposto para contornar esse problema é o pedido de consentimento aos informantes para a realização da pesquisa. [...] Isso, contudo, não resolve totalmente o dilema ético, devido principalmente à freqüente diferença de *status* entre o pesquisador e o sujeito, o que pode levar a um consentimento por intimidação ou por constrangimento.

Em algumas dissertações apenas os adultos assinavam a autorização para tirar fotos, ser filmado, querer ou não participar da investigação, o que nos remete à discussão apresentada por Kramer (2002, p. 53) quanto à autoria e à autorização na pesquisa com criança, que a princípio é feita pelos adultos. Nesse sentido, a autora questiona:

[...] Mas, se a autorização quem dá é o adulto, e não a criança, cabe indagar mais uma vez: ela é sujeito da pesquisa? Autoria se relaciona à

autorização, à autoridade e à autonomia. Pergunto: como proteger e ao mesmo tempo garantir autorização? Como resolver esse impasse?

Essa situação evidencia que os pesquisadores parecem demonstrar certo constrangimento diante do desafio de explicitar as condições e os objetivos da pesquisa para as crianças, com o intuito de garantir a valorização do testemunho infantil. É que garantir a efetiva participação da criança na pesquisa ainda parece ser um grande desafio! O próprio pesquisador ainda está aprendendo a emancipar-se para ensinar a criança a ser um sujeito capaz de testemunhar sobre a sua história.

No caso da pesquisa *com* criança, a diferença de *status* entre pesquisador e sujeito é um fator que precisa ser ainda mais bem considerado para garantir os devidos cuidados éticos, já que essa relação de poder se caracteriza como uma via de mão única em que a criança assume a função de obedecer ao que lhe é proposto.

Segundo Demartini (2009, p. 13), é preciso observar alguns aspectos necessários na pesquisa com a criança relacionados à coleta dos relatos dos sujeitos, tais como o relacionamento estabelecido entre o pesquisador e o pesquisado, o comportamento do entrevistador, o envolvimento dos sujeitos no ato da pesquisa, mas, principalmente, a autora destaca que

É preciso explorar todos os significados embutidos, isto é, que significado é atribuído ao 'querer' ou 'não querer' participar das entrevistas. Isso, para nós, pesquisadores, é um dado fundamental. E, no caso de crianças que são de famílias diferentes, composições diferentes, também é necessário perceber os significados que cada criança atribui a participar ou não daquela entrevista. Esse é um aspecto a que se deve ficar atento, porque isso vai interferir nos resultados, no que se vai poder perceber a partir do que a criança está falando, sobre como ela coloca as questões. Tudo isso é importante nesse processo de construção dos relatos orais.

Outra questão polêmica na pesquisa com criança que ainda se encontra ausente nas considerações das dissertações é o retorno da pesquisa aos sujeitos pesquisados. Se a proposta é respeitar a criança

como sujeito da pesquisa, possibilitando a sua participação na produção do conhecimento sobre a infância, como propor o retorno do texto escrito aos sujeitos privilegiados na pesquisa? Quais estratégias, recursos e procedimentos podem ser utilizados para divulgar os resultados da pesquisa na escola, na comunidade e na sala de aula? Essas ainda são questões que precisam ser aprofundadas e discutidas nesse campo de estudos sobre a infância, inclusive nas Ciências Humanas. Destaca-se, ainda, a necessidade de escrever para estudantes e professores da educação brasileira.

Quanto às categorias *criança* e *infância*, as pesquisas, em sua maioria, parecem utilizar a criança como sinônimo de infância, na medida em que focam a criança, mas deixam de problematizar e evidenciar a infância na escola. Em alguns exemplos, a criança foi identificada como “menor”, “pequeninha”, indicando uma possível falta de rigor conceitual das categorias *criança* e *infância*, como se relatar e mostrar os comportamentos, as atitudes e as manifestações das crianças fosse a mesma coisa que falar da sua infância. Esta é uma categoria recente e complexa que exige atenção e rigor, visto que a maioria das pesquisas identificaram as crianças, mas não as condições sociais que contribuem para determinar a infância.

Certamente investigar a infância como condição e direito da criança exige um tempo de observação mais longo para permitir o estudo em profundidade e ao mesmo tempo compatível com os pressupostos teóricos e conceituais. As pesquisas devem ter rigor e se preocupar, principalmente, com o tempo institucional e depois com a escolha dos critérios a serem utilizados para recolhimento, análise e tratamento da informação, que envolvem necessariamente a observação participante das práticas cotidianas na qual os sujeitos estão inseridos, os traços e pormenores, os acontecimentos importantes, os comportamentos e as atitudes dos sujeitos da pesquisa, as entrevistas com as crianças, com os(as) professores(as) e com outros membros da comunidade educativa e a análise de documentos. Esses devem apresentar o máximo de informações sobre o contexto histórico, econômico e cultural dos sujeitos pesquisados, bem como as condições sociais que influenciam o modo de ser e estar das crianças na escola.

Desse modo, a busca pelo rigor na pesquisa com criança deve contemplar de forma consistente e responsável os seguintes aspectos metodológicos e éticos: tempo, espaço, vínculo, acesso. Corroborando com as palavras de Demartini (2009, p. 2), é preciso aprender a “ouvir” as crianças e os jovens, e, mais ainda, é necessário

[...] não apenas conhecê-lo enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas, principalmente, escutá-los para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade atual nos coloca.

“Ouvir” a criança na pesquisa está diretamente relacionado com a transparência e o esclarecimento das informações, possibilitando com isso que elas possam participar reconhecendo a importância e o motivo pelo qual sua fala é tão significativa para a pesquisa e, por que não, como um direito de exercer a sua cidadania. Afirmar que a criança é sujeito de direito é uma coisa, mas efetivamente garantir as condições e os meios para que esses seres humanos de pouca idade exerçam esse direito ultrapassa o espaço da investigação científica, envolvendo questões sociais, políticas, econômicas, culturais.

Pensar a criança como testemunha da história envolve, acima de tudo, considerar o desenvolvimento da criança em toda a sua complexidade, entendendo que existem fatores biológicos e individuais que guiam a relação da criança com o mundo. Porém, esses não podem ser considerados de forma isolada, pois dependem das condições concretas externas, que precisam ser disponibilizadas para que ela possa desenvolver-se. O desenvolvimento deve ser considerado, dessa maneira, não como um processo inexorável, pois é um processo humano que ocorre de maneira particular e de acordo com as condições existentes. Segundo Cardoso (1979, p. 20), “a gente esquece um pouco isto, quer dizer, há coerção, há forçosamente coerção, no universo da criança que está destinada a ingressar num mundo que já é dado pelos adultos”.

Nesse sentido, é inadequado negar o papel do adulto nesse processo, pois esse é essencial para o desenvolvimento total da criança. Justamente, pensar a criança como testemunha da história, como sujeito de direitos, envolve ter clareza de que a participação constitui o ser humano e é uma das condições para a criança se tornar um sujeito humano. Assim, exige o acesso a informações e a apropriação de conhecimentos, que só serão possibilitados se as devidas condições forem disponibilizadas, o que não ocorrerá somente a partir da criança, mas sim através das relações estabelecidas com os adultos mais experientes, nesse caso os pesquisadores, na medida em que esses forem capazes de oferecer as condições necessárias para desenvolver as máximas possibilidades da criança. “A construção de uma democracia

supõe cidadania, ou seja, a construção de um espaço público de discussão, no qual o cidadão possa participar das escolhas fundamentais. Para debater e escolher entre alternativas é preciso saber, donde a necessidade da instrução [...]” (CARDOSO, 2004, p. 118).

Tendo em vista esses pressupostos, a pesquisa pode assumir um caráter formativo e pedagógico, na medida em que a criança é capaz de aprender, compreender, entender durante a pesquisa os significados e os sentidos em torno da condição de sujeito silenciado para testemunha da história, quando as condições objetivas e materiais são possibilitadas pelos pesquisadores.

É importante destacar que, como esse ainda é um campo de estudos recente, se buscou, a partir do panorama desta produção, justamente evidenciar as lacunas, as possibilidades e os desafios que envolvem o “ouvir” a criança na escola, desde a metodologia adotada, os procedimentos teóricos e metodológicos priorizados, as questões éticas, a postura do pesquisador e o envolvimento da criança na pesquisa, pois, de acordo com Demartini (2009, p. 5), “É impossível tratar dos relatos de crianças pensando que todos eles são da mesma natureza. A questão dessa heterogeneidade dos tipos de criança, do tipo de infância vivenciado, é uma questão que o pesquisador sempre se deve colocar”.

Quanto à escola, as dissertações apontam para a evidência do crescimento dos estudos que priorizam o “ouvir” a criança sobre diversos aspectos envolvidos no cotidiano escolar, desde o motivo que as levam a gostar ou não da escola, as coisas boas e ruins, a importância desse espaço em suas vidas, as brincadeiras que mais gostam, a maneira como se relacionam com os adultos e as outras crianças, as possibilidades do brincar na escola, os direitos e os deveres das crianças e dos adultos nesse espaço etc.

De modo geral, os pesquisadores constituem-se como defensores da infância como construção histórica e social, opondo-se às visões naturalistas e idealistas. Porém, com exceção de algumas dissertações, que buscaram trabalhar os direitos e os deveres das crianças na escola e incentivaram a participação das crianças com relação aos aspectos a serem melhorados ou modificados nesse espaço, o que prevaleceu foi a ausência de pesquisas que efetivamente problematizaram as condições sociais e culturais da infância na escola e na sociedade. Dessa maneira, ao considerar a criança como sujeito e testemunha, as pesquisas fizeram questão de indicar que as crianças possuem um entendimento privilegiado do mundo adulto, porém o que isso significa?

Defendemos a criança como sujeito da pesquisa, a partir da definição de Ezpeleta (1986, p. 90), como

Uma pessoa com a qual interajo; que me ensina coisas; descobre-me seus mundos e outras visões dos meus e, além disso, enriquece-me. Um alguém concreto, com o qual devo relacionar-me numa tarefa comum e que, por isso mesmo, me modifica de algum modo.

Mas, acima de tudo, segundo essa mesma autora, defendemos um sujeito capaz de muitas resistências e conquistas

[...] em e por relações sociais específicas, por tradições e histórias variadas que amiúde carregam também normatividades diferentes. Mesmo conhecendo as regras do jogo institucional, esses sujeitos são capazes de distanciar-se delas, manejá-las de fora, compartilhá-las, readaptá-las, resistir-lhes ou simplesmente criar outras novas (p. 92).

Nesse sentido, questiona-se: Quais o sentido e os resultados do “ouvir” a criança na pesquisa? Como socializar o conhecimento obtido? Como articular o conhecimento com a prática social?

De acordo com Luna (1979, p. 19), nem todo conhecimento produzido sobre uma criança pode ser considerado um benefício para ela:

[...] Considero que o saber só pode se tornar um benefício para o sujeito, se o pesquisador assumir a responsabilidade pela produção de conhecimento. Se for capaz de assumir que ‘agora que eu sei disso a respeito deste sujeito vou ter que fazer alguma coisa’.

Enfim, alguns avanços foram alcançados nestes 10 anos da produção no que diz respeito, principalmente, ao olhar do investigador sobre a criança e a infância na pesquisa educacional. As pesquisas que estão sendo realizadas com criança na escola estão oportunizando alguns elementos para pensar e problematizar a relação dominante entre crianças e adultos. Ao “ouvir”, registrar, dar atenção à fala da criança e

ao seu modo de pensar e agir no mundo, os pesquisadores vêm contribuindo para, quem sabe, construir um outro olhar sobre a criança que está na escola de educação infantil e do ensino fundamental.

O interesse e a relevância dos estudos sobre as condições de vida da criança em diferentes espaços e instituições educativas na perspectiva do próprio sujeito cresceram de forma significativa, principalmente nos últimos quatro anos, chamando a atenção para as características, as individualidades e as especificidades do modo de ser criança na sociedade. Afinal, os pesquisadores estão buscando “ouvir” a criança para conhecê-la e para contribuir no seu desenvolvimento e formação, mas será que, efetivamente, estamos reconhecendo o caráter formativo da pesquisa?

A pesquisa educacional, ao considerar esse sujeito humano de pouca idade como centro da investigação, precisa antes de tudo reconhecer a criança em toda a sua complexidade, desde os aspectos naturais até os aspectos históricos e culturais que constituem o seu processo de humanização. Corrobora-se com as palavras de Mello (2007, p. 99),

Compreender a complexidade do processo de humanização exige perceber que o desenvolvimento humano, que tem como base a apropriação da experiência histórica e socialmente acumulada, tem, simultaneamente, uma base orgânica que, ainda que não seja suficiente para tal desenvolvimento, cria as condições indispensáveis para essa apropriação e desenvolvimento.

Ao questionarmos o acúmulo de conhecimento sobre infância e com criança produzido até agora, busca-se a construção de uma base teórica e metodológica que consiga captar o real, a totalidade do fenômeno, tendo em vista, como afirmou Iasi (2011)²¹ a partir das ideias de Hegel, que

A verdade está no todo, mas o todo nada mais é do que o processo que se implementa – resultado,

²¹ Trecho da fala do professor Mauro Iasi na aula inaugural *Conhecimento, pesquisa e emancipação na sociedade contemporânea*, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSC, no dia 19 de agosto de 2011.

síntese de todos os momentos que o constitui, ele é resultado, e envolve tanto uma dimensão espacial, quanto temporal, pois está inserido num movimento amplo. Captar o real é sempre captar uma parte do real, pois está em relação com outras partes, que não são visíveis no real. Relações de causa, dependência num processo que conforma o movimento e constitui o todo.

Busca-se ultrapassar o contexto da investigação contribuindo para a construção de um conhecimento significativo que permita aos sujeitos envolvidos na pesquisa refletir sobre a realidade em que vivem e, principalmente, que possa garantir elementos para propor, de acordo com Quinteiro (2002), a transformação da escola como um lugar privilegiado da infância em nossa sociedade.

As implicações teóricas, metodológicas e éticas da pesquisa com criança se caracterizam como questões epistemológicas que há muito tempo provocam os pesquisadores não só do campo educacional, mas também de outros campos científicos, como pode ser verificado na mesa-redonda organizada pela Fundação Carlos Chagas, em 1979, sobre as implicações éticas provenientes da utilização da criança como sujeito de pesquisa, citada na discussão do Capítulo 2. Essas questões permanecem atuais. Assim, ao desenvolvermos certa análise das metodologias de pesquisa com criança na escola, buscamos justamente indicar elementos que viessem a contribuir neste debate, sobretudo com relação à constituição dos “faróis de análise” da produção sobre a criança e a infância no campo Educação e Infância e à pesquisa educacional.

Por fim, corroborando com Gatti (2007, p. 58-59), em ciência o que se busca são justamente

[...] aproximações da realidade em que vivemos; aproximações que sejam consistentes e conseqüentes, pelo menos por um certo tempo. Porém, como conhecimentos aproximativos não são dogmas, são conhecimentos orientadores por um tempo, sempre revisáveis ou superáveis – nas áreas humano-sociais com mais razão, visto o caráter transformador do homem em sua própria história pessoal e comunal. Pode-se falar em abordagens mais coerentes e plausíveis para um determinado momento e contexto histórico. Todas

nos trazem uma maneira de se construir, a partir da possível aproximação do real, um modelo compreensivo/explicativo. Para uma mesma temática ou fenômeno pode-se ter vários modelos explicativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo da pesquisa deveria coincidir com o “amadurecimento” intelectual do pesquisador e possibilitar sua imersão no campo com o intuito de atingir o rigor teórico e metodológico esperado. As condições precárias de trabalho interferem significativamente na qualidade da formação e da produção do estudante pesquisador. Com certeza, esse foi um dos maiores desafios desta pesquisa – o tempo necessário para se apropriar do problema da pesquisa, principalmente quando esse sofreu uma mudança significativa a partir do redirecionamento do projeto inicial de mestrado, justamente porque, ao deixar de “ouvir” a criança na escola, me deparei com o desafio de tentar compreender a complexidade do fenômeno “ouvir” a partir da realização de um panorama da produção acadêmica.

Essa mudança exigiu escolhas pessoais e metodológicas, aprofundamento teórico, rigor e muitas idas e vindas às fontes e ao Protocolo de Análise aqui realizado. A preocupação deste estudo, considerando o tempo de realização do mestrado, foi a de traçar um panorama da produção acadêmica brasileira, identificando, caracterizando e analisando as metodologias de pesquisa que vêm sendo utilizadas com criança na escola, para compreender como esta emerge como sujeito e objeto da pesquisa educacional e quais as contribuições dessa produção para o debate sobre a infância, isto é, sobre a construção social da criança e suas relações com a escola.

Alguns resultados desta investigação podem ser aqui sintetizados com o intuito de identificar as contribuições e as características de 10 anos de produção com a criança e sobre a infância e apontar dificuldades e possibilidades dessa produção que elege a criança como sujeito e testemunho da história.

- A produção com criança na escola foi selecionada junto ao banco da Capes a partir do ano 2000 em diante, coincidindo com a produção identificada junto à ANPEd, que somente a partir de 2001 apresentou trabalhos e pôsteres. Esses dados evidenciam que a constituição do campo Educação e Infância parece ter estabelecido sua base em 2000 e, particularmente, firmou-se a partir de 2006, atingindo o ápice na produção nos anos 2009 e 2010, tanto na ANPEd como na Capes.

- O “ouvir” a criança na escola foi identificado como uma forte tendência a partir das categorias *fala, voz, o que dizem/pensam, narrativas infantis, ponto de vista, olhares,*

discurso/perspectiva/experiências das crianças, conversas com crianças e com a palavra a criança.

- Na ANPED e na Capes a produção se destacou nas regiões Sudeste e Sul. Na região Sul, a quantidade de trabalhos, pôsteres e dissertações selecionados destacou a UFSC como um dos principais programas de divulgação da produção acadêmica, o que vem contribuindo para o debate e a constituição do campo Educação e Infância.

- A Sociologia da Infância europeia e americana foi identificada como o principal referencial teórico-metodológico para justificar o “ouvir” a criança na pesquisa, defender a criança como ator social que produz cultura e é por ela produzida e conhecer mais e melhor as culturas da infância, tanto na Capes como na ANPED.

- A metodologia mais indicada na produção para realizar a pesquisa com criança na escola foi a etnografia, principalmente por meio de alguns procedimentos básicos, a observação participante e o registro em diário de campo, mas, ao mesmo tempo, também se utilizou uma variedade de procedimentos, tais como registro fotográfico, gráfico e fílmico; produções escritas; narração de história; produções culturais; espaços de narrativa; entrevista etc.

- A variedade metodológica e os adjetivos à etnografia indicam que na realidade os pesquisadores estão desenvolvendo “Conversas com crianças” como metodologia mais utilizada para “ouvir” a criança na pesquisa educacional.

- As temáticas destacadas na maioria das dissertações giraram em torno de aspectos provocados pela chamada Sociologia da Infância: “ator social”, “culturas da infância”, “interação entre pares”, “participação da criança”, “narrativas infantis” e “reflexões nas falas”.

- As dimensões histórica, política e ideológica que podem explicar o fenômeno da infância parecem não estar sendo consideradas em toda a sua complexidade, especialmente quando criança e infância são consideradas como sinônimos e quando os pesquisadores deixam de problematizar as condições sociais e históricas que envolvem a mudança em torno da condição da criança na pesquisa, de sujeito silenciado para sujeito capaz de testemunhar sobre o seu tempo e a sua história.

- O panorama indica, ainda, o predomínio de certo pragmatismo e imediatismo para explicar a totalidade das relações existentes entre educação, criança, infância e escola.

- As principais fragilidades teóricas, metodológicas e éticas foram identificadas a partir de dois aspectos fundamentais: condições objetivas

e materiais para a realização da pesquisa e os limites da formação recebida pelo pesquisador em nível de mestrado.

Tais constatações indicam que para buscar o rigor na pesquisa com criança é preciso construir as condições objetivas e materiais relacionadas às opções metodológicas e éticas, especialmente quanto aos procedimentos utilizados na pesquisa, refletindo sobre os seguintes questionamentos: Qual o tempo necessário para criar um vínculo com os sujeitos? Qual a forma mais adequada e didática para informar sobre os objetivos e os encaminhamentos da pesquisa? Como obter os dados da pesquisa respeitando as crianças? Como conseguir o consentimento da criança? Como acessar os dados e registrar o testemunho da criança? Como retornar os resultados da pesquisa aos sujeitos? Quais espaços devem ser utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e como organizá-los? Como entrevistar uma criança? Finalmente, qual referencial teórico-metodológico seria mais adequado para análise desse fenômeno?

Como pôde ser verificado no Capítulo 4, alguns pesquisadores estão indicando e exercitando algumas possibilidades metodológicas para “ouvir” a criança, porém as fragilidades que foram identificadas nessa produção confirmam os desafios, os limites e as dificuldades que envolvem a mudança da condição da criança na pesquisa, de sujeito silenciado à condição de testemunha da história.

Portanto, a produção com criança e sobre a infância na escola identificada até o ano de 2010 no levantamento realizado nesta pesquisa indica que existe um acúmulo de conhecimento e debate teórico e metodológico sobre esse tema, porém certos modismos dualismos, contradições e fragilidades caracterizam ao mesmo tempo o campo Educação e Infância, exigindo de tal maneira um exercício de reflexão e debate para garantir uma revisão do que já foi acumulado e para propor e construir os “faróis de análise” do que ainda poderá e deverá ser produzido nesse campo.

[...] É preciso reconhecer que não temos nos omitido no enfrentamento desses problemas, mas que, por outro lado, nem tudo o que se faz sob a égide da pesquisa educacional pode ser realmente considerado como fundado em princípios da investigação científica, traduzindo com suficiente clareza suas condições de generalidade, e simultaneamente de especialização, de capacidade

de teorização, de crítica e de geração de uma problemática própria, transcendendo pelo método não só o senso comum, como as racionalizações primárias (GATTI, 2001, p. 110).

Será que o tempo do mestrado é suficiente para estabelecer um enfrentamento das questões de base e dos fundamentos da ação humana? Será que as relações entre teoria/método/metodologia têm merecido a devida atenção na formação dos pesquisadores no nível dos PPGes?

Essas reflexões consideram a criança como um sujeito social concreto e indicam que é preciso um rigor teórico e metodológico para legitimar a participação da criança nas pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais. Mas, principalmente, a oportunidade para a criança dizer o que ela sente e o que ela pensa na pesquisa educacional deve estar imbricada com um caráter político e crítico, exatamente como afirmou Cardoso (1979, p. 26) ao indicar as possibilidades do “ouvir” a criança: “O que estamos achando muito interessante é que as crianças, depois de terem conhecimento, assim, do objetivo desse trabalho, estão partindo para uma prática de alteração e de modificação do ambiente escolar [...]”.

Corroborando com as ideias de Gatti (2001), os desafios teóricos e metodológicos ainda são uma presença constante na produção em geral e sobre a infância, pois refletem uma tradição da pesquisa educacional caracterizada pela própria história de constituição da pós-graduação no país. Esses desafios estiveram presentes durante todo o processo de escrita desta dissertação, e é preciso reconhecer os limites deste trabalho, pois não foi tarefa fácil buscar garantir as exigências de uma monografia de base, justamente, porque as características do campo, a formação recebida antes e durante o mestrado, o tempo do mestrado e, especialmente, a relação entre sujeito e objeto da pesquisa limitaram e dificultaram, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de uma pesquisa radical, rigorosa e de conjunto, defendida por Saviani (1982).

Todos esses questionamentos demonstram as dificuldades e os desafios presentes na pesquisa educacional e, especificamente, no campo Educação e Infância. Os pesquisadores que se propõem a escutar e a estudar a criança devem buscar um rigor teórico e metodológico para entender o fenômeno da infância em sua totalidade e complexidade.

Finalmente, acreditamos que é preciso continuar a construir melhores ferramentas teóricas para atuar de forma consistente e concreta sobre a realidade, mas, especialmente, defendemos as condições

necessárias para uma formação política do pesquisador, pois sabemos que

[...] o curso da história não é pré-determinado. A ilusão do determinismo já cegou aqueles que um dia acreditaram que o futuro viria. Não há futuro por vir, mas somente a história que consigamos construir com nossos projetos e nossas lutas face aos demais projetos, sempre sob as condições concretas que compõem a realidade social (BOURDIEU, 1998 apud CARDOSO, 2004, p. 122).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALDERSON, P. Crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação na metodologia da pesquisa. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005. Dossiê Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 39-50, jul. 2001.

_____. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ANDRÉ, Marli. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de casos. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

_____. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

ANTUNES, K. M. *As dimensões política e pedagógica da participação da criança na escola: um estudo de tipo etnográfico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ARCE, A. Introdução. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Orgs.). *Ensinando aos pequenos: de zero a três anos*. São Paulo: Alínea, 2009. p. 187-204.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. *O significado da infância*. Revista a educação infantil nos municípios: a perspectiva educacional. Belo Horizonte: MG, 1996.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd. *Avaliação e perspectivas na área de Educação 1982-1991*. Porto Alegre, 1993.

BATISTA, Ezir Mafra. *Criança, infância e escola: uma análise da produção discente no Brasil (1994 a 2004)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. A ausência da criança na produção acadêmica sobre a escola: um estudo de caso. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. de (Orgs.). *Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola*. Brasília: Capes, 2007.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol. 1).

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em:
<<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/8b6939f8b38f377a03256ca200686171/509f2321d97cd2d203256b280052245a?OpenDocument>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: MEC, 2005.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Questões sobre educação. In: GOULART, C. (Org.). *Dimensões e horizontes da Educação no Brasil*: ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigoto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

CARDOSO, Ruth. Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeitos de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 17-33, dez. 1979.

CATANI, D. B. et al. (Orgs.). *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica*: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. *Investigação com crianças*: perspectivas e práticas. Tradução de Mário Cruz. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). *A criança fala*: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. (Coletânea).

CUNHA, et. al. Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeitos de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 17-33, dez. 1979.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

DEMARTINI, Z. D. B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L. G. D.; DEMARTINI, Z. D. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coletânea).

EZPELETA, Justa. Notas sobre pesquisa participante e construção teórica. In: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coletânea).

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011.

FERNANDES, F. A formação política e o trabalho do professor. In: CATANI, Denise B. et al. (Orgs.). *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. As “trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. *Pro-Posições*, v. 15, n. 1, jan./abr. 2004.

GATTI, Bernadete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 65-81, jul. 2001.

_____. A pesquisa em Educação no Brasil: oscilações no tempo. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, p. 257-263, jul./dez. 2005.

_____. *A construção da pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GEPIEE. *Pressupostos*. 2007. Disponível em: <www.gepiee.ufsc.br/pressupostos>. Acesso em: 15 jul. 2008.

GOUVEIA, Aparecida J. A pesquisa em Educação no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 1, p. 1-47, jul. 1971.

_____. A pesquisa sobre Educação no Brasil: de 1970 para cá. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 19, p. 75-79, dez. 1976.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. Entre a Sociologia Clássica e a Sociologia da Infância: reflexões sobre o conceito de ‘socialização’. In: VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA MUNDOS SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS, 2008, Universidade Nova de Lisboa.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG) e suas repercussões na Pós-Graduação brasileira. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133-160, jan./jun. 2006.

JOBIM E SOUZA, S. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRAMER, S. Infância e sociedade: o conceito de infância. In: KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil? A arte do disfarce*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coletânea).

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S. et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998. p. 59-83.

LIMA, Mayumi Souza. A criança e a percepção do espaço. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 73-80, 1979.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sérgio. Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeitos de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 17-33, dez. 1979.

MARCÍLIO, M. Luiza. A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX. *Revista da USP*, São Paulo, v. 37, p. 46-57, mar./maio 1998.

MARTINS, José de Souza (Coord.). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, L. M. A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade. In: ARCE, A.; DUARTE, N. (Orgs.). *Brincadeira de papéis sociais na educação infantil*. São Paulo: Xamã, 2006. p. 27-50.

MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./jun. 2007. Dossiê Infância, Educação e Escola.

MIRANDA, Marília Gouvea de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S. T. M.; GODO, W.

(Orgs.). *Psicologia do social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de Pesquisa*, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.

MORAES, M. C. M.; TORRIGLIA, P. L. Sentidos de ser docente. In: MORAES, M. C. M. (Org.). *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MÜLLER, Fernanda. Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

MÜLLER, Fernanda; DELGADO, Ana Cristina Coll. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. Reconhecimento da Sociologia da Infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. In: FINCO, D.; FARIA, A. L. G. de (Orgs.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2011.

PAIVA, V. et al. (Orgs.). Revolução educacional e contradições da massificação do ensino. *Contemporaneidade e Educação*, Rio de Janeiro, v. III, p. 44-99, 1998.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SALGADO, Raquel Gonçalves; JOBIM E SOUZA, Solange. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na

produção da infância contemporânea. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 1019-1035, set./dez. 2009.

PINTO, M. R. B. *A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, jan./abr. 2004.

PLAISANCE, Eric; VERGNAUD, Gérard. *As Ciências da Educação*. Tradução de Nadyr de Salles Penteadó e Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PROUT, Alan. *The Future of Childhood*. London: RoutledgeFalmer, 2005.

QUINTEIRO, J. *Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. Sobre a emergência de uma sociologia da infância. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 137-162, jul./dez. 2002.

_____. Infância e Educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: DEMARTINI, Z. B. F.; FARIA, A. L. G.; PRADO, P. D. (Orgs.) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. de (Orgs.). *Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola*. Brasília: Capes, 2007.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; FARIA, Ana Lucia G. de. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. 1999. 255 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

ROCKWELL, Elsie. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

SAMPAIO, M. das M. F. Situando a escola. In: _____. *Um gosto amargo de escola: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2004.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. In: _____. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

_____. Concepção de dissertação de mestrado centrada na idéia de monografia de base. *Educação Brasileira*, Brasília, v. 13, p. 159-168, 2. sem. 1991.

_____. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SGANDERLA, Ana Paola. *A Psicologia na constituição do campo educacional brasileiro: a defesa de uma base científica da organização escolar*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Juliana Pereira; BARBOSA, Silvia Néli Falcão; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 41-64, jan./jul. 2005.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

SOARES, Natália Fernandes. Direitos da criança: utopia ou realidade? In: SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. *As crianças: contextos e identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997. p. 77-111. (Coleção Infans).

SOUZA, Marilene Proença Rabello de (Org.). *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

TORRIGLIA, P. L.; MORAES, M. C. M. Sentidos de ser docente e da construção de seu conhecimento. In: MORAES, Maria Célia Marcondes de. (Org.). *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 45-60.

TRAGTENBERG, Maurício. A escola como organização complexa. In: _____. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982. p. 35-54.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. II Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias: perspectivas metodológicas. Disponível em: <<http://www.gpime.pro.br/grupeci>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

UNIVERSIDADE DO PORTO. Seminário Internacional Pesquisa e Infância. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/infancia/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. Livro para professores. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. (Ensaios comentados).

WARDE, Mirian Jorge. Repensando os Estudos Sociais de História da Infância no Brasil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 21-39, jan./jun. 2007.

**APÊNDICE A – LISTAGEM DAS COLETÂNEAS E DOS
ARTIGOS**

- **Década de 70**

1979

CUNHA, Manuela Carneiro da; JORDÃO, Maria de Fátima Pacheco; MASCELLANI, Maria Nilde; COSTA, Marisa C. Lobo da; MACEDO, Rosa Maria S; FERREIRA, Rosa Maria Fisher; CARDOSO, Ruth; LUNA, Sérgio Vasconcellos de; “Implicações éticas provenientes da utilização de crianças como sujeito de pesquisa”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 17-33, dez. 1979.

LIMA, Mayumi Souza. “A criança e a percepção do espaço”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.31, p.73-80, 1979.

COPIT, Melany S.; PATTO, Maria Helena Souza. “A criança – objeto na pesquisa psicológica”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 6-9, dez. 1979.

- **Década de 90**

JOBIM e SOUZA, Solange. “Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância”. In. KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa. (Coletânea)*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa. (Coletânea)*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

KRAMER, Sônia. “Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin”. In. KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa. (Coletânea)*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. “O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo”. In. KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa. (Coletânea)*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

- **Início do Século XXI**

2001

MONTANDON, Cléopâtre. “Sociologia da infância: balanços dos trabalhos em língua inglesa”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº 112, p. 33-60, mar. 2001.

SIROTA, Régine. “Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº 112, p. 7-31, mar. 2001.

2002

DEMARTINI, Z. de B. F. “Infância, pesquisa e relatos orais”. In. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dia (orgs.). *Por uma cultura da infância. (Coletânea)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

KRAMER, Sonia. “Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul.2002.

QUINTEIRO, Jucirema. “Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção”. In. FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dia (orgs.). *Por*

uma cultura da infância. (Coletânea). Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. “Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate”. *Perspectiva*, Florianópolis, v.20, n. Especial, p. 137-162, jul./dez.2002.

2004

PLAISANCE, Eric. “Para uma sociologia da pequena infância”. *Educação e sociedade*, Campinas, v.25, n.86, jan./abr.2004.

2005

ALDERSON, Priscilla. “As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa”. In: *Dossiê Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Educação e sociedade*, Campinas, v. 26 n. 91 mai./ago. 2005.

CORSARO, William A. “Entrada em campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas”. In: *Dossiê Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Educação e sociedade*, Campinas, v. 26 n. 91 mai./ago. 2005.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. “Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

GULLESTAD, Marianne. “Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida”. In: *Dossiê Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Educação e sociedade*, Campinas, v. 26 n. 91 mai./ago. 2005.

MONTANDON, Cléopâtre. “As práticas educativas parentais e a experiência das crianças”. In: *Dossiê Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Educação e sociedade*, Campinas, v. 26 n. 91 mai./ago. 2005.

PATRICK, Rayou. “Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como os compreender?”. In: *Dossiê Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Educação e sociedade*, Campinas, v. 26 n. 91 mai./ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância”. In: *Dossiê Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Educação e sociedade*, Campinas, v. 26 n. 91 mai./ago. 2005.

SILVA, Juliana Pereira; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. “Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças”. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 41-64, jan./jul. 2005.

2006

MÜLLER, Fernanda. “Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência”. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

2007

BELLONI, Maria Luiza. “Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização”. In: *Dossiê: Infância, educação e escola. Perspectiva*, Florianópolis, n.1, v. 25, jan/jun. 2007.

MELLO, Suely Amaral. “Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural”. In: *Dossiê: Infância, educação e escola. Perspectiva*, Florianópolis, n.1, v. 25, jan/jun. 2007.

MONTANDON, Cleópâtre; LONGCHAMP, Philippe. “Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças”. In: *Dossiê: Infância, educação e escola. Perspectiva*, Florianópolis, n.1, v. 25, jan/jun. 2007.

SIROTA, Régine. “A indeterminação das fronteiras da idade”. In: *Dossiê: Infância, educação e escola. Perspectiva*, Florianópolis, n.1, v. 25, jan/jun. 2007.

WARDE, Mirian Jorge Warde. “Repensando os Estudos Sociais de História da Infância no Brasil”. In: *Dossiê: Infância, educação e escola. Perspectiva*, Florianópolis, n.1, v. 25, jan/jun. 2007.

2008

CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas (Coletânea)*. São Paulo: Cortez, 2008.

2009

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Solange Jobim e. “Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.39, n.138, p.1019-1035, set./dez. 2009.

2010

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

2011

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). *Sociologia da infância no Brasil*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

**APÊNDICE B – LISTAGEM DE TRABALHOS E PÔSTERES
SELECIONADOS NAS REUNIÕES ANUAIS DA ANPEd (2000-
2010)**

- **23ª ANPEd (2000)**

GT 06 - Educação Popular

Trabalho: BREGANHOLI, Vânia Cristina; MELLO, Roseli Rodrigues de. “*Crianças de bairro popular e escola encontro e desencontro*”. UFSCar, 2000.

- **24ª ANPEd (2001)**

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Trabalho: OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. “*Com olhos de criança: o que elas falam, sentem e desenham sobre sua infância no interior da creche*”. UFSC, 2001.

Pôster: COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. “*Infância e Diversidade: as culturas infantis*”. UFSC, 2001.

- **25ª ANPEd (2002)**

GT 07- Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Trabalho: OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. “*Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da Educação Infantil*”. UFSC, 2002.

GT 10 – Alfabetização, Leitura e Escrita

Pôster: REIS, Regina Mary César. “*Dando voz ao sujeito da aprendizagem: um estudo com crianças do primeiro ano do ensino fundamental*”. UNITAU, 2002.

- **26ª ANPEd (2003)**

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Trabalho: MULLER, Fernanda. “*Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência*”. UNISALLE, 2003.

GT 14 – Sociologia da Educação

Trabalho: QUINTEIRO, Jucirema. “*A emergência de uma Sociologia da Infância no Brasil*”. UFSC, 2003.

GT 13 – Educação Fundamental

Pôster: PINTO, Maria Raquel. “*A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança*”. UFSC, 2003.

- **27ª ANPEd (2004)**

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Trabalho: CRUZ, Silvia Helena Vieira. “*Ouvindo crianças considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa*”. UFC, 2004.

Pôster: MARTINS FILHO, Altino José. “*A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância*”. UFSC, 2004.

SILVEIRA, Débora de Barros. “*A escola na visão das crianças*”. UFSCar, 2004.

- **28ª ANPEd (2005)**

GT 03 – Movimentos Sociais e Educação

Pôster: VEIRA, Ismenia de Fátima. “*‘Educação Indígena’ as vozes guarani sobre a escola na aldeia*”. UFSC, 2005.

GT 07 – Educação da criança de 0 a 6 anos

Trabalho: DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda.

“*Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas*”. FURG, 2005.

GT 13 – Educação Fundamental

Trabalho: QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana Carvalho de; SERRÃO, Maria Isabel Batista; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. “*A participação da criança na escola de ensino fundamental um desafio nas séries iniciais*”. UFSC e UNESC, 2005.

- **29^a ANPEd (2006)**

GT 07 – Educação da criança de 0 a 6 anos

Trabalhos: ALCANTARA, Cassia Virginia Moreira de. “*Subjetividade e subjetivação: a ‘criança resistência’ nas dobras do processo de socialização*”. UFS, 2006.

BORBA, Angela Meyer. “*As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos*”. UFF, 2006.

GT 16 – Educação e Comunicação

Trabalho: HONORATO, Aurélia; FLORES, Celia; SALVARO, Giovana; LEITE, Maria Isabel. “*A vídeo gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando estratégias metodológicas na pesquisa com crianças*”. UNESC e UFSC, 2006.

- **30^a ANPEd (2007)**

GT 07 – Educação da Criança de 0 a 6 anos

Pôster: JOÃO, Janaina. “*As crianças e os seus saberes sobre uma educação infantil de qualidade*”. UFSC, 2007.

PAULA, Elaine. “*A transgressão das crianças diante das propostas dos adultos na creche*”. UFSC, 2007.

TREVISAN, Raquel. “*O brincar no cotidiano escolar da educação infantil: criar e recriar de cultura e de aprendizagem*”. UNIJUI, 2007.

- **31ª ANPEd (2008)**

GT 07 – Educação da Criança de 0 a 6 anos

Trabalhos: AGOSTINHO, Kátia Adair. “*Pesquisa com crianças em contextos pré-escolares: reflexões metodológicas*”. UFSC, 2008.

MARTINS, Maria Cristina; BRETAS, Silvana Aparecida. “*O que dizem as crianças sobre sua escola? O debate teórico-metodológico da pesquisa com crianças na rede pública de Educação Infantil*”. UFS, 2008.

BARBOSA, Silvia Neli Falcão. “*O desafio de compreender e ser compreendido*”. PUC-Rio, 2008.

GT 13 – Educação Fundamental

Trabalho: SALLES, Conceição Gislane de. “*Filosofia com crianças? Uma experiência no ensino fundamental*”. UFPE, 2008.

- **32ª ANPEd (2009)**

GT 07 – Educação da criança 0 a 6 anos

Trabalhos: SCHRAMM, Sandra Maria de Oliveira. “*A constituição do sujeito criança e suas experiências na pré-escola*”. UECE, 2009.

CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. “*A pré-escola vista pelas crianças*”. UFC, 2009.

MOTTA, Flávia Miller Naethe; SANTOS, Núbia de Oliveira. “*Entre crianças e alunos: a construção do trabalho-pedagógico em escolas para crianças de 4 a 6 anos*”. PUC-Rio e UERJ, 2009.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. “*O que é ser criança e viver a infância na escola a transição da educação infantil para o Ensino fundamental de nove anos*”. UFPR, 2009.

SALLES, Conceição Lima de. “*Infância e filosofia: um encontro possível? O que dizem as crianças*”. UFPE, 2009.

GT 24 – Educação e Arte

Trabalhos: REIS, Magali dos. “*Ocultações e revelações: questões metodológicas no uso da imagem da criança em pesquisas sobre a infância*”. PUC-Minas, 2009.

OLIVEIRA, Alessandra Rotta de. “*Das águas onde nada um tubarão as esculturas de gelo produzidas por crianças no contexto da Educação Infantil*”. UFSC, 2009.

GT 20 – Psicologia da Educação

Trabalho: FRANCO, Márcia Wilke. “*Possibilidades de viver a infância: um estudo a partir da ótica de crianças entre 5 e 12 anos*”. UNISINOS, 2009.

- **33^a ANPEd (2010)**

GT 07 – Educação da criança de 0 a 6 anos

Trabalhos: MARTINS FILHO, Altino José. “*Jeitos de ser criança: um balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPEd*”. UFRGS, 2010.

SALGADO, Raquel Gonçalves. “*Pares ou ímpares?: Consumo e relações de amizade entre as crianças na formação de grupos para brincar*”. UFMT, 2010.

FIORIO, Angela Francisca. “*Infância e educação: as crianças saíram da foto e entraram nas salas de aula*”. UFES, 2010.

COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. “*Processos de interação das crianças no meio técnico científico informacional*”. UFF, 2010.

GT 13 – Educação Fundamental

Trabalhos: OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa de. “*O mundo das crianças do campo: narrativas e experiências na pesquisa com o cotidiano*”. UFF, 2010.

SILVESTRI, Monica. “*Enxadas às vistas e latas de sardinha: reflexões sobre o brincar no ensino fundamental*”. UFF, 2010.

**APÊNDICE C – QUADRO DAS DISSERTAÇÕES
SELECIONADAS PARA ANÁLISE**

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
1. Eu também quero falar: um estudo sobre infância, violência e educação	Marcia Rosa da Costa	Nilton Bueno Fischer	2000	UFRGS (Educação)
2. A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança	Maria Raquel Barreto Pinto	Jucirema Quinteiro	2003	UFSC (Educação)
3. Nas tramas do cotidiano: adultos e crianças construindo a educação infantil	Silvia Néli Falcão Barbosa	Sônia Kramer	2004	PUC-RJ (Educação)
4. As dimensões política e pedagógica da participação da criança na escola: um estudo de tipo etnográfico	Karine Maria Antunes	Jucirema Quinteiro	2004	UFSC (Educação)
5. Brincar é um modo de dizer: um estudo de caso em uma escola pública	Maria Luisa Schneider	Diana Carvalho de Carvalho	2004	UFSC (Educação)
6. Narrativas infantis: contribuição para a autoria da criança	Heloise Soares Gomes	Tizuko Morchida Kishimoto	2005	USP (Educação)
7. Diálogos na educação infantil: concepções de infância	Nathalye Nallon Machado Ribeiro	Léa Stahlschmidt Pinto Silva	2006	UFJF
8. Como é ser menino ou menina na escola: um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar	Carlos Castilho Wolff	Diana Carvalho de Carvalho	2006	UFSC (Educação)
9. Saberes e fazeres das crianças: manifestações das culturas infantis em situações dirigidas pela professora	Carla Andréa Lima da Silva	Patrícia Corsino	2007	UFRJ (Educação)

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
10. As crianças e o exercício das práticas de autoridade	Flávia Miller Naethe Motta	Sonia Kramer	2007	PUC-RJ (Educação)
11. A globalização e a infância: reflexões nas falas das crianças	Marcia Rejane Scherer	Noeli Valentina Weschenfelder	2007	UNIJUI (Educação)
12. A participação infantil nos processos de gestão na escola da primeira infância	Clarice Verissimo Isaia	Maria Carmen Barbosa	2007	UFRGS (Educação)
13. Da educação infantil ao ensino fundamental: com a palavra a criança: um estudo sobre a perspectiva infantil no início do percurso escolar	Teresa Cristina Fernandes Teixeira	Silvia de Mattos Gasparian Colello	2008	USP (Educação)
14. O que é ser criança e viver a infância na escola: uma análise da transição da educação infantil para o ensino fundamental numa escola municipal de Curitiba	Arleandra Cristina Talin do Amaral	Paulo Vinícius Baptista da Silva	2008	UFPR (Educação)
15. Olhares de “crianças” sobre gênero, sexualidade e infância	Geisa Orlandini Cabiceira	Maria de Fátima Salum Moreira	2008	UNESP (Educação)
16. Criança na vida/aluno na escola: “uma análise sobre as possibilidades e os limites da escola como um lugar da infância”	Maria das Dores Santos Silva	Vania Carvalho de Araújo	2008	UFES (Educação)
17. A brincadeira na instituição de	Viviam Carvalho	Léa Stahlschmidt	2008	UFJF

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
educação infantil em tempo integral: o que dizem as crianças?	de Araújo	Pinto Silva		(Educação)
18. “Oi, meu nome é Jefferson e sou uma criança”: ser criança sob o olhar das crianças	Juliana da Silva Uggioni	Gladir da Silva Cabral	2008	UNESC (Educação)
19. Na primeira série aos seis anos: as experiências das crianças/alunas e da professora/pesquisadora no ambiente escolar	Juliana Wild do Vale Matsuzaki	Maria Machado Malta Campos	2009	PUC-São Paulo (Educação)
20. O que pensa a criança pequena sobre a escola infantil	Andréia Dutra Escarião	Adelaide Alves Dias	2009	UFPB (Educação)
21. Conversando com crianças na educação infantil: suas percepções sobre as interações e situações vividas no espaço escolar	Fernanda Omelczuk Walter	Eliana Bhering	2009	UFRJ (Educação)
22. Não tem parquinho, mas eu adoro brincar aqui. O uso do espaço escolar pelas crianças em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora	Franciana Caon Amorim	Mary Rangel	2009	UFF (Educação)
23. Escola de educação infantil em tempo integral da rede pública municipal de Juiz de Fora: a	Zaine Simas Mattos	Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino	2009	PUC-Petrópolis (Educação)

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Ano	Local
perspectiva da infância				
24. Os sujeitos da infância e seus discursos pesquisando com crianças	Karla Righetto Ramirez de Souza	Carmen Lucia Vidal Perez	2009	UFF (Educação)
25. O encontro entre crianças e seus pares na escola: entre visibilidades e possibilidades	Mayana Auxiliadora Martins	Elaine Medeiros Borges	2009	UFJF (Educação)

APÊNDICE D – PROTOCOLO DE ANÁLISE

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Eu também quero falar: um estudo sobre infância, violência e educação. MARCIA ROSA DA COSTA NILTON BUENO FISCHER. 2000 UFRGS</p> <p>Palavras-chave: Infância, escola, violência, educação e representações</p> <p>Pesquisadora: Professora de Séries Iniciais</p>	<p>Introdução Parte I – A busca dos referências teóricos (Infância: formas de conceber e tratar a infância; Violência: problemática da atualidade, sobre o conceito, dados estatísticos; Educação: alternativas para o espaço escolar; Representações: imagens e significados do vivido); Este capítulo apresenta um breve histórico sobre como</p>	<p>Objetivo geral – - Investigar a violência na escola e no seu entorno a partir da escuta sensível de crianças escolarizadas da periferia urbana. Questões: - O que representa a violência para crianças escolarizadas da periferia urbana; - O que elas vivenciam em seu cotidiano; - Como reagem frente a estas situações; - Qual o papel que a escola representa neste entorno.</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Crianças com 8 anos de idade e um pré-adolescente de salas de Ciclos I, II, III, IV. -18 crianças de 8 a 13 anos. 6 meninas e 12 meninos. - Algumas dessas crianças foram incluídas durante a pesquisa, eram de uma turma de progressão ministrada pela pesquisadora; Espaço da pesquisa - Escola Pública Municipal da periferia de Porto Alegre localizada dentro de um conjunto habitacional. Tempo da</p>	<p>Metodologia – - “Se aproxima da etnografia” Procedimentos : - Entrevistas e atividades; - Observação participante, entrevista e análise de diversos materiais; - A pesquisadora era professora de alguns alunos e outros que eram ex-alunos; - Leitura de documentos; - Transcrição das entrevistas; - Temas destacados nas entrevistas com as crianças: VIOLÊNCIA INTRAFAMILI</p>	<p>INFÂNCIA EDUCAÇÃO VIOLÊNCIA ESCOLA REPRESENTAÇÕES SOCIAIS FAMÍLIA METODOLOGIA</p>	<p>Infância: ARIES (1981); Estatuto da criança e do adolescente; GÉLIS (1991); KRAMER (1996); Educação: MOLL (1998); ARROYO (1999 a); SAVATER (1998); FREIRE (1993); Violência: ALBORNOZ (1997); BOBBIO (1993); ELIAS (1997); COSTA (1985); FERNANDEZ (1992);</p>	<p>- Acredita que ouvir as crianças na escola vem antes de qualquer argumentação teórica, principalmente, para os profissionais que trabalham com elas e que buscam uma sociedade mais democrática e solidária; - A pesquisadora expôs os limites, ansiedades e angústias na realização do trabalho. É neste sentido que ressalta a questão do tempo do mestrado que</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>surgiu e se desenvolveu a concepção de infância e alguns questionamentos sobre como a infância se encontra na realidade. Ainda temos a reflexão sobre o conceito de violência com a apresentação de estudos significativos sobre o tema. São apresentados dados sobre a situação das crianças no Brasil e como a violência se manifesta.</p> <p>Parte II –</p>		<p>pesquisa –</p> <ul style="list-style-type: none"> - As entrevistas foram realizadas boa parte no ano de 1998 e no início de 1999; - Entrevistas individuais foram realizadas em 4 meses; 	<p>AR; VIOLÊNCIA NA ESCOLA; VIOLÊNCIA NA RUA; MORTE e DROGAS; organizados em um Quadro Interpretativo;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizou fotografias da estrutura física da escola, algumas tiradas pelos próprios alunos; - Realizou 23 entrevistas com pais e mães das crianças que ajudaram a completar as informações sobre o contexto da escola e das crianças; - Algumas perguntas foram 		<p>ARENDR (1981, 1994); ZALUAR (1994, 1996 b); VELHO (1996); FORQUIN (1993), ADORNO, Escola: ELIAS (1994); POOLI (1999); FREIRE (1997). Representações sociais: DURKHEIM; LEFEBVRE (1983); MOSCOVICI (1978); PIAGET (1996). Família: FONSECA (1995); GUARESCHI (1991);</p>	<p>não foi suficiente;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falou sobre os caminhos da pesquisa, principalmente nas contribuições dos principais autores utilizados; - A partir dos dados, percebeu que a violência está para as crianças diretamente relacionada com as agressões físicas, pois não narraram outros tipos de violência, como a agressão moral; - Muitos fatos narrados pareciam fazer parte do imaginário das

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Apresentação do cenário e as vozes dos sujeitos (O cenário da pesquisa: A escola municipal Grande Oriente, O conjunto habitacional Rubem Berta; Os sujeitos da pesquisa; Com a palavra: a criança);</p> <p>Considerações Finais</p>			<p>pensadas para guiar as entrevistas individuais e em grupos com as crianças;</p> <p>- Critério de escolha das crianças: ser comunicativo; fornecer elementos importantes para a pesquisa; demonstrar atitudes agressivas;</p> <p>- Não tinha um local definido para as entrevistas, aproveitava os horários disponíveis na rotina da escola (saída, entrada, recreio) ou realizava fora do horário escolar, em</p>		<p>BRUSCHINI (1993);</p> <p>Metodologia:</p> <p>ANDRÉ (1995);</p> <p>BECKER (1994);</p> <p>MARTINS (1993);</p>	<p>crianças, baseadas em semelhanças com o acontecimentos da comunidade;</p> <p>- As crianças demonstraram que em alguns momentos a escola aparece como um lugar seguro, mas também como um espaço onde ocorrem coisas que não gostam (brigas no recreio);</p> <p>- Expressaram a falta que sentem de um adulto para acompanhar o momento do recreio com as crianças;</p> <p>- Defende que se abram espaços na</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>outro período numa sala da escola;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizou os nomes verdadeiros das crianças, não preservando sua identidade. Colocou dados pessoais e comprometedor es sobre suas famílias e comportamentos; - Realizou uma entrevista teste com uma criança para exercitar a “capacidade investigadora”; - Atividades realizadas com o grupo de progressão: <p>Narração de história, desenho da</p>			<p>escola para as crianças serem ouvidas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A escola deve abordar com os educandos os direitos humanos e os direitos da criança e do adolescente; - Ao abordar questões relativas a violência a escola deve buscar parcerias com outros setores e órgãos da sociedade; -

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>história e do bairro, escutar a gravação da atividade da contação; desenho e fala sobre a seguinte questão – O que vem a cabeça quando se diz a palavra violência? – atividade filmada com os comentários das crianças sobre sua comunidade a partir de uma maquete, passeio pela comunidade;</p> <p>- Não apresentou uma descrição física dos espaços da escola e nem dados mais específicos sobre aspectos sócio-</p>			

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				economicos das famílias;			

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança”. MARIA RAQUEL BARRETO PINTO. JUCIREMA QUINTEIRO . 2003. UFSC</p> <p>Palavras-chave: INFÂNCIA, CRIANÇA; ESCOLA; BRINCAR; TEMPO e ESPAÇO.</p> <p>Pesquisadora: Professora de</p>	<p>Introdução – Metodologia da pesquisa Cap.1 – Tempo e espaço escolares: o (des)confinamento da infância (Foi dividido em três subtítulos, sendo que dois deles possuíam mais duas subdivisões). Neste capítulo a pesquisadora procura analisar o processo de privatização do tempo e do espaço da infância na</p>	<p>Objetivo geral – é investigar o “ponto de vista” das crianças em relação ao tempo e ao espaço do brincar no interior da escola. Questões da pesquisa – de que participa a criança na escola? Como participa? Por que participa? O que dela esperam os adultos? O que se exige dela? Com quais relações de poder está entrelaçada a participação da criança na escola?</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 27 crianças matriculadas de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental, filhos e filhas da classe trabalhadora. 15 meninas, e 12 meninos, com idades variando entre 6 e 11 anos. Destas, seis frequentam a 1^a série; dez frequentam a 2^a série; cinco frequentam a 3^a série e seis frequentam a 4^a série. Entre elas, três haviam repetido de ano pelo menos uma vez: uma na 1^a série; uma na 2^a</p>	<p>Metodologia – - Estudo de caso etnográfico, com observação participante, com a utilização do Diário de Campo e a fotografia, além de entrevistas com as crianças, com um roteiro elaborado previamente; - Analisou algumas reportagens sobre a criança e a infância entre 1999 e 2002, utilizou os dados na introdução; - Realizou um LEVANTAME</p>	<p>ESCOLA; PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL; METODOLOGIA CRIANÇA; INFÂNCIA; BRINCAR; TEMPO E ESPAÇO; CONFINAMENTO DA INFÂNCIA</p>	<p>Escola: NÓVOA (1995); CAMBI (1999); Pedagogia da Educação Infantil: Eloisa ROCHA; Ana Lúcia Goulart de FARIA Metodologia: Marli ANDRÉ (1995); SARMENTO (2000), QUINTEIRO (2000; 2002), DEMARTINI (2002); KRAMER (2002); LÜDKE e ANDRÉ (1986);</p>	<p>- Reconhecer que as crianças são seres capazes que sabem falar sobre suas famílias e sobre si mesmas e principalmente, sobre o tempo e o espaço do brincar na escola. - As falas dessas crianças, especificamente , contribuíram para dar subsídios para fornecer “pistas” importantes a serem consideradas na proposição de políticas sociais e de formação para uma escola</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
crianças pequenas.	sociedade e como o espaço escolar, como espaço público, pode ser transformado num lugar privilegiado da infância nos nossos tempos. Cap.2 – Algumas implicações teórico-metodológicas da pesquisa com a Criança (Foi dividido em dois subtítulos). Neste capítulo a pesquisadora ao descrever o percurso metodológico		série, e uma na 3ª série. Espaço da pesquisa – Escola pública estadual de Santa Catarina, localizada em Florianópolis. Tempo da pesquisa – 1 ano de observação participante na escola e gravação das falas infantis. Acompanhamento das diversas atividades dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na Escola juntamente com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). - Desenvolveu as entrevistas todos os dias, durante	NTO BIBLIOGRÁFICO (1990-2001) em livros, dissertações e teses, artigos de periódicos em educação e documentos sobre o <i>tempo e o espaço escolares relacionados às noções de tempo e de espaço da infância</i> . - A escolha da escola ocorreu, pois, este espaço desde 2000 vem sendo construído como um campo privilegiado da pesquisa sobre infância, com		VIDIGAL (1996). Criança: Natália SOARES (1997); Manuel Jacinto SARMENTO (2000); Florestan FERNANDES; Wlatter BENJAMIN; Manuel PINTO. Infância: Antonio Vinhão FRAGO; Augustin ESCOLANO; Franco CAMBI; Luciano Mendes Faria FILHO; Brincar: VYGOTSKY (1998);	pública que respeite a criança como sujeito de direitos; - Ao perguntar para as crianças o que elas gostariam de mudar na escola? As crianças contribuíram com sugestões e mudanças que podem transformar a escola em um lugar privilegiado da infância. - As crianças são capazes de perceber e propor alternativas para superar problemas; - A

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>desta pesquisa, apresenta uma discussão sobre as dificuldades e as possibilidades da investigação sobre a infância e a criança no interior da escola pública, principalmente sobre os limites encontrados ao eleger como fonte de pesquisa a “fala” das crianças.</p> <p>Cap.3 – A condição social da criança na</p>		<p>duas semanas, no horário antes do início das aulas;</p> <p>- Observou durante duas semanas as turmas de 1º a 4º séries, anotando as informações no Diário de Campo;</p> <p>- As entrevistas duraram em média de 30 a 40 minutos.</p>	<p>parceria com a Universidade que articula ensino, pesquisa e extensão;</p> <p>- A pesquisadora optou em não utilizar o nome verdadeiro da escola-campo para preservar os sujeitos e o trabalho desta unidade escolar;</p> <p>- 1º contato com a escola ocorreu em janeiro de 2002, quando a pesquisadora observou a estrutura física focando seu olhar nos detalhes com relação a organização do tempo e do</p>		<p>BENJAMIN (1984); LEONTIEV; ELKONIN.</p> <p>Tempo e espaço: Mayumi W. de Souza LIMA (1989); Lilian Cristina Monteiro FRANÇA (1994); Rita de Cássia GONÇALVES Z (1996); Luís Carlos SALES (2000); Luciano Mendes de Faria FILHO e Diana Gonçalves VIDAL (2000); Gisela Wajskop França e</p>	<p>pesquisadora propõe: que os pesquisadores ouçam muito a criança da escola pública, para que possamos aprender a registrar suas falas e a analisá-las para que, deste modo, possamos conhecê-la e entendê-la melhor;</p> <p>- Rever a formação dos professores em nosso país, tanto a inicial quanto a continuada, de modo que a criança e a infância sejam contempladas nas discussões</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>escola: um estudo Etnográfico: Neste capítulo dividido em dois subtítulos, a pesquisadora busca caracterizar a escola-campo através de uma descrição pautada na história oral, documental e bibliográfica, de modo a reconstituir os espaços e os tempos desta Escola, bem como a forma como estes vêm sendo utilizados pelo grupo da Escola. Cap.4 – O tempo e o</p>			<p>espaço; - 2º contato: em Fevereiro de 2002, onde participou da Semana de Planejamento Anual da escola e da proposta de “Programa de Recepção as Crianças”, junto com as estagiárias da 6º fase do curso de Pedagogia da UFSC. - Se apresentou as crianças como uma Pesquisadora da Infância, em momentos variados, sem seguir uma organização prévia; - Propôs uma OFICINA chamada de “</p>		<p>Silvia Pereira de Carvalho (1988); Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg (1997); Rosa Batista (1998); Ana Lúcia Goulart de Faria (1999); ABBAGNAN O (2000); VIÑAO FRAGO (2000); Norbert ELIAS (1998); MOLLO-BOUVIER (1998); PETITAT (1994). Confinamento da infância: Carolina</p>	<p>já realizadas - Acreditar ser possível transformar a escola pública num lugar privilegiado da infância nos nossos tempos, onde o “brincar” não seja entendido pela criança como sinônimo de “bagunça”, mas sim como uma necessidade humana e um direito inquestionável. (p.166).</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>espaço do brincar na escola: o que dizem as crianças. (Dividido em quatro subtítulos). Neste ultimo capítulo a pesquisadora adentra nas entrevistas, focando na participação das crianças dando “vez” e “voz” às crianças da Escola investigada para que, através de suas “falas”, nos contem quem são, onde moram, com quem moram, como é estar</p>			<p>TV Criança”, onde as crianças podiam dar seus depoimentos sobre o que estavam achando da primeira semana na escola. Esta experiência, serviu como ENSAIO para o estudo e planejamento da “Rodada de entrevistas”; - Permaneceu 1 ano na escola interagindo com adultos e crianças. Neste período centrou suas reflexões e análises no que pensam e dizem as crianças sobre o brincar; - Utilizou fotos</p>		<p>COSTA (fev/2002); Edmir PERROTTI (1990).</p>	

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>na escola, como são suas relações com os adultos e com os demais colegas, como percebem e vivenciam os diversos tempos e espaços do brincar nesta Escola e o que gostariam de mudar.</p> <p>Considerações finais -</p>			<p>da escola e das crianças;</p> <p>- Pediu autorização às crianças para entrevista-las e usar o gravador e organizou junto com elas os momentos de “conversa”, sendo que elas mesmas escolheram o local.</p>			

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“As dimensões política e pedagógica da participação da criança na escola: um estudo de tipo etnográfico”. KARINE MARIA ANTUNES. JUCIREMA QUINTEIRO . 2004. UFSC</p>	<p>Introdução – Metodologia da pesquisa Cap.1 – Pedagogia, criança e participação (Foi dividido em três subtítulos). Neste capítulo a pesquisadora apresenta um estudo exploratório do tema: a participação da criança na escola. Compreender como ocorreu a participação da criança na historicidade do movimento</p>	<p>Objetivo geral – investigar as condições sociais da criança na escola, mediante a caracterização de como se definem as práticas e o discurso sobre <i>participação</i> dos sujeitos nas experiências escolares, tomando por base os testemunhos orais das crianças. Questões da pesquisa – de que participa a criança na escola? Por que participa? O que dela esperam os adultos? O que se exige dela? Com quais relações de poder está</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 25 crianças, alunas de 1º a 4º série do Ensino Fundamental. 12,5% do total de 200 crianças. 68% eram meninas e 32% meninos. Espaço da pesquisa – Escola pública estadual de Santa Catarina, localizada em Florianópolis. Tempo da pesquisa – 300 horas de observação participante na escola e gravação das falas infantis. 200horas de acompanhamento das diversas atividades dos</p>	<p>Metodologia – observação participante e entrevistas com as crianças. No primeiro momento a pesquisadora acompanhou durante dois anos (2001 e 2002) os encontros do Programa Formação Continuada (PFC), as Paradas Pedagógicas (PP), a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), encontros</p>	<p>PARTICIPAÇÃO ESCOLA; INFÂNCIA; EDUCAÇÃO; SOCIEDADE; CRIANÇA; DEMOCRACIA; PEDAGOGIA;</p>	<p>Participação: Juan E. Díaz. BORDENAV E (1994); Vitor Henrique PARO (1999, 2000, 2002); Josep M. PUIG (2000). Parâmetros Curriculares Nacionais. Escola: Vitor Henrique PARO(1999); Dermeval SAVIANI (2001); Maurício TRAGTENBERG (1990). Pedagogia: Franco CAMBI (1999); Jorge NAGLE</p>	<p>- Avançar na reflexão acerca da defesa da participação da criança na escola, a fim de que permita e promova a inserção da criança na cultura, condição de sua emancipação. - A quantidade de crianças em sala prejudica o contato da professora com as crianças, pois esta não consegue perceber quem realmente compreendeu o que foi ensinado ou apenas está imitando o que</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>das ideias no campo da Pedagogia, principalmente, na pedagogia da escola nova e no pensamento pedagógico socialista.</p> <p>Cap.2 – Política, criança e participação (Foi dividido em três subtítulos). Neste capítulo a pesquisadora, trabalha a categoria participação, em seu caráter político e conjuntural, como</p>	<p>entrelaçada a participação da criança na escola?</p>	<p>projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na Escola juntamente com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dentro desta carga horária, participou de 23 encontros com as professoras entre 2000, 2001 e 2002, onde contribuiu na elaboração do Plano de Ensino e na formação continuada - Durante o período das entrevistas, permaneceu de 2 a 3 dias por semana junto com as crianças, do mês de agosto de 2003</p>	<p>específicos com as professoras participantes do estágio-docência. No segundo momento, em 2003, foi realizado “entrevistas” com as crianças. Que de acordo com a pesquisadora, se tornaram momentos de conversas com as crianças e não entrevistas padronizadas com perguntas e respostas fixas e imutáveis. Realizou,</p>		<p>(1974); Lourenço FILHO (1969); Maria das Dores DAROS (1999); Newton DUARTE (2000); George SNYDERS (1974); Bogdan SUCHODOLSKI (1984); Celestin FREINET (1969, 1978, 1977); A.S. MAKARENKO (1985). Metodologia: Marli ANDRÉ (1995); Manuel SARMENTO (2000); J.</p>	<p>foi transmitido. - Permitir e incentivar a participação das crianças, famílias, profissionais da escola no Conselho de Classe e no Conselho Escolar; - Fortalecer a veiculação de informações e de conhecimentos sobre participação na escola, principalmente, possibilitar as crianças o conhecimento sobre os seus direitos; - Melhorar a condição da criança e do</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>pressuposto de democracia, gestão democrática, participação na escola e participação como um direito da criança.</p> <p>Cap.3 – A Pesquisa com criança na escola: da observação participante ao uso da “entrevista”.</p> <p>Neste capítulo dividido em dois subtítulos, sendo que o primeiro apresenta uma subdivisão a pesquisadora</p>		a outubro de 2003..	também, um levantamento bibliográfico sobre os conceitos centrais da pesquisa, <i>infância, escola e participação da criança</i> , elaborando um listão temático sobre infância, escola e participação, que foi anexado a dissertação. Devido a todos estes procedimentos metodológicos a pesquisadora se baseou em		<p>EZPELETA e E. ROCKWELL (1986); Florestan FERNANDES (1957); Sonia KRAMER e Maria Isabel LEITE (1999); Régine SIROTA (2001); Zeila B.F. DEMARTINI e A.L.G FARIA e P.D. PRADO (2002); M.V.M BENEVIDES (2002). MONTANDON (2001), Raquel PINTO (2003). Vitor</p>	<p>adulto na escola;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Defender a participação da criança em seu próprio processo formativo, pois existe amparo na legislação educacional para se efetivar esta proposta; - Amplias as informações sobre as políticas de participação na escola; - Reconhecer que o PPP é um dos principais espaços de reivindicação e de elaboração de estratégias para ampliar a participação na escola.

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>trata especificamente dos procedimentos da pesquisa: o campo e os sujeitos da investigados, a escola, o caminho percorrido para acessar a criança e a entrevista com as crianças, seus desafios e conquistas.</p> <p>Cap.4 – As crianças falam sobre participação na escola. (Dividido em três subtítulos). Neste último capítulo a pesquisadora</p>			<p>Marli André (1995), para definir sua investigação como um estudo de caso de tipo etnográfico.</p> <p>- Esteve presente em todas as salas de 1º 4º série do turno vespertino para explicar os objetivos da pesquisa, procurando expor de forma didática como aconteceria a participação das mesmas na pesquisa.</p> <p>- Ao iniciar cada momento de entrevistas,</p>		<p>Henrique PARO (2000).</p> <p>Criança: Natália SOARES (1997); Manuel Jacinto SARMENTO (2000); V.M. CANDAU (2000); Maria CIAVATTA (2002).</p> <p>Infância: Philippe ÁRIES (1986); M. PINTO e SARMENTO, M. J. (1997); Jucirema QUINTEIRO (2000);</p> <p>Educação: Mauricio TRAGTENB</p>	<p>- A escola precisa ser transformada radicalmente, juntamente com a transformação social.</p>

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	adentra nas entrevistas, focando na participação das crianças através de suas falas, o que para elas significa participação dentro da escola e como entendem a sua condição social de ser criança na escola. Considerações finais -			procurava explicar novamente os objetivos da pesquisa, como aconteceriam as entrevistas e o motivo do uso do gravador. - Elaborou um roteiro para as “entrevistas”. - Alguns aspectos contribuíram para o envolvimento e a aproximação com as crianças, tais como, a experiência do Estágio – Docência da UFSC na		ERG (1990). George SNYDERS (1993). Sociedade: Paulo Sérgio TUMOLO (2002), Democracia: Susana SACAVINO (2000); Jucirema QUINTEIRO (1991); Dermeval SAVIANI (1999); M.V.M BENEVIDES (2002); L.M.W NEVES (2002); André PETITAT (1994); Gaudêncio FRIGOTTO (2002).	

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procediment os da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>escola, o fato de outras pesquisas já terem sido desenvolvidas com as crianças (Raquel Pinto em 2003), a presença da pesquisadora em horários extraoficiais, como os momentos antes e depois da entrada e saída das crianças, o desenvolvimento de conversas preliminares que contribuíram na elaboração das perguntas para as “entrevistas”.</p>			

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procediment os da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>um lugar reservado para garantir a qualidade da gravação, desenvolvimento das entrevistas em ocasiões “especiais”, tais como, a Semana das crianças com algumas crianças que não puderam participar do passeio, ou no dia em que não aconteceu uma atividade programada.</p> <p>- A maioria das entrevistas ocorreram antes do horário das aulas e</p>			

Título/Autor /Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procediment os da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				apenas uma foi no intervalo do recreio. -			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“Brincar é um modo de dizer”: um estudo de caso em uma escola pública. MARIA LUISA SCHNEIDER DIANA CARVALHO DE CARVALHO UFSC 2004</p> <p>Palavras-chave: Não apresentou no resumo</p> <p>Pesquisadora:</p>	<p>Introdução Cap. I O percurso metodológico da pesquisa (Um caminho teórico – metodológico; Instrumentos da pesquisa) Cap. II O brincar como atividade humana (Definindo o termo “brincar”; A dimensão histórica, social e cultural do brincar; O papel do</p>	<p>Objetivo geral – Investigar como está sendo salvaguardada a infância, especialmente o brincar, no processo inicial de escolarização das crianças, no interior da escola pública. Problema da pesquisa: - Como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental significam o brincar na escola.</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Observação: tres turmas com crianças de 6,7,8 anos. - Entrevistas: 43 crianças, 18 meninas, e 25 meninos, com idades variando de 6 a 14 anos, direção da escola, representantes da secretaria Municipal de Educação e 5 professores; Espaço da pesquisa - Escola Pública de ensino fundamental de Blumenau, SC Tempo da pesquisa – - 1º contato: dia 25 de novembro</p>	<p>Metodologia – - Estudo de caso Base teórica – - Estudos da Psicologia Histórico-Cultural; - Sociologia, Antropologia e Historiografia; Procedimentos : - Observação de campo; - Registro em diário de campo; - Análise de documentos e de dados oficiais da escola; - Entrevistas realizadas com 43 crianças, com representantes da Secretaria</p>	<p>INFÂNCIA PESQUISA ESCOLA BRINCAR JOGO ESTUDOS DA INFÂNCIA CULTURA</p>	<p>Infância: NARODOWSKY (2001); PINTO E SARMENTO (1997), ROCHA (1999), KISHIMOTO (1998), FARIA e PALHARES (2000); QUINTEIRO (2000); ARIÈS (1978), KUHLMANN (1998); KRAMER (2003); BENJAMIN (2002); HUIZINGA (2001); MEDRANO (2003); SOARES (1997);</p>	<p>- As crianças traduzem o brincar como um modo de dizer, ou seja, uma forma de expressar-se, nem sempre consentida, ouvida ou mesmo valorizada pelos adultos, pela sociedade e pela escola; - Acredita e defende que a escola “(...) tornar-se um espaço de inesgotáveis possibilidades para a criança e o desenvolvimento de seu psiquismo, se desenvolver</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	brincar no processo de apropriação da cultura); Cap. III A infância, o brincar e a escola: uma história a ser construída ; Cap. IV A construção de um campo de pesquisa: o estudo da escola amarela (A educação no contexto histórico de Blumenau; A educação na rede pública de ensino – um breve		de 2002 quando apresentou o projeto a diretora da escola; - Pesquisa de campo: 25 de novembro de 2002 a 18 de novembro de 2003; - 11 de março de 2003, a pesquisadora inseriu-se definitivamente dentro da Escola Amarela; - Estudo exploratório: 11 de março a 3 de abril, durante 8 horas diárias em que acompanhou as turmas de seis anos, as de sete anos e as de oito anos, nos dois períodos, matutino e vespertino;	Municipal de Educação e da direção da escola e com cinco professores que atuavam na escola em 2003; - Garantir a recolha “da voz” da criança; - Pode agregar outros elementos a pesquisa durante a pesquisa de campo: conversas com as crianças, desenhos e fotografias; - Escolha da escola ocorreu devido a preocupação em proporcionar algumas condições para que o brincar ali		FARIA (2002); Pesquisa: LUNA (2002); RABITTI (1999); TEIXEIRA (2003); SARMENTO (2003); CARVALHO (2003); MORO (2002); FERNANDES (1991); FRIGOTTO (1991); BASTIDE (1979); LEITE (1996); Escola: MAFRA (2003); Brincar: KISHIMOTO (2002); LEONTIEV	projetos que se preocupem em ouvir a criança, envolvendo temas como a participação infantil, seja nas discussões e reflexões que dizem respeito aos seus direitos e sobre as decisões da escola de modo geral”. (p.6); - As crianças através do brincar mantem as tradições e criam novas formas de interagir com o mundo e com os outros (crianças e adultos) e se conhecer; - Percebeu que “os adultos podem valorizar e estimular o

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Histórico; Escola sem fronteiras – uma proposta que se quer democrática;</p> <p>a; A constituição da escola amarela: uma idéia diferente de escola; Um olhar sobre como aparece o brincar no Projeto Político-Pedagógico ; Os espaços e os tempos de aprender e de brincar na escola);</p> <p>Cap. V O brincar como</p>		<p>- 18 de agosto a 5 de setembro, observou três turmas durante quatro horas diárias, uma semana em cada turma;</p> <p>- 10 e 12 de setembro de 2003 ocorreram as entrevistas;</p>	<p>acontecesse, tais como: a) o recreio é de 30' sendo 15' para brincar, onde todas as crianças, sem limite de idade ou de turma, podem brincar no parque e com os brinquedos disponibilizados pela escola; b) a construção do prédio evidencia preocupação com a segurança e o respeito às crianças com necessidades especiais; e c) a organização pedagógica prevê um espaço chamado "multi-idade", um momento em que as</p>		<p>(s.d.), (1978) e (2001); VYGOTSKY (1987), (1989), (1996), (2001), ELKONIN (1998), BROUGÈRE (2000), BENJAMIN (1984), (2002); SCHORRO (2002); PONTES E MAGALHÃES (2003); ZANELLA (2001); WAJSKOP (1999);</p> <p>Jogo: HUIZINGA (2001); BAQUERO (1998);</p> <p>Estudos da infância:</p>	<p>brincar ou podem tentar proibir esta atividade, e mesmo assim a criança de alguma forma irá brincar. O poder para tentar impedir que este brincar aconteça ou mesmo para permiti-lo é relativo, pois a criança subverte a ordem e brinca" (p.169);</p> <p>- Afirma que "(...) o brincar se apresenta como uma atividade inovadora para o desenvolvimento da criança". (P.173);</p> <p>- Coloca uma</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>possibilidade da infância na escola (Os brinquedos, os tempos e os espaços de brincar; Formação dos grupos; Os modos de brincar na escola); Considerações finais</p>			<p>crianças de diferentes idades se juntam para realizar atividades, com o objetivo de integração; - Realizou um levantamento em livros, artigos, dissertações e teses sobre o que vem sendo produzido sobre o brincar na escola desde a dissertação da Raquel Pinto (2003); - Procura estabelecer uma abordagem crítica da relação “infância e escola” na Modernidade; - Optou por</p>		<p>PINTO & SARMENTO, (1997); PINTO (1999); DEMARTINI (2002); ROCHA (1999); QUINTEIRO (2000); FARIA; DEMARTINI e PRADO (2002); Cultura: ABBAGNANO (2000); PINO (2000); FORQUIN (1993);</p>	<p>questão a ser pensada, fazendo uma crítica ao mesmo tempo a realidade das condições concretas do brincar nas escolas: Que efeitos poderão ser observados na humanização das crianças caso não sejam possibilitados a elas espaços e tempos para que possam, por meio do brincar genuíno alcançar níveis mais elevados de desenvolvimento humano? (P.173); - Defende a escola como o lugar privilegiado da</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>preservar a verdadeira identidade da escola, por razões éticas, e assim utilizou a denominação “Escola Amarela”;</p> <p>- As Categorias de análise foram determinadas antes de captar as falas das crianças de acordo com o problema da pesquisa: a) “os brinquedos, os tempos e os espaços de brincar”; b) “a formação dos grupos”, e c) “os modos de brincar na escola”;</p> <p>- Acompanhou os trabalhos em sala de aula e no</p>			<p>infância;</p> <p>- As crianças afirmaram que brincam, mas também afirmaram que “brincar é um modo de dizer que não é uma brincadeira”.</p> <p>- O brincar é traduzido nas mais diferentes linguagens como forma de compreender, interpretar e até mesmo modificar a realidade;</p> <p>- O brincar é um jeito de ser criança;</p> <p>- É importante haver mediações entre a criança e o brincar; é preciso promover um</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				recreio; - Construiu um livro com as crianças no período das entrevistas: O segredo das crianças de todos os tamanhos (2003); - Buscou diferentes fontes de registro de um mesmo fenômeno para ter mais elementos para compreender a infância no interior da escola; - Realizou um estudo exploratório e elaborou um itinerário de pesquisa, com questões a serem pensadas,			conjunto de ações que favoreçam as condições para que esta atividade aconteça;

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>observadas e respondidas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escolheu o local da pesquisa junto a direção e divulgou os critérios para a inscrição e quantidade de crianças por turma para participar da entrevista; - Elaborou um roteiro de entrevista; - Descreveu o processo das entrevistas: como ocorreu; - Trocou os nomes dos adultos por pseudônimos; - No livro feito com as crianças, as brincadeiras preferidas foram registradas; 			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Nas tramas do cotidiano: adultos e crianças construindo a educação infantil</p> <p>SILVIA NÉLI FALCÃO BARBOSA Sonia Kramer PUC-RIO</p> <p>2004</p> <p>Palavras-chave: Infância, criança, educação infantil,</p>	<p>O início de tudo: descobrindo o um caminho</p> <p>1. A infância a criança e a educação infantil: encontros possíveis (1.1 O direito a uma educação infantil de qualidade; 1.2 Percorrendo os caminhos da infância; 1.3 Encontrando o a criança; 1.3.1 Um lugar para o</p>	<p>Objetivo geral – - O meu desejo era estudar e conhecer o modo como as crianças usam os espaços e o tempo planejados para elas dentro de uma instituição de educação infantil. Tentar compreender o cotidiano da educação infantil a partir do seu ponto de vista, de como a criança se apropria desse espaço, o que ela faz, o que ela diz, que interações estabelece com seus pares e com os adultos. (p.13).</p> <p>Questões da pesquisa:</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Quatro turmas: duas com crianças de 4 anos e duas com crianças de 5 anos – Total de crianças: 100.</p> <p>Espaço da pesquisa: -Escola pública de Educação Infantil – atendimento em período integral.</p> <p>Tempo da pesquisa – - Minha primeira visita à escola se deu no dia cinco de março de 2003. Desde então fui regularmente à escola até o mês de julho, voltando uma vez em agosto. Estive na</p>	<p>Metodologia – - Estratégia metodológica: a observação participante; - “Investigação de campo interpretativa” (Erickson, 1989);</p> <p>Procedimentos: - Observação participante; diário de campo; - A pesquisadora fala sobre a relação entre pesquisa e educação no capítulo sobre os procedimentos da pesquisa; - A pesquisadora defende que: Entrar no cotidiano de uma instituição para ver todas as coisas</p>	<p>CRIANÇA INFANCIA EDUCAÇÃO INFANTIL BRINCADEIR A/BRINQUED O ESPAÇO/TEM PO</p>	<p>Criança: Sarmento e Pinto (1997); Pinto (1997); Kramer (2000); Benjamin (1984); Gagnebin (1999); Vygotsky (2000);</p> <p>Infância: Sarmento e Pinto (1997); Kramer (2000); Pinto (1997); Moss (2002); Aries (1991); Sarmento (2003); Corsino (2003).</p> <p>Educação Infantil:</p>	<p>Assim, fui compreendendo que estudar as crianças implica estudá-las nas interações que elas estabelecem com seus pares e com os adultos. Mais do que “recolher” a voz das crianças, era preciso entender essas relações e os significados que iam surgindo a partir delas (p.45); Em relação ao processo da pesquisa, entendo que o mergulho muito denso no campo exigiria um</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
brincadeira Pesquisadora: Professora de Educação Infantil	brinquedo; 1.3.2 O espaço e o tempo (roubados) da criança); 2. “O que você está fazendo aqui?”: o exercício de compreen- der e ser Compreen- dido (2.1 Buscando uma estratégia; 2.1.1 A relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa 2.1.2 Os conflitos de ser pesquisador 2.1.3	O que poderei ver? A que conclusões poderei chegar? Que palavras quebrarão a minha própria redoma? Ser um pesquisador- educador implicaria, então, uma outra relação nesse universo da pesquisa? Seria possível envolver- se com a produção de um conhecimento teórico sistemizado, mais generalizado, sem perder de vista as necessidades singulares da prática? É nessa tensão que me vejo construindo esta dissertação. (p.37).	escola em trinta e três dias ao longo desses seis meses. Ao todo, foram mais de oitenta horas de observação (p.45);	como se as estivesse vendo pela primeira vez é um exercício que requer atenção, disciplina e ética (p.39). - Questões metodológicas: Tradução da alteridade e transmissão da alteridade (Amorim); Reflexividade interpretativa (Sarmiento e Pinto); -Organizou um diário de campo que teve dois espaços de registros: um caderno que eu levava para a escola e as páginas digitadas e comentadas após as observações;		Cury (1998); LDB; ECA; Kappel (2003);Barret o (1998); Kramer (2000); Malvezzi (1998); Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959); Brincadeira: Vygotsky (2000); Benjamin (1984, 1995); Altman (2000); Espaço e tempo: Lima (1989); Foucault (1984); Guimarães (2004);	tempo maior ou um recorte mais definido. A atenção ao recorte é fundamental, o que, no entanto, foi uma das minhas maiores dificuldades. Por outro lado, o diário de campo tornou- se um material fecundo a ser trabalhado com lentes específicas. Isso porque as questões não emergiram espontaneament e no campo. O estudo teórico foi fundamental para que eu pudesse me colocar no lugar do outro, tanto como ocupar o

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Identificar os sujeitos da pesquisa: uma questão técnica ou ética?; 2.2 Encontrando um lugar; 2.2.1 Escola-comunidade, uma relação histórica; 2.2.2 O espaço físico 2.2.3 O cotidiano);</p> <p>3. As práticas e as interações do cotidiano (3.1 Se a educação infantil é</p>	<p>Me pergunto: será que podemos dar e recolher a voz de alguém? Podemos separar o sujeito da sua voz? Podemos recolher a voz e não o sujeito? Ou o que recolhemos é a nossa interpretação dessas vozes? São as imagens que nós mesmos fazemos daquilo que observamos, analisamos? Mesmo em uma pesquisa etnográfica, num mergulho denso no campo empírico, o que teríamos ao final não seria fruto do olhar do pesquisador? Do seu confronto teoria-empíria?</p>		<p>-Na minha primeira visita à escola, após conversar com a diretora, ela me mostrou rapidamente o espaço interno (p.43);</p> <p>- Analisou alguns documentos da escola para conhecer melhor as crianças: a proposta pedagógica, atas dos Conselhos de Classe, fichas individuais.</p> <p>- Se preocupou com a identificação dos sujeitos da pesquisa (Uma questão técnica ou ética?);</p> <p>-Percebeu que as crianças exigiam uma apresentação formal da</p>		<p>Pesquisa: Bordieu (2001); Geertz (1989); Mazzotti (2001); Amorim (2001);Leite (1997); Quinteiro (2002); Bakhtin (2003); Ludke e Andre (1986); Erickson (1989); Velho (1973); Da Mata (1978); Gusmão (1997);Kramer (2002); Algebaile (1997);Monteiro (1997); Oliveira (2001); Azanha</p>	<p>lugar de exotopia, um movimento de ir, olhar, depois retornar ao lugar de pesquisadora. Não é um exercício fácil. Sem a teoria não seria possível (p.104); Na escola estudada, a criança é identificada como aluno, devido à identificação da educação infantil com o ensino fundamental, mas também devido a um conceito de criança que não sabe, que precisa ser</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>escola, ser criança é ser aluno?; 3.1.1 “Nós somos escola”; 3.1.2 “Respostas educativas às necessidades dos alunos”; 3.2 Dentro ou fora: afinal, onde é a escola? 4.2.1 “Ih, aqui é a escola!”; 4.2.2 “Faz trabalho e brinca no pátio”; 3.3 Trabalhar é da professora?; 3.3.1 “Vamos trabalhar!”;</p>	<p>(p.41); Com que estratégias metodológicas entrar na escola e vivenciar esse movimento de compreender e ser compreendido? Como entender as interações que se estabeleciam nesse cotidiano? (p.43)</p>		<p>pesquisadora; Estava claro que as crianças não poderiam ser responsabilizadas pela autorização da minha presença ali, mas precisavam de uma apresentação formal. Isso aconteceu logo depois e, embora dissesse meu nome, passei a ser identificada como a “tia” da Puc (p.47); - Buscou em diferentes exemplos de pesquisas, se deveria ou não identificar os sujeitos da pesquisa (Leite; Algebaile; Monteiro; Oliveira); - Para conhecer a</p>		<p>(1992); Benjamin, apud: Pereira & Jobim e Souza, (1998); Gobbi e Leite (2000); Leite (2003);</p> <p>Sociologia da Infância: Sarmento e Pinto (1997); Corsino (2003);</p>	<p>ensinada, em detrimento de uma criança que é produtora de cultura e produzida na cultura. Seria importante criar espaços nos quais a criança se sentisse desafiada, convidada a criar, a expressar-se com liberdade (p.105); Com certeza, na escola pesquisada, há o desejo de fazer o melhor para a criança, que se traduz em um trabalho realizado com muita seriedade e respeito. Essa prática, no entanto, não</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>3.3.2 “Tartaruga vê televisão? – Claro!”; 3.3.3 “Tia, eu já fiz”: a hora da chamadinha ; 3.3.4 “O homem-aranha sobe pela parede”, mas um tem roupa vermelho claro e o outro vermelho escuro”: a hora da novidade!; 3.4 O lugar do desenho; 3.4.1 O desenho como trabalho; 3.4.2 O</p>			<p>escola contou com alguns documentos, fotos, depoimentos de moradores, ex-alunos e funcionários; - Descreveu o espaço físico e o cotidiano da escola; - A análise ocorreu a partir do seguinte EIXO: a diferença que se faz entre brincar e trabalhar e os seus possíveis desdobramentos no cotidiano da instituição pesquisada; - Utiliza exemplos do diário de campo de falas de adultos (diretos e professoras) e de crianças; - Aproveitou um</p>			<p>propicia à criança viver a infância enquanto uma experiência com a cultura. O conceito de criança e de infância é de um tempo de preparação para o futuro (p.105); - Defende a qualidade na formação dos profissionais; Para construirmos novos conhecimentos, novas práticas é preciso levar em conta a experiência do sujeito. Do sujeito criança e do sujeito adulto. Não parece possível</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>desenho livre; 3.5 “Brincadeira a é coisa séria”; 3.5.1 E o brincar, é da criança?”; 3.5.2 “O que eu fiz é especial”; 3.5.3 “Tem que ir até o portão verde e voltar”: brincadeira tem regra);</p> <p>4. Considerações finais.</p>			<p>momento organizado pela professora para brincar com as crianças e apresentar a pesquisa, pediu que as crianças que fizessem um desenho da escola;</p> <p>Assim, decidi identificar as quatro turmas como A, B, C e D e as professoras como professora da turma A, B, C, ou D também [...]</p> <p>Finalmente optei por nomeá-las com as iniciais de diversos nomes, Mat, Rob, Gil, fazendo uma escolha aleatória. Isto quer dizer que a inicial não corresponde ao nome real das</p>			<p>construir uma educação infantil de qualidade olhando só a criança ou só o adulto (p.105);</p> <p>Enfim, que esse convite para ver a criança tenha nos proporcionado o entendimento de que, para repensarmos as práticas pedagógicas na educação infantil, seria fundamental levar em conta as manifestações da criança (p.106).</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>crianças. Toda ética e cuidado não são a garantia do pleno anonimato dos sujeitos da pesquisa (p.48); Por um momento, eu estive diante de um dilema: acompanhar o percurso de uma única turma ou estudar todas as turmas? O próprio campo me indicou que, diante da proximidade e interação entre as crianças e professoras de cada turma seria importante ter a visão do todo para essa compreensão. Por isso, estive em cada turma pelo menos três vezes acompanhando</p>			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				atividades bem diferentes. Além disso, observei o horário da entrada várias vezes e pelo menos duas vezes, a saída das crianças (p.45); Comecei a perceber um paradoxo que me acompanhou durante toda a observação: a diferença entre dar um grande valor às crianças e uma prática que prioriza a dimensão pedagógica (p.43)			

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“Como é ser menino e menina na escola: uma estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar”.</p> <p>CARLOS CASTILHO WOLFF. DIANA DE CARVALHO DE CARVALHO. 2006. UFSC</p> <p>Palavras-chave: EDUCAÇÃO, INFÂNCIA, CRIANÇA, GÊNERO, ESCOLA.</p> <p>Pesquisador:</p>	<p>Introdução</p> <p>– Apresenta as categorias que serão discutidas na pesquisa: criança, infância, escola e relações de gênero. E descreve alguns passos e resultados do levantamento bibliográfico o para justificar a relevância do tema.</p> <p>Cap.I – Desafios da</p>	<p>Objetivo geral – investigar os significados, manifestações e estratégias presentes nas relações entre as crianças, elegendo-as como sujeito central da pesquisa.</p> <p>Objetivos específicos: Trazer algumas contribuições para compreender o modo como os meninos e as meninas se relacionam e se manifestam culturalmente frente às questões de gênero.</p> <p>• Analisar como as hierarquias de gênero são contestadas e</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 65 crianças de 1ª a 4ª série com faixa etária de 6 a 12 anos, sendo 28 meninos e 37 meninas.</p> <p>- 8 meninos e 11 meninas da 1º série, 7 meninos e 9 meninas da 2º série, 7 meninos e 9 meninas 3º série, 6 meninos e 8 meninas da 4º série.</p> <p>- Conversou com 8 mães e 2 pais das crianças sobre as expectativas conforme o sexo;</p> <p>- Entrevistou 5 ex alunos da escola (3 mulheres e 2 homens);</p> <p>- Aplicou questionário com</p>	<p>Metodologia –</p> <p>- Adotou o Estudo de Caso com uma abordagem etnográfica de pesquisa, com observação participante, com a utilização do Diário de Campo, a fotografia, além de entrevistas com as crianças, com um roteiro elaborado previamente e desenhos.</p> <p>- Realizou um LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO nos Seminários de Pesquisa da ANPED – Região Sul – período de 1998 a 2003, dissertações de Mestrado e</p>	<p>ESCOLA; METODOLOGIA CRIANÇA; INFÂNCIA; GÊNERO; EDUCAÇÃO; CULTURA; SOCIALIZAÇÃO</p>	<p>Escola: FORQUIM (1993); THOMPSON (1995); LOURO (1997); CAMBI (1999);</p> <p>Metodologia: MINAYO (1999); QUINTEIRO (2002); FARIA (2002); KRAMER (2002); SARMENTO (2003); LUNA (1998); AZANHA (1992); TRIVIÑOS (1992); LÜDKE E ANDRÉ (1986);</p>	<p>- Ao trazer para o centro da discussão sobre gênero e educação as relações entre as crianças nos espaços escolares, penso que esta dissertação pode contribuir para o debate de questões relevantes acerca da forma como estereótipos de gênero se reproduzem no uso social desses espaços e também de que forma aparecem conflitos, oposições e</p>

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
Orientador Educacional e Professor em uma escola.	pesquisa: questões teóricas e metodológicas (Foi dividido em dois subtítulos, sendo que um deles possuíam mais sete subdivisões). Neste capítulo o pesquisador apresenta a caracterização da escola de gênero por meio de uma descrição pautada na história oral, documental e bibliográfica	mantidas por crianças no contexto do espaço escolar. • Identificar a analisar os valores de gênero que são transmitidos às crianças –meninos e meninas – no espaço escolar. • Identificar estereótipos de masculinos e femininos que se tornam visíveis durante as brincadeiras no espaço escolar. • Observar como as crianças ao brincar, jogar, desenhar expressam seus conceitos e suas representações de masculino e feminino.	4 professoras, 1 orientadora educacional. Espaço da pesquisa – Escola pública do Município Pesqueiro, cidade que se localiza ao Norte do Estado de Santa Catarina. Tempo da pesquisa – - Fez um estudo exploratório que aconteceu no período de 10 de outubro a 25 de novembro de 2004, durante mais ou menos seis horas diárias (três horas no período da manhã e três horas no período da tarde), observar as crianças de 1º a 4º série; - As oficinas	Tese de Doutorado CAPES (1987 a 2004), o acervo da biblioteca setorial do CED/UFSC (1987 a 2002), documentos oficiais e legislação, livros e coletâneas publicadas, três anais de Congressos – ANPED Região Sul e ANPED – Nacional, ANPPUH, cinco revistas de divulgação nacional –Revista Brasileira de Educação, Proposições/UNICA MP, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Cadernos de Pesquisa, Revista		FREDERICK ERICKSON (1986); Florestan FERNANDES (1979); FERREIRA (2002); CORSARO (1997, 2003); LAPLANTINE (1995); BAKHTIN (2003); Peter LOIZOS (2003); CHIZZOTTI (2001); LEITE (2001); DERDYK (2003); CONNELL (1995); Criança: KUHLMANN (1998); SINGER (1997); Infância:	estratégias; - As crianças reproduziram em suas falas as representações sociais de gênero; - Contribuir para que a escola e os sujeitos nela inseridos tenham a consciência que meninas e meninos podem desenvolver-se como seres humanos diferentes, mas cuja igualdade social deve ser assegurada; - O pesquisador destaca como de fundamental importância estudar, pesquisar, desvendar (des)

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	a, faz uma breve discussão dos desafios da pesquisa, principalmente sobre as implicações teórico-metodológicas que envolvem a pesquisa com crianças e por fim, procura descrever também um pouco da trajetória que percorreu e as transformações que foram ocorrendo no decorrer		aconteceram em 4 meses, com dois encontros em cada mês; -	Brasileira de História e Revista Estudos Feministas/UFSC. - Utilizou como fontes da pesquisa: Análise de fontes documentais da Instituição; • Observações do cotidiano das crianças no espaço escolar, registradas em diário de campo; • Atividades com grupos de crianças com faixa etária de 6 a 12 anos; • Entrevistas semi-estruturadas, questionários e conversas realizadas com 65 crianças de 1ª a 4ª série com faixa etária de 6 a 12 anos; • Fotografias e		SIROTA (2001); QUINTEIRO (2002); PINTO e SARMENTO (1997, 1999); BENJAMIN; PERROTTI (1982); ÁRIES (1978), KUHLMANN (1998), POSTMAN (1999) E KRAMER (2003); MARTINS (1993); ARROYO (1995); NARODOWSKY, (2001); CAMBI, (1999); Gênero: GOBBI (1996); FARIA	construir o discurso presente no cotidiano escolar sobre as relações de gênero; - É necessário encarar a discussão sobre gênero na escola; - A escola deve proporcionar a meninos/meninas iguais para o desenvolvimento de seu potencial artístico, esportivo e liderança; - Nosso papel é procurar desconstruir estereótipos que são criados e consolidados,

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	do processo da construção das questões teóricas e metodológicas da pesquisa. Cap. II– Olhares sobre a infância, criança e a escola: possíveis aproximações com apoio na perspectiva de gênero (Foi dividido em um subtítulos, com quatro subdivisões). Neste capítulo o pesquisador			desenhos; - O material infantil pesquisado enfocou os seguintes ângulos: escola, a condição social de ser menino e menina, e as brincadeiras. - Não utilizou o nome verdadeiro da escola e das crianças. - Realizou entrevistas utilizando um gravador com 5 ex-alunos/as (três mulheres e dois homens) que estudaram nessa instituição na década de 70 e 80; - A escolha da escola ocorreu devido ao vínculo profissional do pesquisador que atua como		(2002); ROSEMBERG (1990, 1994); Guacira Lopes LOURO (1998); Joan SCOTT. Marília CARVALHO (1999); SAFFIOTI (1992,1994); LAGO (1999); LAURETIS (1994); Lynne SEGAL (1997); AUAD (2006); Thomas LAQUEUR (1990); HALL (1997); FOUCAULT (1987);	possibilitando uma discussão e reflexão sobre o discurso escolar que forma mentes e produz práticas e comportamentos; - A escola deve se constituir num espaço onde a socialização de meninos e meninas ocorra de forma consciente e inovadora; - a análise das falas das crianças confirmou a existência dessa pluralidade de masculinidades e feminilidades, cujas diferenças puderam ser explicadas sob a

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	discute a história e a condição social da criança e, ainda a infância como construção cultural, trazendo como contribuição os paradoxos da situação da infância no Brasil e os desafios postos atualmente à sociedade para garantir integralmente o direito à inserção destes sujeitos na sociedade.			Professor e Orientador Educacional há cerca de dezessete anos. - Fez um estudo exploratório durante dois meses observando as crianças de 1º a 4º série. - 1º contato com a escola foi com a Direção. - 1º ETAPA: Realizou observações nos espaços coletivos: pátio de recreio, entradas e saídas das crianças, corredores, principalmente nos lugares onde havia a presença das crianças; - O pesquisador não estabeleceu uma faixa etária padrão para a		MALUF (1993); WHITAKER (1995); MEAD (2000); AZEVEDO (2003); MARTIN (1998); GIROUX (1987); FRAGA (2000); CHECIN e BERNARDES (1999). Educação: CAMBI (1999); DURKHEIM apud GHIRALDELI JR, (org) (1997); CARVALHO apud FREITAS E KUHLMANN Jr.,(2002);	ótica do pertencimento social de gênero.

Título/Autor/Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Cap. III– (des) tecendo a trama: as relações de gênero e as crianças na teia da escola: Neste capítulo dividido em cinco subdivisões , o pesquisador busca relatar as cenas de meninas e meninos na instituição, focando as expressões de gênero nos vários momentos do cotidiano escolar,</p>			<p>pesquisa. O único critério era ser aluno ou aluna da 1ª a 4ª série, e ter interesse e disposição para participar da pesquisa; - Aplicou um questionário direcionado a 4 professoras, 1 orientadora educacional e algumas famílias; - As entrevistas ocorreram num local específico e organizado, e sempre aconteciam no mesmo horário, depois do recreio; - 2º ETAPA: trabalhar com um grupo menor de crianças. Nesta parte da pesquisa utilizei entrevistas,</p>		<p>Cultura: GEERTZ (1978); Socialização: Eric PLAISANCE</p>	

Título/Autor/Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>atividades em sala, brincadeiras dirigidas e não dirigidas – e faz uma análise dessas cenas articulando alguns teóricos pós-estruturalistas.</p> <p>Considerações finais: onde termina essa história.</p>			<p>questionários, desenhos e observações;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Único critério estabelecido era que a criança estivesse estudando neste colégio desde a primeira série. - Analisou os dados coletados por meio de entrevistas, utilizando a metodologia da análise de discurso, baseada num referencial foucaultiano. Estes dados, constituiram uma cartografia sobre os sentidos que as crianças atribuem à escola e as atividades que desenvolvem nesse ambiente; - Organizou as 			

Título/Autor/Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				falas das crianças em quadros, com as principais respostas de meninos e meninas sobre a pergunta O que é ser menino e menina na escola?; -			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Diálogos na educação infantil: concepções de infância NATHALYE NALLON MACHADO RIBEIRO LÉA STAHLSCHMIDT PINTO SILVA 2006 UFF</p> <p>Palavras-chave: Pesquisa com crianças – Interações dialógicas – Infâncias e Educação Infantil.</p>	<p>Introdução 1. Iniciando o diálogo; 2. Compreensão metodológica dos diálogos (2.1 Considerações sobre a pesquisa qualitativa; 2.2 Contexto, sujeitos da pesquisa, procedimentos metodológicos; 2.3 Formas de análise); 3. Concepções de infância</p>	<p>Objetivo geral – - Compreender, através das interações dialógicas entre as crianças e seus pares e entre as crianças e a professora, a concepção de Educação Infantil presente em uma escola pública do município de Juiz de Fora – MG.</p> <p>Questões da pesquisa: - Compreender a concepção de infância que guiava a prática pedagógica da instituição;</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Crianças entre 4 e 5 anos; - Duas turmas – 1º fase da pesquisa: crianças de 5 anos; professoras e coordenadora pedagógica; 2º fase – crianças de 4 anos de idade;</p> <p>Espaço da pesquisa - Escola Municipal de Educação Infantil;</p> <p>Tempo da pesquisa – -</p>	<p>Metodologia – - Pesquisa qualitativa.</p> <p>Referencial teórico: - Estudos de Mikhail Bakhtin, Lev S. Vygotsky e Paulo Freire;</p> <p>Procedimentos: - Observação, vídeo-gravação; notas de campo; fotografias; - Interpretação das falas infantis; - Não utilizou o nome verdadeiro da escola e nem dos adultos; - Utilizou nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa;</p>	<p>DIALOGOS DAS CRIANÇAS; LINGUAGEM;</p>	<p>Linguagem: Smolka (2005); Bakhtin (1992); Freire (2004); Nóvoa (1998); Lopes e Vasconcellos (2005); Vygotsky (1994); Leontiev (2001); Morato (1991); Jobim e Souza (2000);</p> <p>Pesquisa com crianças: Kramer (1992), Jobim & Souza (2003), Ribes (2002), Silva</p>	<p>- Assim entendo a validade dessa pesquisa, por trazer à tona as discussões sobre a infância sob a ótica do meu olhar, que foi compartilhado com os olhares e as palavras das crianças e professoras com as quais interagi. - Percebeu que existiam diferentes concepções de infância, identificadas pelos sujeitos ao longo da pesquisa; - Identifica o caminho da</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Pesquisadora: educadora da educação infantil</p>	<p>em diálogo com Mikhail Bakhtin e Paulo Freire (3.1 Palavras em Interação – Mikhail Bakhtin, escola e infância; 3.2 A solidariedad e do diálogo de Paulo Freire); 4. Transitand o em um espaço de contradiç ões: concepções de infância Brevíssima s consideraç ões ou mais</p>			<p>- A pesquisadora assumiu a sua posição também como sujeito da pesquisa; - Focou os diálogos das crianças dentro da sala de aula; - Iniciou as observações com uma questão pré-definida, apesar de outras questões terem surgido durante a pesquisa; - Pediu o Consentimento dos pais e das crianças. No caso das crianças utilizou o desenho; - Realizou um Projeto-Piloto; - Realizou a pesquisa em duas etapas: 1º: Os sujeitos da</p>		<p>(2002); Sarmento (2000); Ferreira (2004);</p> <p>Metodologia: Clareto (2004); Kramer (2002); Bakhtin (1992); Amorim (2004); Freitas (2002); Cruz (2004);</p> <p>Sujeito de direitos: Pinto e Sarmento (1997);Pinto (1997); Sarmento (2001); Ariés (1981); Escola: Vaconcellos</p>	<p>pesquisa, os achados e os desafios enfrentados; - Ressalta a importância do espaço, citando o espaço da sala de aula, a sua organização e os materiais disponíveis; - Ressalta a importância da formação continuada dos professores; - Nessa pesquisa os diálogos me revelaram que a criança precisa ser ouvida e escutada. Não só pela escola, mas também pela academia: um diálogo verdadeiro e consistente com</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	um elo na corrente dialógica das infâncias.			investigação foram, na primeira imersão no campo com o Projeto Piloto, as crianças da turma de 5 anos - CA5- e suas professoras e a coordenadora pedagógica. Nessa etapa, fiz observações e vídeo-gravações na sala de atividades, parquinho infantil, área externa e gravei em áudio uma reunião pedagógica. 2º fase: observação dentro da sala de aula de uma turma com crianças de 4 anos; - Considerou o conceito de “posição exotópica” de		(1998); BRITTO (2005);	elas! (p.115). - A convivência dialógica nos ensina sobre o outro e se aprendo sobre o outro, aprendo sobre mim. [...] Ouvir não é tarefa simples! Perguntar também não. (p.116).

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>Bakhtin (1992) para exercer a sua postura de pesquisadora, que participa e ao mesmo tempo se distancia;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Buscou registrar os dados nas notas de campo, assim que saia da sala de aula, e depois que fazia as descrições dos vídeos; - A pesquisadora optou por incorporar a análise em todos os capítulos, assim, não há um capítulo específico destinado à análise de dados. - Analisou as falas das crianças durante as atividades dirigidas pela professora, sem 			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>necessariamente, perguntar algo para as crianças, sobre um assunto;</p> <p>- A pesquisadora não explicitou quantos dias, quantas horas desenvolveu a pesquisa.</p> <p>- Utilizou alguns exemplos registrados para justificar a explicação teórica;</p> <p>- Interpreta as concepções de infância, criança, a partir dos episódios gravados e da postura da professora com relação as crianças, ou seja, o seu foco não foi conhecer a criança a partir da própria criança;</p>			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<ul style="list-style-type: none"> - A pesquisadora não apresentou os objetivos da pesquisa às crianças; - Utiliza o termo Educadora; - Não apresentou o contexto da pesquisa, do espaço investigado, e nem dos sujeitos; - Utilizou fotografias do espaço; - Citou apenas cinco exemplos de cenas que foram registradas pela filmadora; - 			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Saberes e fazeres das crianças: manifestações das culturas infantis em situações dirigidas pela professora CARLA ANDREA LIMA DA SILVA. PATRÍCIA CORSINO. 2007 UFRJ.</p> <p>* Trabalha na escola observada como supervisora educacional</p> <p>Palavra-chave: Educação infantil; Sociologia da</p>	<p>Cap. 1 Introduzindo as escolhas da pesquisa; Cap. 2 Mais uma escolha: o referencial teórico metodológico construído (O lugar de onde fala a pesquisadora, O caráter etnográfico da pesquisa, Contribuições teórico-metodológicas da Sociologia da Infância, Os procedimentos adotados); Cap.3 Os sujeitos da pesquisa (As crianças, A professora, A</p>	<p>Objetivo geral – Analisar as manifestações das culturas da infância por crianças de uma escola pública municipal de educação infantil, durante a realização de atividades pedagógicas dirigidas pela professora. Questões da pesquisa - Em que medida a organização do espaço feita pelo adulto, na escola investigada e na sociedade atual, favorece ou não as ações e interações infantis,</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 17 Crianças de 3 a 6 anos de idade turma do pré. Espaço da pesquisa – Escola Municipal pública de Niterói. Tempo da pesquisa – Estudo exploratório em outra turma 8 horas de observação. - 20 horas de gravação realizadas de junho a novembro de 2006.</p>	<p>Metodologia – - Pesquisa qualitativa de caráter etnográfico - Registro das observações com filmagens em áudio e vídeo, fotografias, anotações em diário de campo e relatos escritos das professoras. - Fez um estudo exploratório em outra turma para conhecer as crianças. - Pediu o consentimento da professora e das crianças. Autorização das famílias. - Destacou os “eventos” que se assemelhavam para dividir em</p>	<p>INFÂNCIA/CR IANÇA; PESQUISA QUALITATIVA DE CARÁTER ETNOGRÁFICO O SOCIEDADE PÓS MODERNA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA</p>	<p>Infância/ Criação: ARIES (1981); SARMENTO (2005); BENJAMIN, W. (1984). Pesquisa qualitativa de caráter etnográfico: MINAYO (1996), LÜDKE E ANDRE (1986), OLIVEIRA (2002); ANDRE (1995) Sociedade pós-moderna: BOA VENTURA DE SOUZA SANTOS (2003 E</p>	<p>- Alerta para o fato de que por mais que existam avanços em termos de políticas públicas para a infância, ainda há um hiato muito grande entre a teoria e a prática; - Os dados mostraram que existe um paradoxo entre as manifestações do adulto referência e as ações infantis; - É preciso repensar a própria participação das crianças no dia-a-dia da escola de modo a garantir que as</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>infância; Culturas da infância; Políticas públicas educacionais; Currículo da educação infantil; Resistência cultural.</p>	<p>escola e sua orientação); Cap.4 Refletindo sobre as vozes, fazer e saberes das crianças em situações dirigidas pelo adulto referência (O “pequeno mundo próprio das crianças”, Crianças respondem, questionam, resistem, Comportamen to brincalhão, As conversas das crianças, O tempo controla, defini, limita a experiência infantil?;</p>	<p>valorizando ou não as crianças como atores/autores sociais, entendidas como seres ativos, com quem se pode dialogar, capazes de criar, questionar, investigar e construir, de interpretar criticamente o mundo em que vivem? (...) Que espaço a criança de fato ocupa na organização escolar e na sociedade contemporânea, perante o conjunto dos atores em jogo, construindo ou não possíveis movimentos</p>		<p>categorias de análise. - Optou por não revelar os nomes verdadeiros das crianças e da professora, mas da escola foi revelado; - Ficou doente e não pode entrar em contato com as crianças no momento de análise das suas falas junto as mesmas; -</p>		<p>2004). Sociologia da Infância: BORBA (2005), SARMENTO (2003), JAMES, JENKS E PROUT (1998), SIROTA (2001), MONTAND ON (2001), CORSARO (1997). DELGADO e MULLER (2005 a); CORSINO (2007 a); Pesquisa com crianças: ALDERSON (2005); FARIA, DEMARTINI e PRADO</p>	<p>manifestações infantis sejam de fato consideradas no planejamento como um todo; - A brincadeira como observado, se limitava aos momentos que sobravam das atividades dirigidas e em momentos proibidos, como os intervalos entre uma atividade e outra. - Considera que a linguagem deve ser tomada como elemento de outra possibilidade de educação infantil que valorize as crianças como</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Uma experiência de coletividade: a organização das crianças em grupos, As tensões de um ofício de mestre na relação com as crianças, Entre seguir as atividades dirigidas e brincar: construindo o ofício de criança? Aprendendo o ofício de aluno?);</p> <p>Cap. 5 Pós-modernidade : Educação infantil e políticas públicas, Cap. 6 Consideraçõ</p>	<p>instituintes de ordenamento social?</p>				<p>(orgs) (2005); KRAMER e LEITE (2002);</p>	<p>atores;</p> <p>- Neste processo o papel do professor também é imprescindível para o desenvolvimento pleno das crianças;</p> <p>-</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>es Finais (Culturas da infância e currículo da educação infantil: possibilidades anunciadas).</p>						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“A participação infantil nos processos de gestão na escola da primeira infância”. CLARICE VERÍSSIMO ISAIÁ. MARIA CARMEN BARVOSA. 2007. UFRG</p> <p>Palavras-chave: EDUCAÇÃO INFANTIL; GESTÃO DEMOCRÁTICA; INFÂNCIAS; PESQUISA-AÇÃO.</p> <p>Pesquisadora:</p>	<p>Introdução Cap. 1 Con(texto)alizando o campo (Contando um conto e aumentando um ponto; “Escola cidadã” experiência de Porto Alegre; Políticas de educação no atendimento às crianças em Porto Alegre; Verbas que incidem na administração e no fazer pedagógico – OP/SMED e PAR); Cap.2</p>	<p>Objetivo geral – analisar situações de participação das crianças na gestão escolar e possibilidades de efetivar novos caminhos de gestão com elas. Objetivo específico – - Investigar as concepções dos adultos acerca das possibilidades de participação infantil nos processos de gestão na escola da primeira infância; - Verificar as formas de participação das crianças na</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Crianças da turma do berçário, maternal e jardim. Espaço da pesquisa – Escola pública municipal de Porto Alegre que atende crianças menores de 7 anos. A escola funciona das 7 as 19 da noite; Tempo da pesquisa – - Desde 2005 a pesquisadora estava inserida no espaço da pesquisa como vice-diretora. 3 anos. - Tempo institucional do calendário escolar. - Imersão no</p>	<p>Metodologia – - Pesquisa-Ação com acréscimo de elementos da etnografia. Procedimentos – - Observações em vários momentos informais do cotidiano; - Conversações individuais e/ou em grupos em diversos momentos informais do cotidiano da escola. - Diário de campo; - Imersão no campo pesquisado. - Análise de documentos e registros da escola (PPP, etc.); - Relatos orais</p>	<p>ESCOLA CIDADÃ PARTICIPAÇÃO INFÂNCIA/ CRIANÇA CULTURA DA ROTINA METODOLOGIA</p>	<p>Escola cidadã: legislação de Porto Alegre Participação: NOGUEIRA (2004); RAYOU (2005); GALLO (2005); MORIN (2002); FORMOSINHO (2007); FERREIRA (2004); HEYWOOD (2004); MILLER (1990); Criança/Infância: QVORTRUP (2005); PROUT (2002); ARIES</p>	<p>- Nas falas dos adultos foi evidente a percepção de que as crianças podem participar apenas através da fala e da expressão; ou seja, não ultrapassam a linguagem verbal; - Relata os desafios éticos e metodológicos encontrados durante a pesquisa com a criança, no sentido de possibilitar ao máximo a sua participação, sem muita interferência do adulto</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
Vice- Diretora da escola pesquisada	<p>Contaminan do espaços: o bairro, a escola e as pessoas... (Configurand o o bairro da Restinga; Configurando o atendimento à infância da região; A escola por dentro – a escola; descrevendo a escola; as pessoas; os adultos que trabalham na escola; as famílias que têm seus filhos na instituição; as crianças que frequentam a escola); Cap. 3 Seguindo</p>	gestão democrática ou se isso não acontece nas práticas da escola de atendimento á infância; - Analisar práticas desse cotidiano escolar na perspectiva da participação infantil.	campo: março de 2005 até junho de 2007.	<p>com os funcionários sobre a história da escola; - Levantamento bibliográfico durante a pesquisa, buscando produções para responder as questões; - Desenhos das crianças; - Fotografias do espaço; Tratamento dos dados – - Apresentou em anexo o Consentimento informado dos adultos e das crianças; - Utilizou o nome verdadeiro da escola; - Buscou na dissertação apresentar os</p>		<p>(1981); CORSAO (2005b); SARMENTO (2002); Cultura da infância: SARMENTO (2002); MOLLO-BOUVIER (2005); FERREIRA (2004); PERRENOU D (2000); PROUT (2002); CORSAO (2005 a e b); Rotina: BARBOSA (2006); LEFÉBVRE (2006); PAIS (2006); Metodologia: TEIXEIRA (2003); MALINOWS</p>	<p>(pesquisadora); - Percebeu através da análise das falas infantis, que há na escola um movimento participativo das crianças; - As crianças em muitos momentos do cotidiano romperam com a lógica adulta de centralidade de poder, mostrando que são capazes de opinar e sugerir mudanças; - Destaca as ações da Secretaria Municipal de Ensino para possibilitar o gerenciamento compartilhado entre escola e</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>cautelosamente as pistas (Caminhos metodológicos percorridos na pesquisa; Construir o ser pesquisador e gestor; A questão do tempo... os tempos durante a caçada; readequando os instrumentos; informantes privilegiados; com quem realizar a caça? Adultos e crianças);</p> <p>Cap.4 O que pensam os adultos? (“Agora eles podem até fazer as vezes deles</p>			<p>aspectos macro e micro que envolve o objeto de estudo (as políticas e o contexto da “escola cidadã” e dos sujeitos investigados);</p> <p>- O Conselho Municipal de Educação de Porto Alegre que a partir de 2001 que modificou os nomes das instituições de educação infantil para ESCOLAS;</p> <p>- Atuou como pesquisadora-observadora; gestora-pesquisadora e observadora-gestora.</p> <p>- Devolver os dados da pesquisa aos sujeitos e ao espaço;</p> <p>- Desenvolvia as</p>		<p>K (1984); MIRANDA e RESENDE (2006); BARBIER (1977); BRANDÃO (1986); THIOLENT (1998); MINTZ (1984); WINKIN (1998); BOGDAN e BIKLEN (2003); GAUER e WALSH (2003); BECKER (2003); POOLI (1998); LÜDKE (1984); SARMENTO (2002); LEITE (2002);</p>	<p>comunidade;</p> <p>- Possibilitou através da pesquisa, a discussão sobre a importância da participação infantil na gestão democrática da escola, junto com os familiares e os profissionais da escola;</p> <p>- Buscou apresentar as formas de participação infantil na gestão da escola como uma forma de destacar a sua presença e relevância para a continuidade da ação pedagógica na instituição;</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>ficam pensando!” Isabel (mãe de crianças na escola); Mas quem veio primeiro o ovo, ou a galinha? Ou seja a criança ou a infância... Quem dá conta deste conto?; Refazendo um apanhado);</p> <p>Cap. 5 Participação social como uma prática construída (Quanto à alimentação; Quanto às práticas de relações sociais “É as gurias não sê</p>			<p>anotações no diário de campo logo após o acontecimento dos fatos;</p> <p>- Estabeleceu uma relação com os sujeitos pesquisados a partir de sua atuação enquanto gestora da escola;</p> <p>- Cuidados éticos apresentou a Secretaria Municipal de Educação o documento de apresentação, intenção de pesquisa ao Conselho Escolar, Consentimento dos adultos e das crianças.</p> <p>- Processo da pesquisa: 1º Apropriação histórica e temporal do</p>		<p>ITURRA (1989); GEERTZ (1999); MILLER (1990); FERREIRA (2004); BOGDAN apud MARRE (2003)</p>	<p>- Identificou a participação dos bebes;</p> <p>- “Essa dissertação pode contribuir para o pensar ou, talvez, o repensar do espaço institucional de educação infantil voltado <i>para a criança e com a criança</i>”. (p.176);</p> <p>- Destaca os encaminhamentos e as ações da pesquisa-ação a partir da participação das crianças;</p> <p>- Reafirma a importância da construção de uma Pedagogia da Escuta;</p> <p>-</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>mais amiga da outra! E... a outra não sê mais amiga da outra!” (Vitória – J2A; Questões de gênero “Ahn! Carrinhos pras guris e bonecas pras gurias e eee bonecas pras gurias e carrinhos pras gurias de gurias né! De berçinho” (Thalyson – J2B); “Tem hora pra tudo...!” (Shaianne – J2B) Quanto tempo o tempo tem? E o tempo respondeu ao tempo que</p>			<p>espaço e dos sujeitos da pesquisa; 2º Conversação com os adultos que trabalham na escola (pais, professores e funcionários); 3º Autorização dos adultos, responsáveis e crianças; 4º Coleta de dados: buscou registrar as falas infantis em diversos momentos do cotidiano em situações informais e imprevistas na pesquisa; 5º Organizou um espaço planejado com jogos de expressão e fotos de espaços da escola, para propiciar a</p>			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>não tinha tempo para responder ao tempo);</p> <p>Cap. 6 Participação social como leitura de mundo (Quanto ao sentido político e público “É do governo!” (Thalyson – JB2 – Cena 34); Influência da indústria cultural “Aquela, a Belíssima!” (Bruno Rafael – JB2)).</p> <p>Conclusão</p>			<p>realização de trabalhos pictóricos; 6º Selecionou algumas crianças mais velhas como informantes privilegiados da pesquisa; 7º Buscou a concepção dos adultos sobre a participação infantil; 8º Sistema de categorias (Alimentação; Práticas de relações sociais; brincar; gênero, tempo, regras; sentido político; sentido de coletivo e de público; indústria cultural)</p> <p>- Mostra fotos das crianças, dos adultos e do espaço;</p>			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<ul style="list-style-type: none"> - Utiliza o primeiro nome da criança juntamente com o número da sala em que estudam; - Colocou em anexo informações pessoais das crianças, como nome completo, data de nascimento e turma e numero de matricula. - Destacou uma lista em anexo com o nome, sexo, idade, turma, data de nascimento, período dos informantes privilegiados; 			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>1. “As crianças e o exercício das práticas de autoridade”. FLÁVIA MILLER NAETHE MOTTA SONIA KRAMER. 2007 PUC-RIO</p> <p>Palavras-chave: Infância; Práticas de Autoridade; Culturas de Pares das Crianças; Educação Infantil.</p>	<p>Introdução Cap. 1 – Contextualizando: um tempo de mudanças (Que contemporaneidade é essa? Sociedade da imagem ou do conhecimento? Os tempos-espaços; O trabalho; Subjetividade) o primeiro capítulo situa a discussão num momento histórico específico: a contemporaneidade</p>	<p>Objetivo geral – investigar o que expressam as crianças sobre a autoridade dos adultos que a circundam, tanto no ambiente familiar, quanto no escolar, ou seja, compreender a concepção que as crianças têm sobre ser criança e ser adulto, a partir do enfoque das relações de poder entre essas categorias. Objetivos</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 72 crianças 33 meninas e 39 meninos, entre 1 a 6 anos de idade. Espaço da pesquisa – Escola privada de educação infantil no Rio de Janeiro. Atende crianças a partir de 1 ano de idade até os 6 anos. Tempo da pesquisa – - Os dados foram recolhidos através de observações durante o período de março a novembro de 2006, 8 meses no</p>	<p>Metodologia – -Análise dos textos produzidos nos encontros dos sujeitos falantes, baseado na contribuição teórica do Círculo de Bakhtin. - Optou em utilizar os nomes verdadeiros das crianças sem o sobrenome, pois acredita que as mesmas são seres concretos que participaram da pesquisa. - As crianças foram observadas em atividades livres e dirigidas. Além de</p>	<p>INFÂNCIA CRIANÇA METODOLOGIA AUTORIDADE MODERNIDADE SOCIEDADE TRABALHO SUJEITO SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA CULTURAS INFANTIS FAMÍLIA INSTITUIÇÃO</p>	<p>Infância: KRAMER (2004) Criança: QVORTRUP (2000); ITURRA (1997). Metodologia: BAKHTIN; FREITAS, JOBIM e SOUZA e KRAMER (2003); AMORIM (2004); FERRAROTTI (1983); BORBA (2005); CORSARO (2005); Autoridade:</p>	<p>- “Acredito ter contribuído neste trabalho para uma reflexão acerca do que vem sendo feito em casa e nas escolas em termos de exercício de autoridade junto às nossas crianças. Indiscutivelmente, neste caso, as professoras estão assumindo o lugar de adulto, enquanto os pais, pelos mais variados motivos,</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
Pesquisadora: Psicóloga escolar que trabalha na educação infantil.	idade e os debates que a cercam. Cap. 2- A escola e os sujeitos da pesquisa: aproximando o campo (ENTRAND O NO CAMPO: Contextualiza ndo a escola; As crianças na instituição; Os profissionais da instituição –formação; E a família? ESTABELECE ENDO DIÁLOGOS; CAMINHOS METODOLÓ	específicos - identificar e analisar se as crianças estabelecem distinção entre as categorias de adultos dos espaços privado (família) e público (escola), de forma a promover uma compreensão distinta das práticas de autoridades destes agentes. Questões da pesquisa – Como são percebidas nas suas relações sociais? Como percebem estas	total.	observações livres foram feitas conversas informais com as crianças e professoras, algumas gravadas e registradas em diário de campo; - A entrada em campo se deu no local de trabalho da pesquisadora. Se, de um lado essa escolha facilitou a observação, na medida em que a pesquisadora era próxima às crianças, por outro, trazia algumas complicações, já que era associada a uma		FREITAS, JOBIM e KRAMER (2003); KRAMER (2006); IBRAHIM (2006); ARENDR (1991); Modernidad e: BAUMAN (2001); KUMAR (1997); JOBIM e SOUZA (2003); LYOTARD (1998); Sociedade: FRIDMAN (1999); GIDDENS (1996); IBRAHIM	encontram muita dificuldade em fazê-lo”. (p.121). - A pesquisadora encerra com uma cena de seu diário de campo, onde duas crianças falam sobre quem manda em casa e na escola; - Deixa algumas questões em aberto para serem pensadas, mas não recupera as questões e os objetivos que foram contemplados

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	GICOS: Compartilhan do um novo paradigma para as ciências humanas; O Círculo de Bakhtin e suas possibilidades de análise para além do linguístico; Como foi conduzida a pesquisa). O segundo apresenta a escola e a família, tanto como construções históricas, como nos seus aspectos	mesmas relações? Quem é este sujeito- criança da suposta pós- modernidade? Como se estabelecem as relações de autoridade entre crianças e adultos nos dias atuais?		figura de autoridade institucional, o que aumentava a assimetria das relações entre sujeito e pesquisador; - Estão também descritas as falas, ações, relações apresentadas pelos pais das crianças no período de observação; - Antes de começar as observações divulgou para os pais quais eram os propósitos na reunião de abertura do ano letivo de 2006. Quanto às		(2006); BAUDRILL ARD (1997); DEBORD (1997); JAMESON (1996); HARVEY (2004); CHESNEAU X (1995). Trabalho: CASTEL (1998); NARDI (2003); SENNET (2004); ANTUNES (2005); MIZAH (2004); DEJOURS (1999); Sujeito: BIRMAN	em sua pesquisa. - “Até que ponto o conflito família X escola mascara uma outra dimensão que sequer entra em questão nas atividades rotineiras? A quem compete a educação de nossas crianças: a família? A escola? Ao Estado? Ou a todas essas instâncias reunidas de uma maneira eficaz?”. (p.122).

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>concretos das instituições pesquisadas.</p> <p>Cap. 3-As crianças e a autoridade: o que falam de si e de suas relações esses sujeitos de pouca idade?</p> <p>(Recorrências e Categorias: o que se destaca no campo: A mudança de papel: de autoridade à pesquisadora; Intervenções das professoras exercendo autoridade;</p>			<p>crianças foi turma em turma procurando explicar o que pretendia em uma linguagem adequada à faixa etária de cada grupo;</p> <p>- Foi em cada grupo para apresentar o projeto e seus objetivos de forma que as crianças entendessem;</p> <p>- Encontrou algumas dificuldades e desafios para assumir um papel de pesquisadora frente as crianças e as professoras, por ser coordenadora da</p>		<p>(1994); GUARESCHI (1998); FREITAS (2001); HALL (2005); LASCH (1986); BAUMAN (1998); BAKHTIN (2002); VYGOTSKY (1998); JOBIM e SOUZA (2001); FOUCAULT (1977); FARACO (2003); SENNET (2004); TEZZA (1995);</p>	

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Situações de conflito entre as crianças; Quanto maior melhor: a hierarquia por tamanho; Relações de liderança entre os pares; E os pais, como entram nessa história? Conversando com as crianças: o dizem sobre autoridade?). O terceiro, por fim, traz uma análise das práticas de autoridade a partir da observação</p>			<p>instituição ficou mais difícil o distanciamento entre o profissional e a pesquisa, para ambos os lados; - Gravou conversas informais com as crianças nos momentos livres e sem um lugar fixo. Direcionou as perguntas sem seguir um roteiro pré-estabelecido; -</p>		<p>SOBRAL (2005); Sociologia da Infância: SARMENTO apud DELGADO e MULLER (2006); PINTO e SARMENTO (1997); MONTANDON (2001); BORBA (2005); SIROTA (2001); JAMES e PROUT (1996); QUINTEIRO (2003). Culturas infantis: PINTO e</p>	

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	das interações entre crianças e adultos e das crianças entre si. Algumas considerações finais.					SARMENTO (1997); SARMENTO (2003), CORSARO (1997); BROUGÈRE (1997); KRAMER (2006); Família: ROUDINESC O (2003); MIZAH I (2004); ARIES (1986); LASCH (1991); Instituição: GUIRADO (1997).	

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>A globalização e a infância: reflexos e reflexões nas falas das crianças MÁRCIA REJANE SCHERER NOELI VALENTINA WESCHENFELDER 2007 UNIJUÍ</p> <p>Palavras-chave: infâncias, crianças, globalização, mídia, mercado de consumo, reinterpretações</p>	<p>Para início de conversa. (sou uma mulher habitada; os caminhos da pesquisa; o tema, as abordagens); 1 Estas crianças não são mais antigamente (1.1 A criança como um outro; 1.1.1 os outros e nós; 1.1.2 os nós que entrelaçam os outros a nós; 1.1.3 crianças x adultos: quem é o outro?; 1.2. a institucionaliz</p>	<p>Objetivo geral – - Dar visibilidade às crianças que freqüentam os primeiros anos de escolarização e vivenciam o momento histórico contemporâneo, marcado pela globalização e pelo advento da mídia. Questões da pesquisa: -Como se caracteriza a infância contemporânea? De que forma o processo de globalização, grande</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 1º ano 20 crianças de uma turma de 1ª série do Ensino Fundamental de oito anos; - 2º ano: 21 crianças de uma turma de 1ª série; - Crianças com idade entre 6 a 8 anos;</p> <p>Espaço da pesquisa - Escola pública da rede estadual de ensino do município de Ijuí. Tempo da pesquisa – - Início segundo semestre de 2005 e durante todo o ano de 2006;</p>	<p>Metodologia – - Viés etnográfico</p> <p>Referencial teórico: - Sociologia da Infância, antropologia, história da infância.</p> <p>Procedimentos: -Observação participante, privilegiou-se a escuta das vozes infantis manifestadas em diferentes linguagens: brincadeiras, oralidade, desenhos, produções escritas; - Conversas dirigidas com as</p>	<p>GLOBALIZAÇÃO MÍDIA INFÂNCIAS CRIANÇA INSTITUCIONALIZAÇÃO MODERNIDADE ATOR SOCIAL CULTURAS INFANTIS</p>	<p>Metodologia: Quinteiro (2002); Demartini (2002); Leite (1996); Globalização : Baumann; Santos; Milton Santos; Sarmento (2001); Rizzini (2002); Tomás (2006); Mídia: Fischer; Gunter; Funcham; Kellner; Steinberg; Infâncias: Garcia; Quinteiro; Delgado;</p>	<p>- Ressaltou o quanto escutar a criança possibilitou a construção de um outro olhar enquanto professora; - As observações realizadas no decorrer da pesquisa confirmaram que o fenômeno da globalização atinge também as tradições, valores, crenças e o cotidiano vivido pelos sujeitos infantis. As crianças, enquanto seres históricos, não se encontram alheias ao</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Pesquisadora: Professora de Anos Iniciais. Professora e pesquisadora da turma investigada</p>	<p>ação da infância na modernidade; 1.2.1 a instituição do conceito de infância; 1.2.2 fatores determinantes para a instituição do conceito de infância; 1.3 infância e contemporaneidade: variações sobre um mesmo tema?; 1.3.1 a percepção social da infância; 1.3.2 criança: ator social e sujeito da história); 2 A globalização</p>	<p>anunciador da atual versão da Modernidade, atua sobre a infância e que lugar designa a ela? Em que se constitui o processo de reinstitucionalização da infância e como essa infância reinstitucionalizada se faz presente na escola? Como a heterogeneidade dos mundos culturais e sociais das crianças que vivenciam o processo de alfabetização atravessa o espaço escolar e é expressa nas falas e</p>		<p>crianças durante as atividades diárias realizadas na aula; - Registro das observações em diário de campo; - Optei por não nomear a escola e nem as crianças no decorrer da escrita, apesar de ter recebido, tanto da instituição, quanto dos pais ou responsáveis pelas crianças autorizações para a efetivação da pesquisa. - Cada criança será identificada no texto com letras e números (A., C., M4,...) com o objetivo de manter seu anonimato; - As falas serão</p>		<p>Müller; Corazza (2002); Costa; Larossa (1998); Skliar; Candau; Pérez de Lara; González Placer; Sarmento (2001; 2003, 2005); Criança: Larrosa (1998); História da Infância: Ariès (1981); Gélis (2001); Del Priore (2002); Heywood (2004); Sociologia da Infância: Sarmento;</p>	<p>mundo. São interpeladas pelas transformações geradas no âmbito da sociedade e compartilham entre si e com os demais sujeitos com quem convivem essas transformações. (p.152); - Visão mundial de infância?!: Nesse sentido, e novamente num olhar rápido e sem maiores detalhamentos, parecemos estarmos diante de uma mesma infância mundial. Todas as crianças, em todos os</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>e a reinstitucionalização da infância contemporânea (2.1. a infância no contexto da globalização; 2.1.1 globalização marca dos tempos contemporâneos; 2.1.2 a globalização social a infância; 2.2 reinstitucionalização da infância: que processo é este?; 2.2.1 a globalização social: primeiro fator de reinstitucionalização; 2.2.2</p>	<p>produções escritas dessas crianças?</p>		<p>apresentadas da maneira como foram pronunciadas, sem correção ortográfica ou de concordância, no intuito de preservar a ideia e a expressão espontânea da criança;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Instrumentos para recolhimento das impressões infantis gravações, fotografias e os próprios registros gráficos e escritos das crianças. - Buscou o estranhamento e a reflexão mais aprofundada sobre o observado; - Utiliza o termo Infâncias; - Buscou analisar: como as crianças 		<p>Corsaro; Pinto; Thomas; Müller; Delgado; Fischer; Steinberg. Institucionalização: Irene e Irma Rizzini (2004); Modernidade: Bauman (2001); BECK (1998); Ator social: Marchi (2005); Delgado e Müller (2006); SARMENTO e PINTO (1997); Sarmento (2003); Culturas</p>	<p>lugares, independentemente da classe social da qual fazem parte, dão-nos a impressão de compartilhar os mesmos gostos, brincando com os mesmos brinquedos, assistindo aos mesmos programas televisivos e/ou filmes, usando o mesmo estilo de roupas, interessando-se pelos mesmos ícones. (p153); - Em minha pesquisa constatei a partir das vozes das crianças, manifestadas de</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>a crise na escola: segundo fator de reinstitucionalização; 2.2.3 as mutações no mundo do trabalho: terceiro fator de reinstitucionalização; 2.2.4 o lugar da infância na contemporaneidade um lugar em mudança);</p> <p>3. A infância reinstitucionalizada presente na escola (3.1. as crianças como construtoras de culturas; 3.1.1 culturas infantis e</p>			<p>expressam suas percepções, interesses e preferências através da oralidade, desenho ou pela escrita, bem como a intensidade com que os discursos midiáticos se fazem presentes na escrita dirigida ou espontânea das crianças. (p.18);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perguntas feitas as crianças: O que é ser criança? - Apresenta registros das falas infantis ao longo do texto, junto com a explicação teórica; - Relatou algumas atividades pedagógicas desenvolvidas com as crianças 		<p>infantis: Sarmento (2003a); DELGADO; MÜLLE (2005).</p>	<p>diferentes formas, que elas não são meros coadjuvantes na construção de sua história pessoal. (p.154);</p> <ul style="list-style-type: none"> - A escuta das vozes infantis permitiu-me confirmar e corroborar as análises dos pesquisadores da infância, quando afirmam que, interagindo inter e intrageracionalmente, os sujeitos infantis constroem cultura, uma cultura própria, através da qual significam, representam e refletem sobre

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	interações geracionais; 3.1.2 eixos estruturadores das culturas da infância; 3.2 as culturas infantis fazendo-se presentes na escola; 3.2.1 múltiplas infâncias, múltiplas vivências cotidianas; 3.2.2 sonhos, medos, vivências, percepções; 3.2.3 a gente vem aqui para aprender a ler e a escrever; 3.3.3. mídia e mercado de consumo atravessando a escola:			ao longo do semestre letivo; - Utiliza imagens das crianças e do espaço;			seu mundo e sua realidade. (p.154); - Arrisco, desta forma, afirmar que a reinterpretação dos artefatos da indústria cultural direcionada ao público infantil configura-se em uma forma de resistência das crianças à sua homogeneizaçã o. (p155)

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	subjetivações e reinterpretações infantis; 3.3.1 produções culturais contemporâneas e subjetivações infantis; 3.2 reinterpretações infantis dos produtos culturais o ponto de escape); Considerações finais						

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>O que é ser criança e viver a infância na escola: uma análise da transição da educação infantil para o ensino fundamental numa escola municipal de Curitiba.</p> <p>ARLEANDRA CRISTINA TALIN DO AMARAL. PAULO VINÍCIUS BAPTISTA DA SILVA. 2008. UFP.</p> <p>Palavras-chave: Infâncias;</p>	<p>Cap.1 Introdução (dos primeiros passos da pesquisa a definição do problema, a ampliação do ensino fundamental, a infância como construção social, culturas infantis, ofício de criança e ofício de aluno). Cap. 2 Uma opção metodológica (Porque ouvir as crianças? Identificando os sujeitos da pesquisa,</p>	<p>Objetivo geral – Analisar as estratégias que as crianças constroem, entre elas e com os adultos, para apropriação dos processos educativos na transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos.</p> <p>Objetivos específicos - Conhecer as interações criança/criança e criança/adulto, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental de</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 30 Crianças de 5 e 6 anos, na primeira série do ensino fundamental de nove anos.</p> <p>Espaço da pesquisa – Escola Municipal de educação integral de Curitiba.</p> <p>Tempo da pesquisa – Agosto a Dezembro de 2007</p> <p>-6 dias de observação participante;</p> <p>- As entrevistas com as crianças duraram de 8 a 15 minutos,</p>	<p>Metodologia –</p> <p>- Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico</p> <p>- Utilizou a observação, registrada em "diário de bordo", como principal instrumento de coleta de dados na pesquisa de campo.</p> <p>- Adotou nomes fictícios para a escola.</p> <p>- Optou pelos nomes verdadeiros das crianças, mas apenas o primeiro nome.</p> <p>- Pegou a autorização das próprias crianças para utilizar suas fotos.</p> <p>- A pesquisadora</p>	<p>INFÂNCIA/ CRIANÇA; CULTURAS INFANTIS; ALUNO; BRINCADEIRA; PESQUISA COM CRIANÇAS PRODUÇÃO/ REPRODUÇÃO ESPAÇO ESCOLAR SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA</p>	<p>Infância/ Criança: GOUVÊA (2003); KRAMER (2003), CORSARO (2005), SACRISTÁN (2005).</p> <p>Culturas Infantis: PINTO (1997), PRADO (2005), GOUVÊA (2004).</p> <p>Aluno: PRÉVOT E CHAMBORE DON (1986), SIROTA (2001), DEMARTINI (2002), GUSMÃO (1999),</p>	<p>- Alerta para o fato de tanto ver crianças transformadas em alunos nas instituições educativas, muitas vezes já não as enxergamos mais;</p> <p>- “Para transformar a prática pedagógica, não basta ouvir a criança, faz-se necessário ter em conta seus desejos e opiniões. Desse modo, ouvir as crianças demanda concebê-las como sujeitos conscientes de sua condição,</p>

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Crianças; Culturas infantis; Ensino Fundamental de nove anos; Educação Infantil.</p> <p>Pesquisadora: Professora de educação infantil</p>	<p>Caracterizando o universo da pesquisa, A comunidade escolar, O espaço escolar), Cap. 3 Com a palavra as crianças (As crianças, os adultos e a pesquisa – prazer em conhecer, O que muda na vida das crianças com a transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental, Atendendo e subvertendo regras – virar pelo avesso, O brincar no</p>	<p>nove anos; Compreender o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, identificando os processos educativos da educação infantil e os processos educativos do ensino fundamental. Identificar as perspectivas das crianças sobre o que é ser criança e viver a infância na escola de ensino fundamental. Questão da pesquisa - Quais as estratégias que as crianças</p>		<p>organizou uma atividade com as crianças para sistematizar as ações a serem escolhidas pelas crianças.</p> <p>- Entrevista com a diretora.</p> <p>- A pesquisadora não fez entrevistas, com perguntas e respostas, mas aproveitou os momentos junto com as crianças, para registrar as suas falas em momentos diversos e inesperados.</p>		<p>BONDIOLI (2007). Brincadeira: KISHIMOTO (2003); BROUGÈRE (1997), FERREIRA (2004), BARBOSA (2004). Pesquisa com crianças: MONTANDON (2005), CORSARO (2005), SARMENTO E PINTO (1997), ROSEMBERG (1985), ROCHA (2004), PRADO (2005), PEREIRA E SOUZA (1998),</p>	<p>detentores de variadas formas de expressão e capazes de posicionarem-se frente à experiência que envolve a infância”. (p.111);</p> <p>- As observações realizadas e analisadas no corpo do texto reiteram a hipótese inicial de que as crianças, mesmo sob a organização institucional da escola de ensino fundamental, ao se apropriarem dos processos educativos, o fazem ativamente,</p>

Título/Autor/Orientador/Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	espaço da escola, Produção e/ou reprodução, Gênero, idade classe, raça e etnia).	constroem entre elas e com os adultos para a apropriação dos processos educativos na transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos?.				OLIVEIRA (2001), BARBOSA (2004) E PAULA (2007), GUSMÃO (1999). Produção/Re produção: CORSARO (2005*); PRADO (1999), GOULART (2007), CUNHA (2002), BUJES (2001). ESPAÇO ESCOLAR: ESCOLANO (1998); FREITAS (2007). Sociologia da Infância: CERISARA (1999),	construindo estratégias de apropriação na interação com seus pares e com os adultos; -Com relação às interações, merecem destaque as estratégias criadas pelas crianças para ora atender, ora subverter a ordem vigente, sendo que esse não é um processo competitivo ou individualista, pois em geral as crianças se organizam para alcançar juntas as metas propostas (p.114); - Os diálogos das crianças

Título/Autor/Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
						CAMPOS, CAMPOS E ROCHA (2007), SARMENTO (2005B) E ZEIHNER (2004).	indicaram que elas possuem um refinado conhecimento sobre o mundo; - Sugere a necessidade de mais pesquisas em relação à inserção das crianças de seis anos no ensino fundamental, inclusive pesquisas longitudinais; - Tanto a pesquisadora como as crianças fizeram restrições com relação a implantação do ensino de 9 anos no Paraná; - No entanto, há que se reiterar que as crianças também apresentam

Título/Autor/Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
							<p>estratégias de resistência, muitas vezes veladas, transgressões criativas que lhes possibilitam encontrar brechas para exteriorizar sua ludicidade, criando espaços para brincar dentro e fora de sala de aula. (p.115);</p> <p>- A intenção da pesquisadora não foi fazer uma crítica a escola e a atuação de seus profissionais;</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“Olhares de ‘crianças’ sobre gênero, sexualidade e infância”. GEISA ORLANDINI CABICEIRA. MARIA DE FATIMA SALUM MOREIRA. 2008 UNESP</p> <p>Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Infância. Educação.</p> <p>Pesquisadora: Professora de</p>	<p>INTRODUÇÃO - apresenta breve trajetória acadêmica, o objeto, problemática, hipótese, objetivos, os critérios de seleção e o contato com o(a)s participantes da pesquisa, , discussão dos estudos teóricos e bibliográficos sobre a temática e metodologia de pesquisa.</p>	<p>Objetivo geral – Analisar os significados que as crianças atribuem às condutas sexuais e eróticas, relativas aos prazeres sexuais e/ou desejos corporais.</p> <p>Objetivos específicos: 1) Reconhecer as diferenças e semelhanças entre meninos e meninas, quanto ao modo de interpretar, atribuir sentidos e posicionar-se em relação às</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Crianças entre 10 e 12 anos que frequentam uma 4º série do ensino fundamental, nomeada uma “classe de recuperação em ciclos”. A sala tem um total de 28 crianças: 21 meninos e 7 meninas. - 10 crianças foram entrevistadas e participaram das demais atividades da pesquisa, cinco meninas e cinco meninos (três meninas com 11</p>	<p>Metodologia – - Abordagem qualitativa e metodologia inspirada nos estudos etnográficos com crianças. - 1) observações diretas em sala de aula, no recreio e em outros espaços da escola; 2) entrevistas semi-estruturadas e dinâmicas realizadas com as crianças; 3) questionários abertos, de caráter sócio-econômico e cultural, aplicados aos familiares das</p>	<p>INFÂNCIA CRIANÇA METODOLOGIA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA SEXUALIDADE GENERO</p>	<p>Infância: ARIES (1981); HEYWOOD (2004); FREITAS (1997); LEITE (1997); RIZZINI (1997); CARVALHO (1997); NAGLE (1974); KRAMER (2002); Metodologia: BENJAMIN (1994); GRAUE e WALSH (2003); QUINTEIRO</p>	<p>- A pesquisa contribuiu para perceber que as crianças questionam as regras e as normas propostas pela escola em que estudam; elas as burlam, apresentam resistências e reivindicam para que seus pontos de vista sejam contemplados, mesmo sofrendo influências da sociedade; - “Esta investigação</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
séries iniciais.	Cap1. Infância, gênero e sexualidade: construção social e campo de relações (Falando sobre crianças e sua infância; Falando sobre infância e sexualidade; Um outro olhar para o gênero e a sexualidade: desdobramentos para uma infância que fala); - Faz uma reflexão teórica acerca da articulação dos temas	suas experiências de gênero e sexualidade; 2) Reconhecer e interpretar as atitudes, dúvidas, desejos, medos, saberes e preconceitos de crianças sobre a sexualidade e o gênero; 3) Analisar o modo como as crianças percebem e significam o olhar, as atitudes e as intervenções dos adultos sobre as suas próprias manifestações	anos, uma com 12 e uma com 10 anos, e três meninos de 11 nos, um com 10 e outro com 12 anos). Espaço da pesquisa - Escola Municipal de Ensino fundamental de 1º a 4º série localizada no interior Paulista. Tempo da pesquisa – - Fotam realizadas 10 entrevistas, com duração entre 40 minutos e 1 hora e meia; - Permaneceu um ano na instituição (2007).	crianças desta sala e da comunidade escolar; 4) questionários abertos às professoras da sala; 5) pesquisa documental; 6) relatos orais das crianças; 7) diário de campo; 8) visitas domiciliares. - Critérios para a escolha dessa escola estão diretamente ligados à facilidade de seu acesso para a pesquisadora, quais sejam: 1) a diretora e professor (e/a)s se mostraram disposto(a)s a		(2002); ANDRÉ (1995); GEERTZ (1978); CORSARO (2005); BAKHTIN (1990); JOBIM e SOUZA (1994); BARDIN (1977); Sociologia da Infância: PINTO e SARMENTO (1997); MONTANON (2001); DELGADO e MULLER (2005); MOLLO-BOUVIER (2005);	revela como a escola concorre para a construção das identidades e/ou diferenças de gênero e de sexualidade das crianças e, igualmente, como as próprias crianças são produtoras da dinâmica social que estrutura as relações escolares”. (p.159). - “Outra questão que se levantou relacionava-se ao apoio que os professores buscam em

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	gênero, sexualidade e infância, enquanto categorias relacionais e socioculturais, visando tecer uma discussão, apontando a importância de pensarmos esses temas no âmbito da educação escolar e na formação de identidades e práticas das crianças, sob o ponto de vista da construção histórica e social da	de gênero e sexualidade; 4) Analisar o modo como as crianças percebem e significam as manifestações de gênero e sexualidade entre as pessoas adultas. 5) Conhecer quais sentidos e valores as crianças atribuem à infância e à adolescência e como se identificam em termos de posição geracional.		colaborar em sua realização; 2) possibilidade de participar das reuniões pedagógicas e HTPCs; 3) fácil acesso aos seus documentos: “livro de advertências”, prontuários do(a) aluno(a)s, plano gestor ou projetos da escola, entre outros; 4) facilidade de observação de práticas escolares e atividades das crianças e de participação em variadas situações vividas no cotidiano escolar. Como professora		ALDERSON (2005); SIROTA (2001); CORSARO (2005); Sexualidade: FREUD (1989. 1976); BERNARD (1985); MURARO (1983); FOUCAULT (1985); WEEKS (1999); BRITZMAN (1999); GAGNON (2006); HEILBORN (1999); Gênero: SCOTT (1990);	teorias que explicam a sexualidade infantil, pois essas teorias não satisfazem mais, nem são consideradas suficientes para explicar as manifestações da sexualidade das crianças”. (p.159); - “Constatai, através de suas falas, práticas e interações entre elas e com os adultos as suas potencialidades e múltiplas capacidades de inventar e reinventar o mundo,

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>infância. Cap 2. Caminhos metodológicos: desafios para um estudo etnográfico com crianças (Entrada no campo, procedimentos de investigação, aceitação e participação das “crianças”) - discute os procedimentos de pesquisa, o levantamento, organização e geração dos dados⁶, assim</p>			<p>dessa escola, em outro período, foi mais simples o acesso, situação talvez não tão propícia a outro(a) pesquisador(a) de fora; - Outro critério se deu pelo fato dessa escola se localizar no centro da cidade, tendo como clientela crianças tanto de bairros mais distantes como de bairros mais próximos, não formando um grupo de aluno(a)s extremamente homogêneo em termos sócio-econômicos.</p>		<p>MOREIRA (1999, 2005); SWAIN (2003); LOURO (1997); WEEKS (1999).</p>	<p>indicando tanto para os aspectos que lhes são comuns como para aquilo que rompe com modelos identitários únicos, homogeneizadas e fixos”. (p.159); - Identificou a partir das crianças, que estas acreditam que a adolescência possibilita mais liberdade e responsabilidade e do que a infância, onde as coisas não precisam ser levadas a serio.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>como os instrumentos utilizados na pesquisa e algumas dificuldades encontradas em seu decorrer.</p> <p>Cap 3. A quarta série re: as crianças em diferentes tempos e lugares (A escola em que estudam: os diferentes espaços que ocupam na escola; Essas crianças da 4ª série RE; Em destaque as crianças</p>			<p>(p.15).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Critérios de seleção das crianças que participaram as entrevistas: 1) Crianças que demonstrassem interesse e vontade de participar das entrevistas; 2) Crianças mais comunicativas e participantes; 3) Crianças que tivessem estabelecido maior vínculo de confiança com a pesquisadora; 4) Crianças que mostrassem interesse pelo tema namoro; - As próprias 			<p>- “Os principais resultados indicam que a concepções dessas crianças sobre a infância são caracterizadas pelo paradoxo da negatividade/positividade, visto que aquilo que a distingue seria a possibilidade de poder brincar. Porém, por outro lado, isso é percebido como um impedimento ao seu desejo de tornar-se adolescente, momento em que poderiam</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	entrevistadas; As meninas; Os meninos; Sintetizando: o que fazem essas crianças fora da escola? A professora das crianças da 4ª série RE) - apresenta as crianças da escola - da 4ª RE, com destaque para aquelas que são escolhidas para participarem das entrevistas; indico as dinâmicas e outras atividades			crianças que se classificaram enquanto crianças ou adolescentes; - Realizou um levantamento bibliográfico de pesquisas que tivessem investigado as relações entre infância(s), criança(s) e as problemáticas da sexualidade e/ou relações de gênero. - Utilizou as técnicas de “Análise de Conteúdo” (Bardin – 1977), para organizar os dados da pesquisa. - Realizou um estudo- piloto			trabalhar e se tornariam mais independentes e respeitados pelos adultos. De modo geral, demonstram dificuldades para se identificar como crianças ou adolescentes”. (P.159). - Organizou um ciclo de formação de 30hs para os professores, com direito a certificado, para apresentar e discutir os resultados da pesquisa, com as crianças não houve retorno,

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>desenvolvidas , além da caracterização da escola em que estudam, da cidade em que moram, da professora da sala selecionada e, também, de suas famílias.</p> <p>Cap 4. As crianças em ação: suas falas e experiências.</p> <p>.. meus olhares (Existe diferença entre ser crianças e ser adolescente? ou “ Quando a gente é</p>			<p>com 2 meninos e 2 meninas para reelaborar o roteiro semi-estruturado de perguntas a serem feitas as crianças;</p> <p>- Os nomes apresentados são todos fictícios, para não expor as crianças que aceitaram participar da pesquisa.</p> <p>- Escolheu apenas 6 crianças das dez que ela já tinha feito as entrevistas, para desenvolver a dinâmica de escutar a música sobre namoro;</p> <p>-</p>			<p>pois estas foram para outras escolas.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	adolescente, os adultos dão mais atenção, quando é criança, dizem: vai brincar”; Afetividades, experiências e sensações: namoro, desejo e prazer ou “As pessoas tiram a roupa, elas rolam e fazem barulho”; As relações sexuais: como acontecem? ou “Primeiro os dois vai para cama e depois...eles... como é que fala? Eu não						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	sei, professora... Vai coisando... o homem coisa na mulher"; Relações afetivo- sexuais entre pessoas do mesmo sexo ou "As pessoas podem namorar outras do mesmo sexo, o meu filho não, eu mando ele embora de casa"; As crianças em seu cotidiano: amizades, desentendime						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>ntos e paqueras; As relações de amizade ou “Quem mexer com ela, mexe comigo”;</p> <p>Entre tapas e xingamentos ou “Você está xingando a minha mãe?”;</p> <p>O “amor está no ar” ou “Quer ficar comigo?”;</p> <p>Crianças e adultos em interação: perspectivas de gênero)-compartilha a interpretação, a análise e os resultados</p>						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Procedimentos da pesquisa: tempo utilizado, espaço e sujeitos investigados	Procedimentos da pesquisa: Metodologias e estratégias utilizadas para coleta e tratamento dos dados	Categorias de análise	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	processados e produzidos/gerados na pesquisa, divididos em sub-partes, que tratam das interações das crianças entre si e com os adultos						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“Oi, meu nome é Jeferson e sou uma criança”: ser criança sob o olhar das crianças.</p> <p>JULIANA DA SILVA UGGIONI. GLADIR DA SILVA CABRAL 2008 UNESC</p> <p>Palavras-chave: Infâncias; Pesquisa com crianças; Espaços de narrativa; Devolutiva.</p> <p>Pesquisadora: Formada em Direito,</p>	<p>1 Introdução (À procura da ilha desconhecida)</p> <p>2 Os primeiros passos (Concepções de infâncias)</p> <p>3 A direção (Pesquisa; Pesquisas com crianças)</p> <p>4 Caminho percorrido (Situando a pesquisa – Lócus; Espaço de educação formal – Colégio Madre Teresa Michel; Espaço não-formal de educação –</p>	<p>Objetivo geral – Compreender o que é ser criança na ótica das crianças, através do intercâmbio dialógico entre as crianças e a pesquisadora, e delas entre si.</p> <p>Questões da pesquisa: O que é ser criança na ótica das crianças?</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Colégio Madre Teresa Michel, foi investigado uma turma da primeira série do Ensino Fundamental – crianças de seis a sete anos; e no Centro Regional de Assistência Social (CRAS) - foram crianças de sete a doze anos.</p> <p>- 20 crianças no período matutino e 25 no período vespertino no CRAS.</p> <p>Espaço da pesquisa - Colégio Madre Teresa Michel, escola de educação básica, particular e católica; e o</p>	<p>Metodologia –</p> <p>- Investigação qualitativa, cujo instrumento de construção e compilação dos dados consubstancia-se em espaços de narrativa, seguidos pelo procedimento da devolutiva.</p> <p>- As estratégias elencadas foram os espaços de narrativa e o procedimento da devolutiva. Neles, diversos instrumentos foram utilizados, como gravador de voz, filmadora, máquina fotográfica, caderno de campo, além de</p>	<p>INFÂNCIAS METODOLOGIA ESPAÇO DE NARRATIVA DEVOLUTIVA CULTURA INFANTIL</p>	<p>Infâncias: BENJAMIN (2002), JOBIM E SOUZA (1994); KRAMER (1982,1996); SARMENTO (2007 a); PEREIRA; JOBIM E SOUZA (1998); ARIES (1979); GALZERAN I (2002); Metodologia: CHIZZOTTI (1991); SILVA, BARBOSA e KRAMER (2005); TRIVINOS (1987); FRIGOTTO</p>	<p>- Aponta os desafios, os limites, os acertos e as dificuldades: Interferência dos adultos da escola, no sentido de fazer com que as crianças participassem de forma correta na pesquisa; - A interferência da pesquisa nos Espaços de Narrativa, guiando, organizando e estimulando as crianças; - Conquistas: o quanto as crianças compreenderam seu papel de co-autoras e</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
trabalhando numa instituição de Ensino Superior.	Centro Regional de Assistência Social (CRAS); Estratégias da pesquisa de campo; Espaços de narrativa; Devolutiva) 5 Vislumbrar de um rumo: ser criança (Categorias de análise; Relações crianças, brinquedais e brinquedos; Relações adultos x crianças); 6 Algumas rotas... reflexões.		espaço sócio- educativo Centro Regional de Assistência Social (CRAS), ambos na cidade de Criciúma, Santa Catarina. Tempo da pesquisa – - Os espaços de narrativa, ocorreram na escola uma vez por semana, com duração de uma hora e no CRAS uma vez por semana, só que em dois horários com duração de uma hora, no período vespertino e matutino;	recursos plásticos variados para as propostas expressivas. - Dividiu os dados em duas categorias privilegiadas de análise: relações crianças, brinquedais e brinquedos, e relações adultos x crianças; - Utilizou Caderno de Campo para registrar as observações; - Optou por dois espaços educativos de pesquisa, um informal e outro formal; - A escolha desses locais de pesquisa foi proposital, pois procurou obter olhares e		(2006); LEITE (2008); HONORATO (2008); ALDERSON (2005); Espaço de narrativa: LEITE (2008); HONORATO (2008). Devolutiva: HONORATO (2006); PIACENTINI (2006); LEITE (2008); Cultura Infantil: MARTINS FILHO (2005); BENJAMIN (2002); SARMENTO (2007 b);	participaram/aju- daram na investigação e colaboraram ativamente no registro de suas falas pela pesquisadora; - Diante das categorias elencadas a pesquisadora percebeu que: indiferente da classe social a que pertencem, os sujeitos das pesquisas brincam, que as brinquedais e os brinquedos por eles eleitos também coincidem: nas dos meninos, videogame e futebol; nas meninas, amarelinha e pular corda;

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>vivências diferentes dos sujeitos da pesquisa;</p> <p>- Utilizou o nome verdadeiro da escola;</p> <p>- Usou fotos das crianças, adultos e espaço físico;</p> <p>- As propostas nos espaços de narrativa foram desenvolvidas em grupo;</p> <p>- Pediu primeiro a autorização das crianças em participar da pesquisa depois dos adultos; Os consentimentos foram livres e esclarecidos - verbais e escritos;</p> <p>- “Assinadas as autorizações - pelas crianças e seus responsáveis - , optei pela</p>			<p>- Na segunda categoria, as próprias crianças estabeleceram a diferença etária entre crianças e adultos, e dividiram-se entre crianças-maiores e crianças-menores;</p> <p>- As crianças definiram a infância como uma categoria geracional, corroborando com a definição da pesquisadora;</p> <p>- As crianças mostraram que conseguem subverter a concepção adultocêntrica de infâncias;</p> <p>- Esta pesquisa</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>autoria das crianças, por tratá-las como sujeitos da pesquisa dotados de nome e também porque suas falas, suas histórias, suas opiniões não os melindravam. Porém, em um único momento, num diálogo descrito no final do item 5.2, optei pelo anonimato dos meninos e das meninas, pois a situação descrita por eles tinha caráter denunciativo e os expunha”. (p. 30).</p> <p>- 1º contato da pesquisa com as crianças foi feito em horário de aula, apresentou o projeto e se apresentou</p>			<p>buscou contribuir para o diálogo entre as crianças e os adultos, saber escutá-las e possibilitar que as mesmas possam falar sobre o que sentem e pensam.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>enquanto pesquisadora;</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1º proposta no espaço de narrativa foi uma contação de história que não foi muito bem aceita pelas crianças; - A pesquisadora utilizou os nomes verdadeiros das crianças e responsáveis que autorizaram, algumas famílias não autorizaram; - Em um dos espaços a devolutiva não ocorreu devido ao calendário escolar; 			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo utilizado, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Criança na vida/aluno na escola: uma análise sobre as possibilidades e limites da escola como um lugar da infância. MARIA DAS DORES SANTOS SILVA VANIA CARVALHO DE ARAÚJO UFES 2008</p> <p>Palavras-chave:</p> <p>Pesquisadora: Professora de Séries Iniciais.</p>	<p>Introdução Cap.1 Compartilhando possibilidades e caminhos: o início da pesquisa com as crianças. (O encontro do pesquisador com os sujeitos na “escola do saber”; O portão aberto a investigação; A pesquisadora inserida no contexto escolar; Resistências e espaços coletivos das</p>	<p>Objetivo geral – Analisar como a criança, a infância e as culturas da infância são consideradas nos discursos e nas práticas pedagógicas, no contexto de uma escola de Ensino Fundamental</p> <p>Objetivos específicos: – Identificar como a criança é reconhecida no universo escolar do ensino fundamental; – Observar como esse contexto</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 30 crianças com idade de 7 a 9 anos da Turma SOL (nome escolhido pelas crianças);</p> <p>Espaço da pesquisa - Escola Municipal de Ensino Fundamental de Vitória – ES, turma de 1º série.</p> <p>Tempo da pesquisa – - Entrada no campo 25-7-2006 com permanência até 12-12-2007;</p>	<p>Metodologia – - Estudo de tipo etnográfico</p> <p>Procedimentos: - Diário de Campo, observação participante, Entrevistas semi-estruturadas (Conversações); - Utilizou fotos da escola e das crianças; - As crianças escolheram o nome da escola como “Escola do Saber”; - Para a inserção no campo a ser investigado, conversou com a diretora, demais funcionários da escola, com as crianças, seus</p>	<p>INFÂNCIA CRIANÇA METODOLOGIA ETNOGRAFIA ESCOLA</p>	<p>Infância e criança: BENJAMIN (1984,1986); ARAÚJO (1996,2005); KRAMER (1999, 2003, 2005); SARMENTO (2003, 2005, 2007); QUINTEIRO (2002, 2004, 2005); AGAMBEN (2005);DELGADO e MULLER (2005);</p> <p>Metodologia: KRAMER (2005); KONDER (1999); SARMENTO (2003);</p>	<p>- Destacou os desafios em ouvir as crianças, com relação ao aspecto coletivo da pesquisa onde a pesquisadora pode interagir com as crianças e adultos da escola e o desafio em separar a análise do pesquisador diante das falas dos sujeitos, sem deixar que esta influenciasse a opinião e o pensamento das crianças; - As narrativas das crianças</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo utilizado, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	crianças; As crianças conhecem e reivindicam seus direitos; Pensando sobre as “concepções de infância e criança”;); Neste capítulo a pesquisadora expõe o início da trajetória da pesquisa; Cap.2 A investigação a partir das narrativas das crianças no universo escolar (A idéia de dar voz ao “mudo” da história; O preenchimento do	concebe e se relaciona com a criança, a infância e as culturas da infância; - Verificar as possibilidades e limites da infância como uma construção social nesse contexto.		responsáveis apresentando a proposta da pesquisa, a fim de obter permissão para realizá-la; - Conversou com as crianças sobre O que é uma pesquisa? Antes de iniciar as entrevistas; - Optou em utilizar os nomes verdadeiros dos adultos, colocando alguns apelidos das professoras; - Estabeleceu algumas regras com as crianças sobre a relação com a pesquisadora; - Pegaram as autorizações através do Consentimento		BLOCH (2002); DEMARTINI (2002); QUINTEIRO (2002). Etnografia: QUINTEIRO (2002); SARMENTO (2003); KRAMER (2003b, 2005); ANDRÉ (2007); Escola: POSTMAN (2005); CHARLOT (1986); Disciplina: KOHAN (2003); CHARLOT (1986); NARODOWSKI (2001);	possibilitaram uma aproximação com as ideias historicamente construídas sobre a educação e a escola; - Verificou que existem diferentes possibilidades de ver e perceber a infância de acordo com as condições de existência da sociedade; - Superar a relação aluno/criança na escola, onde a criança é vista apenas como aluno; Ver a criança sob o ponto de vista

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo utilizado, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>formulário: uma opção das crianças; O espaço físico da escola na visão das crianças; Nossos registros; O texto produzido na pesquisa) Apresenta as considerações teóricas sobre o procedimento metodológico que permeia todo o estudo, “ouvir as narrativas dos sujeitos”, bem como a interação e participação destes na pesquisa.</p>			<p>Livre e esclarecimento, em uma reunião no início do ano letivo com as famílias, para tirar fotos e fazer as entrevistas; - Optou em identificar cada criança por apelidos tais como, “esperto”, “loirinha”, “grandona”; “gêmea”; - Observou e fez registros de diversos momentos com as crianças: aula de informática, educação física, sala de aula, etc; - Utilizou como ponto de partida algumas perguntas básicas previamente</p>			<p>da infância; - A pesquisa possibilitou o debate e novos questionamento s que foram além da formação inicial dos professores, acrescentando novos conhecimentos sobre a criança e a infância na escola; - Se faz necessário o investimento na formação dos profissionais do ensino fundamental, para reconhecer a criança que esta no aluno; - “Todavia, podemos afirmar que essas estruturas</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo utilizado, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>Cap.3 As marcas históricas e culturais que organizam a vida das crianças na escola (A palavra “infantil” é sinônimo de sem juízo?; No terceiro capítulo, a partir do referencial teórico, apresenta a discussão por meio da invenção do sentimento de infância, o novo lugar reservado para a criança na sociedade: a infância.</p> <p>Cap.4</p>			<p>traçadas para conversar com as crianças: Para você, o que é a infância? E criança? Como a criança é vista no espaço escolar?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pediu para as crianças preencherem um formulário com questões sobre a vida delas; - Utilizou um desenho feito pelas crianças da escola; - Realizou o retorno dos registros no diário de campo junto com as crianças; - 			<p>são questionadas tanto por alguns adultos quanto pelas crianças. Reiteramos que existem, na escola, alguns profissionais que buscam construir outras práticas, uma vez que entendem a necessidade de se conhecer as crianças como crianças presentes na escola pública, porém são construções individuais ou de pequenos grupos”. (p.127);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exigir da escola uma

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo utilizado, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	Aborda a invenção da escola moderna e suas criações para institucionalizar a infância, moralizar e homogeneizar as crianças a partir da condição abstrata de aluno. Considerações finais						nova postura; - Verificou-se que a prática dos profissionais está distante da teoria defendida por eles;

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Da educação infantil ao ensino fundamental: com a palavra, a criança. Um estudo sobre a perspectiva infantil no início do percurso escolar. TERESA CRISTINA FERNANDES TEIXEIRA SILVIA DE MATTOS GASPARIAN COLELLO 2008 Unitermos: Infância; Interação; Ludicidade; Cultura escolar; Relação aluno-</p>	<p>Introdução Cap. I Criança, escola, linguagem (A criança como sujeito sócio-histórico – natureza lúdica da criança; A criança no mundo e na escola – infância - cultura escolar; A linguagem e a escrita – a concepção dialógica da linguagem – língua escrita na escola); Cap. II A pesquisa (Hipótese e Objetivo;</p>	<p>Objetivo geral – - Ouvir as criança procurando identificar e mapear sentidos que podem ter para elas suas formas de interagir com a escola nesse momento de transição. Questões da pesquisa: - Como as crianças vivem a aprendizagem da escrita na passagem da Educação infantil para o Ensino fundamental? - Como se aproximam desse objeto de</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 20 crianças da educação infantil (3º estágio) e depois nem duas turmas de primeira série do ensino fundamental. Espaço da pesquisa - 2 escolas públicas de São Paulo, com uma população “tipicamente” da classe média-baixa. Tempo da pesquisa – - Fase 1 – uma turma da educação infantil– outubro a dezembro de 2005 (nove semanas); - Fase 2 – As</p>	<p>Metodologia – - Abordagem de caráter etnográfico com enfoque microgenético. Referencial teórico: - Perspectiva histórico – cultural e enunciativo – discursiva. Procedimentos: - Observação Participante; - Diário de campo; - Entrevista semi-estruturada individual e em grupo focais, gravados em áudio-cassete, bem como os aspectos não-verbais mais relevantes (gestos, expressões) das crianças e de alguns educadores (gestores, professores,</p>	<p>ESCOLA INFÂNCIA CRIANÇA INTERAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL ENSINO FUNDAMENTO-TAL CULTURA ESCOLAR ALFABETIZAÇÃO ATIVIDADE LÚDICA/ BRINCAR TEMPO METODOLOGIA</p>	<p>Escola: NOVOA (2007); GERALDI (2003); KRAMER (1989); SARMENTO (2005); COLELLO (2007); MACEDO (2005); Infância: SARMENTO (2005); ÁRIES (1981); KHULMAN N JR. (1998); FERNANDES (1979); Criança: MOLLO-BOUVIER (2005); BENJAMIN (1984);</p>	<p>- Associação da escola ao seu papel de transmissora do saber; - As crianças perceberam as duas escolas (EI e EF) como um lugar para brincar com os colegas; - Fazer dar certo sua experiência como aluno; - Modelo de relação educativa entre professor-aluno tradicional, onde é compreendido que um detem o saber e o poder; - O recreio foi um aspecto apontado por diversas</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
escola; Educação infantil; Ensino fundamental; Alfabetização Pesquisadora:	Metodologia; Procedimento s – observação participante – desenho – entrevista individual – grupo focal; Sobre as crianças observadas); Cap. III Aos olhos da criança (Interação com o ambiente – O tempo escolar – concluindo – O espaço escolar – o espaço físico da escola – desenhando a escola – concluindo; Interações entre pessoas - Entre	conhecimento? - Como percebem e interagem com as atividades sistematicament e propostas para atingir esse fim?	mesmas crianças porém no Ensino Fundamental – Abril a Junho de 2006 (dez semanas).	funcionários), especificamente para obter informações sobre a escola; - Desenhos sobre a escola, para estimular a etapa inicial da entrevista com as crianças; - Três eixos de análise dos dados da pesquisa: A interação da criança com o ambiente escolar; A interação da criança com os atores sociais da escola (professor e colegas); Interação da criança com a língua escrita enquanto objeto de conhecimento na escola. - Buscou estabelecer uma relação dialógica com as crianças e assim, utilizou os desenhos para contribuir na		Interação: VYGOTSKY (1994); BAKHTIN (1986); OLIVEIRA (1995); WERTSCH (1985); VYGOTSKY , LURIA E LEONTIEV (2001); SMOLKA (1995); ROSSETI- FERREIRA, AMORIM E SILVA (2004); GÓES (2000B); Educação infantil: COLELLO (2005); DIAS (2003); Ensino fundamental : KRAMER	crianças como importante diferencial entre EMEI e EMEF; - O brincar surgiu como unanimidade nas falas das crianças nas duas escolas pesquisadas como a forma principal de se relacionar com outras crianças; - Todas as crianças falaram com entusiasmo das situações lúdicas vivenciadas por elas nas duas instituições; - Percebeu que a experiência na escola anterior não representa para a criança uma lembrança positiva, não

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	crianças – brincadeiras – conversas-brigas, desentendimentos – concluindo; Entre professor e aluno – referencias pessoais a professora – mediação protagonizada pela professora – concluindo; Interação com a lingua escrita – Características da cultura escrita familiar – concluindo – Leitura e escrita na escola – atividades de			aproximação; - Encontrou dificuldades para analisar a quantidade de dados coletados; - Fez uso de quadros para organizar os dados obtidos das 20 crianças (Pesquisa qualitativa); - Roteiro da entrevista: o que fazem, como fazem, o que gostam e o que não gostam na escola; - Os sub-grupos para a conversa foram desenvolvidos com três, quatro ou cinco crianças; - Critérios de seleção das crianças foram definidos pelas professoras e pela condição sócio-econômica-cultural; - Pediu autorização individual das		(2006); FERREIRO (2005); COLELLO (2001); SMOLKA (2003) Cultura escolar: SMOLKA E NOGUEIRA (2002); NÓVOA (1995); SARMENTO (2007); FARIA FILHO ET AL. (2004); AQUINO (1999); Alfabetização: SOARES (2004); COLELLO (1997); FERREIRO (2005); KLEIMAN (1995);	deixando saudades; - O que prevalece para as crianças é a realidade atual, que é vivida intensamente; - A criança ao ingressar na primeira série, parece ter nesse momento uma vontade intensa de fazer dar certo a sua experiência como aluno; - Ao mesmo tempo que demonstram confiança no desvelamento da vida escolar, também têm expectativas de que algo pode mudar; - No quesito relação

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>leitura e escrita na sala de aula – lição de casa – queixas de cansaço ao escrever – concluindo – Autoconceito acadêmico – crianças que apresentaram opiniões diversificadas – referiram atributos positivos, na EMEI e na EMEF – referiram atributos negativos, na EMEI e na EMEF – concluindo);</p> <p>Considerações finais</p>			<p>crianças, dos responsáveis e da direção da escola;</p> <p>- Alguns pontos incentivaram a participação das crianças na entrevista, a familiaridade entre a pesquisadora e a curiosidade para ouvir suas vozes gravadas no “radinho”;</p> <p>- Para manter a privacidade da identidade das crianças optou por nomes fictícios;</p> <p>- Um detalhe importante é que na EI as crianças tem 45 minutos de recreio com atividade ao ar livre e horários durante a semana destinados a atividades recreativas. O controle do tempo</p>		<p>GERALDI (2003);</p> <p>Linguagem: BAKHTIN (1986, 2003); BRAIT E MELLO (2005); FREITAS (1994);</p> <p>Atividade lúdica/Brincar: VYGOTSKY (1984); ELKONIN (1980); LEONTIEV (2001)</p> <p>Tempo: ELIAS (1998); ESCOLANO (1998); MOLLO – BOUVIER (1995);</p> <p>Metodologia: DEMARTINI (2001);</p>	<p>professor-aluno percebeu que ainda prevalece o modelo tradicional, onde o professor é aquele que detém o saber e o poder;</p> <p>- As crianças desafiam a ordem estabelecida através do vínculo que estabelecessem com as outras crianças;</p> <p>- “Demonstram aproveitar o espaço da sala de aula para efetivas trocas comunicativas, compartilhando significados e se entretendo prazerosamente com isso”.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>fica para os adultos, pois não tem sinal ou campainha;</p> <p>- Já no EF, o tempo de recreio é de 15 min e a pesquisadora não presenciou em nenhum momento da pesquisa atividades físicas externas (na quadra de esporte). Para o controle do tempo, tem-se o “sinal” (campainha tipo sirene) e os inspetores;</p> <p>- Utilizou imagens do espaço físico das escolas;</p>		<p>DELGADO E MÜLLER (2005);</p> <p>CORSARO (2005);</p> <p>GÓES (2000^a);</p>	<p>(p.145);</p> <p>- “[...] que a maioria das crianças interage de uma forma indireta com o ler e escrever na escola, já que prevalecem as razões extrínsecas a essas atividades”.</p> <p>(p.146);</p> <p>- Defende a prática dialógica (ouvir as crianças) como necessária para construir uma nova escola.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>A brincadeira na instituição de educação infantil integral: o que dizem as crianças? VIVIAM CARVALHO DE ARAUJO LÉA STAHLSCHMIDT PINTO SILVA UFJF 2008</p> <p>Palavras-chave: Educação infantil; Brincadeira; Infância; Criança</p> <p>Pesquisadora: Professora da educação</p>	<p>Introdução Cap. 1 Apresentando o referencial teórico (Discutindo o papel da brincadeira a luz do referencial histórico-cultural – a brincadeira de faz-de-conta: principal atividade da criança na idade pré-escolar; a brincadeira de regras e os jogos limitrofes; O papel do outro na constituição do sujeito; O</p>	<p>Objetivo geral – - Investigar o lugar do brincar em uma instituição de educação infantil de tempo integral a partir da perspectiva das crianças. Questões da pesquisa: - Conhecer o que as crianças privilegiam na escola; - Identificar o lugar do brincar para as crianças no cotidiano da instituição; - Identificar as brincadeiras empreendidas pelas crianças e o espaço onde</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 20 crianças entre 4 e 5 anos: 11 meninas e 9 meninos. Espaço da pesquisa - Escola de educação infantil em tempo integral do Município de Juiz de Fora; Tempo da pesquisa – - Setembro e outubro de 2006: primeiro contato com a escola, direção, entrevistas com a diretora e coordenadora e observação de uma turma em momentos de brincadeira; - Março de 2007:</p>	<p>Metodologia – - Pressupostos histórico-culturais – pesquisa com crianças; Procedimentos: - Observação envolvendo situações em que as crianças brincavam; - Desenhos produzidos pelas crianças aliados a oralidade; - Realizou um levantamento das pesquisas mais recentes sobre a brincadeira na educação infantil, no banco de dados da CAPES (2002 a 2006) e no grupo de trabalho da ANPED (2002 a 2007) - GT 0 a 6 anos; - Não encontrou nenhuma pesquisa</p>	<p>INFÂNCIA BRINCADEIA -RA PESQUISA COM CRIANÇAS INTERAÇÃO DESENHO</p>	<p>Infância: VASCONCELOS (2005); ARIES (1981); LARROSA (1998); Brincadeira: KISHIMOTO (1996; 2002); CARVALHO et al. (2005); VIGOTSKI (1998); PINO (2000); KOZULIN (2002); VASCONCELOS (1998); BAQUERO (1998);LEON TIEV (1998); ELKONIN (1998); BROUGERE (1995); BENJAMIN (1984);</p>	<p>- O brincar é a atividade principal da criança na idade pré-escolar; - “As crianças foram capazes de nos apontar o quanto a brincadeira constitui-se para elas em uma necessidade de conhecer e interagir no mundo em que vivem” (p.117); - É responsabilidade e da escola propiciar espaço e tempo para o brincar; - A escola deve ampliar significativamente o</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
infantil;	desenho e os processos de imaginação da criança); Cap. 2 Trilhando um caminho para a pesquisa (Um caminho teórico-metodológico na busca pela perspectiva das crianças; O desenho como instrumentos para adentrar o mundo dos pequenos; Desvelando o universo da pesquisa – o brincar e a escola de educação infantil em tempo integral;	acontecem na escola;	início da pesquisa; - Abril, Maio e Junho 2007: observação das crianças, 3 vezes por semana; - Dezembro de 2007 – devolutiva;	que tivesse como objetivo ouvir as crianças da educação infantil com relação a brincadeira no contexto em que estavam inseridas; - A diretora que sugeriu o não uso do nome verdadeiro da escola; - Utilizou os nomes verdadeiros das crianças – esclareceu o motivo desta escolha usando um exemplo da nota de campo que partiu de uma indagação das próprias crianças, que assinaram seus nomes autorizando a participação; - Critérios para a escolha da turma: disponibilidade da professora, crianças que já frequentavam		WAJSKOP (2007); Pesquisa com crianças: FREITAS (2002); SARMENTO (2005; 2007); PINTO e SARMENTO (1997); CERISARA (2004); ROCHA (2004); QUINTEIRO (2002); DELGADO e MULLER (2005); VASCONCELOS e SARMENTO (2007); FARIA, DERMATINI e PRADO (2002); BORBA	desenvolvimento da brincadeira na educação infantil; - Os educadores precisam aprofundar seus conhecimentos a respeito da brincadeira de faz-de-conta; - Investimento na formação doente inicial e em contexto; - “Desprezar o seu ponto de vista é negar a infância”. (p.121); - “As crianças ouvidas nesta pesquisa nos indicaram o quanto são capazes de colaborar para a construção de um conhecimento

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>contextualiza ndo a escola; o contato com a escola, com as crianças e os procedimento s realizados; o encontro com as crianças; os procedimento s; a organização dos achados; A devolução dos achados da pesquisa); Cap. 3 Ouvindo as crianças a respeito da brincadeira na escola (Faz-de- conta: a atividade principal das crianças na idade pré- escolar; O</p>			<p>a escola no ano anterior; - Utilizou fotos das crianças e da escola; - Levou uma história para as crianças expressarem o que mais gostam de fazer na escola; - No mês de Maio iniciou a intervenção utilizando o desenho das crianças. Em uma sala disponibilizada na escola, a pesquisadora colocou lápis de cera e folhas para as crianças desenharem individualmente; - Pediu autorização às crianças para ficar com o dinheiro; - Propôs o desenho da escola e o que mais gostavam de brincar neste</p>		<p>(2005); KRAMER (2002); Interação: VIGOTSKI (1998); PIMENTEL (2007); SMOLKA e GOÊS (1995); MACHADO (2000); GOÊS (2000); Desenho: VIGOTSKI (1999); FERREIRA (1998); SILVA (2002);</p>	<p>que poderá levar à reflexão das práticas produzidas nos contextos educativos dos quais vivenciam”. (p.121); -</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>processo de interação nas brincadeiras; O espaço nas brincadeiras infantis); Considerações finais</p>			<p>espaço; - Organizou o material para a pré-análise separando 20 desenhos analisando-os separadamente para pensar as categorias; - No mês de Dezembro 2007 a pesquisadora voltou a escola para a devolução dos achados da pesquisa a direção, coordenação e professoras, bem como, para as crianças; -</p>			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>1. O que pensa a criança pequena sobre a escola infantil? ANDREIA DUTRA ESCARIÃO. ADELAIDE ALVES DIAS. 2009. UFPB.</p> <p>*A pesquisadora é uma psicóloga</p>	<p>Cap. 1 – Crianças, infância, educação e suas aprendizagens (Educação: o cuidar e o educar em busca de uma ação não dicotômica, Aprendizagem segundo a Teoria de Vygotsky);</p> <p>Cap. 2 – A escola infantil no Brasil (A escola infantil: algumas peculiaridades, Exigências legais para as instituições de educação infantil);</p> <p>Cap. 3 – A</p>	<p>Objetivo geral</p> <p>– Aprofundar os estudos sobre a criança pequena, e o que pensa sobre a escola infantil. Relacionar as necessidades e expectativas da criança com as propostas voltadas a Educação Infantil.</p> <p>Analisar os dados referentes às necessidades e expectativas das crianças com relação à escola infantil, com o propósito de melhoria da qualidade de ensino.</p> <p>Questões da pesquisa – Mas onde estava o</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Um turma de Jardim II com 8 crianças todas com 5 anos de idade em uma escola de João Pessoa – PB</p> <p>Espaço da pesquisa – Escola Particular de João Pessoa.</p> <p>Tempo da pesquisa – 6 dias de observação participante;</p> <p>- As entrevistas com as crianças duraram de 8 a 15 minutos,</p>	<p>Metodologia –</p> <p>-Pesquisa qualitativa;</p> <p>- Estudo de caso do tipo microetnográfico, com o uso da observação participante;</p> <p>- Utilização de Termo de consentimento autorizados pelos pais.</p> <p>- Optou em usar nomes fantasia das crianças.</p> <p>- Além da observação participante, propôs uma atividade de desenhos como forma de expressão das crianças.</p> <p>- O registro das falas das crianças ocorreu através da utilização de um gravador;</p> <p>- Aplicou um questionário com</p>	<p>PESQUISA QUALITATIVA -VA; OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE ESTUDO DE CASO DO TIPO MICRO-ETNOGRÁFICO; INFÂNCIA/ CRIANÇA; EDUCAÇÃO INFANTIL;</p>	<p>Pesquisa qualitativa: RICHARDSON (1999).</p> <p>Observação participante: TURA (2003);</p> <p>Estudo de caso de tipo microetnográfico: BOGDAN E BIKLEN (1994); VALLADARES (2007); ERICKSON (2001);</p> <p>Infância/ Criança: ARIES, MULLER (2007), DEL PRIORI (2007), RAMOS (2007), ABREU (2005),</p>	<p>- Apesar da educação infantil ser reconhecida como etapa primeira da educação básica, ainda existem precariedades no atendimento a criança pequena, como mostrada na pesquisa;</p> <p>- Defende a função indissociável das práticas de cuidar e educar na educação infantil;</p> <p>- Todas as crianças falaram sobre o brincar e assim a pesquisadora ratifica a importância da defesa do</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>escola infantil pelas crianças (o caminho da pesquisa, instrumentos e procedimentos, organização dos dados, reflexões acerca da escola infantil).</p>	<p>espaço para suas narrativas? Na escola? Na família? Nos grupos que freqüentavam? Como as crianças representavam a sua relação com os adultos? A partir desta relação, como as crianças se representavam diante das diversas instituições sociais que fazem parte da sua vida? Se as crianças se apropriam das práticas culturais de seu grupo social na construção de sua história, o que significa esta</p>		<p>mães e ou responsáveis pelas crianças para descobrir o motivo da escolha pela escola referida; - Registou informações no diário de campo.</p>		<p>CAMBI (1999), ROSSEAU, SARMENTO (2007), OLIVEIRA (1989), COHN (1995). Escola de Educação Infantil: MACEDO (2005), KRAMER, WALLON, ZABALZA (1998), MACHADO (2007).</p>	<p>brincar na educação infantil e na organização do espaço como um meio estimulante, colorido, desafiador para as crianças; - Defesa pelo investimento na formação dos profissionais que trabalham com as crianças; Necessidade também defendida pelos familiares; -Coloca como desafio a conquista de mais espaços que propiciem a livre expressão da criança como sujeito de direitos;</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
		<p>‘apropriação’ no percurso da História Cultural? O que é ser criança? Uma criança pode ter uma idéia formada sobre o que ela é? Será que nas coisas rotineiras que ela faz na escola encontra alegria e bem-estar? E os momentos de tristeza, de medo e angústia, são constituídos a partir de quais representações? Como a criança interage com os adultos da escola e de outros grupos?</p>					<p>- Reforça o seu comprometimento com a criança pequena, no sentido de reconhecer suas características próprias, de modo que a sua voz seja ouvida, e respeitada como construtora de conhecimento.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“Conversando com crianças na educação infantil: suas percepções sobre as interações e situações vividas no espaço escolar”.</p> <p>FERNANDA OMELCZUK WALTER. ELIANA BHERING. 2009. UFRJ.</p> <p>Palavra-chave: interação adulto/criança; percepção das crianças; educação infantil.</p>	<p>1.Introdução 2 Revisão da literatura 2.1 Como as crianças pensam (a criança pré-operatória; o desenvolvimento moral e a relação com os adultos); 2.2 Sociologia da infância; 2.3 As instituições educativas para a infância (a educação experiencial; a experiência de reggio Emilia; o currículo high-scope). 3</p>	<p>Objetivo principal: Conhecer como as crianças entre 3 e 5 anos percebem a situação de interação entre elas e seus professores no ambiente escolar. Objetivos específicos: O que a criança entende ser tarefa do professor na pré-escola; • a imagem que a criança tem da autoridade do professor; • como ela percebe o adulto brincando com ela; • como a criança</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – As crianças selecionadas para a filmagem foram das três últimas turmas, grupos de 3 (com 18 crianças) , 4 (com 17 crianças) e 5 (com 9 crianças) anos de idade; O total de crianças filmadas foi 34. - Durante o período das gravações a pesquisadora pré-selecionou 7 crianças (dois meninos de 3 anos, três meninos de 4 anos e duas meninas de 5 anos) que seriam entrevistadas, por estas apresentarem uma desenvoltura</p>	<p>Metodologia – Método Clínico. - Filmagem de três situações de interação das crianças com seus professores (A Roda; a brincadeira livre e episódios de resolução de conflitos); - Realizou entrevistas individuais com 7 crianças sobre o tema de estudo e sobre cenas específicas da filmagem; - Todos os participantes tiveram autorização de seus responsáveis para o registro em vídeo e entrevista, assim como as professoras também autorizaram ser</p>	<p>CRIANÇA; INFÂNCIA; METODOLOGIA; SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA; PERCEPÇÃO; MORAL MÉTODO CLÍNICO</p>	<p>Psicologia, Educação e Sociologia da Infância. Criança – PIAGET (2006); BRINGUIER (1993); FLAVELL; MILLER & MILLER (1999). Infância – ARIES (1981); ALMEIDA (2006); Metodologia – DELGADO (2006); DELGADO & MULLER (2005 a); BAUER & GASKELL (2007); FLORES</p>	<p>- Em alguns momentos a fala das crianças parecia demarcar uma separação entre o conhecimento e o lúdico, entre o brincar e o aprender, entre o pátio e a sala, o que pode sugerir a ausência de uma percepção mais integral do conhecimento e uma relação pouco estreita entre escola e prazer, e atividade e brincar; - Pesquisar com crianças nos permitiu também enxergar na</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Pesquisadora: Formada em Psicologia escolar, trabalha como supervisora pedagógica em uma escola de educação infantil.</p>	<p>Procedimentos metodológicos e de análise (o contexto da pesquisa; procedimentos de geração dos dados: filmagens piloto; filmagens finais; participantes; procedimentos gerais para as entrevistas; a entrevista piloto; as entrevistas e análises dos dados; bruno; a entrevista introdutória; análise da entrevista introdutória; a entrevista sobre o episódio do</p>	<p>percebe o professor durante uma resolução de conflito; • como a criança interpreta as instruções/ orientações do professor em sala.</p>	<p>linguística e interação com os adultos da escola; - Espaço da pesquisa – Escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro- EEI-UFRJ, que atende crianças entre 4 meses a 5 anos de idade. Tempo da pesquisa – - A filmagem das cenas para dissertação ocorreu de 18 de agosto a 25 de setembro de 2008, sendo que no mês de maio a pesquisadora realizou uma filmagem piloto para as crianças e professoras se</p>	<p>Filmadas; - Os nomes verdadeiros foram alterados - A escolha da escola se deu por ser uma instituição federal de educação infantil que vem construindo há 3 anos sua proposta pedagógica norteadada pelo tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão; - A pesquisadora trabalha na instituição como supervisora pedagógica, o que de acordo com ela, facilitou sua aproximação com as crianças (todas já a conheciam) e a transição pelos espaços com tranquilidade; - Organizou um</p>		<p>(2006); CARVALHO & PEDROSA (2004); LEITE (2008); FERREIRA & SOUZA (2004); COSTA, ROSSETTI-FERREIRA & SÓLON (2007); DUARTE (2004); ALDERSON (2005); Sociologia da Infância - Suzanne MOLLO-BOUVIER (2005); DELGADO & MULLER (2005b); CORSAO (1997); JAVEAU</p>	<p>prática elementos que configuram o processo social de construção do conhecimento, mas que nem sempre são claros; - Essas variáveis, que sinalizam o caráter temporário e restrito do conhecimento que produzimos, estão presentes em qualquer pesquisa, mas aparecem com mais nitidez quando investigamos crianças, dada a congruência emocional das mesmas;</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	capitão caverna; análise da entrevista sobre o episódio do capitão caverna; Marcelo; entrevista introdutória com Marcelo e bruno; análise da entrevista introdutória com Marcelo e bruno; entrevista sobre o episódio do grito; análise da entrevista sobre o episódio do grito; entrevista sobre o episódio do amigo;		acostumarem com o aparelho; - As filmagens ocorreram dentro de um tempo que não passou de 20 minutos de cada situação sem interrupção, isto é, 20 minutos da hora da roda e 20 minutos de brincadeira livre. O tempo de registro era menor quando a roda ou a brincadeira livre duravam menos do que o tempo estipulado; - Total do tempo de filmagem: 6 horas, 51 minutos e 5 segundos de gravação;	calendário para o registro dos episódios entre os dias 18 e 29 de agosto, organizando a sala que faria o registro, o horário e a situação a ser filmada; - Análise das entrevistas e filmagens: primeiro apresentou o objetivo da pesquisa e depois fazia uma pergunta principal, no intuito de obter as respostas das crianças com relação aos objetivos específicos. Em seguida fazia a análise das respostas das crianças e no segundo momento mostrava a cena selecionada para que a criança pudesse falar e lembrar o que aconteceu e o que		(2005); SARMENTO (2005); MONTANDON (2005); ALDERSON (2005); CRUZ (2008). Psicologia Humanista – Carl ROGERS (2001); PIAGET (1994, 1990); FLAVELL; MILLER & MILLER, (1999); PIAGET apud BRINGUIER, (1993); Percepção – FERREIRA (1986); Moral – PIAGET (1994); LA	- No caso das crianças entrevistadas, seus comportamentos expressaram o interesse e o envolvimento em participar ou não da conversa. Algumas delas, cansadas, desmotivadas ou pouco envolvidas com as entrevistas, disseram inclusive que não queriam mais continuar conversando comigo; - Sendo assim, pesquisar com crianças nos permite, em primeiro lugar, aprofundar

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	análise dos dados sobre o episódio do amigo; Carlos; a entrevista introdutória; análise da entrevista introdutória; entrevista sobre o episódio do escorrega; análise dos dados sobre o episódio do escorrega; entrevista sobre o episódio dos dados de borracha; análise dos dados sobre o episódio dados de borracha; entrevista sobre o			sentiu no momento observado, em seguida, fazia novamente a análise dos dados; - As entrevistas foram bem formais, com perguntas e respostas e em sua maioria as crianças não ficaram a vontade para responder as perguntas e logo distraíam-se com outras coisas, o que forçava a pesquisadora a perguntar se queriam terminar a entrevista.		TAILLE (2003); DE VRIES & ZAN (1998). Método clínico – CARRAHER (1994);	conhecimentos acerca de nós mesmos e, além disso, desvendar concepções equivocadas que temos sobre a infância; - Nossa pesquisa nos mostrou, por exemplo, que os colegas de turma exercem uma influência nos julgamentos de valor que as crianças fazem, sendo figuras de confiança e referência para seus comportamentos e atitudes; - Muitas vezes subestimamos suas habilidades em compreender os

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>episódio da massinha; análise dos dados sobre o episódio da massinha; Gabriela; a entrevista introdutória; a análise da entrevista introdutória; a entrevista sobre o episódio da marionete; análise dos dados sobre o episódio da marionete; entrevista sobre o episódio do calendário; análise dos dados sobre o episódio do calendário; Helena; a entrevista</p>						<p>acontecimentos que nos cercam, mas nossa pesquisa parece ter mostrado que elas são conhecedoras da história, estando inseridas no tempo e no espaço de modo participativo e crítico;</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	introdutória; análise da entrevista introdutória; a entrevista sobre o episódio da marionete; análise da entrevista sobre o episódio da marionete; Douglas; a entrevista introdutória; análise da entrevista introdutória; a entrevista sobre o episódio de quem é a vez?; análise da entrevista sobre o episódio de quem é a vez?;entrevist a sobre o						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>episódio do jacaré; análise da entrevista sobre o episódio do jacaré; Igor; a entrevista introdutória; análise da entrevista introdutória; entrevista sobre o episódio da dança das caveiras; análise da entrevista sobre o episódio da dança das caveiras; entrevista sobre o episódio da desculpa; análise da entrevista sobre o episódio da</p>						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	desculpa; análise final dos dados). 4 Considerações finais						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>“Não tem parquinho, mas eu adoro brincar aqui. O uso do espaço escolar pelas crianças em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora”.</p> <p>FRANCIANA CAON AMORIM MARY RANGEL. 2009 UFF</p> <p>Palavras-chave: Crianças, Espaço Escolar, Cotidiano.</p> <p>Pesquisadora: Professora de</p>	<p>1 Introdução Cap.2 A pesquisa: primeiros passos (Lugares da infância: compreender o presente pelo mergulho no passado; Em busca de respostas: o encontro com a pesquisa no cotidiano; O lugar da pesquisa: uma breve apresentação). Na primeira parte, situa-se em relação à sua formação docente e ao seu fazer na pesquisa. De</p>	<p>Objetivo geral – O objetivo desta pesquisa foi analisar como as crianças usam os espaços da escola, recriando-o e modificando-o através de suas práticas cotidianas.</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 20 crianças na faixa etária dos 6 anos, matriculados no 1º ano do ensino fundamental; Espaço da pesquisa – Escola Municipal Henrique José de Souza, situada na cidade de Juiz de Fora (MG) em uma primeira série do ensino fundamental. Tempo da pesquisa – - Não deixou claro quanto tempo levou a pesquisa e as observações, já que desenvolveu a pesquisa durante o seu período de trabalho enquanto professora das</p>	<p>Metodologia – - Pesquisa de cunho qualitativo; - Os procedimentos metodológicos adotados na investigação centraram-se em observações envolvendo as ações das crianças em vários ambientes da escola – banheiro, sala de aula, pátio, refeitório – e em diferentes momentos – início das aulas, hora do recreio, hora da merenda – entre outros; - Encontrou algumas dificuldades pelo fato de ser professora da turma em que realizou a pesquisa; - Utilizou fotos da escola;</p>	<p>INFÂNCIA CRIANÇA METODOLOGIA GEOGRAFIA ESPAÇO ESCOLAR ENSINAR TERRITÓRIO PAISAGEM REGIÃO LUGAR GEOGRAFIA HUMANISTI -CA</p>	<p>Infância/Criança: RUA (2007); LOPES (2005, 2009); JUSTO (2003); SARMENTO (2005); ÁRIES (2006); BOTO (2002); MULLER e REDIN (2007); ROSEMBERG (1985); MOLLOBOUBIER (2005); PINTO (1997). Metodologia: TRIVIÑOS (1987); ALVES (2001); PAIS</p>	<p>- “(...) pude perceber que, em se tratando do universo restrito do espaço escolar, essas meninas e meninos, desde muito cedo, impregnam o espaço construído pelos adultos de novíssimos conteúdos e significado, geografizando, a seu modo, a escola, espaço onde passam significativa parte dos seus tempos diários. Ao redefinirem novas formas e novos usos para o espaço</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
séries iniciais, com graduação em Geografia e magistério.	onde olha e como olha são aspectos destacados no início do trabalho, apresentando os referenciais de tempo e lugar nos quais a constituiu. Cap. 3 Os espaços geográficos e seus lugares (CONCEITOS GEOGRÁFICOS NUMA LEITURA E ANÁLISE DO ESPAÇO; O conceito de território; O conceito de paisagem; O conceito de		séries iniciais; -	- Seguindo a vontade dos pais e responsáveis, durante a pesquisa, optou por usar nomes fictícios das crianças; - O título do trabalho surgiu de um diálogo entre um grupo de crianças durante uma brincadeira no pátio da escola; - Fez as observações durante o seu horário de trabalho. - Utilizou desenhos das crianças, fotos e falas registradas em seu “Caderninho”; - Usou como exemplo quatro trechos de falas com as crianças durante as brincadeiras no parque, algumas fotos e alguns desenhos; - Utilizou o nome		(2003); GOBBI (2002); Geografia: ALMEIDA e PASSINI (1999); REIS (2000); LE SANN (2007); VLACK (2004); ANDRADE (1999); PONTUSCH KA, PAGANELLI e CACETE (2007); HARVEY (1992); BETTANINI (1982); Espaço escolar: FRAGO (2005); OLIVEIRA (2001); SANTOS	escolar, através da materialização de suas ações e da interação com seus pares e também com o mundo dos adultos, as crianças mostram que também são produtoras de culturas – as culturas da infância, próprias em cada época e em cada contexto”. (p.103). - Comentou sobre as dificuldades em trabalhar e pesquisar ao mesmo tempo; - Um ponto evidente é a questão do planejamento

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>região; O conceito de lugar; A GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E SUAS LEITURAS SOBRE O LUGAR; O conceito de lugar na geografia humanística). Elabora uma reflexão teórica sobre a Geografia e sua forma particularizada de analisar e interpretar o mundo pelos conceitos espaciais. Cap.4 A visibilidade da infância nos discursos teóricos (A</p>			verdadeiro da Escola.		<p>(2002); Ensinar: TARDIF (2002); ARROYO (2000); Território: SAQUET (2007); Paisagem: SANTOS (1988); PAGANELLI (2002). Região: CORREA (1986); SANTOS (1988); AMORIM (2007); LENCIONI (1999). Lugar: CARLOS (2007); SANTOS (1988; 1994); AMORIM (2008);</p>	<p>dos espaços escolares, é preciso que os professores, as crianças, as famílias e outros profissionais da escola possam participar deste planejamento; - “As práticas, as falas, as representações das crianças que observei neste trabalho evidenciam não só o quanto elas gostariam de outro espaço escolar edificado, mas principalmente o quanto necessitam”. (p. 104).</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	GEOGRAFIA, A INFÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE VYGOTSKY NA INTERPRETAÇÃO DOS LUGARES DA INFÂNCIA; A EMERGÊNCIA DA INFÂNCIA; Uma geografia da infância). Discute como a infância é hoje estudada e mostra que a geografia, num diálogo com as teorias					TUAN (1982, 1980); LARA (1996); RIBEIRO (1996); FRAGO (2001); MELLO (1990, 2005). Geografia Humanística : HOLZER (1996, 2000); GOMES (1996); SERPA (2001); OLIVEIRA (2001); BUTTIMER (1982); SEABRA (1999); TUA N (1982).	

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>do desenvolvimento humano, principalmente e a sócio-histórica, cunhada por Vygotsky, e com os pressupostos da sociologia da infância, avança numa tentativa de entender como as crianças se constituem como ordenadoras do espaço em que vivem.</p> <p>Cap. 5 A pesquisa: achados e usos do espaço escolar pelas crianças (A</p>						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>ESCOLA MUNICIPAL HENRIQUE JOSÉ E SEUS ESPAÇOS; Um novo lugar para a brinquedoteca ; O pátio da escola; Brincando no banheiro; Fugindo para brincar). Apresenta as observações acerca do uso do espaço escolar pelas crianças da Escola Municipal Henrique José de Souza e busca dialogar com o material levantado da pesquisa</p>						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	mostrando como as crianças, pelo uso do espaço escolar, na interação com seus pares, redefinem o conteúdo do espaço geográfico. 6 Considerações finais						

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Na primeira série aos seis alunos: as experiências das crianças/alunas e da professora/pesquisador no ambiente escolar</p> <p>JULIANA WIL DO VALE MATSUZAKI MARIA MACHADO MALTA CAMPOS PUC-SP 2009</p> <p>Palavras-chave: Criança; Aluno; Professora; Ensino Fundamental;</p>	<p>Introdução Cap. 1 Traços da cultura escolar e do papel de aluno; Cap.2 O ensino fundamental de nove anos (O contexto legal; A antecipação do ingresso na primeira série dos sets para os seis anos; Aproximando a Lei Nº11.274/06 das crianças em foco: implemento ou implantação do ensino fundamental</p>	<p>Objetivo geral – - Investigar como é vivenciada a experiências de antecipação do ingresso na primeira série do ensino fundamental na perspectiva das crianças; Questões da pesquisa: -</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Crianças da primeira série, com 6 anos. 5 crianças (4 meninos 1 menina) realizaram uma entrevista semi-estruturada; Espaço da pesquisa - Escola Estadual de São Paulo Tempo da pesquisa – - Ano letivo de 2008; - Um encontro com as crianças no sábado para realizar a entrevista semi-estruturada;</p>	<p>Metodologia – - Pesquisa com crianças Procedimentos: - Professora-pesquisadora: desempenhou duplo papel; - Registro semanal das experiências vividas com as crianças no Diário de Bordo; - Entrevista coletiva no final do ano com um pequeno grupo de crianças; - As categorias foram relacionadas com a cultura escolar: TEMPO, ESPAÇO, DISCIPLINAS/CURRÍCULO/LIÇÃO, e LER e ESCREVER; - Ouviu as crianças nos momentos de</p>	<p>PESQUISA COM CRIANÇAS SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA CONHECIMENTO ESCOLA</p>	<p>Pesquisa com crianças: ROCHA (2008); CAMPOS (2008); SOUZA e CASTRO (2008); SILVA, BARBOSA e KRAMER (2008); LEITE (2008); Sociologia da infância: SARMENTO (2005); MONTANDON (2001); SIROTA (2001); DELGADO e MULLER (2001; 2005); Conheciment</p>	<p>- Ser professora e pesquisadora possibilitou o exercício intelectual na busca de uma reflexão sobre sua atividade docente na perspectiva das crianças; - Promover uma reflexão-sobre-a-minha-ação; - Este tipo de pesquisa possibilita a transformação do professor em intelectual; - O ofício de aluno perpassa o ofício de criança; - Fala sobre os desafios enquanto professora-</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
Primeira série Pesquisadora: Professora de séries iniciais	de nove anos no estado de São Paulo?); Cap. 3 A sociologia da infância (Metodologia de pesquisa com crianças; A pesquisa com as crianças que estudam na primeira série do ensino fundamental estadual paulista: a escola e o bairro; o currículo; a pesquisa); Cap. 4 Análise de dados Consideraçõe s finais			atividades desenvolvidas na escola, pela professora- pesquisadora; Descreveu estas situações colocando o que as crianças expressaram; - A professora- pesquisadora registrou as diversas formas de expressão das crianças sem elas saberem e sem pedir autorização, e sem considerar sua autoria. Estes registros foram analisados ora pelo olhar da pesquisadora e ora pelo olhar da professora; - Pediu autorização aos pais para a participação das crianças na pesquisa; - Realizou uma		o: SCHON (2000); PIMENTA (2008); LIBANEO (2008); SACRISTAN (1998) Escola: GIROUX (1997); PIMENTA (2008); Criança: SACRISTAN (2005);	pesquisadora: realizar a entrevista com algumas crianças, como possibilitar a atuação do ator- social e ao mesmo tempo o protagonismo infantil? O que une e o que separa a criança do adulto, - Não há metodologia pronta para a realização da pesquisa com a criança, mas sim um intenso processo de construção; - As crianças ao entrarem na escola sabem e esperam desempenhar o papel de alunos, mas ao longo da

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				entrevista semi-estruturada com 8 crianças sorteadas na roda de conversa (4 meninas e 4 meninos) para a pesquisa de campo; No dia da entrevista vieram apenas 5 crianças (4 meninos e 1 menina); - Perguntas da entrevista: O primeiro dia de aula e seus sentimentos, emoções e impressões; O espaço físico da escola; As semelhanças e diferenças entre a educação infantil e do ensino fundamental; O que gostam e o que não gostam na escola; O que mudariam na escola e na professora; O que pensam acerca da			permanência neste cotidiano acabam se desinteressando de desempenhar este papel; - Ressalta a importância do diálogo dentro da escola; - Desafios e possibilidades durante a pesquisa; - Para garantir o protagonismo infantil na escola é precisa garantir algumas condições, tais como: espaço, quantidade de crianças em sala, variedade de material, garantir tempo para a brincadeira, oportunizar a

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>rotina escolar: hora da entrada, do recreio, da saída, das atividades, do tempo que ficam na escola; As amizades na escola; A importância de saber ler; O que é ser criança;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A entrevista durou meia hora; - Colocou relatos bem detalhados das atividades desenvolvidas com as crianças em sala de aula; - 			<p>troca entre a pré-escola e as escolas de ensino fundamental, ter prioridade nas políticas públicas;</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Os sujeitos da infância e seus discursos Pesquisando com crianças KARLA RIGHETTO RAMIREZ DE SOUZA CARMEN LÚCIA VIDAL PÉREZ UFF 2009</p> <p>Palavras-chave: Culturas infantis – Discurso – Cotidiano Escolar</p> <p>Pesquisadora: Professora pesquisadora das séries iniciais do</p>	<p>Introdução; Cap 1. Pesquisando com crianças. Sujeitos da infância? (Crianças. Sujeitos da infância? Quem eu vejo também me vê e quem eu ensino também me ensina);</p> <p>Cap 2. Compreendendo as escolas dos discursos infantis. (Atividades escolares: espaços e tempos de autoria?);</p> <p>Cap 3. (Re) Conhecendo</p>	<p>Objetivo geral – - Compreender os sujeitos pequenos (na estatura!).</p> <p>Questões da pesquisa: - O que as crianças, então, nos dizem sobre a escola? - Quais discursos às crianças se apropriam sobre esse lugar? - Quais são os enunciados que elas inventam, reelaboram e criam sobre esse espaço?</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Crianças de 1º a 4º série do ensino fundamental;</p> <p>Espaço da pesquisa - Escola Particular de Ensino Fundamental da cidade Fluminense</p> <p>Tempo da pesquisa – Relatos sobre o trabalho como professora em 2003, 2004, 2005, 2006, 2008, 2009. Desde sua atuação como bolsista de iniciação científica e como professora;</p>	<p>Referencial teórico: - Estudos do cotidiano e a reflexão de Mikhail Bakhtin.</p> <p>Procedimentos: - Registro em Caderno de campo; - Observação participante; - Desenhos, textos escritos e fotos; - Apresenta as falas das crianças nas atividades propostas, tais como, escrever sobre o que é ser criança; Analisa os desenhos e textos das crianças com base nos estudos de Bakhtin e autores afins; - Utilizou textos,</p>	<p>PROFESSORA/ PESQUISADORA INFANCIA CRIANÇA EXPERIENCIA DISCURSO CULTURA</p>	<p>Professora-pesquisadora : ESTEBAN e ZACCUR (2002); AMORIM (2001); Infância: POSTMAN (1999); KOHAN (2008); ITURRA (2001); BUJES (2003); CORAZZA (2002); PINO (2004); Criança: BAKHTIN (2003); GERALDI (2003); AMORIM (2006); BRITO (2005);</p>	<p>- Narrar experiências é falar de si. E ao falarmos de nós mesmos, nos constituímos, nos fazemos, vivemos. (p.100); - Confirmou com a pesquisa que as crianças discursam, e que com seus discursos, muito aprendemos. - As questões teórico metodológicas são reconhecidas no cotidiano da sala de aula; -</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
ensino fundamental que trabalha numa escola particular;	as crianças a partir dos mangás; Para finalizar;			desenhos e relatos das crianças, mas não abordou as questões éticas relacionadas a autorização das crianças e das famílias; - A pesquisadora traz acontecimentos com crianças. Sejam elas da classe popular, ou da classe média alta, são crianças.		Experiência: BENJAMIN (1994); Discurso: BAKHTIN (2003); Cultura: GÓMEZ (2001); Pesquisa com crianças: FREITAS (2003); AMORIM (2006); FERNANDE S e OSWALD (2005);	

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>O encontro entre crianças e seus pares na escola: Entre visibilidades e possibilidades</p> <p>MAYANNA AUXILIADOR A MARTINS SANTOS</p> <p>ELIANE MEDEIROS BORGES</p> <p>2009.</p> <p>UFF.</p> <p>Palavras-chave: Sociologia da infância. Culturas infantis.</p>	<p>A Construção do Objeto de Pesquisa;</p> <p>2 A Sociologia da Infância: diferentes infâncias (2.1 Culturas da Infância; 2.2 Os protagonistas do processo investigativo: as crianças);</p> <p>3 A Escola como Instituição para Infância (3.1 A institucionalização da criança no Brasil);</p> <p>4 Pesquisa só se Aprende</p>	<p>Objetivo geral – Investigar as maneiras pelas quais as crianças se expressam (comunicação verbal e não-verbal) dentro do contexto escolar, principalmente nas salas de aula.</p> <p>Questões da pesquisa –</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – 20 crianças com idade entre 5 e 6 anos em fase de alfabetização (doze meninas e oito meninos);</p> <p>Espaço da pesquisa – Escola de Educação Infantil da rede privada de ensino de Juiz de Fora</p> <p>Tempo da pesquisa – Agosto a dezembro de 2008 - 5 meses; - 21 dias na escola, de 13 as 17horas, utilizando da observação participante;</p>	<p>Metodologia – - Estudo de caso de caráter etnográfico;</p> <p>Procedimentos: - A observação participante, a vídeo-gravação das aulas de música, as sessões de devolutiva, conjugada com relato oral das crianças; Diário de campo para fazer os registros; - “reflexibilidade investigativa”: Este procedimento consiste na capacidade do investigador de refletir acerca de sua postura diante da criança como ser social, construtora de sua</p>	<p>CRIANÇA INFÂNCIAS CULTURAS DA INFÂNCIA CULTURA DE PARES SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA SOCIALIZAÇÃO ESCOLA</p>	<p>Sociologia da Infância, principalmente as contribuições dos autores: Sarmento e Corsaro</p> <p>Criança: Sarmento (2002; 2005); Borba (2006; 2008);</p> <p>Infâncias: Kramer (1982); Barbo; Jobim e Souza (1996); Pinto (1997); Arroyo (1997); Sarmento (2003);</p>	<p>- A criança consegue transcender e subverter essa ordem. Na imaginação, na reinvenção do brincar, na criação de espaços onde já não há. No jogo de subjetivação e subjetividade, a criança constrói suas linhas de fuga e imprime um olhar seu para além da disciplina e da norma porque ela ainda é capaz de denunciar que o rei está nu, de fugir ao sempre-igual, de se desviar do</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Expressividade da criança</p> <p>Pesquisadora: psicóloga.</p>	<p>Fazendo (4.1 Inserção no campo: lidando com o inesperado; 4.1.1 A primeira tentativa; 4.1.2 Refazendo os caminhos: o lócus da pesquisa; 4.1.3 A sala de aula; 4.2 Os protagonistas da pesquisa: as crianças; 4.3 O cotidiano da escola; 4.4 Procedimentos metodológicos; 4.4.1 A observação participante e vídeos-gravação;</p>		<p>- Observação da rotina das crianças na escola, no período da tarde (de 13h às 17:00): 30 dias consecutivos;</p> <p>- Sessões de vídeo-gravação: quatro sessões com 20 crianças; no período de dois meses, totalizando, cerca de 3 horas e meia;</p> <p>- Oito sessões de devolutivas, com aproximadamente 50 minutos cada, individualmente, com 8 crianças, durante 4 dias.</p>	<p>própria cultura e protagonista de suas ações. Para eles, o investigador deve atentar-se para não projetar o seu olhar sobre a criança, colhendo delas o reflexo de seus próprios preconceitos e representações. (p.30).</p> <p>- Encontrou obstáculos para realizar a pesquisa em escolas da rede pública; E ao mesmo tempo, as escolas estavam passando por um processo de reestruturação devido ao EF9 anos e não tinham espaço adequado para a realização da sessão de devolutiva;</p>		<p>Culturas da Infância: James, Prout e Jenks (1998); Sarmento (2002, 2003); Borba (2006);</p> <p>Cultura de Pares: Corsaro (1985, 1997, 2003); Sarmento (2003);</p> <p>Pesquisa com criança: Montando n (2001); Delgado e Muller (2006); Rocha (2004); Dermatini (2002); Sarmento e Pinto (1997);</p>	<p>traçado. (p.82);</p> <p>- Neste sentido, fica explícita a necessidade de não somente ouvir as crianças. É dando visibilidade a elas (visibilidade entendida não como o ver, mas como a construção de um lugar possível para a criança e suas infâncias) que será possível edificar sua condição de sujeito e efetivar o que a legislação propõe para elas. (p.83);</p> <p>- Há uma frase que nos auxilia a pensar a</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	<p>4.4.2 Sessões devolutivas);</p> <p>5 Crianças e Escola: entre visibilidades e possibilidades (5.1</p> <p>Encontro com as crianças no contexto da sala de aula;</p> <p>5.2 A imagem da criança e a criança da imagem – devolutiva como</p> <p>Procedimento ; 5.3</p> <p>Interatividade e a cultura de pares; 5.4 A resistência como possibilidade) ;</p> <p>6 Alguns Apontamentos Finais</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Preservou o nome da instituição; - 1º contato com a escola: apresentação do projeto de pesquisa a coordenadora pedagógica e para a professora; - Apresenta alguns elementos da história da escola. - Critérios para a escolha da turma: idade das crianças e o tempo que já dispunham de escolarização; - Sessão de devolutiva: participaram 8 crianças; - Observação participante: observar os momentos de chegada das 		<p>Nunes (1999); Martins (2004); Corsaro (2005); James, Jenks, e Prout (2004);</p> <p>Sociologia da Infância: Sarmento (2008);</p> <p>Socialização/ Reprodução interpretativa: Pinto (1997); Montandon (2001); Corsaro (1997); Mollo-Bouvier (2005);</p> <p>Escola: Del Priori (2004);</p>	<p>encruzilhada que nos encontramos ao fazer pesquisa com crianças: “por ser impossível descrever o mundo da infância, é que o descrevemos incessantemente” (Larossa; Lopes; Teixeira, 2006, p. 16). (p.83);</p> <p>- Rememorando o início deste estudo, que se consolidou a partir de minhas inquietações sobre o lugar da expressividade da criança ou o seu não-lugar na sociedade, vejo que surpreendentemente as crianças</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>crianças, as atividades desenvolvidas em sala e nos demais contextos da escola e a saída das crianças;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descreveu a rotina das crianças; - Perguntou para as crianças se queriam participar da pesquisa, num momento da roda, quando a professora de sala a apresentou a turma. Neste mesmo dia, explicou os objetivos da pesquisa; - Pediu autorização escrita para os pais; - Uma das crianças, os pais não autorizaram a sua participação, 		<p>Sarmento (2002);</p> <p>Metodologia: Sarmento e Pinto (1997); Quinteiro (2002); Borba (2006); Gatti (2003); André (1995); Geertz (1989); Dauster (2000); Mattos (2001); Becker (2006); Honorato et al (2006); Macedo et al (2004); Peixoto (1998); Salgado et al (2005); Bleger (1987); Alberti</p>	<p>conseguem, de algum modo, sutil ou explicitamente, transpor aquilo que o adulto lhe impõe naquela escola. (p.83).</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>mesmo com a insistência da coordenadora pedagógica sobre a importância da pesquisa;</p> <p>- O critério de escolha das crianças para participarem das sessões devolutivas foi estabelecido pela professora. Foi acordado com ela que, à medida que as crianças terminassem suas atividades em sala, ela deveria encaminhá-las para o local da sessão, que acontecia individualmente. Decidimos por tal critério para não interferir ainda mais na rotina das crianças. (p.61).</p>		<p>(2004); Demartini (2004); Arfouilloux (1976); Yin (2001); Azanha (1992);</p>	

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
				<p>- Categorias analisadas: encontro com as crianças no contexto da sala de aula; a imagem da criança e a criança da imagem</p> <p>- Devolutiva: O emprego da devolutiva como procedimento foi uma estratégia que me permitiu apreender os sentidos que as crianças davam às suas interações com os demais. Investir na possibilidade da criança se ver e rever as cenas gravadas abre mais um caminho para pensar a metodologia com crianças. (p.68);</p>			

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>Escola de educação infantil em tempo integral da rede pública municipal de Juiz de Fora: a perspectiva da infância ZAINE SIMAS MATTOS LIGIA MARIA MOTTA LIMA LEÃO DE AQUINO UCP 2009</p> <p>Palavras-chave: Educação infantil. Educação em tempo integral. Sociologia da infância. Pesquisa com</p>	<p>Cap.1 Tessituras de uma pesquisa (Revisitando a história: educação em tempo integral no Brasil - educação em tempo integral no município de juiz de fora; Delineando o tema; A direção do olhar);</p> <p>Cap, 2 Espaços/tempos escolares e modernidade (Escola, infância e modernidade - escola,</p>	<p>Objetivo geral – - Compreender como as crianças das escolas de educação infantil em tempo integral da rede pública municipal de Juiz de Fora, seguimento pré-escola, vivenciam seu cotidiano e interpretam os rebatimentos do tempo integral no cotidiano escolar.</p> <p>Questões da pesquisa: - Como as crianças das escolas de educação infantil em</p>	<p>Sujeitos da pesquisa – Turma de primeiro período, composta por meninos e meninas de 4 anos de idade;</p> <p>Espaço da pesquisa - Escola de Educação Infantil de tempo integral em Juiz de Fora;</p> <p>Tempo da pesquisa – - Agosto de 2008</p>	<p>Metodologia – - De tipo etnográfica;</p> <p>Referencial teórico: - Sociologia da Infância</p> <p>Procedimentos: - A observação participante; - Anotações em diário de campo; - Entrevistas não estruturadas em pequenos grupos mediadas por desenhos feitos pelas crianças; - Levantamento da literatura no período entre 2003 e 2007 sobre a educação infantil em tempo integral: CAPES, ANPED, SCIELO (Periódicos em educação);</p>	<p>EDUCAÇÃO INTEGRAL; INFÂNCIA; MODERNIDADE; TEMPO e ESPAÇO; EDUCAÇÃO INFANTIL; ROTINAS INFANTIS; PESQUISA COM CRIANÇAS</p>	<p>Educação Integral: FARIA (1999); CAVALIERE (2008; 2009); CHAVES (2002): Documentos Oficiais e legislação; COELHO (1997); GONÇALVES; PETRIS (2007); AQUINO (2003); COELHO E HORA (2009); Infância: KUHLMAN (2007); ARIES (1981); QUINTEIRO (2000);</p>	<p>- Refletir sobre as organizações do cotidiano escolar da escola pesquisada e as falas das crianças sobre este cotidiano; - “A pesquisa do tipo etnográfica demonstrou ser um importante instrumento para colher as vozes de infantes, possibilitando um olhar sobre o que dizem as crianças em seu próprio campo, evitando-se perspectivas adultocêntricas sobre as crianças e suas infâncias”.</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
<p>crianças.</p> <p>Pesquisadora: Professora de educação infantil em uma escola de educação integral</p>	<p>lugar de infância? rotinas na educação infantil); Cap. 3 Educação infantil e educação em tempo integral (Educação em tempo integral em creches e pré- escolas; Educação integral: termo polissêmico - educação integral/tempo integral: contribuições da educação de 0 a 6 anos); Cap. 4 Caminhos de pesquisa</p>	<p>tempo integral da rede pública municipal de Juiz de Fora vivenciam seu cotidiano e interpretam os rebatimentos do tempo integral no cotidiano escolar? – As escolas de educação em tempo integral do município de Juiz de Fora proporcionaria m espaços/tempo de vivência da infância? - Até que ponto as crianças enquanto sujeitos sóciohistóricos e cidadãos de direitos estão sendo ouvidas na construção</p>		<p>- Devido ao tempo da pesquisa adaptou a metodologia e os instrumentos da pesquisa etnográfica; - Preservou os nomes das crianças e dos adultos; - Usou o nome verdadeiro da escola; - Escolha da escola foi de acordo com o seguinte critério: atendimento específico à educação infantil em tempo integral; - Primeiro contato com a direção e depois com a coordenadora; - Participou de uma reunião com as professora da</p>		<p>Modernidad e: GALLO (2009); FERNANDE S (2003); PINTO (2009);SIQU EIRA (2009); Tempo e espaço: FERNANDE S (2003); SARMENTO (2004); ELIAS (1998); ESCOLANO (2001); Educação infantil: BARBOSA (2009e); KUHLMAN N Jr. (200, 2003); Rotinas infantis: BARBOSA (2006): Pesquisa</p>	<p>(p.125); - A partir da pesquisa pode fazer auto- críticas com relação a sua prática e concepções; - “Na complexidade do cotidiano estudado pode perceber, através das diferentes linguagens infantis, sejam desenhos, choros, falas, atitudes de resistência, que a educação integral na escola pesquisada caracteriza-se por práticas de superação e conservação”. (p.126);</p>

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	(Questões teórico-metodológicas de pesquisa com crianças; O lugar e os atores da pesquisa; Entrando em campo - buscando aceitação junto às crianças; em busca das vozes infantis); Cap. 5 Educação infantil em tempo integral: o que dizem as crianças (Cotidiano escolar: silenciamentos e escutas - confortos e desconfortos	de seus espaços/tempos nas escolas de educação em tempo integral?		escola para apresentar a pesquisa; - Se apresentou as crianças na roda junto com a professora de sala; -		com crianças: SARMENTO (2000, 2007, 2008), DELGADO (2007), MÜLLER (2007), DELGADO e MÜLLER (2007, 2005, 2004), QUINTEIRO (2000, 2002), CORSARO (2008), CERISARA (2004); PINTO (1997); GOBBI (2002);	- Percebeu as reações das crianças quando gostavam de alguma proposta da escola ou quando reagiam a certas práticas disciplinadoras; - Observou que as crianças se prendiam a rotina como forma de se sentirem seguras; - A rotina na escola era uma rotina resignificada; - “Para as crianças todos os profissionais que trabalham na escola são para elas “professores” e as práticas sociais

Título/Autor/ Orientador/ Ano/ Local	Estrutura do texto	Objetivos e questões da pesquisa	Tempo, espaço e sujeitos da pesquisa	Metodologia e Procedimentos da pesquisa	Categorias	Referencial Teórico utilizado	Considerações Finais (resultados obtidos)
	no cotidiano escolar; rotina como categoria pedagógica; ressignificando rotinas; tempo integral/tempo parcial); Cap. 6 Considerações finais						cotidianas executadas por eles eram consideradas aprendizagens”. (p.127); - Pôde afirmar a partir desta pesquisa que a educação infantil de tempo integral, pode proporcionar uma educação de intensidade de tempo e de intensidade de aprendizado a partir da escuta das vozes das crianças.